

Pedro Guilherme & Paulo Osório

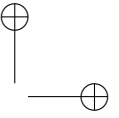
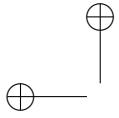
A Prosódia Semântica em Português Europeu

Estatuto e definição
de um fenómeno
lexical e gramatical



LUSOSOFIA.NET

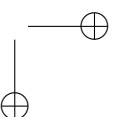
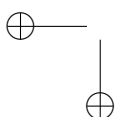




Pedro Guilherme & Paulo Osório

A PROSÓDIA SEMÂNTICA EM
PORTUGUÊS EUROPEU
Estatuto e definição de um
fenómeno lexical e gramatical

LUSOSOFIA.NET







LUSOSofia:PRESS

Covilhã, 2014

FICHA TÉCNICA

Título: *A Prosódia Semântica em Português Europeu. Estatuto e Definição de um Fenómeno Lexical e Gramatical*

Autor: Pedro Guilherme & Paulo Osório

Colecção: Livros LUSOSOFIA

Design da Capa: Madelena Sena

Paginação: Filomena S. Matos

Universidade da Beira Interior

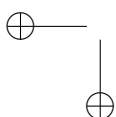
ISBN: 978-989-654-273-3 [formato encadernado]

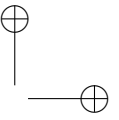
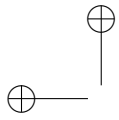




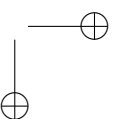
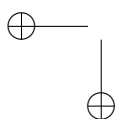
Índice

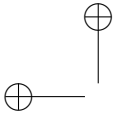
Agradecimentos	1
Resumo	3
Prefácio	5
Introdução	9
1 Prosódia Semântica: o fenómeno	13
1.1 Contributos para uma delimitação do termo	13
1.2 Interface e intertextualidade	23
1.3 Intuição e expectativas	29
2 II. Prosódia Semântica e Sociedade	53
2.1 A questão identitária: ipseidade e alteridade	53
2.2 O carácter mutável do item lexical	66
2.3 Comunicação intersocial: o caso da tradução	73
2.4 Exemplificação: o caso de <i>widespread</i>	84
3 III. Casos Práticos	99
3.1 Introdução e considerações preliminares	99
3.1.1 Descrição do corpus <i>DAR-I (Diário da Assembleia da República, 1.ª Série)</i>	106
3.1.2 Descrição do <i>corpus</i> de texto jornalístico (<i>CETEM-Público</i>)	106
3.1.3 Metodologia	107



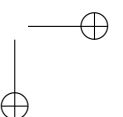
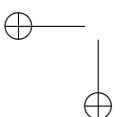


3.2	Casos de Prosódia Semântica	109
3.2.1	«Alastra»	109
3.2.2	«Atitudes»	116
3.2.3	«Aumento»	124
3.2.4	«Claramente»	134
3.2.5	«Completo»	144
3.2.6	«Comportamentos»	152
3.2.7	«Enriquecimento»	162
3.2.8	«Episódio»	172
3.2.9	«Manifestante»	181
3.2.10	«Puro»	190
3.2.11	«Sistematicamente»	199
3.2.12	«Situação»	207
3.2.13	«Subida»	218
3.2.14	«Suscita»	227
3.2.15	«Transparência»	237
	Conclusão	247
	Bibliografia	251
	Recursos Electrónicos	255
	Anexos	257
	I – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «alastra»	258
	II – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «atitudes»	259
	III – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «aumento»	260
	IV – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «claramente»	261
	V – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «completo»	262
	VI – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «comportamentos»	263
	VII – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «enriquecimento»	264
	VIII – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «episódio»	265
	IX – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «manifestante»	266
	X – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «puro»	267
	XI – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «sistematicamente»	268





XII – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «situação» . . . 269
XIII – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «subida» . . . 270
XIV – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «suscita» . . . 271
XV – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «transparência» 272





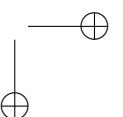


Agradecimentos

Agradecemos ao Professor Doutor José Rosa, pela disponibilidade e interesse na publicação deste estudo.

Uma palavra de gratidão a todos aqueles que, de forma directa e indirecta, apoiaram o estudo que deu origem a esta publicação.

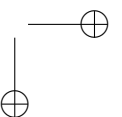
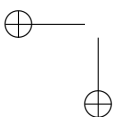
À Universidade da Beira Interior, pelo estímulo constante.





“Considera antes como foi incontestavelmente a Imprensa, que, com a sua maneira superficial, leviana e atabalhoada de tudo afirmar, de tudo julgar, mais enraizou no nosso tempo o funesto hábito dos juízos ligeiros.”

Eça de Queiroz – *A Correspondência de Fradique Mendes*





Resumo

A Prosódia Semântica, fenómeno léxico-gramatical que resulta da alteração gradual da carga semântica e pragmática de itens lexicais que co-ocorrem repetidamente com contextos positivos ou negativos, apresenta-se como uma potencial ferramenta de análise psicológica e sociológica, já que as alterações de sentido que daí decorrem são de carácter subtil e até mesmo subliminar.

Assim, este estudo presta-se a determinar de que forma pode a Prosódia Semântica ser útil na análise de padrões sociais. Demonstra-se, em primeiro lugar, de que forma ocorre a Prosódia Semântica e as suas implicações semânticas, pragmáticas e, também, sintácticas. Aproveitamos, igualmente, para ilustrar de que forma é que esta orienta a produção e recepção do discurso, concluindo-se que a Prosódia Semântica age a um nível intuitivo e deriva das expectativas desencadeadas por determinados itens lexicais. Tomando em linha de conta que a Prosódia Semântica é resultado de um condicionamento, reflectimos, então, sobre o modo como uma sociedade lhe pode estar exposta, principalmente quando a exposição à informação se dá de um modo não responsável e não informado, sendo esta uma realidade verificada em Portugal e à qual chamamos iliteracia.

Para a componente prática desta investigação, decidimos proceder à análise de discurso político e jornalístico, obviamente com enfoque na Prosódia Semântica. Tal escolha teve dois motivos: (i) o reduzido nível de literacia em Portugal torna os falantes mais susceptíveis à recepção e criação de discursos construídos em torno de palavras-chave vazias de sentido e definidas, somente, por significações periféricas derivadas da Prosódia Semântica; (ii) a sociedade portuguesa encontra-se altamente mediatizada e, devido à crise financeira, mais sensível às decisões levadas a cabo pela classe política. Recorremos à análise de *corpora* construídos a partir do jornal *O Público e do Diá-*





rio da Assembleia da República – 1.ª Série. O primeiro, intitulado *CETEM-Público*, havia já sido compilado pela Linguateca, ao passo que o segundo foi por nós construído para servir de ferramenta neste livro. Não só procedemos a análises independentes de cada corpus, mas tentámos, igualmente, estabelecer uma correlação entre ambos, a qual julgamos sintetizar o actual estado da Prosódia Semântica na língua portuguesa. Para além de termos estudado quinze novos casos de Prosódia Semântica na língua portuguesa, as suas incidências no seio dos discursos político e jornalístico demonstraram que a sua Prosódia Semântica reflecte o actual estado social no que diz respeito a preocupações, desejos e receios. Detectámos, por exemplo, que «transparência» co-ocorre principalmente com «falta» e que «subida» se refere principalmente a «taxas» e «preços», explicitando-se, assim, um condicionamento a nível linguístico.

Concluímos, deste modo, que a Prosódia Semântica constitui uma ferramenta de análise da própria sociedade.





Prefácio

Com *A Prosódia Semântica em Português Europeu*, Pedro Guilherme e Paulo Osório propõem a análise de um fenómeno até ao momento pouco estudado em língua portuguesa: a Prosódia Semântica. Mas o que é a Prosódia Semântica? Do que trata?

Como descobrimos ao longo deste minucioso estudo, a Prosódia Semântica é “a associação recorrente entre itens lexicais e um campo semântico, indicando uma certa conotação (negativa, positiva ou neutra) ou instância avaliativa” (Berber Sardinha, 2004, p. 236). Para alcançar este objectivo, os autores lançam mão de um procedimento principal: a análise de itens lexicais extremamente frequentes nos discursos cotidianos e com forte potencial político-social, a partir dos dois princípios fundamentais da *colocação* (“a frequência com que um item lexical considerado *nó* coocorre com outros”, p. 5) e da *coocorrência* (“[que] surge em função da colocação”, *idem*).

Se, tradicionalmente, a Prosódia Semântica é um instrumento útil para os tradutores e por eles utilizado, nesta obra Pedro Guilherme e Paulo Osório vão muito mais além, pois os resultados das suas análises são utilizados para auscultar a sociedade portuguesa, tal como se manifesta nos discursos político e jornalístico – ou, mais precisamente, tal como esses discursos, e os seus temas recorrentes, a retratam.

Os autores iniciam o seu estudo pela definição e a delimitação do termo *Prosódia Semântica*, momento em que resgatam noções, escolas linguísticas e autores que a nossa habitual predilecção pelo “prato do dia” já tinha há muito relegado a um segundo plano. Assim, *eixo paradigmático* e *sintagmático*, *sentido conotativo* e *denotativo*, bem como a Escola de Praga e Hjelmslev são instrumentos cuja utilidade, vitalidade e actualidade ficam mais do que



demonstradas pela importância que adquirem para explicar o fenómeno da Prosódia Semântica.

No segundo capítulo, exploram as relações entre *língua e sociedade*, começando pelo exame da questão identitária, por intermédio dos conceitos de *ipseidade* e *alteridade*: é na eterna oposição entre o *eu* e o *outro* que se encontra o discurso, essa “entidade perpetuamente incompleta” (p. 27). Lançando mão do conceito bakhtiniano de *dialogismo*, P. Guilherme e P. Osório mostram de que maneira um item lexical, embora possua um significado nuclear (o seu sentido denotativo), é fruto das inúmeras e incontáveis relações que estabelece, em rede, com os demais itens com os quais ocorre – e não constitui, portanto, uma entidade estanque. Se bem que este não seja o ponto focal do estudo que apresentam, os autores fazem ainda uma incursão no domínio da tradução, ao examinarem o exemplo de *widespread* e as suas traduções em português. Ao evidenciar que *widespread* se combina, mais frequentemente, com itens de carácter negativo, os autores demonstram que uma tradução que não leve em conta a Prosódia Semântica desse item é uma tradução equivocada.

No terceiro capítulo, os autores passam ao estudo de casos práticos. Extraídos de dois vastos corpora, um político (o *Diário da Assembleia da República – 1ª série*, de 1995 a 2013, que comporta um total de 56.698.256 palavras) e um jornalístico (*CETEMPúblico*, de 1991 a 1998 e que totaliza 191,3 milhões de palavras), quinze termos (*alastra, atitudes, aumento, claramente, completamente, comportamentos, enriquecimento, episódio, manifestamente, puro, sistematicamente, situação, subida, suscita, transparência*) são assim submetidos – primeiro para cada um dos corpora, individualmente e, em seguida, conjuntamente – a análises estatísticas sistemáticas e fartamente ilustradas por gráficos e tabelas, por meio de *AntConc* (e mais precisamente de *AntConc3.2.4w*), uma ferramenta de análise (concordância) textual desenvolvida pelo Professor Laurence Anthony, da Universidade de Waseda (Japão). Os resultados – que demonstram o carácter positivo, negativo ou neutro/indefinido da Prosódia Semântica de cada um dos itens analisados – permitem aos autores tecer considerações sobre o estado de espírito da sociedade portuguesa actual e, mais amplamente, sobre as ligações entre sociedade e discurso ambiente, tomando a sociedade portuguesa como exemplo. Isto somente é possível, de acordo com os autores, porque “a Prosódia Semântica retrata profundamente a sociedade que utiliza a língua em que ocorre”



(p. 111) e porque tais resultados são “bastante reveladores da visão que a sociedade (...) tem de si mesma” (p. 101).

Para concluir, Pedro Guilherme e Paulo Osório argumentam que os dados analisados confirmam, na maioria dos casos, as intuições que inicialmente guiaram a elaboração do seu trabalho, na medida em que permitiram desvendar, nos discursos examinados, reflexos da sociedade portuguesa. Também tecem rápidas considerações sobre a utilidade da Prosódia Semântica no Ensino de Português como Segunda Língua, além de abrirem uma pista para futuras investigações, a saber, o estudo longitudinal – e minucioso – do *Diário da Assembleia da República*, de modo a não apenas verificar “a evolução da carga para-semântica de certos itens lexicais, como também atribuir a criação, manutenção ou até extinção de padrões para-semânticos a determinado executivo ou até mesmo a oradores individuais” (p. 163), tendo em vista ser a Prosódia Semântica “uma arma contra a manipulação, a demagogia e a ignorância” (*idem*). É neste sentido que Morley e Partington (2009) se referem à Prosódia Semântica como “Prosódia Avaliativa”.

Liliane Santos
Université Charles-de-Gaulle - Lille 3, França
Lille, 24 de Novembro de 2014

Referências

- Berber Sardinha, T. (2004). *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole.
- Morley, J. & Partington, A. (2009). A Few Frequently Asked Questions about Semantic – or Evaluative – Prosody. *International Journal of Corpus Linguistics*, vol. 14, nº 2: 139-158.



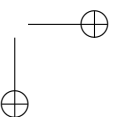
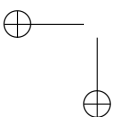




Introdução

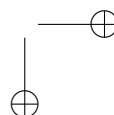
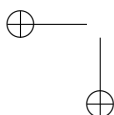
Uma das principais evidências do carácter orgânico de qualquer entidade reside no facto de a sua adaptabilidade e caminho evolutivo se darem paralelamente. Tal acontece também com a língua. A sua observação oferece-nos mais do que a representação de uma construção humana: a língua constitui um fidelíssimo retrato do Ser, individual e socialmente falando, ao reflectir – ou comandar – desejos, medos e pulsões que afectam tanto o indivíduo como o meio em que se inclui. Logo, não é surpreendente encontrar, entre os elementos do discurso, relações semelhantes às sociais. A língua, impressão anímica da Humanidade, vive também por estratos sociais e agrupa os seus elementos de acordo com as intenções e antecedentes. Surge, nesse sentido, uma dinâmica que desempenha um papel fulcral não só na mutabilidade de uma língua, mas também na análise da forma como esta cria e é criada por uma comunidade de falantes. Tal fenómeno, cuja existência raia o subliminar e aparenta pertencer ao foro subconsciente de uma língua, apresenta-nos o lado íntimo da sociedade. Conhecê-lo é, de certo modo, descodificar os medos, desejos e pulsões que referimos acima; é traçar o mapa da padronização social e devassar as intenções que as classes governantes, mais visíveis e mediáticas, procuram ocultar. Falamos da Prosódia Semântica, a qual, de uma maneira lata, se pode descrever como o efeito que itens lexicais, com determinados antecedentes, desencadeiam na sequência discursiva em que surgem; digamos, de forma mais simplista, que palavras com um sentido mais negativo acabarão por afectar, com efeitos variáveis, o discurso que comportam.

Rapidamente, podemos formar ideias acerca da importância que a Prosódia Semântica desempenha numa língua e numa sociedade: a ideia de sinónimo torna-se obsoleta e errada, uma vez que dois itens lexicais com a mesma base etimológica e, supostamente, a mesma carga semântica, podem não ter





uma contextualização absolutamente livre e arbitrária. Tome-se o exemplo dos nomes (os quais, neste caso, formam um contexto pelos seus sentidos denotativos) *sorriso e doença* e dos adjectivos *contagiante e contagioso*. Se um elemento de cada par for combinado com o outro pela ordem em que são apresentados («sorriso contagiante» e «doença contagiosa»), encontramos perante uma contextualização natural e que não causa estranheza no alocutário. No entanto, «sorriso contagioso» e «doença contagiante» assumem um valor pragmático de ironia ou humor facilmente identificável. Adicionalmente, não nos parece que a sequência discursiva “o discurso foi de uma completa sensatez” flua naturalmente; «completo disparate» ou «completa insensatez» apresentam-se como sequências mais naturais, simplesmente porque *completo* co-ocorre principalmente com itens lexicais (e, conseqüentemente, contextos) de cariz negativo. A reacção que a sequência discursiva incompleta causa no alocutário ocorre sem que tenha havido a recepção do substantivo que *completo* modifica. Dizer somente que “o discurso foi de uma completa. . .” levamos a esperar um substantivo com uma carga valorativa nefasta. É isto a Prosódia Semântica. Tendo em conta este último exemplo, o grau de importância deste fenómeno cresce significativamente, tornando-se premente questionar em que medida é a Prosódia Semântica um indicador de padrões sociais e transformar esta questão no problema central desta investigação. Somos da opinião de que estes são claramente sinalizados pelo fenómeno em epígrafe, denotando crenças (ou cepticismos), preocupações e até mesmo formas de manipulação. Afinal, fazer uso consciente da Prosódia Semântica poderá revestir um mau discurso de tonalidades positivas, tornando-se mais fácil a sua recepção pelo público. A referência, por exemplo, a *sustentabilidade*, garante as intenções benéficas do falante, bem como o seu grau de sofisticação ao referir algo que demarca largamente o padrão social da presente década. Afinal, existem diferentes perfis sociais que derivam da literacia dos seus constituintes. Um indivíduo que, numa atitude de desatenção, ouça ou leia repetidamente o adjectivo *sustentável*, tenderá a apreender a sua contextualização de uma forma bastante vaga até que se cultive nos seus hábitos linguísticos mais um signo desprovido do conteúdo conceptual que era suposto abrigar, signo esse no qual reside somente informação periférica, ou seja, a que lhe é conferida pelos contextos em que habitualmente ocorre.





Todavia, o perigo da apropriação e uso incorrectos de itens lexicais¹ estranhos não existe apenas no domínio intra-social. O desconhecimento da informação periférica (à qual preferimos designar de para-semântica) de um item lexical de determinada língua poderá dar origem a uma tradução errónea e que, na língua de destino, resulta na deturpação ou inversão da intenção comunicativa. Encontramos frequentemente, por exemplo, *notório* traduzido para inglês como *notorious*². No entanto, conforme observaremos no decurso desta obra, *notorious* descreve alguém famoso por actos negativos, pelo que, se o sujeito se distingue por uma boa acção, descrevê-lo em inglês através do supracitado adjectivo subverte o discurso original. Deste modo, a comunicação intersocial encontra-se, igualmente, exposta às “armadilhas” da Prosódia Semântica.

Numa sociedade altamente mediatizada, é natural que a Prosódia Semântica desempenhe um papel ainda mais importante nos seus processos comunicativos. Os padrões que os falantes criam são replicados pelos meios de comunicação social, sendo todavia mais provável o contrário. De igual modo, acreditamos que o discurso político exerce diferentes graus de influência sobre a imprensa, a qual, por vezes, acaba mesmo por ser transformada num mecanismo de propaganda política. Adicionalmente, a classe política saberá tirar partido dos temas mais apreciados pelos meios de comunicação social, utilizando-os, como ilustrámos já, para veicular ideias aparentemente mais apelativas. Encontramo-nos, assim, perante uma hipotética rede de interdependências que resultam numa consolidação extremamente acelerada dos padrões que conduzem à Prosódia Semântica. Assim, esta será facilmente observável no seio dos discursos político e jornalístico, os quais poderão oferecer uma súpula dos padrões da sociedade actual, bem como da Prosódia Semântica que ela cria e mantém.

¹ Teoricamente, é possível considerar-se como objecto de estudo da Prosódia Semântica o sintagma e não o item lexical. Embora a concretização sintáctica da Prosódia Semântica seja um argumento a favor desta proposta, é importante recordar que a Prosódia Semântica age não só no eixo sintagmático, mas também no paradigmático. Logo, o item lexical e as suas enunciações continuam a ser, por ora, o mais viável indicador da Prosódia Semântica.

² Actualmente, *notorious* é já descrito como “famoso por algo mau” (Cambridge University Press, tradução nossa). Todavia, a realidade já foi a contrária: *notorious*, do latim medieval, *notorius*, já significou “muito conhecido”, até que, no séc. XVII, ganhou uma conotação negativa por associação frequente a substantivos pejorativos (Harper, 2001-2013).





Foi pela sua componente prática e aparentemente subliminar que escolhemos abordar a Prosódia Semântica. Afinal, esta constitui um dos mais interessantes fenómenos de uma língua, já que nos permite observar as suas *nuances* e as da sociedade a que se encontra estreitamente ligada. Afigurou-se, deste modo, importante abordar a Prosódia Semântica em si mesma e relacionando-a com a componente social. Apontamos dois objectivos principais: o levantamento e estudo de novos casos de Prosódia Semântica na língua portuguesa e, através deles, relacionar a Prosódia Semântica com a sociedade, analisando o fenómeno no seio dos discursos político e jornalístico.

O primeiro capítulo trata a descrição de como entendemos o fenómeno da Prosódia Semântica. Será, em primeiro lugar, feito um esforço no sentido de delimitar o termo: é necessário que, para efeitos de rigor descritivo, se distinga a carga para-semântica de um item lexical (a qual, comumente, é também vista como sendo Prosódia Semântica) do fenómeno que desencadeia. Em segundo lugar, explicitaremos qual o estatuto e função da Prosódia Semântica, sugerindo que esta pode partir de um simples monema e abarcar contextualizações extratexto. De seguida, tentaremos descrever o carácter intuitivo deste fenómeno e a forma como os falantes o processam de uma forma imediata. Ilustrar-se-á essa descrição com a apresentação de um estudo preliminar.

O segundo capítulo será mais centrado na forma como uma sociedade (principalmente a portuguesa) intervém na língua (e vice-versa), centrando-se esta discussão no quadro epistemológico do binómio ipseidade-alteridade. Tentar-se-á descrever a sociedade portuguesa, relacionando-a com a recepção e produção linguísticas, explicar em que medida é que uma comunidade de falantes exerce alterações de sentido em determinados itens lexicais e, em último lugar, alargar essa discussão ao espaço extranacional, utilizando a tradução como principal exemplo.

O último capítulo constitui a componente prática da obra. Com recurso a dois *corpora*, um já existente (*CETEMPúblico* [Linguatca, 2007]) e outro que construímos através do *Diário da Assembleia da República – 1.ª Série* (Assembleia da República, 2008), apresentaremos o relatório da análise de quinze casos de Prosódia Semântica que encontrámos, inicialmente, no *corpus* recém-construído. Cada um desses casos será analisado, separada e conjuntamente, para que se possa não só determinar a interdependência contextual entre discurso político e jornalístico, mas também a forma como a Prosódia Semântica age enquanto modelador e descritor da sociedade portuguesa.





Capítulo 1

Prosódia Semântica: o fenómeno

1.1 Contributos para uma delimitação do termo

A Prosódia Semântica é um fenómeno léxico-gramatical que decorre do facto de a produção de uma sequência discursiva se processar por blocos e não por uma concatenação linear de itens lexicais isolados e de estes, ocorrendo em associações por vezes muito estreitas, imporem por isso restrições combinatórias que, frequentemente, lhes alteram o sentido referencial. Partimos, assim, de dois princípios fundamentais: a colocação¹ e a co-selecção. Enquanto o primeiro é, muito simplesmente, a frequência com que um item lexical considerado *nó* co-ocorre com outros, o segundo surge já em função da colocação. Tomemos, por exemplo, o verbo *suscitar*, cujo valor referencial é, de acordo com o *Dicionário da Língua Portuguesa* (Costa e Melo, s/d), “Fazer nascer ou aparecer; Provocar; Originar; Surgir; Lembrar; Revoltar”. Embora tenhamos consultado um dicionário, intuímos que o uso deste item lexical ocorre muitas vezes em contextos adversos ou para descrever sentimentos ou reacções, pelo que nos parecerá estranho ver este verbo seguido de um substantivo como «acidente» ou «doença». Como falantes, sabemos intuitivamente des-

¹ Em inglês, *collocation*. Assim, “Colocação” é a tradução corrente do termo, mas, uma vez que não nos parece fazer sentido, já que constitui um mero decalque do inglês, preferimos chamar-lhe “co-ocorrência habitual”.





tas “anomalias” semânticas que *suscitar* carrega, não obstante o facto de o grosso das produções no âmbito da lexicografia nada dizer a este respeito. Este conhecimento intuitivo deriva exactamente dos fenómenos que apontámos acima; *suscitar*, uma vez que ocorre frequentemente com outros itens lexicais que descrevem situações negativas, leva-nos a esperar, quase sempre, que algo dessa natureza surja numa sequência discursiva que este verbo componha. Naturalmente, essa expectativa levar-nos-á a produzir sequências discursivas de cariz semelhante. E que dizer da aparente incompatibilidade entre *suscitar* e *doença* ou *acidente*? É isto a co-selecção, a qual leva à associação menos mediata entre determinados itens lexicais. Digamos que a co-selecção é o fruto da nossa observação, voluntária ou não, da co-ocorrência habitual. O ato de caminhar para fins recreativos, por exemplo, é introduzido pelo verbo *dar* e não por outro. A nossa experiência leva-nos a esta conclusão e a agir em conformidade. Parece-nos mais natural que *suscitar* co-ocorra mais habitualmente com substantivos que descrevem reacções humanas ou animais, simplesmente porque o verbo é por nós processado quase conjuntamente com os seus co-ocorrentes, formando este binómio aquilo a que poderemos chamar aglomerados lexicais (lexical *chunks*):

There is a good psycholinguistic basis for believing that the mind stores and processes [...] chunks as individual wholes. The main reason stems from the structure of the mind itself. It can store vast amounts of knowledge in long-term memory, but is only able to process small amounts of it in real time, such as when one is speaking. In effect, the mind makes use of a relatively abundant resource (long-term memory) to compensate for a relative lack in another

(processing capacity) by storing a number of frequently-needed lexical chunks as individual whole units. These can be easily retrieved and used without the need to compose them on-line through word selection and grammatical sequencing. This means there is less demand on cognitive capacity, because the lexical chunks are 'ready to go', and require little or no additional processing (Schmitt, 2000, p. 400).

Ao produzir uma sequência discursiva, criamos e obedecemos a rotinas

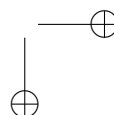
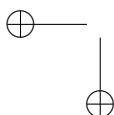
www.lusosofia.net





que dificilmente são susceptíveis de cisão interna. É essa a razão da existência, por exemplo, dos “chavões” literários, expressões que se repetem com frequência em muitas obras e que colocam em causa o chamado efeito surpresa (“prados” ou “campos” são “verdejantes”, os “cabelos” negros são de “azeviche”, uma pessoa tranquila face a revezes está “impávida e serena” ou, em caso contrário, fica “sem pinga de sangue”, apenas para dar alguns exemplos). É-nos extremamente difícil, por exemplo, criar uma sequência discursiva *nonsense* (não esqueçamos que a lógica desconexa dos poetas surrealistas foi amplamente suportada pelo jogo do “cadáver esquisito”) exactamente devido a este nível extremo de predeterminação na língua, sobre a qual podemos dizer que, sendo um produto humano, adquire hábitos que nos levam a restringir, para além dos meros domínios da sintaxe, semântica ou pragmática, a forma como os itens lexicais se combinam entre si.

O leitor deste estudo terá experimentado, algumas linhas atrás, uma sensação de estranheza ao ler “abundantemente aceite” ao invés de, por exemplo, “geralmente aceite”. Deve-se isto ao facto de a primeira forma não nos parecer natural, o que uma procura no *corpus* linguístico *CETEMPúblico* (Linguateca, 2007) confirma, devolvendo zero resultados em oposição a “geralmente aceite”, que, em 568 casos, apresenta 54 ocorrências. De igual modo, a dualidade indivíduo/ser social age de acordo com si mesma, respondendo quase mecanicamente à co-selecção. Na verdade, segundo Sinclair (2000, p. 197), estima-se que, na língua inglesa, 80% das ocorrências de palavras se devem à co-selecção, o que faz com que apenas 20% tenham lugar em escolhas independentes no eixo paradigmático. Há, desta forma, níveis vários de articulação interlexical: (i) as expressões idiomáticas, associações lexicais de ordem estática nas quais os constituintes, para além de perderem as propriedades semânticas e sintáticas que teriam isoladamente, preenchem, utilizando a nomenclatura de Sinclair (1991), um único “slot”; (ii) as co-ocorrências habituais e/ou preferenciais entre itens lexicais, os quais mantêm o seu sentido denotativo (e, em alguns casos, conotativo) e (iii) as associações lexicais livres. Existem, todavia, diferentes graus de dependência entre co-ocorrência habitual e co-selecção. A expressão “impávido e sereno”, por exemplo, a qual poderá ser erroneamente entendida como uma expressão idiomática, pode ser compreendida, em termos semânticos, como um “slot” preenchido por dois “fillers” (a conjunção copulativa «e», embora desempenhe, obviamente, o seu papel semântico, é de ordem mais sintáctica). A comutação, no eixo parag-





mático, por unidades lexicais discretas, apenas se pode dar conjuntamente. Se o falante usar a locução “impávido e tranquilo”, surge alguma estranheza, não obstante a subsistência do sentido referencial tanto dos lexemas como do seu conjunto. Contudo, uma comutação por “imperturbável e tranquilo” retira os falantes do campo “magnético” criado pela co-selecção entre «impávido» e «sereno» e, subseqüentemente, faz com que a sequênci discursiva produzida perca o grau de estranheza que adquire aquando de uma comutação parcial. Encontramo-nos, deste modo, perante uma construção semântica, mas não, pragmaticamente, composicional, na medida em que o nível funcional informativo se mantém inalterado. Observemos, agora, “suscitar dúvidas”. Neste caso, mantêm-se as particularidades do exemplo anterior, com a diferença de que a substituição, conjunta ou individual, de ambos os lexemas por quase-sinónimos conservará a sua naturalidade (“causar incertezas”). Todavia, estamos, conforme veremos adiante, perante um fenómeno de co-ocorrência habitual bastante significativo. A diferença, aqui, é que *suscitar* pode co-ocorrer com muitos itens lexicais. Se virmos este item lexical como um *nó*, então poderemos considerar que a sua ligação, no eixo paradigmático, a diferentes terminais, não tem ainda a rigidez de “impávido e sereno”, havendo uma maior flexibilidade que, no entanto, impõe algumas restrições. Há assim, ainda, co-selecção, a qual, neste caso, introduz o fenómeno em epígrafe no presente trabalho.

A Prosódia Semântica é, de facto, um fruto da co-selecção e também a sua causa. Dividindo, de acordo com a escola de Copenhaga (Hjelmslev, 1971, pp. 144-157), o nível funcional semântico em sentidos denotativo e conotativo, poderemos considerar a Prosódia Semântica um caminho para a conotação. Quando as rotinas são criadas e a co-selecção constitui a sua manifestação, emergirá sempre um sentido que ultrapassa a denotação e conotação tanto dos itens lexicais como da sua concatenação. Há duas fontes para que tal ocorra. A primeira é a carga para-semântica² (à qual Hoey (2003) chama *collocational priming*) do item lexical considerado o *nó*, sendo a segunda a função que desempenha na carga pragmática de uma sequênci discursiva. Por outras palavras, a carga para-semântica, sendo a informação periférica do item lexical, leva-nos a esperar algo do item lexical crítico, podendo a função desempe-

² Tomamos, deste modo, a decisão de descrever o que é classicamente considerado Prosódia Semântica de um item lexical, ou *priming*, como carga para-semântica.





nhada na sequência discursiva estar ou não em conformidade com essa expectativa. Propomos, assim, que se considere Prosódia Semântica apenas o efeito que a carga para-semântica de um item lexical surte nos seus co-ocorrentes. Logo, o nó, ou item lexical crítico, possui carga para-semântica, ao passo que o terminal (que, como veremos adiante, poderá assumir diferentes magnitudes) possui Prosódia Semântica. Em “suscitar dúvidas”, *suscitar* será o nó, enquanto «dúvidas» constitui o terminal. Todavia, enquanto não se nos afigura, neste caso, haver uma diferença na função semântica ou entre esta e a pragmática, a comutação por uma unidade discreta como «alegria» mostrar-nos-á que esta co-ocorrência não é tão natural como a primeira. O recurso a um *corpus* linguístico confirma esta conjectura: o *CETEMPúblico* mostra-nos que, em 5229 ocorrências, apenas uma corresponde à pesquisada. No entanto, «dúvidas» ocorre em 529 dos casos. Parece-nos, deste modo, que a Prosódia Semântica é desencadeada pelo item lexical crítico, cuja carga semântica foi actualizada pelos seus co-ocorrentes mais habituais: esta carga semântica, por sua vez, estando já actualizada pela co-ocorrência habitual, determinará, no âmbito da produção de uma sequência discursiva, a co-selecção e, por conseguinte, a Prosódia Semântica. Vemos, assim, que este fenómeno é propriedade de uma unidade significativa maior, que pode tanto constituir a sua junção com um co-ocorrente imediato como todo o texto ou até realidades intertextuais. Sobre o primeiro aspecto deste fenómeno, Louw, na tradição Firthiana (“you shall judge a word by the company it keeps” [Firth 1957 *apud* Sardinha 2000]), afirma, em 1993, que a Prosódia Semântica é “uma aura consistente de significado com a qual a forma é impregnada pelos seus co-ocorrentes habituais³ (Louw, 1993: 157, tradução nossa)”. Também Partington centra as suas considerações acerca da Prosódia Semântica na causa do fenómeno, isto é, naquilo a que, ao longo deste livro, chamamos carga para-semântica, consistindo os seus estudos maioritariamente na co-ocorrência habitual. A sua definição de Prosódia Semântica, aliás, é a de “a difusão de um tom conotativo⁴ para além dos limites de palavras isoladas” (1998, pp. 68, tradução nossa). Sinclair, por outro lado, concentra-se (ainda que sem descurar o item lexical crítico) no caminho que se segue à Prosódia Semântica: o advento de novas co-selecções implica uma função introduzida por este fenómeno, o

³ “Collocates”, no original.

⁴ “Connotational colouring”, no original.





que se traduz na seguinte afirmação: “The initial choice of SP is the functional choice which links meaning to purpose; all subsequent choices within the lexical item relate back to the prosody” (Sinclair, 1996, p. 86). Devemos, todavia, ter em linha de conta que esta função não é introduzida, por parte do locutor, de forma absolutamente consciente, salvo a intenção de ironizar a informação veiculada. Louw ilustra este caso:

The conclusion we reach as we unravel this line [President Clinton fanned the flames of optimism in Northern Ireland] becomes an act of critical literacy. For a split second the form is rejected as incoherent on the basis that optimism bears no resemblance to the normal collocates of this fixed expression. However, within a further split second, the critical message of the writer is unraveled: the peace process is, ironically, almost as aggressive as the war it is designed to end. The line has to be an intentional comment on US foreign policy. The power to reach this conclusion can only come from the fact that our prior knowledge grasps the purport and drift of all of the collocates to the right of this fixed expression as part of the act of reading [...] Part of the interpretation process, too, is the exclusion of embers during the reasoning process: this consolidates the question of advertency on the part of the author (Louw, 2008).

É por motivos análogos que Sinclair posiciona a Prosódia Semântica entre a semântica e a pragmática, mas mais próxima desta (Sinclair, 1996, p. 87). No caso acima citado, o ponto sobre o qual recai a escolha paradigmática é a intenção comunicativa, isto é, o nível funcional informativo. A inobservância do carácter negativo de «fan the flames» (muito semelhante ao português «deitar mais lenha para a fogueira») produziria apenas uma interpretação ao nível semântico (que, ainda assim, requereria a interpretação da expressão idiomática e, assim, do seu sentido conotativo). Todavia, sabendo que o alocutário conhece a aplicação pragmática da expressão (é utilizada em associação a situações de violência ou conflito), explora-a e distorce-a com o uso de um contexto positivo, criando, assim, um resultado irónico.

O caso de «fan the flames» apresenta-nos a manifestação de uma instância avaliativa decorrente da relação entre o *nó* e os seus terminais. No entanto,





a expressão idiomática já prevê o agravamento de uma situação inicialmente negativa, pelo que é com reservas que lemos este fenómeno como um de Prosódia Semântica. Teremos, contudo, de recordar o facto de a Prosódia Semântica não ser apenas uma propriedade de um único item lexical no seio de uma sequência discursiva, mas a função que a co-selecção (ou a sua violação) introduz. Na sequência da afirmação firthiana, podemos dizer que a Prosódia Semântica não será propriamente a reputação, mas sim o que ela cria. O sentido conotativo de “fan the flames” é o que transforma esta associação lexical numa expressão idiomática e, consequentemente, não nos apresenta um valor avaliativo tão obscuro como acontece, por exemplo, com a locução verbal “set in”. Vemos, deste modo, que a Prosódia Semântica tanto pode depender da carga para-semântica de um item lexical como do cumprimento ou subversão da co-selecção, não obstante o facto de as cargas para-semântica e a semântica serem iguais, o que anula a primeira. Significa isto que a natureza da Prosódia Semântica é intra e interlexical, sendo, por isso, necessário que evoquemos o conceito de interface.

Convém, no entanto, que nos debruçemos sobre o carácter avaliativo da Prosódia Semântica. Morley e Partington, por exemplo, dizem-nos: “Semantic prosody is an expression of the innate human need and desire to evaluate entities in the world they inhabit as essentially *good* or *bad*” (2009, p. 141). Não pretendendo discutir esta necessidade, discutimos no entanto a linearidade com que a Prosódia Semântica é definida. Embora se entenda, comumente, que existe uma “instância avaliativa” (Beber Sardinha, 2004, p. 236), decidir se esta existe em associação à carga semântica ou para-semântica de um item lexical é algo labiríntico. Embora Morley e Partington apresentem ramificações que partem do binómio bom/mau (por exemplo “[good: pleasurable], [good: profitable], [good: being in control], [bad: dangerous], [bad: difficult], [bad: not being in control] [Morley e Partington, 2009, p. 141]”), a nossa proposta seria atribuir à Prosódia Semântica um carácter não só avaliativo, mas também emocional, no sentido em que esta surge na sequência de emoções desencadeadas no Mundo Possível que Eco (2005, pp. 46, 47) nos apresenta, vindo depois a atribuir ao discurso uma função emotiva possivelmente involuntária ou oculta⁵. Afinal, uma determinada reacção face a um

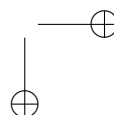
⁵ No decorrer do estudo de casos práticos desta investigação, veremos alguns em que a interpretação de co-ocorrentes habituais se deve apenas à associação aos mesmos, mas também





estímulo, este descrito e aquela veiculada na sequência discursiva, poderá não ter um carácter considerado meramente avaliativo. Deveremos, assim, conciliar os conceitos de avaliação e emoção, pensando que uma poderá derivar da outra. Reflectamos, por exemplo, no caso em que Paulo Bento, conhecida figura do futebol português, usou de forma repetida o item lexical *tranquilidade*. A exploração deste “bordão” por parte de um grupo de humoristas bastante popular – Gato Fedorento – assume características não apenas humorísticas, mas também reprobatórias não pelo uso em si de uma determinada palavra, mas pelo facto de a sua repetição indicar, alegadamente, uma má competência linguística do falante. Assim, o carácter avaliativo adquirido por este item lexical surge de um modo ainda mais indirecto do que se, por exemplo, alguém afirmar que certo indivíduo *cometeu* uma boa acção. Poderá explorar-se, a vários níveis de mediatez, a ironia ou a falta de sinceridade que Louw nos aponta. Enquanto a Prosódia Semântica introduzida por *cometer* nos deixa, enquanto alocutários, interpretar os seus efeitos de forma quase imediata, a de *tranquilidade* leva-nos já através de diferentes esferas: a escolha da interpretação, o reconhecimento do contexto (necessário à veiculação do sentido conotativo ou da Prosódia Semântica) e a decisão sobre o carácter avaliativo do item lexical. Apresentamos na figura 1 uma possível esquematização deste processo. Convém, no entanto, que entendamos que as decisões tomadas pelo locutor ou pelo alocutário aquando, respectivamente, da produção ou recepção do discurso, dependem de factores únicos. Para além de a interpretação ser passível de variação consoante o indivíduo, também o item lexical crítico e a sequência discursiva em que se integra possuem traços únicos que poderão alterar completamente as linhas de interpretação. Se tomarmos o verbo *suscitar*, a decisão neutralidade/avaliação surge em menos instâncias (Figura 2), omitindo-se, no entanto, o sentido conotativo devido à opacidade (por enquanto) de um sentido que não o referencial. No entanto, devemos compreender que a Prosódia Semântica surge já devido à co-selecção, ou seja, ao facto de locutor e alocutário sentirem a necessidade de preencherem a co-ocorrência habitual de *suscitar* com contextos desfavoráveis ou sinistros (em oposição ao

à sua posterior comparação com a realidade social em que se incluem, comparação essa que é subjectiva e, por isso, depende de uma carga emocional. Naturalmente, classificar «impostos», enquanto co-ocorrente de «aumento», como sendo de carácter negativo parte de uma visão subjectiva. O aumento de impostos, para o governo, pode ser algo bom, uma vez que aumenta as receitas do Estado. Na qualidade de cidadão, um indivíduo interpreta isso como algo mau.



que acontece, relembramos, no seio de uma dita expressão idiomática). De igual modo, outros itens lexicais passíveis de veicular Prosódia Semântica⁶ (tais como *sujeitar* ou *alastrar*) poderão, ainda que os seus atributos paramânticos sejam desconhecidos pela maioria dos falantes, ser interpretados conforme indicado no segundo esquema.

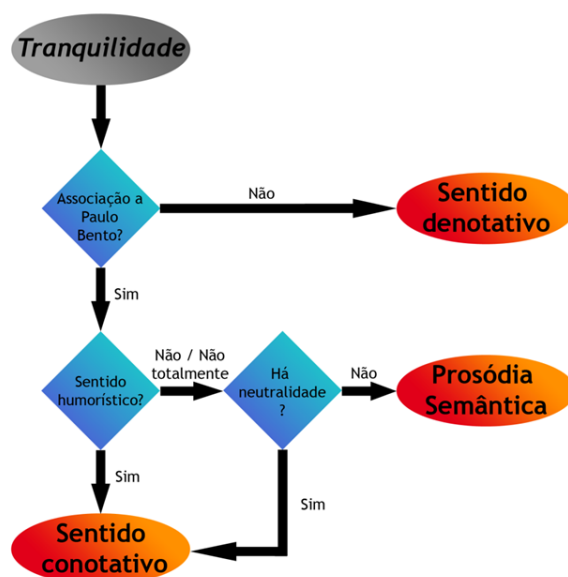


Figura 1 – Interpretação de *tranquilidade*: fluxograma descritivo.

⁶ Um determinado item lexical, conforme sugerimos, poderá ou não possuir Prosódia Semântica. Tal propriedade depende, como vimos, e de acordo com o ponto de vista no qual Sinclair (1996, p. 86) se centra, da função que este irá desempenhar na sequência discursiva. Mesmo que o locutor responda, voluntária ou involuntariamente, à co-selecção, é o alocutário quem assume a interpretação e, como tal, o carácter pragmático do discurso. Para que tal aconteça, é necessário o reconhecimento (que poderá também ser involuntário) da carga semântica dos itens lexicais, pertença esta aos domínios da denotação, da conotação ou da Prosódia Semântica. Por outras palavras, se tomássemos a segunda figura e a atribuíssemos a locutor e alocutário, teria de haver uma sobreposição perfeita do caminho decisivo – ou interpretativo – para que a função se concretizasse.

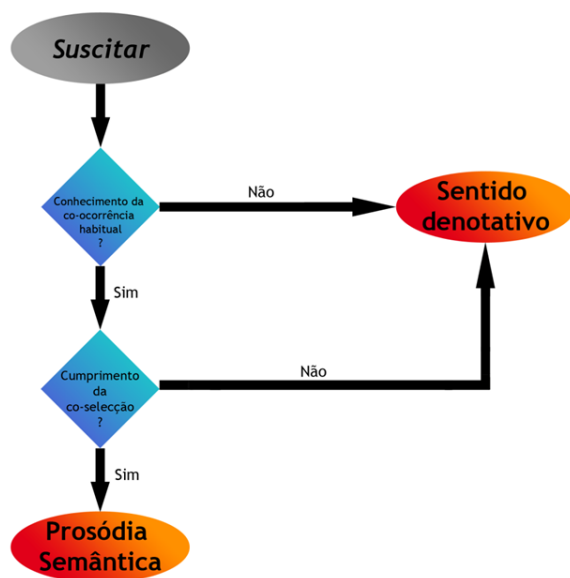


Figura 2 – Interpretação do lema *suscitar*: fluxograma descritivo.

Resta apontar que, no segundo caso, a presença de uma instância avaliativa depende directamente da co-selecção. Não há, como em *tranquilidade*, necessidade de uma decisão mais consciente acerca da interpretação do item lexical. A co-selecção faz o seu papel, levando-nos a aliar, de forma quase imediata, a forma, o significado e o propósito. E é isso que a Prosódia Semântica acaba por ser: um significado que deriva directamente da sintaxe e que cria, só por si, um diferente plano informativo. Se, como falante, o conhecimento desta associação é mais intuitivo e menos consciente, então a forma como esta opera na produção e recepção do discurso é mais transparente. Uma simples escolha entre sentidos denotativo e conotativo é mais visível, não se verificando o amalgamar de sintaxe e semântica. Há, aliás, uma anedota que explicita este facto: dois indivíduos, tendo comprado, numa loja, um conjunto de copos de cristal, dirigem-se para uma paragem de autocarro. Enquanto um carrega o embrulho de tão frágil material, o outro caminha à sua frente, recendo chegar tarde e perder o autocarro. Quando, efectivamente, se apercebe de que se encontra já na paragem, começa a correr, ao que o seu com-



panheiro responde, provocando riso nos circunstantes: «Diz ao motorista que espere, que eu vou com os copos!» Neste caso, é evidente a preferência pelo sentido conotativo de «copos» e a percepção do item lexical *ir com os copos* como um todo ao invés dos seus constituintes. Embora haja uma associação lexical, esta é de ordem estática, sendo um *slot* preenchido, como havíamos já afirmado, por mais do que um *filler*. Todavia, na Prosódia Semântica, não há sequer espaço para a ambiguidade. O discurso pode decorrer com relativa normalidade sem que o fenómeno seja reconhecido pelo locutor ou pelo alocutário, a menos que haja uma violação repentina da co-selecção que os obrigue a reconhecê-lo, constituindo o cruzamento entre eixos paradigmático e sintagmático a forma mais rápida de o fazer.

1.2 Interface e intertextualidade

Tendo em conta que uma sequência discursiva é observável não apenas nos seus constituintes ou na sua totalidade, mas sim através da combinação redundante entre elementos e constitutos, também a Prosódia Semântica terá de ser abordada através da lexicologia, da sintagmática, da sintaxe oracional e da sintaxe de enunciados, bem como dos níveis funcionais a elas ligados. Será igualmente necessário ter em conta a intertextualidade, o pano de fundo social, o *zeitgeist*⁷, e vê-los não apenas como causas da Prosódia Semântica, mas também como suas representações. Porque não assumir que o transporte intertextual de significados – e é isso o que a Prosódia Semântica acaba, em parte, por ser – pode ter origem num caso isolado que, posteriormente, se converte numa miríade de ocorrências que acabam por fazer com que determinado item lexical assumia uma nova conotação? Reflectamos, por exemplo, no caso de Paulo Bento. O uso de *tranquilidade* passou a assumir, principalmente em registos informais, contornos humorísticos que, como vimos anteriormente, poderão ou não ser avaliativos. Esta tendência, volvidos sete anos, verifica-se ainda nas conversas informais. O *zeitgeist* português criou, deste modo, mais uma faceta de si próprio através da Prosódia Semântica.

⁷ Este termo significa, em alemão, “espírito do tempo”, e representa o padrão intelectual e comportamental de uma sociedade num determinado momento da história, determinado pelas suas crenças e conhecimentos.



Deveremos assim assumir, no estudo deste fenómeno numa sequência discursiva, todas as unidades como significativas, independentemente do seu grau de hierarquia, o que faz todo o sentido caso abordemos a questão do ponto de vista da sintagmática, na qual a unidade mínima será o monema e a máxima o texto. Vejamos o seguinte esquema, que havíamos já apresentado num trabalho prévio (Guilherme, 2009):

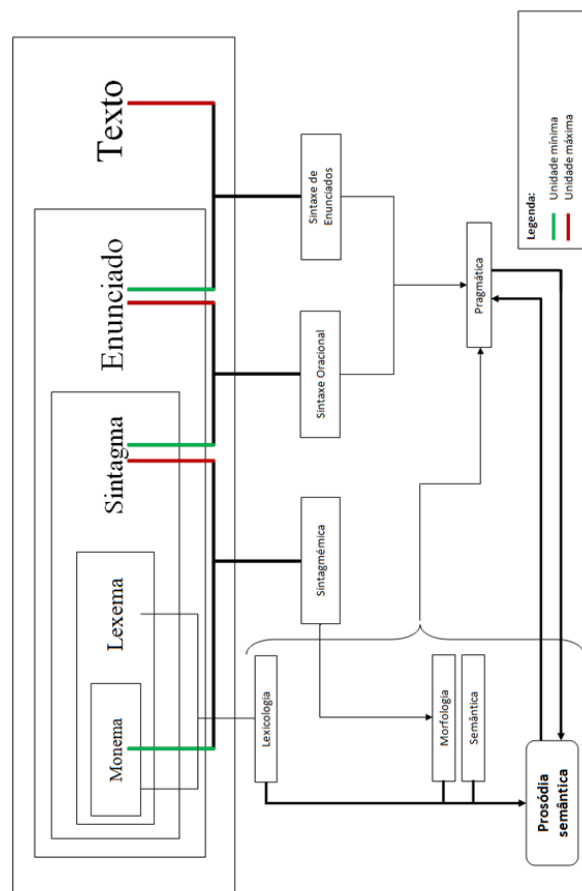


Figura 3 – Hierarquia e interface.



Todas as unidades (monema, lexema ou item lexical, sintagma, enunciado e texto) operam numa rede de interdependências das quais emergem as relações estudadas pelas diferentes ciências da linguagem. Da relação entre o monema e o item lexical, cria-se o objecto de estudo da lexicologia. Já a sintagmática surge aquando da relação entre monema (unidade mínima) e sintagma (unidade máxima), surgindo a sintaxe oracional da relação entre o sintagma e o enunciado e a sintaxe de enunciados da ligação que se estabelece entre enunciado e texto. Todavia, qualquer unidade se poderá relacionar com outra, não obstante o seu grau hierárquico na sequência discursiva (o monema poderá ser observado em função do texto, ou vice-versa). Poderemos, deste modo, proceder a um estudo lexicológico tendo em conta não só todas as unidades superiores ao lexema/item lexical, mas também à realidade extratextual. Neste sentido, os níveis funcionais sintáctico, semântico e informativo fazem-se preencher não só pela unidade mínima, não só pelo *gestalt*, mas também pela relação entre estes elementos e todos os que se lhes interpoem na escala hierárquica. Estudando o monema e o item lexical, abordamos o grau zero da semântica. No entanto, esta observação só se torna completa aquando do cruzamento sintagma-paradigma: todos os elementos possuem um paradigma, uma aura significativa cuja plasticidade se determina pela interdependência. Reforcemos, assim, a importância das relações intertextuais: a unidade máxima terá de ultrapassar a da sintaxe de enunciados, estendendo-se, como afirmámos já, ao pano de fundo social. Tomemos, por exemplo, a sequência discursiva “O João enfarda três bolos ao lanche”. Esta frase poderá ser decomposta não apenas tendo em conta o nível sintáctico, mas também, obrigatoriamente, os níveis semântico e pragmático. Centremo-nos, agora, num elemento de cada vez, tecendo isoladamente uma explicação decorrente da sua relação com os restantes:

O João – O sujeito é masculino, singular. Chama-se João e enfarda três bolos ao lanche.

enfarda – O João come, de forma rápida e copiosa, três bolos ao lanche. O uso de uma expressão vernácula indica uma atitude depreciativa.

três – O João enfarda bolos, na quantidade de três (1+1+1), ao lanche.

bolos – O João enfarda, ao lanche, três porções de massa à base de farinha



cozida no forno, a qual é geralmente doce e poderá ser complementada com outros produtos alimentícios.

ao lanche – O João enfarda três bolos numa refeição ligeira tomada entre o almoço e o jantar.

Este exemplo, embora caricato, representa um hipotético aprofundamento das funções semânticas de elementos abordados, neste aspecto, de forma isolada (optámos, todavia, por tratar o pronome e a preposição juntamente com os itens lexicais que introduzem). Um alocutário, ao interpretar esta sequência discursiva, irá desempenhar um processo mental semelhante ao que acabámos de simular, não se limitando a observar e a processar a soma dos traços semânticos de cada lexema, mas também o pano de fundo social a que estes se encontram ligados. De outra forma, a sua interpretação do verbo *enfardar* cingir-se-ia apenas ao ato de juntar em fardo, embalar ou empacotar. Cria-se, assim, uma função semântica que não decorre unicamente do item lexical, mas sim do facto de a análise da sequência discursiva e seus constituintes acontecer de um modo não-linear: o alocutário não recebe um conjunto de monemas, lexemas ou sintagmas, mas sim uma massa quase amorfa que irá, depois, descodificar sintáctica, semântica e pragmaticamente:

Instância de descodificação				
1ª	O João	Enfarda	Três bolos	Ao lanche
2ª	F1	Predicado	F2	F3
3ª	Agente	Acção	Paciente	Tempo, frequência
4ª	Agente	Acção, frequência	Paciente	Tempo, frequência
5ª	Agente	Acção: qual a frequência e como é desempenhada	Paciente	Tempo, frequência
6ª	Gordo, comilão	Come habitual e sofregamente	Três bolos (quantidade exagerada)	Tempo, frequência: uma refeição, o lanche



Para além de uma descodificação no eixo sintagmático, o paradigmático começa a ser compreendido nos termos denotativo (segunda linha) e conotativo (terceira) para, finalmente, se fazerem as escolhas necessárias ao surgimento de uma leitura pragmática. Note-se que «enfardar» adiciona modificadores ao ato de «comer», vindo «habitualmente» de uma leitura sintáctica e «sofregamente» de uma interpretação conotativa. Cria-se, assim, uma unidade de significado diferente da que é patente na estrutura formal e semântica da sequência discursiva. Sinclair, sobre este aspecto, refere:

... with frequent usage together, words form syntagmatic associations with others round them, so that instead of merely taking on some of the meaning of their surroundings through contagion, they form a new unit of meaning which requires the presence of both words (or more than two in many cases) to be instantiated (2004, p. 150).

Vemos, desta forma, que o nível funcional informativo atua simultaneamente com o semântico e, obviamente, o sintáctico, sendo-nos impossível fugir, no eixo paradigmático, à função pragmática introduzida pelo verbo. Ao considerarmos o papel da Prosódia Semântica, determinamos facilmente uma analogia entre esta e o exemplo que aduzimos. Embora *enfardar* seja, aqui, usado em termos conotativos, facto que imediatamente constatamos tendo em vista o contexto em que o verbo surge, a sua função não é muito diferente da que é desempenhada por um item lexical com carga para-semântica. Este, tal como um que é usado no seu sentido conotativo, serve ou é regido por um código de contexto que oscila entre locutor, alocutário e meio social. De facto, a língua e o meio social constroem-se mutuamente. Os três níveis funcionais dessa língua, naturalmente, estabelecem relações de interdependência assaz complexas, as quais evidenciam determinados fenómenos. Assumindo que o nível funcional semântico deverá ser subdividido em sentidos denotativo e conotativo, é da relação entre estes que surge o nível funcional informativo; a escolha entre denotação e conotação dar-nos-á o sentido último da sequência discursiva. Para além disso, a opção frequente e repetida, levada a cabo por uma comunidade de falantes, por um determinado sentido moldará o sentido principal – denotativo – de um item lexical. Encontramo-nos ainda, no entanto, apenas no campo do binómio denotação/conotação. Para que se chegue





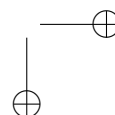
à Prosódia Semântica, é necessário, recorde-se, haver uma co-ocorrência habitual entre elementos (que, conforme observámos anteriormente no caso de *tranquilidade*, ocorre numa progressão algo gradual), sejam estes itens lexicais ou semantemas. O item lexical crítico, por uso habitual no âmbito da Prosódia Semântica, actualizará, por sua vez, o seu sentido conotativo, o qual, em última instância, poderá, num processo diacrónico mais alargado, produzir um novo sentido denotativo. Vemos, assim, o carácter cíclico das significações – as quais partem do meio social e a ele voltam não como produtos mas como operadores – descrito, embora não desta forma, por Hoey (2003):

Collocation priming is not a permanent feature of the word. Each use we make of the word, and each new encounter, either reinforces the priming or loosens it, if we use it in defiance of the priming. It may accordingly shift in the course of an individual's life-time, and if it does so, and to the extent that it does so, the lexical item shifts slightly in meaning and/or function. This may be referred to as drifts in the priming.

A escolha frequente de um sentido determinará a denotação do item lexical. Se, ao verbo *enfardar*, se aplicar o seu sentido conotativo em sequências discursivas produzidas por um grupo de falantes alargado e influente (ou normativo), este começará a espalhar uma aura de significado⁸ pelas sequências discursivas em que, futuramente, se incluirá. Num prazo mais alongado, este sentido passará a ser o denotativo. A Prosódia Semântica não é, assim, muito dissemelhante da denotação/conotação. Neste caso, a co-ocorrência dá-se entre duas formas, no eixo sintagmático. Todos os restantes fenómenos se assemelham aos que acima descrevemos: a co-ocorrência habitual com contextos negativos dará uma carga negativa ao item lexical; a repetição desta carga negativa dar-lhe-á um novo sentido conotativo que, por sua vez, se converterá em sentido denotativo. Por seu turno, o sentido cómico de *tranquilidade*, embora não tenha ainda adquirido o estatuto de denotação, provoca agora, em certos casos, respostas nos alocutários que diferem largamente das que ocorriam antes do incidente que descrevemos já, pelo que o seu uso tem, em termos mais gerais, sido evitado⁹. Concluímos, então, que a novidade, utilizada com frequência, se transforma no padrão. Também a língua adquire vícios.

⁸ Esta aura de significado será bastante semelhante à enunciada por Louw (1993, p. 157).

⁹ Note-se que esta observação se baseia numa mera observação do quotidiano. Não nos





1.3 Intuição e expectativas

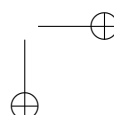
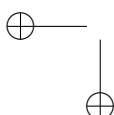
Partindo do princípio de que o célebre uso do substantivo *tranquilidade* se encontra ainda bem enraizado na memória dos falantes portugueses, decidimos fazer uma pequena sondagem que o comprovasse. Tendo criado um pequeno exercício de associação livre, os participantes, num total de 117, foram, numa rede social, convidados a responder, para além do estímulo *tranquilidade*, a *suscitar* e *alastrar*. Todos os dados foram, obviamente, filtrados, uma vez que houve, em certos casos, respostas inválidas (nomeadamente, participantes que optaram por responder com quase-sinónimos).

O caso de *tranquilidade* não trouxe surpresas de maior, sendo a moda «Paulo Bento» e «mar» (16 ocorrências entre 89 respostas válidas). Note-se, todavia, que «Sporting», que conta com apenas uma ocorrência, se faz relacionar a «Paulo Bento»¹⁰, podendo então considerar-se que é esta a moda, deixando a amostra, por isso, de ser bimodal. Confirma-se, deste modo, a presença de uma informação para-semântica que foi aposta ao substantivo pelo pano de fundo social da nossa língua. Como havíamos já descrito, o uso repetido da palavra *tranquilidade* pelo ex-jogador e actual treinador de futebol foi repetido e largamente difundido pelo grupo de humoristas Gato Fedorento. Isto aconteceu no dia 29 de Outubro de 2006. Entretanto, o vídeo em que a sátira a Paulo Bento é representada surge no *website* de partilha de vídeos *Youtube*, transformando-se, em apenas uma semana, em um dos cem mais vistos de todo o mundo.

Reflectamos um pouco sobre o fenómeno. Os meios de comunicação social, nomeadamente a televisão, representam e modelam a sociedade que pretendem descrever e mostrar. Enquanto a imparcialidade é preconizada e procurada pelos jornalistas (muitas vezes com efeitos menos do que parcos), o volume de informação disponibilizada na edição de um telejornal acompanha e fomenta, de uma forma óbvia, a tendência ao consumo de notícias relacionadas com o futebol. É por isso que se torna mais fácil a difusão de uma sátira relativa a uma figura desse meio. Quando, por seu turno, essa brincadeira, chamemos-lhe assim, é da responsabilidade dos então mais populares humoristas de Portugal e existe uma plataforma que permite tornar esse vídeo

foi possível, por enquanto, fazer uma busca num *corpus* que consubstancie esta afirmação. O exemplo, todavia, é absolutamente válido.

¹⁰ Paulo Bento, como se sabe, foi, há alguns anos, treinador da equipa de futebol referida.



acessível a um vasto número de pessoas, reúnem-se condições para aquilo a que, hoje em dia, se chama um vídeo *viral*. Assim se explica a transformação, em menos de uma semana, do substantivo *tranquilidade* não só em algo com sentido humorístico, mas também numa palavra perigosa, no sentido em que um falante, ao a empregar num contexto sério, correria o risco de arrançar alguns sorrisos aos seus interlocutores. Embora tal não pareça já ocorrer com tanta frequência, vê-se que há ainda uma certa presença que se alia ao substantivo, isto é, uma ligeira carga para-semântica.

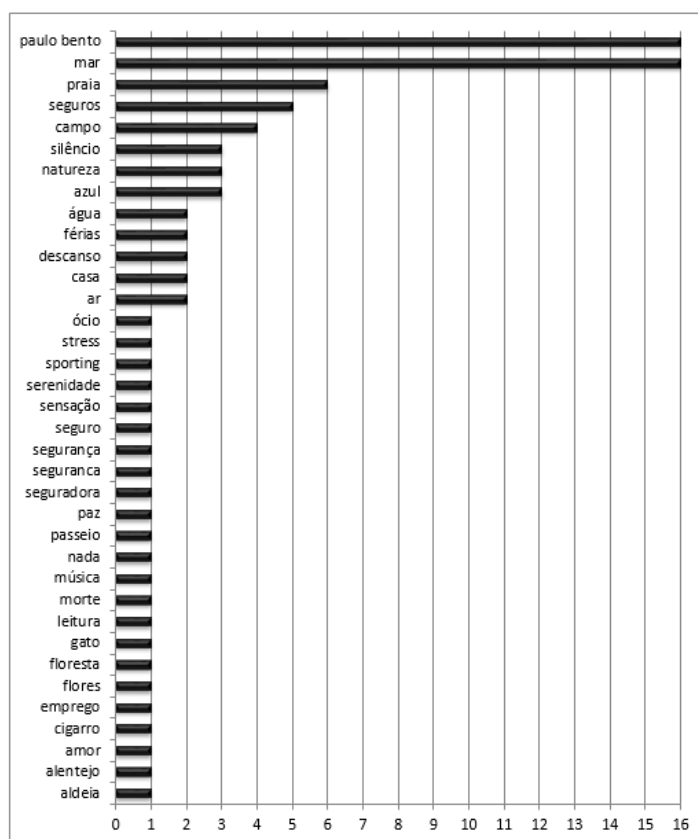


Gráfico 1 – Resultados, para *tranquilidade*, do exercício de associação livre.



O *priming* de que Hoey nos fala não é mais do que um condicionamento clássico, ao passo que a função desempenhada pela Prosódia Semântica na sequência discursiva parte de um condicionamento operante. Tomemos *tranquilidade* como o estímulo neutro e o seu uso repetido como estímulo incondicionado: uma chamada de atenção para a presença do segundo torna-nos conscientes da associação entre os estímulos, pelo que recepções ulteriores de *tranquilidade* ocorrerão já como respostas condicionadas. Se um falante, inconscientemente condicionado, decidir suprimir ou explorar o uso de *tranquilidade* de forma a obter uma determinada reacção dos seus interlocutores, está já a ser alvo de um condicionamento operante. A diferença será a consciência das propriedades para-semânticas de um item lexical. Neste caso, o papel do *zeitgeist* foi claro e rápido. O futebol, predilecção dos portugueses, juntamente com o humor e uma difusão bastante eficiente deram-nos um item lexical actualizado, talvez até novo.

Observemos, agora, *suscitar*. De acordo com a nossa intuição, as respostas predominantes foram *dúvida* e *interesse*. De entre 85 respostas viáveis, «interesse» e «interesses» tiveram, respectivamente, 17 e 2 ocorrências. Na verdade, «Dúvida» (8 ocorrências) e «dúvidas» (12) traduziram-se, todavia, na predominância do lema *dúvida*, tendo a maior parte das respostas minoritárias revelado que *suscitar* co-ocorre, de facto, com itens lexicais que referenciam reacções ou sentimentos.



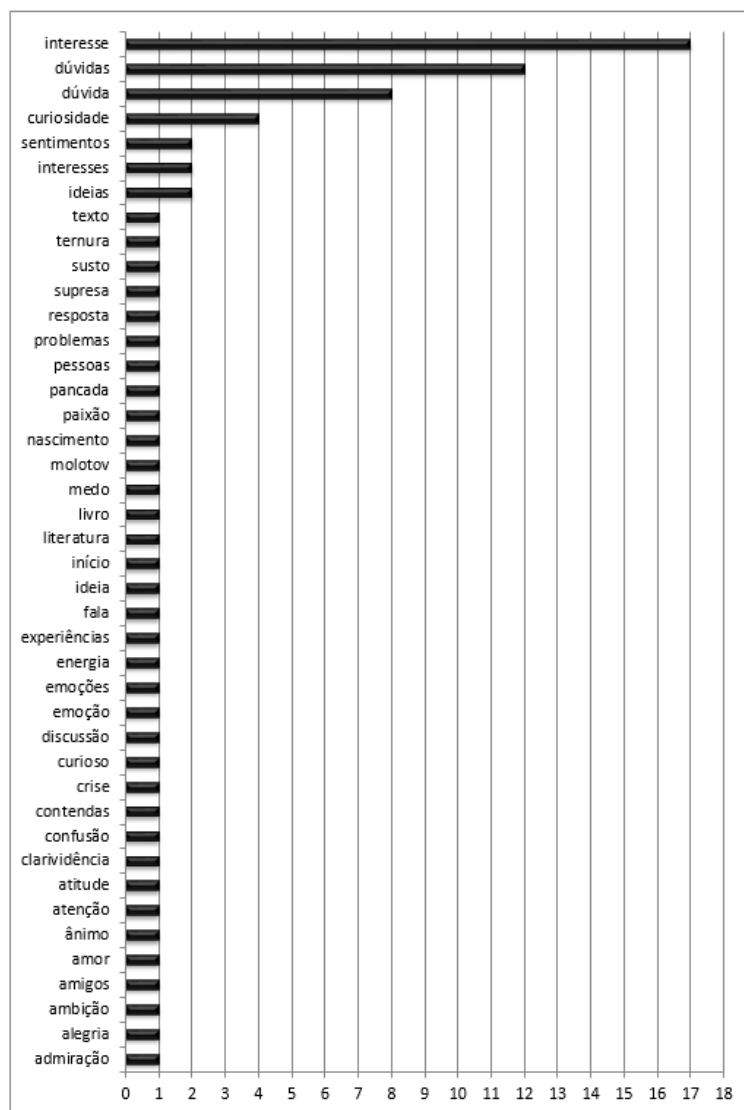


Gráfico 2 – Resultados, para *suscitar*, do exercício de associação livre.



É interessante verificar a neutralidade, patente neste exercício, do verbo em questão. Enquanto a intuição nos dizia que *suscitar* é passível de veicular Prosódia Semântica negativa, os resultados obtidos neste questionário parecem indicar o contrário. Com efeito, entre 38 itens lexicais apresentados, só 8 ou 9 se fazem relacionar a contextos negativos («dúvida», «susto», «problemas», «pancada», «medo», «discussão», «crise», «contendas», «confusão» e, possivelmente, «molotov»). Pelo que é possível observar, a interpretação dos resultados está sempre sujeita a um enorme grau de subjectivismo, razão pela qual considerámos este questionário um mero exercício preliminar que nos permitisse, de um modo rápido, analisar a comunidade de falantes. Os resultados que, aqui, poderemos considerar verdadeiramente significativos serão, obviamente, os lemas predominantes (*curiosidade*, *interesse* e *dúvida*). Será também relevante aferir que, em *dúvida*, é o plural que prevalece. Poderá haver alguma propriedade para-semântica que nos leve a utilizar mais esta forma? Uma pesquisa num *corpus* linguístico poderá dar-nos algumas respostas.

Decidimos recorrer ao *corpus CetemPÚBLICO 1.7* (Linguatca, 2007) (que consiste em cerca de 190 milhões de palavras, provenientes do diário *Público*), tanto a versão anotada como a simples. Esta última, disponibilizada em formato .txt, foi processada no programa AntConc3.2.4w, tendo sido, deste modo, extraídas todas as linhas KWIC (*Key Word in Context*) necessárias e, posteriormente, a lista de co-ocorrentes habituais de cada *nó* estudado¹¹. Note-se que esses resultados, apresentados em bruto, tiveram de ser analisados e filtrados, uma vez que a detecção de colocações, dadas as margens definidas, nos devolveu resultados residuais. Os resultados de *suscitar*, por exemplo, surgiram conforme a amostra que se segue:

¹¹ Decidimos não proceder, na maioria deste trabalho, à transcrição de uma amostra de linhas KWIC, já que esta teria de ser bastante extensa para que encontrássemos a maioria dos casos significativos. Daí a simples apresentação de dados estatísticos obtidos no separador “*collocates*” do programa AntConc.



Total No. of Collocate Types: 5229
 Total No. of Collocate Tokens: 44650

1	2259	0	2259	6.26197	s
2	1961	0	4	9.94726	suscitar
3	1788	0	0	-1	suscitou
4	1572	0	4	10.26698	suscita
5	1430	0	1430	6.30348	de
6	1417	0	1417	6.54847	a
7	845	0	845	6.58968	o
8	829	0	0	-1	suscitado
9	652	0	652	7.74469	uma
10	580	0	580	7.36713	um
11	563	0	563	6.07261	e
12	542	0	542	7.75083	por
13	529	0	529	13.68341	dúvidas
14	504	0	0	-1	suscitam
15	494	0	494	6.26211	da
16	478	0	478	6.18386	do
17	437	0	0	-1	suscitada
18	437	0	437	5.51184	que
19	431	0	431	5.33741	p
20	427	0	0	-1	suscitadas
21	386	0	1	10.29297	suscitaram
22	382	0	382	8.99931	pela

Figura 4 – Amostra dos dados não filtrados da procura, no *corpus CETEMPúblico*, de *suscitar*.

Tivemos, por isso, de seleccionar apenas os substantivos, os quais foram posteriormente organizados da seguinte forma:

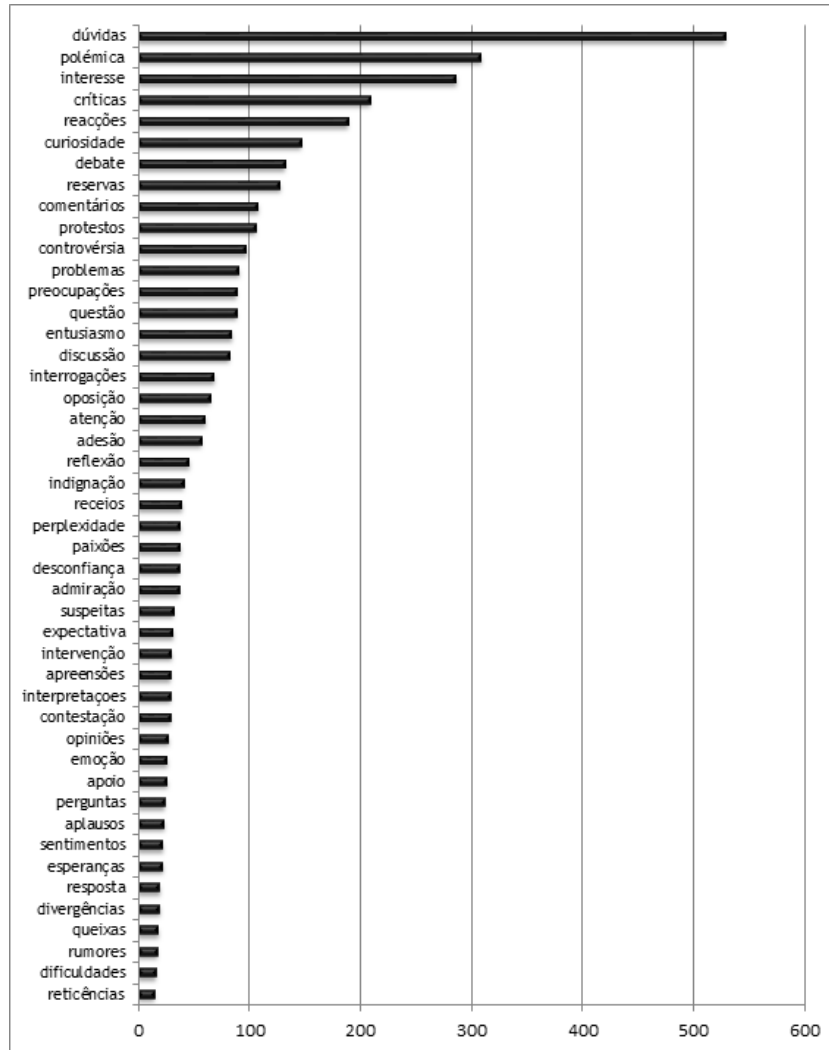


Gráfico 3 – Co-ocorrentes habituais de *suscitar* segundo o corpus *CETEMPúblico*.

Tabela 1 – Frequências absolutas de co-ocorrentes habituais (lemas) de *suscitar* com distinção de número, segundo o *corpus CETEMPúblico*

	Singular	Plural	Total		Singular	Plural	Total
reticência	2	15	17	desconfiança	37	19	56
dificuldade	2	16	18	adesão	57	2	59
rumor	2	17	19	reflexão	46	15	61
divergência	3	19	22	perplexidade	38	24	62
resposta	19	4	23	oposição	65	2	67
esperança	4	22	26	interrogação	10	68	78
queixa	11	18	29	atenção	60	23	83
contestação	29	1	30	discussão	82	16	98
aplausos	10	23	33	entusiasmo	84	15	99
pergunta	13	24	37	controvérsia	97	14	111
suspeita	6	32	38	problema	31	91	122
admiração	37	2	39	protesto	24	106	130
sentimento	17	22	39	reserva	7	128	135
intervenção	30	10	40	comentário	31	108	139
apoio	26	16	42	curiosidade	147	4	151
indignação	41	1	42	questão	89	74	163
emoção	26	16	42	debate	132	31	163
receio	3	39	42	preocupação	81	89	170
interpretação	14	29	43	crítica	16	209	225
apreensão	15	29	44	reação	87	189	276
paixão	12	38	50	interesse	286	9	295
opinião	26	27	53	polémica	309	26	335
expectativa	31	23	54	dúvida	24	529	553

Note-se que, ao invés de procurarmos os co-ocorrentes imediatamente a seguir ao nó, alargámos a procura a um horizonte de quatro itens lexicais à direita, prevendo o seu surgimento após numerais, determinantes ou modificadores. De forma a assegurar a fidedignidade dos resultados, fizemos uma procura, desta vez à esquerda, num ficheiro extraído da busca, na ferramenta *on-line* do *CETEMPúblico*, de "suscitad.*por|pel|pelalpelos|pela"(que nos permitiu extrair sujeitos de orações na voz passiva). Os resultados, embora não alterem as nossas conclusões acerca do verbo em observação, diferem li-

geiramente dos que obtivemos na voz activa, pelo que achamos, a bem do rigor, apresentá-los:

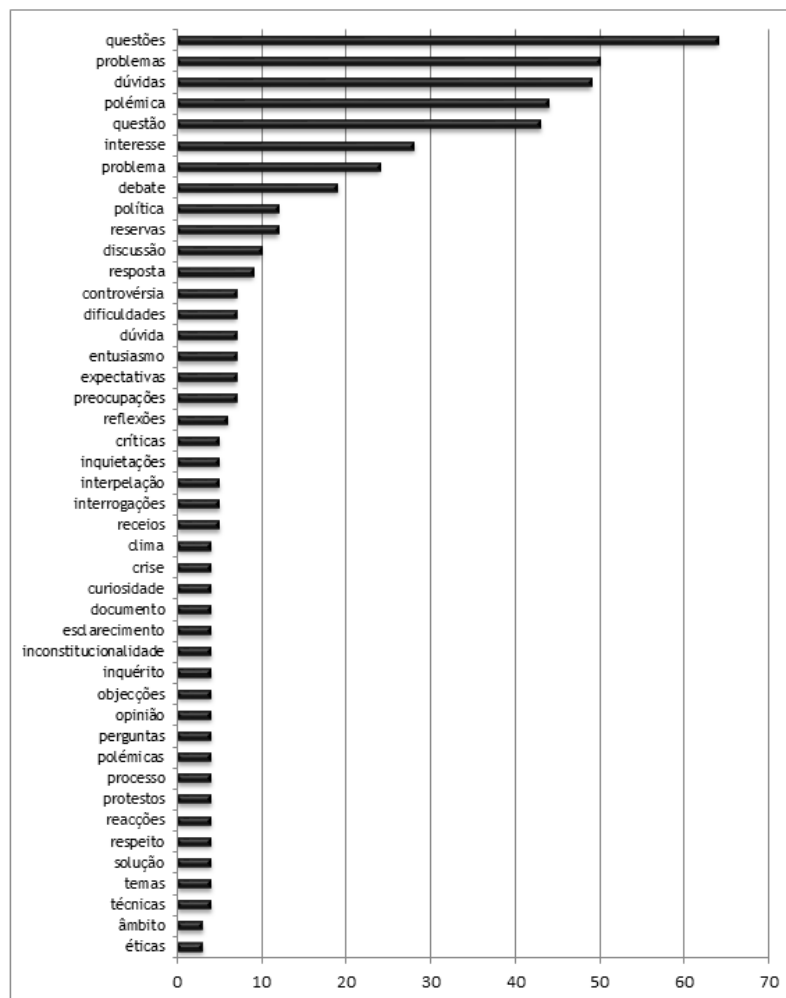
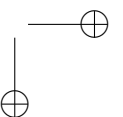
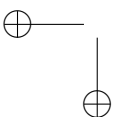


Figura 5 – Co-ocorrentes habituais (sujeitos de orações na voz passiva) de *suscitar* segundo o *corpus CETEMPúblico*.



Não obstante, não será necessário tomar esta variação como significativa, sendo apenas pertinente a observação dos dados obtidos através da primeira metodologia apresentada. Observando esses dados, não só identificamos «dúvidas», «polémica», «interesse», «críticas» e «reações» como os cinco co-ocorrentes mais habituais do verbo em epígrafe (atente-se à maioria, assaz significativa, de «dúvidas»), mas também confirmamos o que havia sido inicialmente intuído: este verbo co-ocorre mais frequentemente com contextos de cariz adverso e também com substantivos que representam reações e sentimentos. Ademais, é notável a diferença de ocorrência entre as formas singular e plural de *dúvida*, o que torna pertinente cotejar as percentagens de ocorrências no singular e no plural relativas à amostra em questão (co-ocorrentes de *suscitar*) e a todo o *corpus*. Vejamos os resultados:



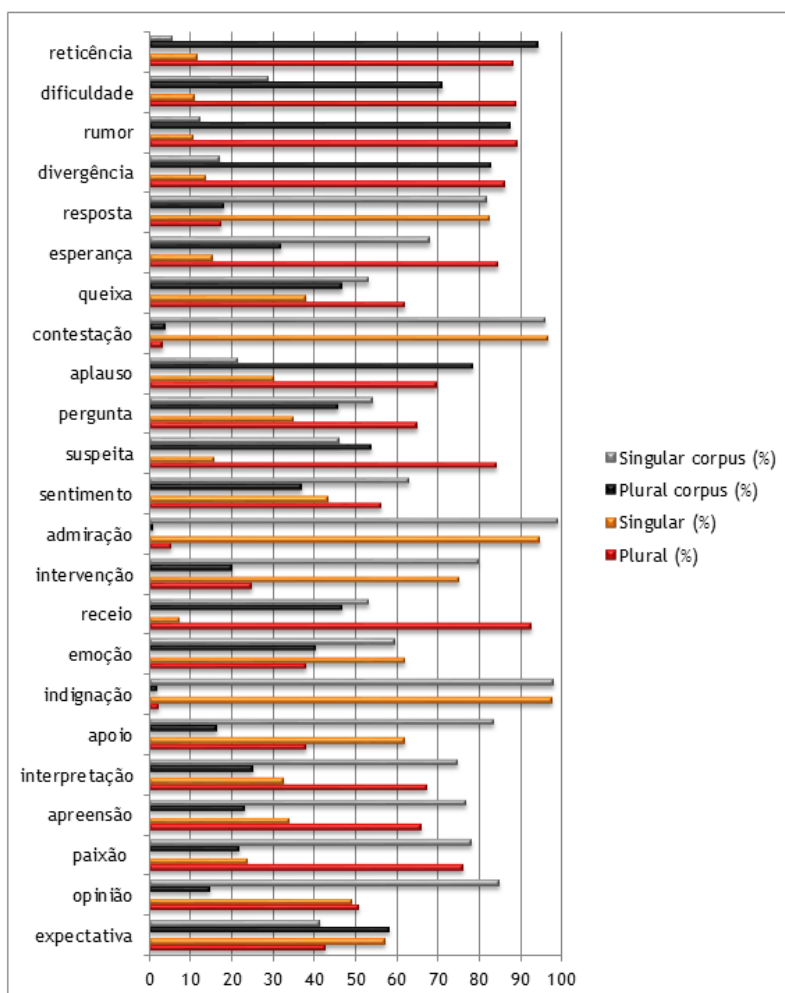


Gráfico 4 – Distribuição de número (frequência relativa percentual) de co-ocorrentes habituais de suscitar na amostra e no corpus CETEMPúblico (parte 1).

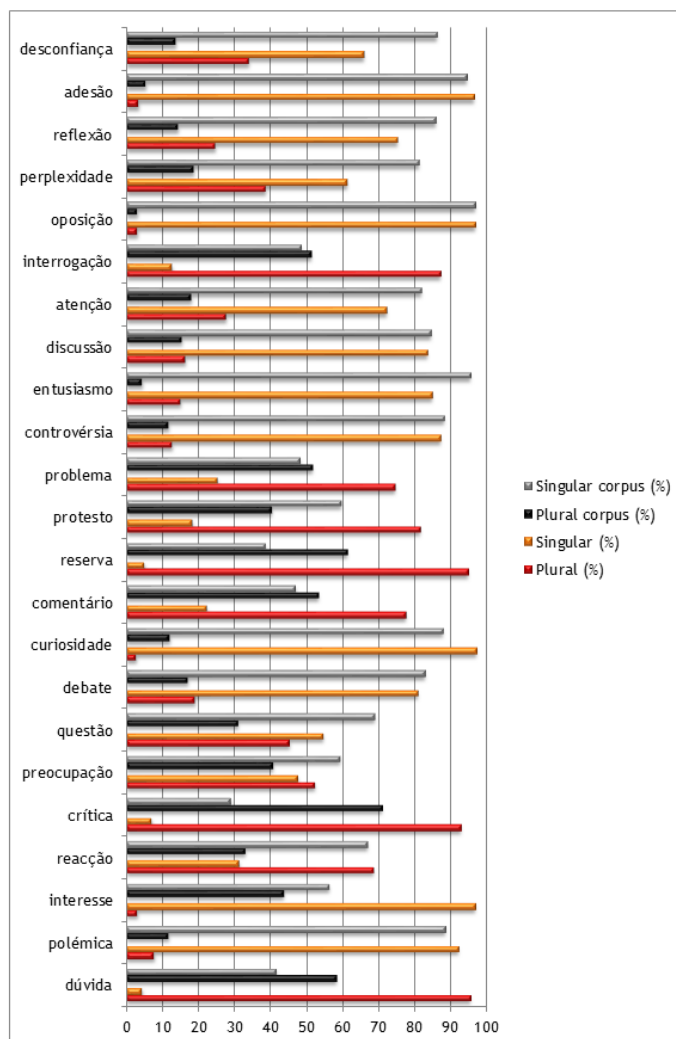


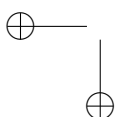
Gráfico 5 – Distribuição de número (frequência relativa percentual) de co-ocorrentes habituais de *suscitar* na amostra e no corpus CETEMPúblico (parte 2).



No que diz respeito a *dúvida*, torna-se bastante óbvia a preferência sintática, em co-ocorrência com *suscitar*, pelo plural. Note-se que, no *corpus*, a forma singular tem uma incidência de 58,3 pontos percentuais. No entanto, a amostra apresenta-nos uma ocorrência de casos no plural na ordem dos 95,7%. Outro caso notável¹² é o de *interesse*. Enquanto o *corpus* nos apresenta uma incidência de 56,3% de ocorrências no singular, o co-ocorrente habitual de *suscitar* surge já no singular em 96,9% dos casos. *Comentário*, por seu turno, surge no plural em 77,7% dos casos (a incidência no *corpus* é de 53,2%). O plural de *reserva*, na amostra, ocorre em 94,8% dos casos, enquanto o *corpus* nos mostra 61,3%. O mesmo acontece com *interrogação* (87,1% contra 51,2%) e *suspeita* (84,2% contra 53,9%). Há também casos em que a tendência entre singular e plural se inverte totalmente¹³. Atente-se, neste sentido, a *reação* (o plural conta, na amostra, com 68,5%, ao passo que, no *corpus*, a sua incidência é de 32,9%), *preocupação* (plural, 52,3% contra 40,1%), *protesto* (plural, 81,5% contra 40,2%), *expectativa* (singular, 57,4% contra 41,6%), *opinião* (plural, 50,9 contra 14,9), *paixão* (plural, 76% contra 21,9%), *apreensão* (plural, 65,9% contra 23,1%), *interpretação* (plural, 67,4% contra 25,1%), *receio* (plural, 92,9% contra 46,7%), *sentimento* (plural, 56,4% contra 37%), *pergunta* (plural, 64,9% contra 45,7%), *queixa* (plural, 62,1% contra 46,7%) e *esperança* (plural, 84,6% contra 31,9%). Isto significa que, em cerca de um quarto dos casos, se inverte o padrão a favor do plural, o que poderá, então, significar uma preferência sintática de número. Concluimos, assim, que a Prosódia Semântica gerada por *suscitar* é de ordem negativa, introdutora do campo semântico de reacções e sentimentos age juntamente com a coligação do *nó* com substantivos no plural. Poderemos, no entanto, refutar o carácter adverso do verbo ao afirmar que este estudo apenas foi efectuado no âmbito do texto jornalístico, o qual, por razões do conhecimento público, se remete a um maior negativismo. Fizemos, assim, uma busca entre todos os *corpora* disponibilizados pela Linguatca (nos quais se incluem também *corpora* de texto literário), analisando 5000 resultados obtidos aleatoriamente (adicionalmente, durante a parte prática deste livro, «suscita» será

¹² Julgámos significativos os casos que apresentam uma diferença de ocorrências entre amostra e *corpus* que seja igual ou superior a 24,5%.

¹³ Neste caso, o critério acima apresentado não se nos afigura necessário, dada a peculiaridade dos resultados.



alvo de uma nova procura num outro *corpus*). Os índices de co-ocorrência foram os seguintes:

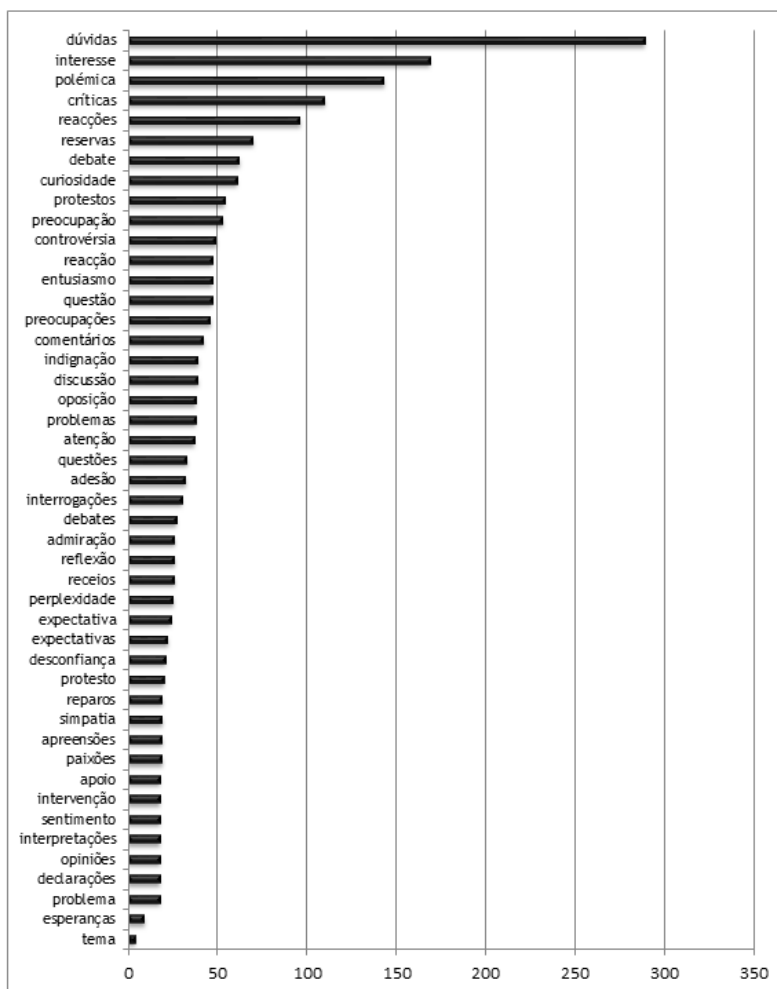
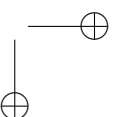
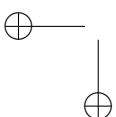


Gráfico 6 – Co-ocorrentes habituais de *suscitar* encontrados em todos os corpora disponibilizados pela Linguateca.



Embora haja, naturalmente, algumas diferenças no que diz respeito ao grau de ocorrência, os substantivos que se associam comumente a *suscitar* continuam, em grande parte, a ser os mesmos. Para além de se manter a carga negativa, a Prosódia Semântica deste verbo mantém, na amostra estudada, as características que anteriormente havíamos determinado. Porquê, então, a divergência com os resultados do questionário? Julgamos que tal se deve tanto ao ambiente em que este foi apresentado como ao facto de as associações livres não serem sinónimo de co-selecção. Relembre-se, porém, que os mais fortes co-ocorrentes de *suscitar* descobertos no *CETEMPúblico* surgiram, também no questionário, em primeiro lugar, o que comprova, por ora, a nossa sugestão acerca do carácter intuitivo da Prosódia Semântica.



No que diz respeito a *alastrar*, os dados obtidos no questionário foram os seguintes:

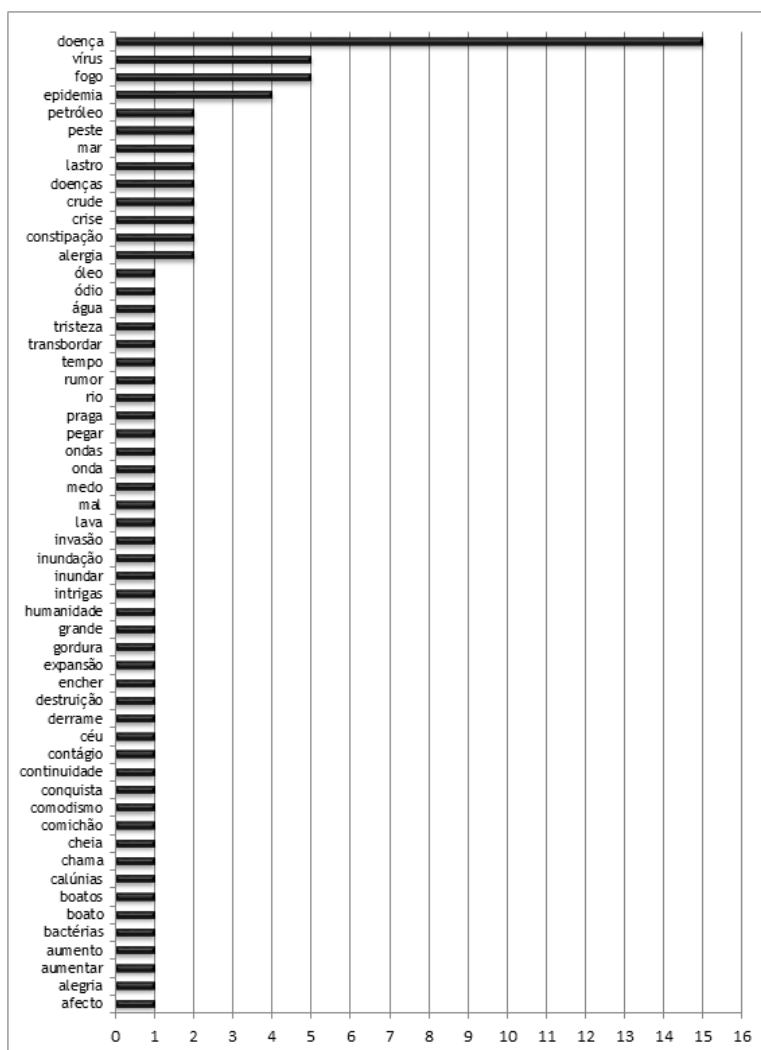


Gráfico 7 – Resultados, para *alastrar*, do exercício de associação livre.

Ao contrário do que havíamos observado em *suscitar*, este verbo surge já como “acompanhante” de contextos negativos. Destaque-se, de entre 89 respostas válidas, a predominância do lema *doença* (15 ocorrências para o singular e duas para o plural, não contando os merónimos *vírus*, *epidemia* e *peste* e os hipónimos *constipação*, *alergia*, *contágio* e *comichão*) e também da frequência de *fogo* (com 5 ocorrências), e *petróleo* (para além da sua ocorrência, é digno de nota o surgimento de *crude*, *óleo* e *derrame*). Para além destas respostas, é digna de nota uma predominância de substantivos de carácter negativo. É, no entanto, necessário o recurso ao *CETEMPúblico*, cuja pesquisa nos devolveu os seguintes resultados:

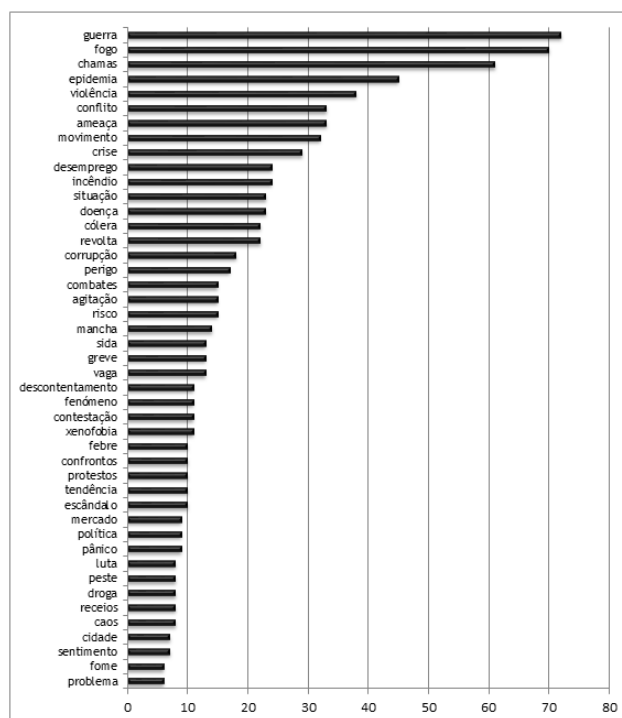


Gráfico 8 – Co-ocorrentes habituais de *alastrar* segundo o corpus *CETEMPúblico*.

Tabela 2 – Frequências absolutas de co-ocorrentes habituais (lemas) de *alastrar* com distinção de número, segundo o *corpus CETEMPúblico*

	Singular	Plural	Total		Singular	Plural	Total
fome	6	0	6	protesto	7	10	17
sentimento	7	1	8	mancha	14	3	17
cidade	7	1	8	combate	3	15	18
droga	8	0	8	perigo	17	1	18
peste	8	0	8	corrupção	18	0	18
luta	8	0	8	greve	13	7	20
problema	6	3	9	revolta	22	0	22
pânico	9	0	9	cólera	22	0	22
política	9	1	10	risco	15	8	23
febre	10	0	10	desemprego	24	0	24
escândalo	10	1	11	situação	23	2	25
confronto	1	10	11	doença	23	4	27
xenofobia	11	0	11	crise	29	0	29
poder	11	0	11	incêndio	24	7	31
contestação	11	0	11	ameaça	33	0	33
descontentamento	11	0	11	movimento	32	4	36
mercado	9	3	12	violência	38	0	38
tendência	10	2	12	conflito	33	10	43
vaga	13	0	13	epidemia	45	1	46
fenómeno	11	3	14	chama	2	61	63
agitação	15	0	15	guerra	72	1	73
receio	8	8	16	fogo	70	8	78

Para além de, no *corpus* analisado, se confirmar a carga negativa de *alastrar*, parece-nos haver uma preferência sintáctica por co-ocorrentes no singular. Decidimos, à semelhança do que fizemos anteriormente, fazer uma comparação entre a amostra estudada (*alastrar*) e a totalidade do *corpus*, no qual verificaremos, para cada substantivo, o número mais recorrente. São estes os resultados:

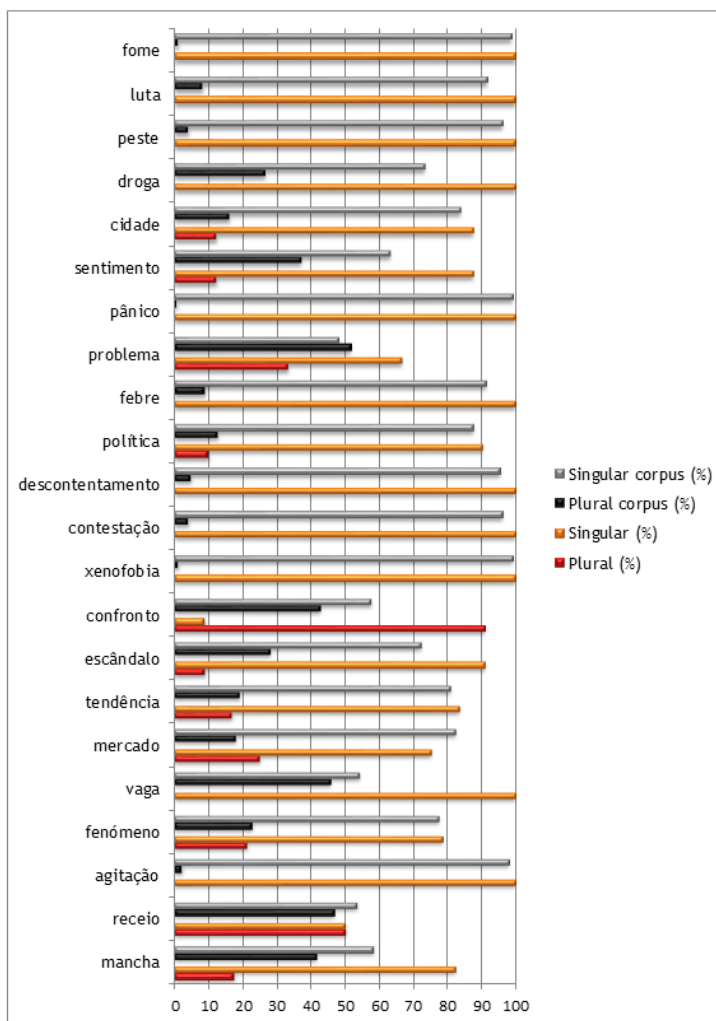


Gráfico 9 – Distribuição de número (frequência relativa percentual) de co-ocorrentes habituais de *alastrar* na amostra e no corpus CETEMPúblico (parte 1).

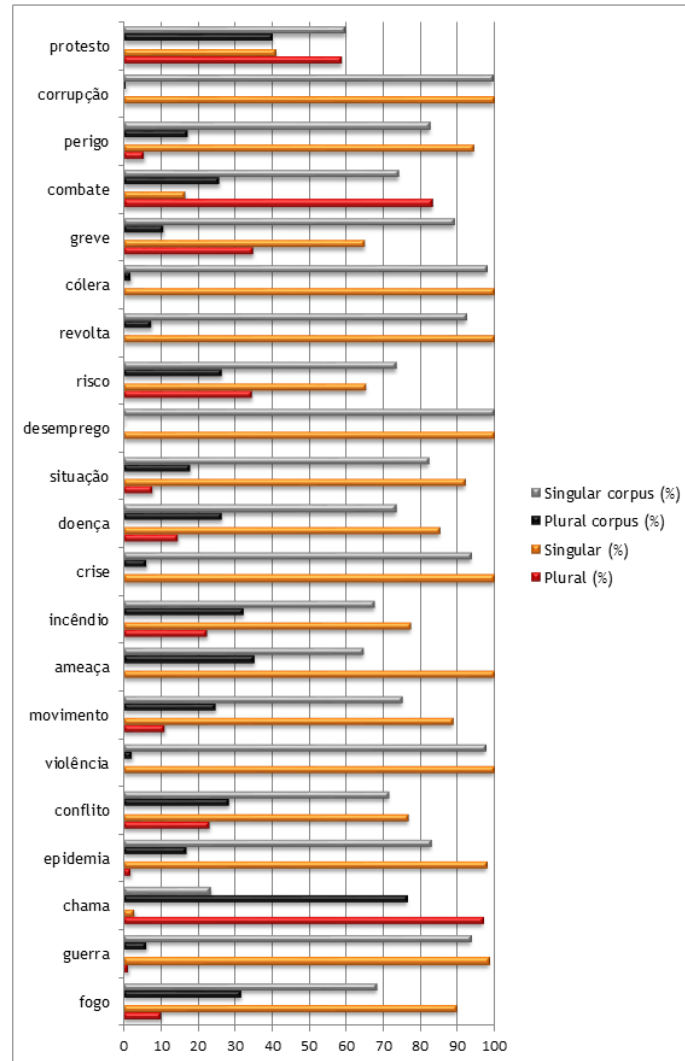
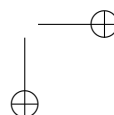
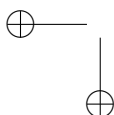


Gráfico 10 – Distribuição de número (frequência relativa percentual) de co-ocorrentes habituais de *alastrar* na amostra e no corpus CETEMPúblico (parte 2).



Ao contrário do que observámos em *suscitar*, o verbo em questão não apresenta tantas inversões de tendências. Há, no entanto, que salientar alguns casos dignos de atenção. *Ameaça*, por exemplo, não parece co-ocorrer de todo com *alastrar* enquanto plural. No entanto, a ocorrência deste substantivo no plural, na totalidade do *corpus*, é de 64,6%. Observando *greve*, descobrimos que, embora continue, enquanto co-ocorrente de *alastrar*, a surgir mais no singular, surge mais vezes no plural do que acontece com a totalidade do *corpus*. Enquanto este nos apresenta 10,82% de casos, evidenciam-se, com o verbo em epígrafe, 35% de casos. Outro caso é o de *mancha*. Intuitivamente, diríamos que é mais fácil alastrar uma «mancha» do que «manchas», o que os resultados confirmam com 82,35% de co-ocorrências no singular. *Vaga* é um caso algo peculiar; enquanto a sua distribuição de número no *corpus* é algo equitativa (54,39 de casos no singular e 45,6% no plural), não encontramos, a co-ocorrer com *alastrar*, um único caso no plural. Há uma inversão de tendência em *combate*, lema que encontramos em predominância, no *corpus*, no singular, enquanto a sua co-ocorrência com *alastrar* se dá principalmente no plural, com 83,4% de ocorrências. O mesmo acontece em *protesto*, o qual co-ocorre mais com *alastrar* enquanto plural (58,82% dos casos), não obstante a sua frequência no *corpus* ter o singular como número predominante (59,77%). *Confronto*, por sua vez, co-ocorre com *alastrar* quase sempre no plural (90,9%), facto que não se verifica já no *corpus*, onde encontramos o plural com 42,57 pontos percentuais. Também o «problema» parece ser o que mais «alastra», embora o *corpus*, por uma margem diminuta, nos apresente o plural deste substantivo como o predominante (51,78%).

Parece-nos, neste caso, que há uma determinada preferência semântica, embora as restrições combinatórias do verbo, como pudemos ver, não abarquem o número dos substantivos que o acompanham. Quanto ao carácter funesto deste lema, deveremos, como anteriormente, cotejar os resultados já obtidos com uma busca em todos os *corpora* que a Linguatca nos disponibilizou, a qual nos devolveu os seguintes resultados:



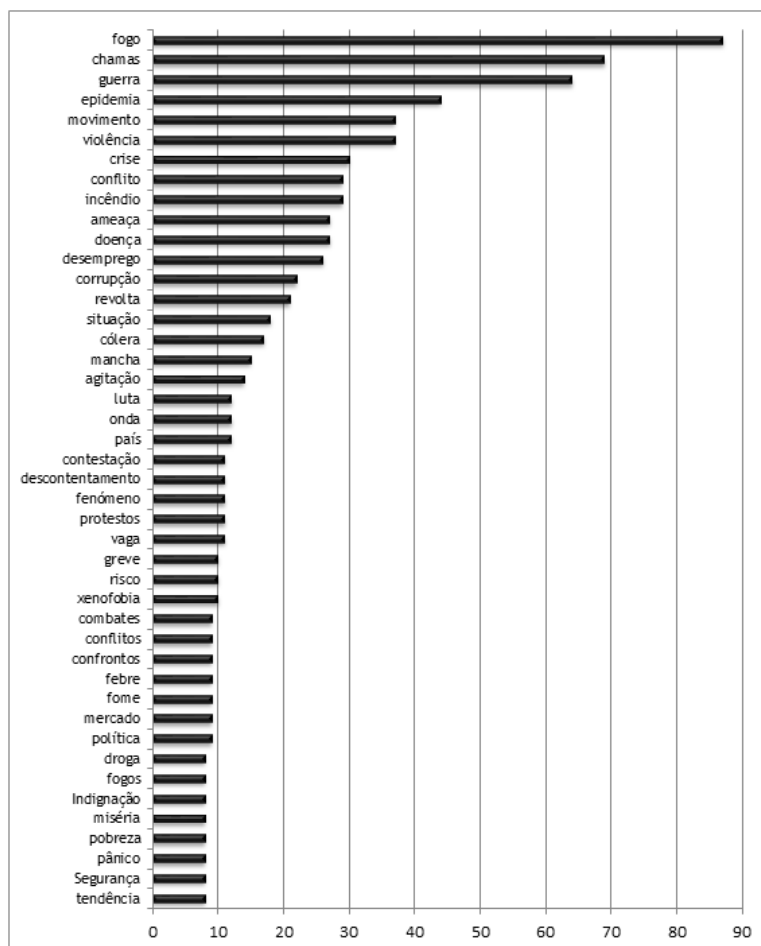


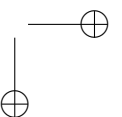
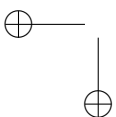
Gráfico 11 – Co-ocorrentes habituais de *alastrar* encontrados em todos os corpora disponibilizados pela Linguateca.

Uma vez mais, confirma-se a Prosódia Semântica negativa operada por ou sobre *alastrar*, verbo que chega a adquirir proporções violentas.

Conclui-se, destes estudos preliminares, que os falantes se encontram, em determinados casos, bastante moldados pelos meios de comunicação social.



Resta-nos saber de que forma é a Prosódia Semântica abordada pelos alocutários. Será a resposta a este fenómeno um processo que requer uma “vista treinada”? Por ora, inclinamo-nos a pensar que não. Tendo em conta os resultados que o questionário nos proporcionou, somos levados a formular a hipótese de a violação da Prosódia Semântica numa sequência discursiva ser rapidamente identificada pelo alocutário. Para além de nos encontrarmos perante um fenómeno de aculturação maioritariamente intra-social, não deveremos esquecer a hipótese darwiniana de Morley e Partington (2009, p. 141), a qual nos faz sentir tentados a pensar na Prosódia Semântica como um instinto, embora não inato.





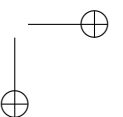
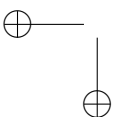


Capítulo 2

II. Prosódia Semântica e Sociedade

2.1 A questão identitária: ipseidade e alteridade

Tendo já estabelecido o carácter social da Prosódia Semântica, impõe-se a necessidade de tecer algumas considerações de ordem filosófica e social e, desse modo, recordar que a língua, no seu todo, é já um produto e um meio de construção da sociedade e que, como tal, é resultado das emoções, individuais e colectivas, em que opera. Tomaremos, aqui, um tom mais livre e menos centrado na linguística teórica, uma vez que, de acordo com os nossos padrões civilizacionais e também biológicos, afigura-se impossível a existência de uma sociedade sem linguagem ou língua, até porque a sistematização do nosso autoconhecimento se processa a partir da linguagem. Conhecemo-nos, afinal, mais profundamente pelo facto de sermos um animal político e, por conseguinte, de os nossos actos e a forma como nos encaramos se reflectirem na sociedade em que nos incluímos. O sujeito falante, afinal, constrói e é construído pela língua que o liga aos seus ou, pelo menos, por um sistema de símbolos, uma língua íntima que, após responder aos estímulos do meio ou até mesmo a um estímulo derivado de outro (a emoção poderá, do ponto de vista da representação simbólica, ser um estímulo de segunda ordem, por assim dizer), se reflecte nele e modifica a língua propriamente dita, o sistema





linguístico social. A forma como essa língua íntima se forma pode ser descrita do seguinte modo:

... o cérebro, dentro do organismo humano, engendra os padrões mentais que denominamos, à falta de um melhor termo, as imagens de um objecto. Com a palavra *objecto*, refiro-me a entidades tão diversas como uma pessoa, um local, uma melodia, uma dor de dentes, um estado de êxtase; por *imagem* entendo um padrão mental em qualquer uma das modalidades sensoriais, por exemplo, uma imagem sonora, uma imagem tátil, a imagem de um estado de bem-estar. As imagens representam aspectos das características físicas do objecto e podem também representar o gosto ou aversão que se pode nutrir por um objecto, os planos que se podem formular para esse objecto, ou a teia de relações desse objecto com outros objectos (Damásio, 1999, p. 28)¹.

De igual modo, a língua reflecte o ser falante até à intimidade, o que nos leva a acreditar que a língua nos fala mais do que nós a ela. Os sentimentos mais negativos e, portanto, traumáticos, marcantes e cujo reconhecimento e prevenção se torna premente assumem-se como um ponto forte na produção linguística. Não só importa, como nos dizem Morley e Partington (2009, p. 141), o reconhecimento de algo como bom ou mau, mas também a memorização do desagradável e prejudicial para que experiências dessa natureza sejam, doravante, evitadas.

A sociedade pode ser vista como um organismo cujas células são os falantes. As emoções, desejos e pulsões individuais, ao influenciarem, de um modo mais ou menos extenso, os padrões culturais sincrónicos – que referimos já como *zeitgeist* – reflectem-se nas manifestações sociais, as quais, na sua maioria, são de carácter linguístico. Antes do advento da imprensa e da alfabetização das massas, a nossa civilização transmitia o conhecimento popular através da chamada literatura oral. Os contos tradicionais, com efeito, são uma excelente ilustração do processo de reconhecimento de problemas

¹ Convém referir que o texto de onde esta citação foi retirada se presta a enumerar, segundo Damásio, um dos problemas da consciência. Escolhemos este trecho porque apresenta a fórmula perfeita da criação de um sistema de símbolos como resposta face a estímulos internos ou externos.





individuais a evitar pela sociedade. Mediante a criação de personagens arquetípicas, as quais consistem, numa definição mais lata, na projecção de mecanismos psíquicos subjacentes a uma determinada cultura, ocorre todo um processo no qual se reúnem recalçamento e catarse e que se centra, obviamente, na língua, a qual é o instrumento mais directo, imediato e eficaz de comunicação. O conto popular reúne em si o retrato que a sociedade faz de si mesma, construído em torno de hipérbolos de todo o tipo: predominam, nos contos populares, o homicídio, o roubo, a violência familiar, o incesto, a vingança, o abuso de poder e transgressões de muitos outros géneros. Preocupações como a pobreza, a morte, a doença e a procura de ascensão social, quase sempre concretizada pelo casamento, também se encontram na literatura oral. Da temática da violência familiar, pobreza e inércia, encontramos exemplos em contos como “Fazer mau preço à fruta” (Moutinho, 1987, p. 115). O conto “A Avó Assassina” constitui, no que diz respeito à temática da violência (infanticídio, neste caso), um dos exemplos mais viscerais:

Era uma vez uma família composta de pai e mãe, uma filhinha ainda pequena, uma avó e um criado preto.

Numa ocasião, o pai, a mãe e o preto foram a uma feira e deixaram a menina e a avó em casa, recomendando a esta que não deixasse ir a pequena à rua. A avó, que não se importou com a recomendação, bem não deram as costas, mandou a menina para a rua. Lá ofereceram figos à pequena, que voltou depois para casa. A avó viu-os e pediu-lhos. A menina recusou-lhos. Então a velha abriu uma cova, sentou-se à beira dela e disse à menina que a catasse na cabeça. A menina começou a catá-la e a avó deitou-a lá para dentro e cobriu-a de terra e pedras.

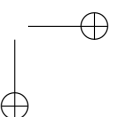
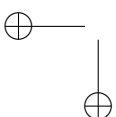
Regressaram da feira o pai e a mãe e perguntaram pela menina, ao que a avó respondeu:

– Não sei dela. Saiu para a rua!

Disseram ao preto:

Vai à rua ver se encontras a menina.

Correu tudo o criado e não encontrou a filha dos patrões. – Então, minha mãe – perguntou, aflita, a mãe da menina –, como é que a





deixou sair depois de lhe termos feito tantas recomendações? E a avó, muito mal humorada, disse:

– Eu sei cá dela! Provavelmente, foi para o quintal.

– Ó preto, vai ao quintal a ver se a encontras.

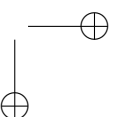
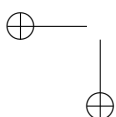
O criado assim fez, e qual não foi o seu espanto, ao passar por uma das carreiras, quando ouviu uma voz vinda debaixo da terra:

– Ó meu preto! Ó meu pretinho! Não me calques o meu cabelinho! Minha mãe mo penteou, minha avó mo arrastou pelo figo da figueira, que o passarinho levou.

O preto regressou a casa, cheio de admiração, a contar aos patrões que a menina não tinha aparecido, mas que debaixo do chão ouvira uma voz a dizer tudo aquilo. Abriram então a cova e encontraram a menina morta, com Nossa Senhora e Nosso Senhor à cabeceira e os anjinhos dos lados, com velas acesas (*Idem*, pp. 145, 146).

Há, no âmbito da literatura oral, toda uma procura de conceitos tão opostos – mas necessários e que se complementam – como o horror e o belo, o crime e a justiça, a fidelidade e a traição. O povo, como comunidade de falantes, coloca medos e desejos perante esse espelho convexo da língua e usa-o de forma a, se não banalizar, pelo menos desdramatizar as realidades da morte, da fome e de sentimentos negativos vários. A expressão linguística torna-se a ferramenta de análise e terapia da sociedade, o elemento comum que lhe permite reforçar empatias e simpatias. É um elemento de união e, como tal, a raiz da coesão social.

Os reis dos contos, cujas maneiras se assemelham bastante às dos estratos sociais menos favorecidos, distinguem-se, normalmente, pela sua tirania. Não raro encontramos, nos contos populares, figuras paternas dadas a caprichos homicidas que acumulam a função de monarca. Esta figura poderosa, despótica e sanguinária constitui um retrato, executado pelos estratos sociais mais desinformados e desfavorecidos, da autoridade assim como é apercebida. O rei, que muitas vezes é uma figura respeitada, chega, em certos casos, a ser boçal. O conto “Pele de Burro” (na versão utilizada como referência em Cunha [1980, p. 97]) centra-se numa tentativa de incesto entre pai e filha. Aqui,





para além de se reforçar a ideia de um rei abusador, trata-se a universalidade do tabu relativo à endogamia (pp. 98-101). Neste caso, não só encontramos a revista a um *zeitgeist* específico, mas a um padrão social diacrónico e aparentemente ubíquo. A representação de “reis que por uma ninharia mandam matar as filhas e querem devorar-lhes a língua e o coração e ver-lhes os olhos arrancados (Moutinho, 1987, p. 13)” denuncia um povo ao qual apenas chegarão as iniquidades da nobreza. Sendo estes contos um produto da tradição oral, não é possível determinar a sua origem. Todavia, facilmente imaginamos estes reis como senhores feudais que colocam o povo à sua mercê e, à menor transgressão, o punem severamente.

Facilmente transpomos o fenómeno da produção linguística interpretativa, terapêutica e psicanalítica, para a questão da percepção subjectiva do Outro. Todo o discurso, com origem própria ou alheia, é uma entidade perpetuamente incompleta, porque se coloca no ponto de tensão entre o *eu* e o *outro* e é exactamente sobre essa tensão que se centrará a nossa presente discussão. Tal tem sido abordado do ponto de vista do binómio ipseidade-alteridade, e parece-nos tal abordagem a mais útil. Sobre a alteridade, pouco haverá a adiantar. Sabe-se que tal expressão designa a nossa capacidade – ou até mesmo o destino inexorável – de “sermos” o *outro*, isto é, de estabelecermos laços com outros indivíduos e de compreender e apreender algumas das suas características. No entanto, a ipseidade é uma entidade mais abstracta e que apenas teoricamente poderá existir à parte da alteridade. Joaquim de Sousa Teixeira explica-nos:

A ipseidade designa [...] o carácter de «isso mesmo» de alguma coisa e, mais especificamente, o existente humano considerado como singularidade concreta, irrepetível, impermutável, idêntico a si mesmo e diferente dos outros. Por isso, a ipseidade, no seu sentido genérico, só se deixa entender na relação à alteridade; ipseidade e alteridade constituem então um binómio que só se compreende no horizonte da relação mais abrangente entre os «grandes géneros» do Mesmo e do Outro, da Identidade e da Diferença. Com efeito, a ipseidade é uma forma de *identidade* (Teixeira, 2004, p. 18).

Poderíamos, assim, considerar que a identidade abarca não só a ipseidade, mas também a alteridade, uma vez que um constructo identitário não é um





mero reflexo apriorista, mas o resultado da interacção com o meio; não só possuímos identidade individual (a qual, em si mesma, apenas foi construída porque houve linguagem e língua a desempenhar o papel de coadjuvantes na sua sistematização), como também nos definimos pelos elementos que se encontram em contacto connosco, como acontece com as identidades familiar, nacional e até mesmo a que se constrói aquando da relação com pares. Se pensarmos em termos de diferenças culturais, é fácil compreender a relação que existe entre uma pretensa ipseidade pura e uma identidade, digamos, colectiva. Em português, por exemplo, perguntar a altura de um edifício é uma questão quantitativa: não perguntamos quão alto é, mas sim qual é a sua altura, ou quantos metros ou andares terá. No caso da língua inglesa, a pergunta será já de ordem qualitativa, sendo a questão formulada não em torno de quantos metros terá esse edifício, mas de quão alto é. Uma simples diferença a nível sintáctico e semântico mas que, pragmaticamente, produz respostas semelhantes (o alocutário da questão responderá com uma qualquer unidade de medida em qualquer das línguas) constitui a ilustração perfeita de um pensamento que é formatado pela aquisição da língua: os falantes do português terão mais tendência a pensar quantitativamente, ao passo que os anglófonos terão, possivelmente, mais pendor para uma análise qualitativa: o português “quantos anos tens” traduz-se, em inglês, para “*how old are you*”, ou seja, “quão velho és”.

Não é estranho, assim, que seja a língua, afinal, a “falar-nos”. Sendo esta o principal mecanismo de comunicação e, por conseguinte, de união social, encontramos-nos num ciclo que a Prosódia Semântica, como vimos no capítulo anterior, denuncia: nós criamos a língua e ela cria-nos e define-nos. Com efeito, e à guisa de exemplo, podemos verificar que a intenção de um falante, ao produzir um discurso, nem sempre é expressamente a de comunicar com outros sujeitos, ainda que estejam reunidas e verificadas as condições de um diálogo. Sabemos que o monólogo é uma realidade, e que o seu propósito poderá ser o de reflexão e sistematização do pensamento. O mesmo poderá, contudo, ocorrer aquando do diálogo. O pensamento que origina o discurso encontra-se imbuído de uma alteridade que, se descartarmos imperativos biológicos que poderão ultrapassar a própria partenogénese, teve início mal o indivíduo teve o primeiro contacto com o seu meio. Ora, essa alteridade estende os seus efeitos pela produção linguística: ao pensar e, de um modo mais flagrante, ao falar, o indivíduo projecta-se, revê-se no meio que o rodeia e





acaba por veicular conceitos que não lhe são absolutamente intrínsecos nem exclusivamente externos ou, pelo contrário, por utilizar o *outro* como espelho do seu próprio pensamento. Assim, o diálogo e o monólogo podem servir propósitos cruzados: o monólogo poderá consistir numa busca do *outro*, ao passo que o diálogo poderá ser a formulação do *eu*, confirmado no *outro*. Afinal, enquanto indivíduos, encontramos-nos consignados a uma existência que se define com os contornos da hereditariedade, do autoconhecimento e da interacção social. Ainda no exemplo dos contos populares, podemos enquadrá-los nesta dualidade eu-outro: o indivíduo, ao criar e contar uma história (como sabemos, a literatura de transmissão oral encontra-se quase sempre em vias de mudança), projecta na sua criação/narração os seus medos e desejos. Os seus alocutários, por seu turno, caso se relacionem pessoalmente com os sentimentos expressos no conto, tenderão a reforçar a sua representação, criando mais um ponto de contacto na rede da transmissão oral. Afinal, “quem conta um conto, acrescenta-lhe um ponto”. A língua, bem representada pelo exemplo do conto popular, parece ser a melhor forma de nos darmos a conhecer a nós mesmos, tanto enquanto indivíduos como enquanto membros de uma sociedade, ultrapassando largamente o seu carácter de ferramenta de comunicação para constituir um meio de organização do pensamento². A língua é, afinal, um ponto moratório na construção de um panorama social, a região na qual o *zeitgeist* se revê, filtra, actualiza e transforma. A forma como nos exprimimos acerca dos acontecimentos atuam produz alterações de comportamento nos nossos interlocutores. Tomemos, como exemplo, os meios de comunicação social, já utilizados neste trabalho para confirmar a Prosódia Semântica de certos itens lexicais: para além de a sociedade mediatizada se encontrar formatada pelo grau de importância que se atribui a ocorrências presentes ou até mesmo pretéritas, importância essa que é regulada pelos órgãos de comunicação social, a forma como essas notícias são apresentadas ou revistas pelos mesmos causa sempre uma distorção dos factos, seja esta accidental ou, como acontece na maior parte dos casos, intencional.

Quando, anteriormente, enunciámos que o discurso é uma entidade sempre incompleta, pensámos na língua exactamente como ponto moratório nas transições, ou convulsões, de uma determinada sociedade. Um exemplo:

² Não pretendemos, com isto, entrar na discussão em torno da relação dialéctica entre linguagem e pensamento.



encontramo-nos, actualmente, no ano de 2013, no qual se continua a procurar respostas à crise económica que assola o mundo sem olhar à crise de valores que verificamos nas sociedades ocidentais. Os órgãos de comunicação social têm recorrido a itens lexicais que, no seio do grupo de alocutários que é a população, pouco ou nenhum significado acabam por ter. Termos como *conjuntura* ou *sustentabilidade*, designados, em inglês, como *umbrella terms*, replicam-se continuamente em jornais, noticiários, *talk-shows* e publicidade empresarial e institucional. No entanto, o verdadeiro significado desses itens lexicais permanece, para muitos, um mistério. A *conjuntura* é, para o cidadão médio, tudo o que levou à actual crise. No entanto, a compreensão que este tem de questões basilares como a do sistema económico e político é, na maioria dos casos, quase inexistente. Já no caso do item *sustentabilidade*, a percepção geral é a de uma necessidade ecológica. Todavia, verificamos que “sustentabilidade” é aplicado em casos vários e que, em determinadas situações, chega a cair em contra-senso. Um bom exemplo disso é a forma como os cortes salariais na função pública vieram na forma de uma pretensa “taxa de sustentabilidade” que apenas torna sustentáveis práticas avessas a quaisquer definições de justiça social. Assim, a comunidade de falantes cai gradualmente num clima de alienação involuntária, sendo apenas capaz de discutir a actualidade através do recurso a lugares-comuns desprovidos, afinal, de sentido. Um símile para esta situação será o de um indivíduo que, ao utilizar uma máquina, a conhece apenas superficialmente; sabe que, ao pressionar este ou aquele botão, executará determinada função, embora desconhecendo o funcionamento da máquina ou qual a razão de ter de carregar nos botões pretendidos. Por isso, quando a máquina, por algum motivo, cessa o seu normal funcionamento, o diagnóstico, bem como a solução do problema, são vedados ao utilizador. Voltando ao extremo cariz de alteridade de certos itens lexicais portugueses, podemos referir, juntamente com *conjuntura*, a *crise*, o maior *umbrella term* actualmente em utilização. Os falantes, na sua maioria, apoiam o seu discurso no supracitado termo sem que haja verdadeira compreensão do que a actual crise financeira é verdadeiramente. De igual modo, vê-se como sinal de alívio último e terminal o regresso de Portugal aos mercados, tão aclamado ultimamente pela classe política – principalmente a governamental – e por alguns órgãos de comunicação social. No entanto, o item «mercados», que tão positivo parece a quem não compreende crise e *conjuntura*, é, na maioria dos casos, truncado. De fora, fica a especificação dos ditos mercados (que



são, afinal, de dívida externa e que implicam perda de soberania), e propaga-se uma meia-verdade, um meio-significado. Apregoa-se a *privatização* sem que se especifique que é o lucro que é privatizado, continuando as perdas nacionalizadas. E a política, a economia, a legislação e as finanças permanecem domínio de uma elite controlada, ao passo que a informação, ainda que disponível para todos, ou é pouco clara, ou pouco apelativa, ou pouco acessível, já para não referir a ofuscação dos meios de distração, como é o caso do futebol. Não pretendemos, com isto, apontar uma instrumentalização dos órgãos de comunicação social, mas sim a emissão, por estes, de itens lexicais que são encaixados numa rotina diária mas que carecem de explicação e, por isso, de significado. Com isto, e recordando o que já foi dito neste estudo, forja-se uma co-selecção, algo que facilmente se compara ao condicionamento pavloviano: criam-se associações sintáctico-semânticas nas quais o item lexical crítico, ao possuir um significado pouco conhecido, vai adquirindo, por contágio, as conotações e contextualizações que se lhe associam. Ainda que desconhecido, o item lexical crítico surgirá sempre por associação ou, pelo contrário, dará ao texto mais vazio e insalubre uma imagem de sofisticação e conhecimento, como é, por exemplo, o caso da referência, cada vez mais emergente, a uma “sustentabilidade da redução dos défices orçamentais” ou, talvez ainda mais flagrante, “uma sustentabilidade que, além do mais, é altamente económica.” (Linguatca, 2007).

Regressemos, por ora, à questão da alteridade. Acabámos de apresentar alguns dos maiores exemplos de uma alteridade exacerbada, ou seja, um distanciamento abissal entre o domínio do *eu*-falante e do *outro*-língua. Somos, com isto, levados a equacionar a intencionalidade com que esse distanciamento surge, tendo, para isso, uma outra razão: a da pouca clareza da documentação oficial e especializada. Tendo em conta o baixo nível de literacia em Portugal (Gomes, *et al.*, *s/d*), não é difícil concluir que qualquer documentação mais importante – de carácter legal, financeiro ou comercial, por exemplo – terá de ser redigida de um modo claro e acessível a indivíduos com níveis inferiores de literacia. O contrário resultará numa incompreensão generalizada dos mecanismos sociais e, conseqüentemente, num baixo nível de *participação* na *res publica*, situação que, de facto, se verifica no nosso país. O cidadão, nomeadamente o português, sofre de males que afectam directamente a sua produção, aquisição e adaptação linguística e, conseqüentemente, o seu desempenho social. Coloca-se o cidadão e falante num ponto de ipsei-





dade que, ainda que directamente influenciado pela observação do *outro*, não passa disso mesmo: uma admiração da alteridade que resulta na difusão da percepção do *eu* e do *outro*, do intrínseco e do alheio. Outrossim, o poder de decisão é entregue ao *outro*, mas a um *outro* indefinido e difuso. A já referida associação de Portugal aos “mercados” exemplifica este fenómeno: sendo o *mercado* pertença dos sectores governamental e financeiro e, por isso, de uma elite, não compete ao cidadão médio pensar sobre os destinos do país. O *outro* permite esta abstracção de uma realidade que, afinal, nos influencia directamente e pode ser por nós influenciada. Colocamo-nos, como indivíduos, cidadãos e falantes, numa esfera semi-particular, na qual entram as visões distorcidas que irão constituir a nossa alteridade e, num plano mais alargado, a identidade – nomeadamente a de carácter nacional. Aliada ao elevado nível de iliteracia em Portugal, a alteridade exacerbada faz-se sentir pela dependência que o cidadão médio português tem dos meios de comunicação social; afinal, os chamados comentadores, ou *opinion makers*, são um meio de colmatar este défice de opinião pública. Esta é uma forma de o *outro* se manter à distância e de o *eu* adquirir noções inócuas que nunca o obrigam a um radicalismo de pensamento.

Celebram-se, com este distanciamento (ou alteridade), o dogma, o pressuposto, e suprime-se o fundamento comprovado. Os conceitos, por isso, existem na forma das suas contextualizações, transformando-se, por vezes, o contra-senso num axioma que pouco se questiona. A portugalidade encontra-se repleta de um *outro* que, ainda que nos defina fortemente, o faz de um modo distorcido. Recorremos a Fernando Pessoa que cataloga o fruto da alteridade exacerbada (que resulta igualmente numa ipseidade pouco dotada de consciência social) como ficção social:

No estado social presente não é possível um grupo de homens, por bem intencionados que estejam todos, por preocupados que estejam todos só em combater as ficções sociais e em trabalhar pela liberdade, trabalharem juntos sem que espontaneamente criem entre si tirania, sem criar entre si uma tirania nova, suplementar à das ficções sociais, sem destruir na prática tudo quanto querem na teoria, sem involuntariamente estorvar o mais possível o próprio intuito que querem promover (Pessoa, 1928).

Se pensarmos na forma como a Prosódia Semântica se insinua no léxico





de cada um, chegamos à conclusão de que esta, em certos casos, ocupa um lugar ainda mais importante, em termos de aquisição linguística, do que os próprios sentidos conotativo e denotativo. Isto porque o sentido que o falante adquire, sendo influenciado por um contexto e, por isso, pertencente mais ao foro da carga para-semântica³, invoca, de um modo que poderemos considerar subliminar, contextos e co-textos que, por designação lexical, lhe deveriam ser independentes. Deste modo, quando tal ocorre com conceitos-chave de uma sociedade (tal como os que apontámos já) ou, pelo menos, do seu *zeitgeist*, é possível compará-los, no seio de uma sociedade desinformada e alienada, a simples balões. A Prosódia Semântica, neste sentido, é o espelho convexo do “animal político”, do qual o item lexical retorna à sociedade de acordo com as opiniões e associações contextuais do seu utilizador. Perde-se neste processo a plenitude das relações de intertextualidade e, por isso, uma leitura clara dos acontecimentos presentes e pretéritos. É por isso que Portugal sofre de um mal identitário⁴: surge, por um lado, um patriotismo exacerbado e hipertrófico feito de exaltações, epopeias e lugares-comuns; por outro, a portugalidade mergulha rapidamente numa depressão sem causa aparente. Desta dualidade, nasce um nacionalismo acrítico e imanente, guiado por edificadores de opiniões que intervêm no manual escolar, no jornal, na rádio, no televisor. A crítica, guiada pela propaganda, deriva de fragmentos de memória e de um pensamento programado e altamente condicionado, ambos veiculados pelas instituições de ensino. Se a língua é uma entidade (ou um processo) articulada, então essa articulação é truncada juntamente com a comunicação das ideias e opiniões. Num regime de assimilação passiva da informação – poucas vezes se questiona o que é preconizado pela comunicação social – vai-se instalando a deterioração do moral colectivo, pelo que a distração é sempre bem-vinda. Os lugares-comuns, parcialmente (como foi já explicado) destilados em cada falante, vão construindo, com carácter mais ou menos demagógico,

³ Relembre-se que definimos carga para-semântica como a informação periférica que um item lexical toma dos seus co-ocorrentes.

⁴ A própria disciplina da matemática, através dos fractais, leva-nos a acreditar que um acontecimento a uma escala ínfima encontra um padrão que se replica em magnitudes superiores. É por isso que uma desordem mental caracterizada pela alternância súbita entre episódios de hipomania, euforia e grande criatividade e momentos de depressão (Cf. American Psychiatric Association, 1996, pp. 360-377) parece acontecer igualmente em termos sociais, nomeadamente no seio da identidade nacional.





a chamada opinião pública, que não só se apoia nos dogmatismos impostos no banco de escola, mas também numa compreensão superficial (e guiada pelos dogmas) dos acontecimentos. É por isso que afirmámos, algumas linhas atrás, que o próprio contra-senso pode dar origem ao axioma, sendo, para isso, necessária “uma autêntica psicanálise do nosso comportamento global, um exame sem complacências que nos devolva ao nosso ser profundo ou para ele nos encaminhe ao arrancar-nos as máscaras que nós confundimos com o rosto verdadeiro” (Lourenço, 2001, p. 25). Recordamos, neste sentido, a utilização generalizada de *sustentabilidade* para justificar acções completamente avessas à própria noção ou, se preferirmos, sentido denotativo, desse item lexical. A opinião pública (e, com ela, a identidade) vai, de facto, laborando em erros que detêm o seu devir e porvir no trauma. José Gil dá-nos um exemplo:

Tal ministro que se aproveita ilegalmente de uma lei para escapar ao fisco demite-se para voltar à tona incólume, meses ou anos depois; o escândalo que mancha a acção de um governante, longe de o afastar definitivamente da política, pode ser mesmo a ocasião para começar uma carreira com um futuro ainda mais brilhante (um posto mais bem remunerado ou com prestígio internacional, etc.). Nada tem realmente importância, nada é irremediável, nada se inscreve (Gil, 2005, p. 18).

Tal acontece, recorde-se, devido à existência de uma ipseidade exacerbada que se faz construir de uma alteridade difusa e praticamente desconhecida. Esbatem-se, assim, as relações dialógicas não só entre falantes, mas também entre textos de origens várias. Se consultarmos a Figura 3, poderemos observar a relação mais directa entre o texto e a intenção comunicativa da língua, ou seja, a pragmática. Reunidos novamente sob este nível funcional da língua, encontram-se esses textos variados e as intenções dos falantes. É a essa relação, sincrónica e diacrónica, que chamamos dialógica⁵, e na qual assenta a razão de ser de Prosódia Semântica. Consideremos, para começar, a questão que Sinclair coloca:

One hypothesis ... is that the notion of a linguistic item can be extended, at least for English, so that units of meaning are expected

⁵ Adoptamos, neste caso, o termo bakhtiniano, que adiante explicaremos.





to be largely phrasal. Some words would still be chosen according to the open-choice principle, but probably not very many, depending on the kind of discourse. The idea of a word carrying meaning on its own would be relegated to the margins of linguistic interest, in the enumeration of flora and fauna for example.

Part of the supporting argument for this hypothesis is that words cannot remain perpetually independent in their patterning unless they are either very rare or specially protected (for example by being technical terms, if indeed that status offers the protection that is often claimed for it). Otherwise, they begin to retain traces of repeated events in their usage, and expectations of events such as collocations arise. This leads to greater regularity of collocation and this in turn offers a platform for specialization of meaning, for example in compounds (Sinclair, 2004, pp. 29, 30).

Se compararmos esta hipótese com as considerações tecidas até agora no que diz respeito a uma assunção excessiva de alteridade, somos levados a questionar até que ponto é que um item lexical retém os traços remanescentes da sua utilização. Sabemos já que a co-ocorrência mais frequente pode transformar um item lexical livre (ou seja, com uma articulação interlexical menos restrita) num de cariz mais idiomático e cuja articulação com outros itens lexicais é pré-definida. Podemos, neste sentido, afirmar que a Prosódia Semântica age no segundo nível de articulação interlexical. Embora defina restrições combinatorias mais guiadas pela semântica, não as torna absolutamente rígidas e fechadas. No entanto, uma absorção hipertrófica do *outro* pode tornar este princípio menos verdadeiro, uma vez que o item lexical pode, na comunidade de falantes, ver os seus níveis funcionais, semântico e informativo completamente transformados pela sua carga para-semântica. Estabelecendo uma relação de importância entre sentidos denotativo, conotativo e Prosódia Semântica, poderemos dizer que a tensão entre denotação e Prosódia Semântica (a conotação será já o término da Prosódia Semântica decorrente), embora pareça obedecer às regras da dialéctica clássica, não o faz na totalidade. O diálogo não tem necessariamente de ser uma interacção entre dois polos de pensamento. Uma relação dialéctica poderá, afinal, ter um carácter monológico, já que, em alguns casos, “o *outro* que aparece frequentemente no algoritmo dialéctico não é, de todo, um *outro* genuíno, mas





apenas um adereço para o desenvolvimento e a expansão do eu na forma de um sistema totalizante de explicação e controlo» (Wegerif, 2011, p. 203, tradução nossa). Em suma, a ignorância do indivíduo que não compreende o item lexical mas absorve mecanicamente a sua contextualização (por processos meramente fonológicos, por exemplo) poderá ser uma causa da génese da Prosódia Semântica. Tal poderá ser a explicação de uma absorção hiperbólica de um *outro* compreendido nos mesmos termos em que o *eu* se revê, mas não é esta a solução absoluta para o advento da Prosódia Semântica. A dialéctica, na Prosódia Semântica, aplicar-se-á principalmente nos termos da excepção apontada por Wegerif, mas existe também uma outra relação, que poderemos considerar mais fluída, entre diferentes instâncias na produção linguística, entre itens lexicais, sequências discursivas, textos e contextos, como veremos no ponto seguinte.

2.2 O carácter mutável do item lexical

Um item lexical surge, em termos sociais, como uma construção metafórica que procura representar, tanto quanto lhe é possível, não um conceito, mas uma multiplicidade de variações conceptuais e até conceitos que se lhe opõem radicalmente. Um exemplo cabal é o do item lexical inglês *sanction*, o qual pode representar situações diametralmente opostas. O verbo tanto pode significar “aprovação ou permissão, especialmente formal ou legal” como “uma ordem oficial, como a da interrupção de comércio, que é imposta a um país para o obrigar a cumprir a lei internacional” ou mesmo “uma acção severa tomada para obrigar pessoas a obedecer a uma lei ou regra, ou uma punição para quem desobedece” (Cambridge University Press, 2003, tradução nossa). A origem de casos como estes poderá muito bem remontar a situações como as que descrevemos anteriormente: uma compreensão incorrecta ou imparcial de um item lexical e o seu subsequente uso. Deveremos, por isso, entender que o item lexical não é uma entidade intocável e diáfana protegida pelos círculos padronizadores da lexicografia e da gramática tradicional, mas sim um produto das suas utilizações:

Any concrete utterance is a link in the chain of speech communication of a particular sphere. The very boundaries of the utterance are determined by a change of speech subjects. Utterances

www.lusosofia.net





are not indifferent to one another, and are not self-sufficient; they are aware of and mutually reflect one another... Every utterance must be regarded as primarily a response to preceding utterances of the given sphere (we understand the word 'response' here in the broadest sense). Each utterance refutes affirms, supplements, and relies upon the others, presupposes them to be known, and somehow takes them into account... Therefore, each kind of utterance is filled with various kinds of responsive reactions to other utterances of the given sphere of speech communication ... [and with] dialogic overtones, and they must be taken into account in order to fully understand the style of the utterance. After all, our thought itself – philosophical, scientific, artistic – is born and shaped in the process of interaction and struggle with others' thought, and this cannot but be reflected in the forms that verbally express our thought as well (Bakhtin, 1986, pp. 91, 92, destaque nosso).

A relação de interdependência aqui descrita, se recordarmos novamente a Figura 3, implica uma relação fluída entre todos os elementos pertencentes a uma língua, os quais flutuam num plano conceptual em constante mudança. Qualquer “enunciação” (utilizando o termo bakhtiniano⁶) de um item lexical faz-se valer das restantes, actualizando-se e actualizando-as constantemente mediante as utilizações que conhece. Poderemos, aliás, afirmar que existe, na produção linguística, um fio condutor (ou uma rede, já que, como sociedade, somos compostos por indivíduos que, ainda que obedeçam a alguns princípios comuns, estão sujeitos a diferentes tipificações e a uma miríade de relações interpessoais) que liga as diferentes enunciações de um item lexical e as coloca

⁶ Para além de termos decidido traduzir *utterance* por “enunciação”, decidimos, a partir deste ponto, distingui-lo de item lexical. Esta distinção parece-nos, no contexto do fenómeno que nos encontramos a estudar, bastante pertinente, uma vez que o item lexical acaba por ter a natureza das suas enunciações, e não propriamente um carácter universal e imutável. Todavia, recomendamos que, em análises dos *corpora* semelhantes às realizadas neste estudo, se mantenha a referência a itens lexicais, uma vez que a enunciação corresponde à inclusão de um item lexical num ato discursivo isolado cujas variáveis, de ordem contextual e emocional, por exemplo, são próprias e dificilmente replicáveis. O item lexical parte, assim, de um conjunto de enunciações prévias e da perspectiva de enunciações futuras (a expectativa gerada pela Prosódia Semântica ilustra essa perspectiva).





em oposição ou confirmação. É este fio condutor, ainda que por outras palavras, a descrição do termo bakhtiniano de “dialogismo”. Contrapondo-o com a visão mais tradicional de dialéctica, podemos encontrar aqui não só uma melhor explicação para a Prosódia Semântica, mas também para o facto de esta se assumir, em determinados casos, como o significado nuclear (denotativo) de certos itens lexicais. Devemos, neste contexto, compreender o sentido denotativo como algo que, em última instância, é criado pelos falantes e não a partir da simples definição lexicológica de um item lexical. Neste equilíbrio, nem sempre estável, entre ipseidade e alteridade, e à luz do que temos discutido até agora, seria imprudente e redutor continuar a colocar o sentido denotativo do lado da alteridade, a qual, neste caso, constitui os circuitos ditos oficiais e padronizadores de uma língua ou até mesmo fenómenos como o da co-selecção. Sentimo-nos aqui tentados a evocar a questão radical de uma linguística descritiva e não prescritiva, concluindo que a criação, manutenção e evolução do sentido de um item lexical são pertença de um colectivo que, não obstante a sua natureza de pluralidade e até alguma unicidade, é composto por indivíduos, sendo possível haver, se não uma multiplicidade de sentidos igual à da dos indivíduos que compõem a comunidade de falantes, pelo menos uma variedade de tonalidades que, por uso predominante e repetido, se vão convertendo em novos sentidos. Mesmo com a existência dos ditos circuitos oficiais e da existência da co-selecção, a qual poderá contribuir tanto para a manutenção do sentido dito original (denotativo) de um item lexical como para a sua transformação, essa manutenção ou transformação partem de uma escolha pessoal: esta poderá ser consciente se o indivíduo estiver a praticar um simples ato de exibicionismo social ao brandir “palavras” que desconhece. No entanto, a apropriação de um item lexical estranho ao indivíduo pode dever-se simplesmente ao efeito, ao qual chamaríamos subliminar se pudéssemos comprovar tal classificação, da co-selecção. De um modo ou outro, a apropriação de um item lexical é, afinal, a apropriação de uma enunciação singular ou colectiva, ao passo que a sua utilização constitui já a ponderação das enunciações passadas, da intenção comunicativa presente e até mesmo da resposta do alocutário. Bakhtin descreve isto por outras palavras:

The word is born in a dialogue as a living rejoinder within it; the word is shaped in dialogic interaction with an alien word that is already in the object. A word forms a concept of its own object in

www.lusosofia.net





a dialogic way. But this does not exhaust the internal dialogism of the word. It encounters an alien word not only in the object itself: every word is directed toward an answer and cannot escape the profound influence of the answering word that it anticipates.

The word in living conversation is directly, blatantly, oriented toward a future answer-word: it provokes an answer, anticipates it and structures itself in the answer's direction. Forming itself in an atmosphere of the already spoken, the word is at the same time determined by that which has not yet been said but which is needed and in fact anticipated by the answering word. Such is the situation with any living dialogue. The orientation towards an answer is open, blatant and concrete (Bakhtin, 1981, pp. 279, 280).

O pensador acaba por descrever o constante processo de vivificação de uma língua: cada enunciação das suas partes constituintes (nomeadamente item lexical, sintagma, enunciado ou sequência discursiva e texto) é constantemente posta em contacto com o mundo que a rodeia e, conseqüentemente, aceite ou refutada. A questão da co-selecção que referimos no primeiro capítulo é, neste sentido, apenas uma parte desse processo. É verdade que a repetição de uma sequência de itens lexicais transforma o seu uso futuro em algo cada vez mais mecanizado. Todavia, existe para além disso (como temos vindo a afirmar) a possibilidade de uma associação entre uma unidade de baixo valor hierárquico e outra que não lhe é imediatamente maior. Poderemos, nomeadamente, encontrar uma relação semântica e pragmática entre um item lexical e um texto, o qual o poderá ou não comportar. O caso de *tranquilidade* é disso um exemplo. Enquanto posto em relação com o texto que lhe incutiu uma carga para-semântica humorística, foi ao mesmo tempo associado a utilizações pretéritas e futuras, esperando-se que as últimas tivessem já a influência da corrente enunciação. É por isso que deveremos pensar em enunciações e não em meros conceitos que, citando a conceição platónica-socrática, descendem directamente do Mundo Inteligível. Cada enunciação de um item lexical acaba por ser uma entidade individual, colocada no ponto de tensão entre a “Identidade” e a “Diferença”, citando Teixeira (2004, p. 18). É por essa razão que o item lexical (ou seja, o “arquétipo” da enunciação) constitui o eterno devir e porvir de um sistema linguístico: ao ser utilizado,





ganha ou perde atributos semânticos, pragmáticos ou até mesmo sintáticos (como acontece no caso da co-selecção). O item lexical, ao cair no húmus da enunciação, da produção linguística, cai igualmente numa comunidade de falantes que, mesmo laborando em erro (ou seja, compreendendo e utilizando o item lexical de forma errónea), a fazem crescer e ganhar frutos que se multiplicarão em enunciações que seriam cada vez mais particulares se o processo da comunicação, em si, não as hibridizasse novamente. Lançamos, assim, uma ressalva: embora a deriva dos sentidos seja uma realidade, a sua continuação não é um dado adquirido. Poderemos, é verdade, ter casos como o de *sanction*, que conservou ambiguidades talvez semelhantes às que estão, parece-nos, presentemente a ser conferidas ao substantivo português *sustentabilidade*. Todavia, há que ter em conta o facto de os falantes não se desligarem totalmente da norma-padrão, chegando até ao ponto de participar do fenómeno da hipercorreção.

Não obstante, se um indivíduo tiver um contacto deficitário com a sociedade que compõe, a apropriação de um item lexical cuja compreensão envolve a de realidades mais complexas do que as do seu quotidiano poderá ter lugar de um modo igualmente atrofiado. A consciência colectiva, ou *zeitgeist*, que o item lexical comporta – entendemos tal como todas as relações intertextuais presentes aquando da recepção do item lexical em questão – poderão perder-se devido a uma compreensão somente parcial, ou totalmente errónea, da informação veiculada. Perde-se, assim, o dialogismo desse processo de comunicação específico, sendo dado seguimento a um falso diálogo que segue a ressalva registada por Wegerif (2011, p. 203), ou seja, o *outro* como simples meio de revisão e (neste caso, suposta) expansão da ipseidade. Um falante que aproprie inadequadamente um item lexical aceita o “mundo alienígena” de que Bakhtin (1981, p. 279) nos fala sem reservas, replicando-o depois, se for esse o caso, numa tentativa de identificação com o *outro* (o exibicionismo que havíamos referido algumas linhas atrás). Assim, se a enunciação de um item lexical ocorrer devido a um mero fascínio com o *outro*, a que se lhe seguir poderá ver a sua carga semântica dita nuclear corrompida até à completa deturpação. Bakhtin, com efeito, antevê o processo que leva a esta distorção:

... Language, for the individual consciousness, lies on the borderline between oneself and the other. The word in language is half someone else's. It becomes “one's own” only when the spe-





aker populates it with his own intention, his own accent, when he appropriates the word, adapting it to his own semantic and expressive intention. Prior to this moment of appropriation, the word does not exist in a neutral and impersonal language (it is not, after all, out of a dictionary that the speaker gets his words!) but rather it exists in other people's mouths, in other people's contexts, serving other people's intentions: it is from there that one must take the word, and make it one's own. And not all words for just anyone submit equally easily to this appropriation, to this seizure and transformation into private property: **many words stubbornly resist, others remain alien, sound foreign in the mouth of the one who appropriated them and who now speaks them;** they cannot be assimilated into his context and fall out of it; it is as if they put themselves in quotation marks against the will of the speaker. Language is not a neutral medium that passes freely and easily into the private property of the speaker's intentions; it is populated – overpopulated – with the intentions of others (Bakhtin, 1981, pp. 293, 294, destaque nosso).

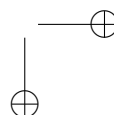
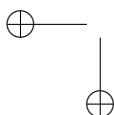
O problema, chamemos-lhe assim, da apropriação de um item lexical reside exactamente no momento em que o falante adquire estas “palavras alie-nígenas” e as toma como suas, dando-lhes, tal como acontecera antes dele, intenções comunicativas únicas e privativas que, todavia, estão prestes a pertencer a um espaço colectivo que as poderá receber inocentemente. Poderemos, em termos dialógicos, colocar este processo nestes termos: o *outro* transforma a ipseidade de um indivíduo de um modo desequilibrado, podendo-se originar casos como os já referidos *sustentabilidade* e *conjuntura*, cujo uso “desoficializado⁷” repetido se assemelha ao conceito bakhtiniano de “carnavalização”, ou seja, “a libertação temporária [de uma enunciação] da ordem estabelecida (Prodromou, 2008, p. 83)”. Um caso, já citado neste trabalho, de carnavalização é o já demonstrado *tranquilidade*. Este item lexical, recordemos, ao ser utilizado por um grupo de humoristas num determinado contexto, adqui-

⁷ Entendamos “desoficializado” como estando fora das descrições (ou prescrições, nos piores casos) lexicológicas. Como veremos no último capítulo, a Prosódia Semântica é, muito provavelmente, gerada (ou pelo menos encorajada) pelos meios de comunicação social e também pelo discurso parlamentar.





riu aquilo que poderemos considerar uma carga para-semântica humorística, a qual teve um efeito duradouro na comunidade de falantes portuguesa. Este é um processo que poderá dar origem, como vimos, à Prosódia Semântica, a qual, neste caso, confere aos co-ocorrentes do item lexical crítico, se não uma carga pragmática diferente, pelo menos uma expectativa de uma contextualização dada ao humor. A carnavalização de *tranquilidade* – carnavalização é, por definição, uma alteração de contornos humorísticos do sentido normalmente atribuído a um item lexical – permite, aquando da sua aplicação numa sequência discursiva, a carnavalização da mesma. Encontramo-nos, assim, perante um processo dialógico, uma vez que um item lexical, independentemente do seu grau de complexidade, é actualizado pelos seus usos pretéritos, presentes e até mesmo futuros, já que se gera a expectativa que havíamos referido quanto à Prosódia Semântica. Poderemos, deste modo, identificar os meios de comunicação social não só como receptores das práticas sociais, mas também como modeladores das mesmas ao criar ou importar e, conseqüentemente, tornar perpétuos determinados padrões linguísticos, como é o caso da co-selecção provocada por requisitos para-semânticos, ou seja, a Prosódia Semântica. Deveremos, neste sentido, vincar a importância do equilíbrio – ou até mesmo de um *continuum* – entre a ipseidade e a alteridade no que diz respeito ao fenómeno em estudo na presente obra. Caso uma enunciação não se sustenha no meio-ponto desse equilíbrio, a Prosódia Semântica terá efeitos devastadores sobre um determinado item lexical e as suas cargas semântica e informativa. É necessário que, num processo comunicativo, exista um inconsciente metalinguístico que se poderá ou não tornar consciente e que leva os falantes, tanto na qualidade de locutores como de alocutários, a tomarem opções sobre o discurso que produzem e o que interpretam. Caso contrário, a absorção acrítica do discurso que a imprensa e outras entidades reguladoras do espaço público produzem causará graves danos no pensamento e na língua ao fazer com que enunciações derivem violentamente dos conceitos que deveriam representar. Outrossim, numa sociedade cada vez mais global, impõe-se a necessidade de uma compreensão de ordem extra-social que não deverá ser limitada à opinião alheia, à alteridade absoluta. Contudo, essa compreensão depende geralmente do trabalho do tradutor, sobre o qual recai a tarefa de compreender o pano de fundo social da língua que traduz e de transmitir essa compreensão à língua de destino. Muitas vezes, cai na armadilha de manter uma zona de conforto, seja esta de ordem mais primária, isto é, fonológica,





ou mais conceptual, ou seja, semântico-pragmática. Caso tal aconteça, muitos itens lexicais da língua de destino poderão estar destinados à mutabilidade ou até mesmo à extinção. É por esse motivo que *notório* surge regularmente no lugar de *famigerado*. Veremos, de seguida, as razões para tal.

2.3 Comunicação intersocial: o caso da tradução

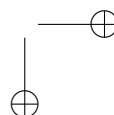
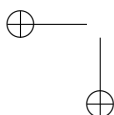
Com o advento, cada vez mais presente, da globalização, cresce a urgência de colocar nações e culturas em contacto, levando-as a uma melhor compreensão mútua. Por ora, o principal veículo deste processo tem sido a tradução. Afinal, as barreiras linguísticas têm de ser eliminadas – ou, pelo menos, mitigadas – para que, com elas, desapareçam incompreensões, silêncios e até conflitos. O texto traduzido é, neste prisma, o recurso dos que querem usufruir de culturas estrangeiras ou globais e não conhecem as línguas de destino. No entanto, a tradução não constitui uma solução perfeita, uma vez que as idiosincrasias de uma língua poderão ser também as da cultura a que pertence e, como tal, intransmissíveis às restantes. Ademais, o próprio tradutor poderá, não obstante a sua proficiência, cometer erros que se estenderão ao receptor do texto traduzido e, por sua vez, ao seu círculo social, sendo as consequências de crescimento exponencial e imprevisível. O erro pode consistir tanto em termos semânticos ou pragmáticos como quando não se respeita o equilíbrio, ditado pelo texto original, entre sintaxe, semântica, pragmática. É por isso que uma tradução deve ser cuidadosa, ponderada e proactiva, uma vez que o tradutor deve prever que os resultados produzidos na língua de destino sejam equivalentes à intenção comunicativa, por mais idiosincrática que seja, da língua de origem. Estes elementos poderão ser de natureza subliminar e criados voluntária ou involuntariamente, sendo apercebidos em instâncias mais primárias e imediatas da nossa consciência. Falamos, é claro, da Prosódia Semântica. Esta é, afinal, o ponto de confluência (gerado, como vimos já, pela sintaxe) entre semântica e pragmática, uma membrana que, pressionada do lado da semântica, dará mais importância à percepção da carga pragmática da sequência discursiva e que, na situação contrária, produz uma transformação no nível funcional semântico da sequência discursiva ou do item lexical crítico.

A necessidade de equilíbrio entre estes elementos (sintaxe, semântica, pragmática e Prosódia Semântica) deixa já adivinhar a extrema dificuldade





de replicar, através de uma sequência linguística, um plano cultural noutra. Embora as culturas conheçam um contacto cada vez mais estreito, afigura-se por ora impossível uma fusão cultural perfeita e sem tensões. Surge, em termos globais, algo semelhante ao mito Norte-Americano do *melting pot*, o qual acaba por constituir uma “manta de retalhos”, um monstro do Frankenstein que, por ser produto de várias identidades, não possui uma unicidade e, por isso, uma harmonia identitária. Se pensarmos na facilidade com que surgem diferenças culturais de dimensões ínfimas – os bairrismos, clubismos e regionalismos são um exemplo flagrante – não é surpreendente que tais diferenças se façam ampliar por distâncias geopolíticas de larga escala. A cultura de um povo continua, de certo modo, a ser impermeável às demais. Assim, se o sentimento de alienação de um indivíduo menos informado é significativo aquando do contacto com a sua cultura, então maior será quando esse contacto ocorre com os produtos de *poleis* alheias. Mesmo um sujeito multilingue, isto é, “que apresenta competência comunicativa e gramatical em mais de duas línguas” (Dicionário de Termos Linguísticos), poderá possuir um conhecimento mais aprofundado dos elementos (nomeadamente sintácticos, fonológicos, semânticos e pragmáticos) de uma língua não materna (vd. Madeira, 2008, pp. 190, 191). Todavia, uma língua não é um mecanismo, mas sim um organismo antropomórfico, na medida em que, tal como os seus criadores e utilizadores, possui sinergias infinitesimais que lhe conferem uma complexidade extrema. Desse modo, uma tradução não pode ser definida como uma mera transposição de signos linguísticos. Um conceito poderá coexistir em diferentes línguas de um modo pleno, parcial ou poderá até não coexistir de todo. Por isso, uma tradução deverá estar revestida de todos os cuidados possíveis. É necessário que os panos de fundo das línguas traduzidas sejam conhecidos da forma mais completa possível. De outro modo, tentar-se-á uma tradução que, pura e simplesmente, não é bem-sucedida não por inépcia, mas por uma falta de conhecimento que poderá nem ser grave. Imagine-se, por exemplo, a produção de um texto, em português, no qual se alude à *tranquilidade* jocosa perpetrada pelos Gatos Fedorentos. Será possível que tal se replique numa língua estrangeira? Para que tal aconteça, o tradutor terá de saber se existiu, alguma vez, um caso de “carnavalização” de um item lexical equivalente na língua de destino. Caso contrário, o efeito humorístico perder-se-á, e o tradutor terá de recorrer a uma indesejável nota de rodapé explicativa. O tradutor, assim, tem





de ser, mais do que um hermeneuta, um conhecedor da cultura traduzida e da que para a qual se traduz:

El traductor encuentra fragmentos de su propio pasado dispuestos a presentarse, a re-nacer en cualquier momento. Como el escritor, encuentra “borradores y textos hechos trizas. Es decir su cultura. . . el ‘bagaje’ de sus lecturas, como si cupiese en una maleta. El pasado de sus lecturas, en tanto que las palabras de ese pasado no están presentes, sino dispuestas a presentarse en la memoria del escritor-escribiente o del traductor (Claramonte, 1997, pp. 103, 104).

Encontra-se assim o tradutor perante uma dupla alteridade, já que esta se opõe à ipseidade individual e colectiva. Torna-se, então, duplamente difícil a consonância com o autor do texto original, o seu passado, a sua experiência e a intenção comunicativa. O processo dialógico, neste caso, dá um salto quântico, refractado por uma alteridade muito mais densa. O indivíduo, ao possuir as suas idiossincrasias, possui também, de um modo mais ou menos pleno, as do seu pano de fundo cultural. Por esse motivo, o tradutor pode, pelo menos, esbater esse ponto de refração ao conhecer a sua alteridade imediata, isto é, o seu meio envolvente e a de segunda ordem, que constituirá a cultura que lhe é alheia. Para além disso, conhecer o autor do texto original poderá também ser um factor importante para o sucesso, assaz relativo, de uma tradução. Há, afinal, autores mais globais e autores mais nacionais e particulares. A tradução do conceito nietzschiano *übermensch*, por exemplo, é, de certo modo, redutora. Embora a tradução mais aceite seja, no caso do português, *super-homem*, o prefixo alemão *über* – possui conotações de superioridade ou transcendência que o prefixo latino *super* – não capta de um modo tão envolvente. Afinal, os conceitos filosóficos não são facilmente traduzíveis, uma vez que se inscrevem profundamente, em primeira instância, no pensamento dos seus criadores e, em segundo lugar, na língua que os origina. Como nos diz Deleuze, no que diz respeito à génese do conceito a partir do pensador,

alguns conceitos têm de ser indicados por uma palavra extraordinária que, por vezes, chega a ser bárbara ou chocante. Para outros conceitos, basta uma palavra comum e quotidiana cujos





harmónicos são tão distantes que se arrisca a ser imperceptível ao ouvido. Alguns conceitos requerem arcaísmos ou neologismos repletos de práticas etimológicas extravagantes (Deleuze e Parnet *apud* Deleuze e Guattari, 1994, p. viii, tradução nossa).

Para além disso, as palavras comuns guardam também os seus segredos também por pertencerem a uma língua diferente. Vejamos, por exemplo, o que afirmam os tradutores de Deleuze e Guattari acerca de *chiffre*:

There are various English translations of *chiffre*, for example. These include “figure,” “numeral,” “sum total,” “initials” or “monogram,” “secret code or “cipher.” None of these capture the philosophical use of the word in the present work. In some instances, we have rendered *chiffre* as “combination” to indicate an identifying numeral (in the sense of the combination of a safe or an opus number, as in music) of a multiplicity, but which is not, however, a number in the sense of a measure (Deleuze e Guattari, 1994, p. iv).

Estes exemplos demonstram, em termos de comunicação intersocial, a dupla alteridade a que nos referimos, composta pelas *nuances* e particularidades tanto do locutor como da sua língua. No entanto, estas particularidades podem ir até aspectos que ultrapassam a língua: música, gastronomia e espaço físico, por exemplo. No caso da música, a compreensão do fado por ouvintes estrangeiros apenas atingirá a sua plenitude se esses ouvintes adquirirem uma portugalidade mais prática e menos teórica. O mesmo acontece, no caso dos Estados Unidos da América, com o *blues*, estilo de música que se encontra profundamente enraizado na história do país e dos seus direitos civis. No caso da gastronomia, por exemplo, não é difícil imaginar a perplexidade de um cidadão que não seja português ao tomar conhecimento, por tradução literal, da existência das “punhetas de bacalhau”. O espaço físico (neste caso, uma simples peculiaridade arquitectónica), por seu turno, poderá também originar incompatibilidades como a que Eco descreve:

Sempre me intrigaram as possíveis traduções do início de *Le cimetière marin* de Valéry, que reza:





‘Ce toit tranquille, où marchent des colombes,/Entre les pins pal-
pite, entre les tombes;/midi le juste y compose de feux/la mer, la
mer, toujours recommencée!’

É evidente que o telhado por onde passeiam as pombas é o mar. [...] O problema é antes que [...] a imagem mais óbvia é a de um céu azul. Porque é que uma superfície azul tem de aparecer como telhado? A coisa resulta desagradável para o leitor italiano e para os leitores dos países (incluindo a Provença) onde os telhados por definição são vermelhos. O facto é que Valéry [...] pensava (na minha opinião) como um parisiense. E em Paris os telhados são de ardósia, e ao sol podem dar reflexos metálicos. Portanto *Midi le juste* cria sobre a superfície marinha reverberações prateadas que a Valéry sugerem a extensão dos telhados parisienses. Não vejo outra explicação para a opção por esta metáfora, mas dou-me conta de que ela resiste a qualquer tentativa de tradução clarificante (a menos que se perca em paráfrases explicativas e que matariam o ritmo e desnaturariam a poesia) (Eco, 2005, pp. 172, 173).

Mesmo a história das línguas de origem e destino influi, com mais ou menos importância, neste processo de comunicação intra-social. Como temos vindo a descobrir, o sentido de um item lexical encontra-se em perpétua alteração, e torna-se premente, mais do que nunca, accionar um processo dialógico quando se lida com textos de épocas transactas. Atendamos à ilustração que Eco nos disponibiliza ao referir o seguinte poema, da autoria de Dante Alighieri: “Tanto **gentile** e tanto **onesta** pare/La **donna** mia, quand’ella altrui saluta,/Ch’ogne lingua devem tremando muta,/E li occhi no l’ardiscon di guardare. // Ella si va, sentendosi laudare/, **benignamente d’umilità vestuta**;/e par che sai una soa vernuta/da ciel in terra a **miracol** mostrare” (*apud* Eco, 2005, p. 30). Assim,

Para além das muitas variações gramaticais e sintáticas em relação ao italiano actual, no plano lexical nos tempos de Dante todas as palavras que pus a negro tinham um significado diferente do que lhes atribuímos nós. *Gentile* não queria dizer bem educada e de boas maneiras, mas era termo da linguagem cortês



e significava de nobre nascimento. *Onesta* referia-se ao decoro exterior, *pare* não queria dizer «parece» nem «aparece», mas sim «manifesta-se na sua evidência» (Beatriz é a manifestação visível do poder divino). Donna queria dizer *Domina*, no sentido feudal do termo (neste contexto Beatriz é a Senhora do coração de Dante)[...] (Eco, 2005, p. 30).

Torna-se, deste modo, evidente a necessidade de um processo dialógico, na medida em que um texto, ao ser lido e ao dar origem a um outro, carece de uma associação com os seus precedentes culturais, em termos gerais, e linguísticos, em termos particulares, para que o texto actual (neste caso, a interpretação que se faz do original) não derive da intenção comunicativa original. Reflectindo um pouco mais sobre o caso do soneto de Dante, poderemos imaginar a tradução paupérrima, ou até mesmo desviante, que resultaria caso o tradutor conhecesse a língua italiana sem, no entanto, conhecer os seus estados pretéritos, bem como a história de Itália (e, particularmente, da Florença coeva a Dante). Ao duplo impedimento que havíamos referido, o de uma alteridade redobrada, poderíamos ainda adicionar o da extrema dificuldade que a tradução/recriação do poema apresentaria em termos de imagem, rima, ritmo e sonoridade. Estes, no entanto, não são elementos cuja discussão seja aqui pertinente. Em suma, os processos dialógicos intersocial e realizado em diacronia e o que se realiza num eixo intra-social afastam completamente a ideia de uma interpretação imanentista de qualquer discurso. Não só existe a barreira do *outro*, mas também a dos pressupostos colocados pela ipseidade em si. Um leitor ou tradutor de Dante, continuando com o exemplo do soneto “Tanto gentile e tanto onesta pare”, irá povoar a interpretação que faz com as suas vivências e expectativas, realizando um processo dialógico que, espere-se, será equilibrado pela influência do *outro*. Sardinha, neste sentido, diz-nos:

O leitor constrói um texto paralelo e intimamente relacionado com o texto publicado. Para cada sujeito este torna-se um texto diferente. O texto do leitor envolve inferências e co-referências baseadas nos *schemata* que se trazem para o texto. E é o seu texto que o leitor compreende e sobre o qual se baseará em referências futuras.



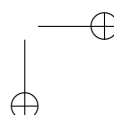
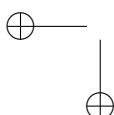
A forma como cada leitor interage com o texto depende do desenvolvimento das suas estruturas linguísticas, cognitivas e culturais (Sardinha, 2007).

Estas considerações parecem ir ao encontro do “movimento hermenêutico” proposto por Steiner⁸, principalmente no que diz respeito aos passos da “confiança” e da “incorporação”. Relativamente ao primeiro, Steiner diz:

The hermeneutic motion, the act of elicitation and appropriative transfer of meaning, is fourfold. There is initiative trust, an investment of belief, underwritten by previous experience but epistemologically exposed and psychologically hazardous, in the meaningfulness, in the ‘seriousness’ of the facing or, strictly speaking, adverse text. We venture a leap: we grant *ab initio* that there is something there to be understood, that the transfer will not be void. (Steiner, 1998, p. 312)

Quanto a este “investimento de crença”, encontramos principalmente num campo ipseísta, ou seja, mais ligado à construção individual do tradutor (ou alocutário, se quisermos transpor este processo para um campo mais geral de recepção linguística), o qual se coloca perante o discurso externo assumindo a sua capacidade de o compreender. Ora, se um processo hermenêutico se limitasse a este passo, a transferência de informação e conhecimentos novos através do discurso seria impossível, uma vez que o alocutário se sentiria sempre como se não carecesse de explicação, agindo assim como um mero receptáculo da informação supostamente veiculada. Se relembrarmos as nossas considerações acerca da Prosódia Semântica, principalmente a do perigo de uma alteridade aprisionada no *eu* (em oposição a uma alteridade como meio de expansão da ipseidade de um indivíduo), então poderemos afirmar que a fixação de significados mediante Prosódia Semântica se deve ao que podemos, livremente, apelidar excesso de confiança (ou de falsa confiança), uma vez que o indivíduo que procura obter significações mediante co-ocorrência e Prosódia Semântica e depois as replica, age neste desequilíbrio. Por outro

⁸ Note-se que este conceito, embora surja no contexto da tradução, pode ser transposto para a realidade do binómio ipseidade-alteridade. Afinal, toda a interpretação linguística comporta uma tradução, mesmo sendo intralinguística e intra-social.



lado, um tradutor-alocutário que desconhece inteiramente a Prosódia Semântica do item lexical que recebe, interpreta e traduz poderá igualmente laborar no erro de confiar no facto de que a enunciação que recebe é a que espera em termos semânticos e pragmáticos. Até mesmo um item lexical que, através da Prosódia Semântica, tenha completado o processo de alteração semântica (ou seja, o seu valor conotativo passou a denotativo), ainda que mais óbvio, poderá induzir alguns tradutores em erro. Vejamos, neste sentido, o exemplo do item lexical inglês *notorious* e a seguinte amostra do *British National Corpus* (20 ocorrências, KWIC):

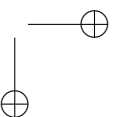
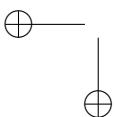
MAN was injured in an accident between two lorries on the	notorious	A66 trans-Pennine route yesterday afternoon . Yesterday 's
the mainstay of treatment , and in 1537 Barbarossa , a	notorious	Algerian pirate on hearing that Francis I of France had
, about royal authority and ecclesiastical obligations , by its	notorious	and indecorous vehemence , has attracted much attention from
the Nurburgring # The old Nurburgring was one of the most	notorious	and testing of racing circuits . Built around the village of
before it -- the ' Flag law ' and the two	notorious	anti-Jewish Nuremberg Laws ' (the Reich Citizenship Law ,
anti-semitic spectacles, despite being a second cousin to such	notorious	anti-semites as Cecil and G.K. Chesterton . Although the report
have heard of, and partly because the famous and/or	notorious	are what a less obsessive and more catholic readership wants to
Salve Deus Rex Judaeorum (1611) , she has become	notorious	as a result of attempts made to identify her as the '
are like a revenge of the slaves . Today Britain is	notorious	as the country with the worst food in the world -- and
had brought him without his knowledge to an Edwardian terrace	notorious	as the haunt of poor immigrants and richer prostitutes . He
to north-northeast to enable HMS Impregnable to clear the	notorious	Bembridge ledges Sails were hauled in and the ship started to
either side of her . Rats , like rabbits , were	notorious	breeders She reached the buffer and rolled out from underneath
Scaevola little or no opportunity (especially considering his	notorious	brevity to reflect on the workings of legacies if the case
and hence that state autonomy is reduced . While there are	notorious	cases of overt interference in domestic politics by TNCs -- for
perspective the hefty pay rises recently secured by certain	notorious	chief executives but they still show boardroom salaries
of hard thinking . Generally the subject is some particularly	notorious	crime in the past . (Do n't , of course ,
with an assault force of Chelonians and the galaxy 's most	notorious	criminal in the space of a day . One problem at a
d Order declared that the government would not repeal its most	notorious	detention law section 29 of the Internal Security Act , which
to emerge in the Sun newspaper last year , as the	notorious	Dianagate or Squidgy tapes . At first , it was believed that
film M. What Lorentz liked about this dramatization of the	notorious	Dsseldorf sex murderer was that it had all the feel of a

Figura 6 – Amostra truncada e recortada do resultado em KWIC de *notorious*, obtido a partir do *British National Corpus* (Davies, 2004).

Como os resultados nos demonstram, este item lexical ultrapassa já as raías da Prosódia Semântica. Com efeito, foi no séc. XVII que começou a obter conotação negativa por associação a contextos negativos (Harper, 2001-2013) e, presentemente, os dicionários apontam já *notorious* como um ad-



jectivo unicamente utilizado para designar algo ou alguém conhecido por algo desfavorável (“famous for something bad” [Cambridge University Press, 2003]). Todavia, a proximidade fónica (devido à raiz etimológica que é partilhada) de *notorious* a *notório* transforma este item lexical num *false friend*, o que o faz ocupar um lugar, em termos de tradução, muito semelhante a itens lexicais que ainda carregam Prosódia Semântica negativa, já que o tradutor pode inadvertidamente entender *notorious* como um adjectivo que indica simplesmente fama ou notoriedade. E é isso que, de facto, acontece. Alguns tradutores cometeram o erro de tratar *notorious* como um adjectivo neutro, como podemos observar na seguinte figura, extraída do *corpus* contrastivo *COMPARA*:



EBDL2 (1291):	Vic's frequent but unpredictable visits to the shop floor are notorious .	As visitas frequentes, mas imprevisíveis, de Vic ao piso das oficinas são famosas.
EJBJ1 (644):	And what of subsequent visits, when he had become author of the notorious <i>Madame Bovary</i> ?	E quando às visitas subsequentes, quando já era o autor da escandalosamente famosa <i>Madame Bovary</i> ?
EBOW1 (1167):	His extraordinary absences became notorious , and, when he used to reappear again in society, men would whisper to each other in corners, or pass him with a sneer, or look at him with cold searching eyes, as though they were determined to discover his secret.	Tornaram-se notadas as suas ausências extraordinárias, e, quando reaparecia na sociedade, os homens cochichavam uns com os outros pelos cantos, passavam por ele com um sorriso escarminho ou fitavam-no com um olhar frio e perscrutador, como se pretendessem arrancar-lhe o seu segredo.
PPCP1 (467):	Within, hordes of men ascended and descended, each with one of the notorious 'watercasks' on his shoulders,	Uma vez lá dentro, vêem um formigar de soldados, encosta abaixo encosta acima, carregando ao ombro o célebre «barril d' água».
PPJS1 (736):	In the small study, which seemed to be solely for my friend's use (nobody ever came in to fetch anything), although he never actually took anything down from the notorious bookcase (which, whatever the time might be, regarded me with utter impassivity and the most impersonal innocence), we began our studies, or rather I began my imitation of a benevolent gramophone.	No escritório pequeno, que parecia privativo do meu amigo (nunca ninguém lá entrava a procurar alguma coisa), embora ele não tirasse nunca nada da estante famigerada (que, fosse qual fosse a hora, me respeitava com a maior impassibilidade e a mais anónima das inocências), começámos o nosso estudo, ou melhor, eu dei início ao meu papel de gramofone benevolente.
PPMC1 (706):	I tried to rouse Aulus out of his reticence by mentioning the bandit Arsenna and some perfumes and unguents that the city's female population had been waiting for greedily for months and that, it was suspected, were now embellishing the bandits' lady friends in those notorious hostelries out there.	Tentei despertar Aulo da sua soturnidade, nomeando o salteador Arsenna, a propósito de uns perfumes e unguentos que a população feminina da cidade esperava havia meses com sofreguidão e que se suspeitava embelezarem agora as companheiras dos bandidos, por essas estalagens de má fama.

Figura 7 – Resultados de *notorious* no *COMPARA* (Linguatca, 2011).

Antes de analisarmos estas traduções, há que sublinhar que os três primeiros casos se tratam de traduções de texto originalmente em inglês, sendo os restantes casos traduções do português⁹. O primeiro caso, no qual «notori-

⁹ A notação incluída antes de cada caso corresponde a uma informação bibliográfica. As duas primeiras letras representam a língua de origem da obra referenciada (texto original) e a sua variante (PP significa Português Europeu; PB, Português do Brasil; PA, Português de



ous»¹⁰ é traduzido por «famosas», é sintomático do desconhecimento do carácter negativo de *notorious*, o que já não acontece quando, no segundo caso, «notorious» é vertido para «escandalosamente famosa». Já no terceiro caso, o próprio contexto (a obra traduzida é *The Picture of Dorian Gray*, de Oscar Wilde) empresta a «notadas» uma conotação negativa que dispensa a transposição da Prosódia Semântica de *notorious* para o texto traduzido. O quarto caso, de *A Balada da Praia dos Cães*, de José Cardoso Pires, reporta à actividade, consignada aos prisioneiros do Forte da Graça (antiga prisão militar de Elvas), de encherem a cisterna do mesmo, carregando às costas barris que eram cheios na Fonte do Marechal. A decisão da tradutora é, então, de louvar, uma vez que «célebres», embora não possuindo uma carga para-semântica negativa, é acompanhado de um contexto que atribui uma certa ironia ao item lexical utilizado e que torna pertinente o uso de «notorious» na tradução. Os dois últimos casos, por sua vez, são bastante evidentes, com «famigerada» e «de má fama», obviamente modificadores negativos, a encontrar o seu item lexical equivalente em «notorious». Os casos em que *notorious* foi incorrectamente traduzido são sintomáticos de um pendor para o primeiro passo do movimento hermenêutico evocado por Steiner e, por isso, uma confiança excessiva na capacidade de descodificar uma mensagem duplamente externa.

No entanto, ao passo que o fenómeno acima descrito é centrado na construção do *eu*, uma incorporação do *outro* que não seja contrabalançada com o lado ipseísta de um ato hermenêutico torna-se igualmente pernicioso. Falamos, assim, da terceira instância do movimento hermenêutico de Steiner: a incorporação. Este passo, parece-nos, encontra-se num campo diametralmente oposto à confiança, uma vez que, agora, o tradutor tem de abandonar o seu julgamento subjectivo para se concentrar na importância da preservação do *outro* no texto que interpreta e traduz. Ora, uma incorporação forçada de um texto resultará num texto traduzido – ou, se mantivermos a nossa perspectiva dialógica e bakhtiniana, numa nova enunciação – alienígena e grandemente estranho à cultura que o recebe. Steiner, neste sentido, refere o seguinte:

África; EB, Inglês Britânico e EU, Inglês dos Estados Unidos). Os restantes dígitos representam as iniciais dos autores referenciados. Para mais informações, consultar a página situada em <http://193.136.2.104/COMPARA>.

¹⁰ Relembre-se que decidimos apresentar os lemas em itálico e os itens lexicais entre aspas angulosas.





... we may be mastered and made lame by what we have imported. There are translators in whom the vein of personal, original creation goes dry. MacKenna speaks of Plotinus literally submerging his own being. Writers have ceased from translation, sometimes too late, because the inhaled voice of the foreign text had come to choke their own. Societies with ancient but eroded epistemologies of ritual and symbol can be knocked off balance and made to lose belief in their own identity under the voracious impact of premature or indigestible assimilation. The cargo-cults of New Guinea, in which the natives worship what airplanes bring in, provide an uncannily exact, ramified image of the risks of translation. (Steiner, 1998, pp. 315, 316)

Por outro lado, a incorporação poderá assumir uma postura mais amigável para o leitor do texto traduzido, na medida em que este poderá ser orientado para uma maior naturalidade face à língua de destino. No entanto, a intenção comunicativa poder-se-á perder, não obstante a intenção, por parte do tradutor, de manter o equilíbrio entre a forma e conteúdo. Estamos, assim, diante de uma tentativa para manter um equilíbrio precário entre a “incorporação ou encarnação sacramental e a infecção” (Steiner, 1998, p. 315, tradução nossa). Afinal, forma e conteúdo poderão ser interdependentes e até mesmo indissociáveis, na medida em que o uso de um determinado item lexical poderá ser insubstituível por quase-sinónimos. Para além da manutenção das propriedades fónicas de um item lexical (que poderá resultar em ritmos e sonoridades a manter numa tradução, as quais carregam em si um valor semântico e pragmático supra-segmental, ou seja, prosódico), é necessário, e até mesmo desejável, a replicação, na língua de origem, das funções semânticas e pragmáticas do item lexical recebido/traduzido e, claro está, da sua carga para-semântica, das suas propriedades afectivas e avaliativas que, em certos casos, decorrem em instâncias praticamente subliminares. Apresentaremos, de seguida, um exemplo que demonstra este facto.

2.4 Exemplificação: o caso de *widespread*

Imaginemos que um tradutor se depara com o adjectivo inglês *widespread*. Qual é o correspondente perfeito, na língua de destino, para o referido adjec-





tivo? Embora este surja no *Cambridge Advanced Learner's Dictionary* como “existente ou decorrente em vários lugares e/ou entre várias pessoas” (Cambridge University Press, 2003, tradução nossa), a verdade é que este é um item lexical com algum nível de Prosódia Semântica negativa, o que significa que a sua tradução pede um item lexical de valor para-semântico equivalente. Antes de discutir quais são os itens lexicais que melhor replicam os níveis semântico, para-semântico e pragmático de *widespread*, é premente descobrir quais as nuances deste adjectivo, investigando-o no seio dos *corpora* linguísticos, os quais nos permitirão ver como respira verdadeiramente o item lexical em epígrafe. Vejamos, então, o seguinte gráfico, que apresenta os resultados de procura de co-ocorrentes habituais (substantivos) de *widespread*¹¹:

¹¹ Antes de discorrarmos sobre os resultados obtidos, convém que apresentemos duas advertências: a apresentação de co-ocorrentes habituais ocorrerá por item lexical e não por lema. Isto porque, conforme demonstrámos, as formas com que cada lema surge numa sequência discursiva carregam mais ou menos Prosódia Semântica (por exemplo, para o lema *dúvida*, determinámos que «dúvidas» se faz associar mais ao verbo *suscitar* do que «dúvida»). Esta metodologia, que nos acompanhará ao longo do resto deste estudo (nomeadamente, do estudo de caso que se seguirá), vai aliás ao encontro do paradigma bakhtiniano, principalmente no que diz respeito ao facto de que um item lexical, em associação a níveis hierárquicos de significação superiores ou até inferiores, produz enunciações diferentes. A segunda advertência é a de que nos parece mais seguro efectuar somente uma busca de co-ocorrentes habituais imediatamente a seguir ao adjectivo, o que nos permitirá encontrar substantivos que são por ele modificados. Embora esta investigação apresente já algumas pesquisas nas quais se procuram substantivos (portugueses) que possam surgir antes do item lexical crítico, a sistematização de tal metodologia parece-nos irrelevante e até redundante.



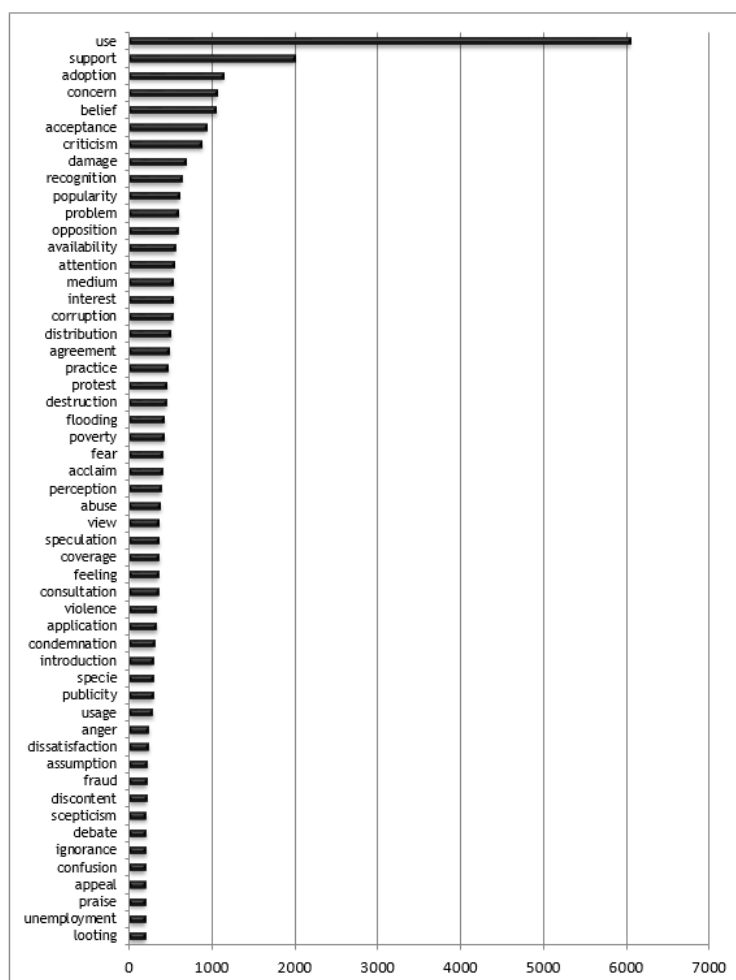


Gráfico 12 – Co-ocorrentes habituais (parte 1) de *widespread* de acordo com o corpus *IntelliText*¹² (Centre for Translation Studies, 2011).

¹² Os *corpora* que, de entre os reunidos pelo interface *IntelliText*, foram utilizados nesta busca foram o English BNC, INTERNET-EN, UKWAC, WIKI-EN, REUTERS, NEWS-GB, BLOGS-EN, BROWN, BE06e AME06 (ver *website* para mais informações).

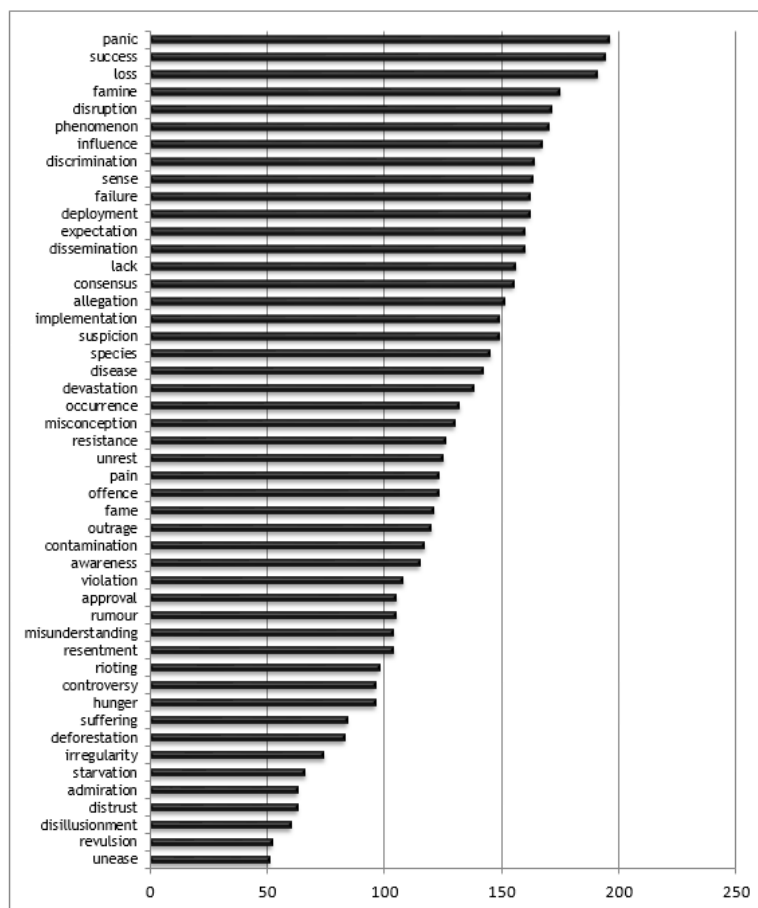


Gráfico 13 – Co-ocorrentes habituais (parte 2) de *widespread* de acordo com o corpus *IntelliText* (Centre for Translation Studies, 2011).

Embora este item lexical nos pareça, de acordo com os co-ocorrentes com maior frequência, mais neutro, podemos verificar que *widespread* se alia a um maior número de itens lexicais de carácter negativo. Na tabela que se segue, encontramos 54 casos, os quais resultam numa soma de 13080 co-ocorrências

(de um total de 36516 *tokens*) com *widespread*. Logo, a frequência relativa percentual de co-ocorrentes com cariz potencialmente negativo é de 35,82%.

Tabela 3 – Co-ocorrentes habituais de *widespread* com cariz potencialmente negativo

concern	1059	scepticism	205	pain	123
criticism	884	ignorance	204	outrage	120
damage	688	confusion	201	contamination	117
problem	598	unemployment	199	violation	108
opposition	590	looting	198	resentment	104
corruption	526	pani	196	misunderstanding	104
protest	461	loss	191	rioting	98
destruction	453	famine	175	hunger	96
flooding	428	disruptio	171	controversy	96
poverty	426	discriminatio	164	suffering	84
fear	408	failure	162	deforestation	83
abuse	379	allegatio	151	irregularity	74
violence	331	suspicion	149	starvation	66
condemnatio	307	disease	142	distrust	63
anger	241	devastation	138	disillusionment	60
dissatisfactio	238	misconceptio	130	revulsion	52
fraud	219	unrest	125	unease	51
discontent	216	offenc	123		

Embora isto signifique que o número de co-ocorrências propriamente ditas não é predominante, o número de itens lexicais de carácter negativo com os quais *widespread* ocorre é largamente superior ao número de itens lexicais de cariz aparente e potencialmente neutro e positivo, como poderemos confirmar. Vejamos, então, os co-ocorrentes considerados neutros:

Tabela 4 – Co-ocorrentes habituais de *widespread* com cariz potencialmente neutro

use	6050	view	367	influence	167
adoption	1140	coverage	361	sense	163
belief	1052	feeling	358	deployment	162
recognition	635	consultation	357	dissemination	160
availability	560	application	329	expectation	160
attention	547	introduction	295	lack	156
medium	539	specie	294	implementation	149
interest	536	publicity	291	species	145
distribution	504	usage	283	occurrence	132
practice	477	assumption	221	resistance	126
perception	387	debate	204		
speculation	367	phenomenon	170		

Como podemos observar, embora a distribuição seja menor, isto é, os co-ocorrentes neutros de *widespread* sejam em menor quantidade (temos, desta vez, somente 34 casos), é neste campo que existem mais co-ocorrências (17844 no total, o que perfaz 48,87%). Para além de podermos concluir que *widespread* possui Prosódia Semântica neutra/negativa, não podemos esquecer que, embora com menos repetições, existe mais compatibilidade, ou seja, uma co-selecção mais alargada, com itens lexicais de cariz negativo. Observe-se, para que esta análise fique completa, que o número de itens lexicais de carácter potencialmente positivo com os quais o adjectivo co-ocorre é somente de 13 (5592 co-ocorrências, o que resulta em 15,31% dos casos):

Tabela 5 – Co-ocorrentes habituais de *widespread* com cariz potencialmente positivo

admiration	63
approval	105
awareness	115
fame	121
consensus	155
success	194
praise	199
appeal	200
acclaim	403
agreement	488
popularity	609
acceptance	940
support	2000

No entanto, se observarmos uma amostra KWIC, podemos encontrar casos que uma simples procura de co-ocorrentes habituais não nos apresenta. Afinal, o contexto em que *widespread* ocorre nem sempre é indicado pelo substantivo que modifica, mas sim pela sequência discursiva em si, pelo texto ou pelo contexto geral. Por isso, torna-se pertinente apor a esta análise duas amostras KWIC (*Key Word in Context*) de *corpora* diferentes. Ambas as amostras são de quarenta casos (aleatórios); a primeira foi retirada do *Intel-liText* (o *corpus*, ou agregador de *corpora* que utilizámos para a análise de *widespread*), ao passo que a segunda remonta a uma procura feita em 2009 no *Bank of English*.

titleid	left	match	right
A03	taking no action in response to reports of grave and	widespread	violations in Iraq, the Commission on Human Rights
A03	forces in the eastern province has been savage and	widespread	. The rule of law in Sri Lanka has been seriously eroded
A05	Scots-Irish domestic economy which I would bet is	widespread	in northern parts. There is good Scots, too, in The
A07	honourable and singularly justified. To a degree it is	widespread	among many not just in the provisional movement but
A07	constitutionalization is a direct result, not of this already	widespread	opinion, but of Roman catholic pressure of the monopoly
A07	expressed. perhaps if integrated schooling were more	widespread	in the North, more protestant voices would be heard
A0A	indication of its strength. While handpumps are now	widespread	in Scotland, as Fact Sheet 3 shows, the traditional
A0B	applies to listed buildings: there is still a worryingly	widespread	general belief that listing only covers the facade
A0C	and that could be the end of your business. The most	widespread	type of computer in small businesses — the IBM
A0C	potassium pyrosulphite or sulphur dioxide. By far the most	widespread	brand, Amora, is strong tasting and useful for vinaigrettes
A10	accommodation, particularly in the public sector. There is a	widespread	need, too, for part-ownership options for older people
A10	Disabled People, said that this was "to prevent	widespread	abuse of the system". DSS Press Release 120/91,
A10	services and social work departments. Monitoring revealed	widespread	financial need that the Social Fund could not meet
A11	whole process was greatly helped by the much more	widespread	availability of computers. And the remit of the railways
A11	Travellers-Fare's own management. There was	widespread	pleasure at this, justice had been done. It had been
A11	the government was urging. The first of these now	widespread	services began, in the summer of 1984, between Chester
A14	top-fermenting yeasts (they are not lagers, contrary to	widespread	belief), and this renders them doubly fruity. Some
A14	He fears for the future of the pub if leases become	widespread	. " They are the quickest route to bankruptcy. "
A17	can affect people and other animals. The disease is	widespread	in America and quite recently there have been reports
A18	business of raising such questions is itself part of a	widespread	collusive conjuring of absences and of whole worlds
A19	Format (DXF); this originates from AutoCad. It is in	widespread	use, and is supported by other cad systems. A glance
A1I	directly from clients (most solicitors) were allowed	widespread	access to the higher courts. Lord Donaldson's
A1S	€34 to €706 per tonne. There were less	widespread	suggestions of a 100,000 tonne purchase by another
A1T	only 5 and 3 per cent on 1987, not enough to suggest	widespread	Labour gains come 1992. In a mastery television interview
A1Y	in the past month means the report is being given	widespread	credence. The problem for the authorities is that
A1Y	in the past month means the report is being given	widespread	credence. Seamus Mallon, an SDLP MP, said if the report
A1Y	a structure, along the lines alleged, exists. One	widespread	assumption is that the documents shown to the Irish
A22	chestnut is potential Olympic material, he echoed the	widespread	praise for this new series of competitions. Speed
A28	talking about a " new " Lebanon but there is now	widespread	acceptance among both Muslims and Christians in the
A2C	were talking about any other activity which was so	widespread	, people would say this was a method which was tried
A2L	the roads. However, road pricing is rapidly claiming	widespread	support — from organisations as different in
A2T	the terms of the loan, " Mr Cross said, answering	widespread	speculation that Mr Bond, whose commercial empire
A2V	rose half a percentage point to 6 per cent. These	widespread	changes underlined the power of the Bundesbank and
A31	monster that could quickly get out of control and cause	widespread	disruption of the many administrative processes that
A3B	public transport disasters that has brought such a	widespread	public reaction — six in three years, with 193
A3S	smaller ones, the big stations will benefit most. More	widespread	benefits are likely from the passing away of secondary
A3W	statistics followed two recent cases which attracted	widespread	criticism, but some academics have long been concerned
A43	yesterday: " 1 January is impossible and there will be	widespread	default. " Stockbrokers and unit trust managers have
A44	by a particularly bloody trade and will have gained	widespread	support. But the destruction of the tusks from 1,800
A45	Kampot, in the west and south of Cambodia, indicate	widespread	passive support allowing the guerrillas to move around

Figura 8 – Amostra (primeiros 40 resultados) do resultado em KWIC de *widespread*, obtido a partir do *IntelliText* (Centre for Translation Studies, 2011).



Figura 9 – Amostra aleatória do resultado em KWIC de *widespread*, obtido a partir do *corpus Bank of English* (HarperCollins).

Estas amostras, para além de confirmarem as nossas conclusões, oferecem-nos, em certos casos, uma nova visão sobre o que temos vindo a observar. Na Figura 19, o segundo caso (“...forces in the eastern province has been savage and widespread”) demonstra-nos a possibilidade (ou probabilidade) de haver muitos casos que uma procura de co-ocorrentes habituais não nos permitirá encontrar, em virtude de a sequência discursiva terminar exactamente com *widespread*. Também o oitavo caso (“... applies to listed buildings: there is still a worryingly *widespread* general belief that listing only covers the façade...”.) nos sugere a existência de outros casos de carácter negativo, uma vez que temos o adjectivo a ser modificado pelo advérbio «worryingly». E mesmo a co-ocorrência com «belief», o qual aparentava neutralidade quando de uma

busca de co-ocorrentes habituais, se torna algo suspeita. Por esse motivo, decidimos extrair 30 linhas KWIC da combinação entre *widespread* e *belief*. Os resultados são os seguintes:

titleid	left	match	right
A14	use top-fermenting yeasts (they are not lagers, contrary to	widespread belief), and this renders them doubly fruity. Some taste apple-like
AIR	interest rate policy ". Professor Budd's remarks echo a	widespread belief	in the City that the Government needs to develop a credible
ASN	safety proposals were made for the railways. But there is a	widespread belief	that the travelling public will be forced to meet a substantial
ASU	Kong. Although officials remain resolutely silent, there is a	widespread belief	that the British Government will authorise the colony's
ADC	renunciation of manage. The pagan world was familiar with the	widespread beliefs	that sexual contact between man and woman hindered the soul
AJ3	The implication needs no further explanation and there was a	widespread belief	that if Krabbe does run at the Olympic Games in Barcelona and
ANH	general doctrine of consent and voluntary obligations is the	widespread belief	that " causing " another to act is, at least in the matter
APT	historical evidence as a whole gives little support for the quite	widespread belief	that older people in the past enjoyed a much more secure and
B21	the world and circumstances. WHAT YOU ARE BORN WITH There is a	widespread belief	that when we are born we are like a blank sheet of paper on
B2L	substantially discredited (McLean, 1987, p. 91). Even the	widespread belief	that decisions on industrial location are (or were before the
BMP	surveys by local authorities. Thus, while there does seem to be a	widespread belief	that primary school closure threatens the way of life of rural
C30	benevolent intentions into administrative actuality. There was a	widespread belief	in colonial East Africa that men posted to Masailand succumbed
CAS	also known as " poverty consciousness " — is another	widespread belief	system in our culture. It involves beliefs such as " There
CAK	contemplation of the entrails of defeat was an increasingly	widespread belief	— not, until recently, much shared on the left —
CB9	the snakes, the term Rainbow Serpent is applied, due to the	widespread belief	among Aborigines that they are capable of assuming the form
CBU	placed to benefit from economic recovery. " He dismisses the	widespread belief	among manufacturers that the Government has not done enough
CBX	content is, in fact, adequately structured. This had led to the	widespread belief	that DIY CPE involves setting up expensive in-house training
CD9	power of Ferrari within the sporting authorities, there was a	widespread belief	that there was a plot against Master James and to hand the championship
CDW	had been removed. Alongside the increasing prosperity was a	widespread belief	that the system of free enterprise which had produced this was
CEF	in the face of what many regard as high-status behaviour. The	widespread belief	is that to build status you need to bulldoze everyone else —
CL6	place upon the Bible. This led on in later generations to a	widespread belief	among orthodox Christians that the Bible should be looked upon
CLM	Protestant endeavours to extinguish popular superstitions and the	widespread belief	in magical remedies also proved largely futile. The emphasis
CLR	entered in the early 1950s. Continued economic expansion and the	widespread belief	that Keynesian economic techniques provided governments with
CLR	isolationist attitude, and simultaneously had confirmed the	widespread belief	that any British proposal was a wolf in sheep's clothing
CMH	learning processes: classical and instrumental conditioning. The	widespread belief	that the limbic system is the substrate of emotion is also the
CMK	pension Because so many people now retire early, there is a	widespread belief	that it is possible to get an early pension. While the information
CMM	strongly in almost any weather, but contrary to popular and	widespread belief	and advice, the conditions that most favour and encourage it
CSS	Atlantic, and the success of the Spaniards encouraged them in the	widespread belief	that an immense amount of gold and silver was waiting to be
CST	community care facilities was extremely patchy and there was a	widespread belief	that the policy, aside from the isolated initiatives such as
EAX	" Western " experience. Despite these dangers, there is a	widespread belief	that Japanese society differs from Western societies because of

Figura 10 – Amostra (primeiros 30 resultados) do resultado em KWIC de *widespread belief*, obtido a partir do *corpus IntelliText* (Centre for Translation Studies, 2011).

Podemos verificar que há uma aura de contrariedade (ou até de uma ironia suspeita) aliada a *widespread belief*. “Contrary to *widespread belief*” (primeiro caso), “...*widespread belief* that the travelling public will be **forced to**

meet a substantial...” (terceiro caso, destaque nosso), a associação a “hindered the soul” (terceiro caso), “...widespread belief that “causing” (sétimo caso, destaque nosso e aspas no original), “...widespread belief that primary school closure threatens...” (décimo primeiro caso), entre outros, constituem exemplos flagrantes desta atmosfera suspeita em torno de *widespread belief*. Aliás, se lermos um pouco mais dos textos-fonte que compõem os *corpora* representados nesta amostragem, torna-se ainda mais possível a confirmação do carácter funesto de *belief* quando associado a *widespread*. Uma busca expandida do quarto caso, por exemplo, revela-nos o seguinte:

Hong Kong was expected to begin this week as the Foreign Secretary, Mr [sic] Douglas Hurd, restated his intention to go ahead with the expulsions. One Vietnamese man was killed and three injured early yesterday amid indications of rising tension at Hong Kong’s detention centres. Speculation about the deportations have reached fever pitch in Hong Kong. Although officials remain resolutely silent, there is a widespread belief that the British Government will authorise the colony’s administration to go ahead with the first batch of mandatory repatriations this week (Centre for Translation Studies, 2011).

Fica, deste modo, a sugestão de que *belief*, quando acompanhado de *widespread*, poderá não ter um carácter semântico-pragmático neutro. Continuemos, no entanto, a analisar os resultados expressos na Figura 8. Outro exemplo de uma enunciação de *widespread* que, embora não introduza substantivos potencialmente funestos, surge num contexto negativo, é o que o décimo oitavo caso nos apresenta (“he fears for the future of the pub if leases become widespread”). Conforme diz o falante citado, esses empréstimos são o caminho mais rápido para a bancarrota (“the quickest route to bankruptcy”). O caso que se segue (“the disease is widespread in America and quite recently...”) é ainda mais flagrante, uma vez que nos alerta para o facto de que uma busca de co-ocorrentes habituais imediatamente a seguir ao item lexical, embora seja mais segura, nos pode levar a perder este tipo de resultados. Um olhar de relance à Figura 9 (que decidimos incluir como complemento aos resultados devolvidos pelo *IntelliText*), por sua vez, confirma a suspeição de que *widespread*, não obstante o pendor para a negatividade que a procura de co-ocorrentes habituais demonstrou, pode ser menos neutro do que os números



demonstram. O quinto caso, por exemplo (“... to develop and use chemical weapons on a widespread scale during the Gulf War”), mostra-nos como *widespread* é inserido num contexto de violência. No entanto, o décimo-quarto caso é dos mais interessantes, uma vez que encontramos «use», que por si é de cariz neutro, num contexto que aparenta ser negativo: o fragmento “... yet they’re still intentionally exported for widespread use in the developing agricultural world” parece denunciar a venda de produtos agrícolas nocivos em países em vias de desenvolvimento. E, de facto, «use» parece ainda mais ameaçado se olharmos para o trigésimo caso, onde se lê: “Part of the reason for this is that widespread use of drugs and alcohol by young gay men. . .”.

Mesmo os co-ocorrentes habituais de cariz aparentemente neutro e positivo não se encontram a salvo da aura negativa introduzida por *widespread*. Olhando para o décimo-quinto caso da Figura 8, encontramos, por exemplo, «pleasure» numa situação delicada: para além de a companhia de *widespread* lançar imediatamente uma sombra sobre o substantivo, o próprio contexto parece indicar que o “prazer” referido é talvez cruel ou mesquinho, como uma vista expandida dessa linha nos confirma:

A quick telephone call from the station’s duty catering manager resulted in the young unfortunate being escorted for questioning by the heavy hand of the police. In 1988 BR decided to sell station catering outright. That December, the Secretary of State for Transport announced the identity of the successful bidders: Travellers-Fare’s own management. There was widespread pleasure at this, justice had been done. It had been a very different story with the earlier sell-off of the hotels where the managers’ interest had not been shown proper respect (Centre for Translation Studies, 2011).

Depois de termos observado a natureza de *widespread*, vejamos, recorrendo a uma pesquisa no *COMPARA*, de que forma é este item lexical traduzido para a língua portuguesa:



EBDL2(1359):	There is a widespread feeling in the country that universities are 'ivory tower' institutions, whose staff are ignorant of the realities of the modern commercial world.	Há um sentimento espalhado pelo país de que as universidades são instituições do tipo «torre de marfim», cujos professores ignoram as realidades do mundo comercial moderno.
EBDL4(877):	When the Russian Army moved in to crush the rising with its tanks, the widespread feelings of outrage and impotence in Britain were felt especially keenly by Catholics.	Quando o exército russo entrou com os tanques para esmagar a sublevação, o sentimento generalizado de ultraje e impotência foi, na Grã-Bretanha, sentido principalmente pelos católicos.
EBJB2(21):	I'm sorry to report that ratting to the authorities was at times widespread .	Lamento imenso, mas a verdade tem de se dizer: bufos, naqueles tempos, não faltavam.
ERKI1(3247):	A reference to 'the bus-shelter tragedy' set off some tittering again, which grew more widespread at the mention of Brodsky 'outnumbered and battle-worn' being 'forced finally to surrender, behind the telephone booth'.	Uma referência à tragédia do «abrigo da paragem de autocarros» desencadeou nova onda de risos abafados, que alastrou com a menção de Brodsky, «em inferioridade numérica» e «desgastado pelo combate», ter sido «finalmente forçado a render-se atrás da cabina telefónica».
PPJS1(2202):	And, once these people had set something so widespread in motion it would take more than the death of one leader to derail it.	E, uma vez que essa gente toda se tinha lançado numa coisa tão larga, não era a morte de um chefe que ia desfazê-la.
PPJSA2(633):	Raimundo Silva perceived what was expected of him, there is no denying that words demand words, which is why people say, One word leads to another, but it is no less true that, It takes two to pick a quarrel, let us imagine that the Pilgrim refused to satisfy the fatal curiosity of Esquire Telmo, most likely the matter would have been resolved and there would have been no conflict, drama, death, and widespread calamity, or let us suppose that a man has asked a woman,	Raimundo Silva percebeu o que se esperava dele, é verdade que as palavras necessitam palavras, por isso se diz Palavra puxa palavra, mas também é certo que Quando um não quer dois não discutem, imaginemos que o Romeiro deixava sem resposta a curiosidade fatal do Escudeiro Telmo, o mais provável seria comporem-se as coisas e não haveria conflito, drama, morte, desgraça geral, ou então suponhamos que um homem perguntou a uma mulher,

Figura 11 – Resultados de *widespread* no COMPARA (Linguatca, 2011).

Uma vez que *widespread* é, como observámos, um item lexical de carácter negativo, espera-se que as suas traduções o reflectam. Ainda que surja num contexto aparentemente neutro ou até mesmo positivo, numa análise inicial, é importante procurar replicar a sua carga para-semântica para que as expectativas procurem ir ao encontro de um contexto de adversidade (o qual será ou não confirmado por uma análise ulterior da sequência discursiva, do enunciado ou do texto). Parece-nos, assim, que o segundo caso, no qual «widespread» é traduzido para «generalizado», ilustra uma tradução acurada do item lexical inglês. Isto porque, se verificarmos de que forma surge o lema *generalizado*¹³,

¹³ Embora tenhamos, através da identificação como lemas, determinado a classe morfoló-

descobrimos que este ocorre frequentemente em contextos negativos, como uma amostra do *CETEMPúblico* poderá ilustrar:

```

%) nas prestações de serviços, correspondendo a um aumento generalizado tanto nas rendas como nas receitas dos parques de estaciona-
resultados comparem a ser divulgados, houve um sentimento generalizado de profunda decepção entre os seus adeptos . par=ext28610-n
ho uma infelicidade nacional que este espírito se não tenha generalizado a toda a vida portuguesa . par=ext29112-soc-93a-1: Para o t
: Para o técnico da CML, o mais grave é que o problema está generalizado não só em Lisboa, mas também no resto do país, e a ele são
lhas as autarquias . par=ext29310-des-95a-2: O sentimento generalizado é que não deverão perder a oportunidade de conquistar o tít
pa, não ganharmos a batalha se não procedermos ao rastreio generalizado, possibilitando assim a identificação dos portadores que ca
propagadores da doença . par=ext29987-soc-93a-2: O rastreio generalizado da população portuguesa é economicamente viável, mas dadas
em Sines, a elevação a cidade não motivou um contentamento generalizado, mas para alguns novos cidadãos, como o cozinheiro Durval F
mpenhada por grandes campanhas de educação contra o seu uso generalizado . par=ext38744-nd-91b-3: Nas palavras de um importante estr
importante estratega de Bush, «se ignorássemos os protestos generalizados, isso seria o nosso fim» . par=ext39107-soc-95a-1: É entre
ama e 75 por cento referiram o alcoolismo como um problema generalizado . par=ext43029-soc-95a-1: Entretanto, a Associação de Pais
convocou uma conferência de imprensa para denunciar o «clima generalizado de suspeição e intrigas existente, em que se sujeita «aluno
foi uma derrota, até porque provocará um efeito de imitação generalizado . par=ext44650-pol-94a-3: É nossa preocupação o conheciment
650-pol-94a-3: É nossa preocupação o conhecimento gradual e generalizado do catalão e do castelhano, que o catalão não esteja na Cat
aqui muito limitados, já que, de acordo com o entendimento generalizado, os alemães pagam sensivelmente o equivalente ao seu peso n
tencial espaço de debate e arrancá-lo finalmente ao autismo generalizado ou silêncio interessado de muitos governantes (e não só) qu
de Lisboa, cujos resultados apontaram para o incumprimento generalizado das normas laborais e para a evasão ao fisco e à previdenci
r=ext45852-opi-96b-1: Estes resultados provocaram um debate generalizado no país, incluindo a televisão e a rádio . par=ext45928-clt
ext45928-clt-soc-95a-2: Acrescenta que existe um sentimento generalizado «de que quem aproveitará o sistema de regadio criado serão
-- a sensibilidade e a compreensão adequadas ao sentimento generalizado entre a opinião pública portuguesa acerca dessa questão . p
o mundo com maior densidade populacional, dissipou o receio generalizado de que os seus problemas na agricultura pudessem compromete
nte certa fatia do mercado, pois há um aproveitamento quase generalizado por parte dos clientes que acabam por optar por serviços na
as que são objecto de culto das multidões suscitam o debate generalizado; as estrelas pop que as multidões idolatram levam o mundo p
ma das economias dos Doze, vai provocar um apertar de cinto generalizado que deixa pouco espaço para excessos de generosidade . par=
xcessos de generosidade . par=ext49755-clt-93b-2: «O acesso generalizado às práticas e ao consumo culturais naqueles países implicou
calizar a sala das máquinas, tendo-se verificado um aumento generalizado das receitas . par=ext50993-pol-94b-2: O espectáculo fascin

```

Figura 12 – Amostra (primeiros 25 resultados) do resultado em KWIC de *generalizado*, obtido a partir do *CETEMPúblico* (Linguatca, 2007).

Embora esta seja apenas uma curta amostra da contextualização de *generalizado*, é fácil verificar que este adjetivo/verbo ocorre em contextos negativos. Regressando à análise dos resultados constantes na Figura 11, observe-

gica dos itens lexicais abordados ao longo deste estudo, convém ter em conta que nem sempre esta classificação é precisa. Isto porque, se observarmos as ocorrências de «generalizado», «generalizada», «generalizados» e «generalizadas», depressa descobrimos que nos poderemos encontrar tanto na presença de um adjetivo como de um verbo no particípio passado. Afinal, a utilização de *generalizado* como adjetivo é produto de uma adjectivação deverbal, e a indicação do estado mediante um particípio passado pode também ser considerado modificador. Todavia, mesmo considerando a possibilidade de as ocorrências serem verbos, a identificação de um lema verbal (ou seja, *generalizar*) levaria as nossas considerações muito além do pretendido em termos de busca em *corpora* linguísticos.



mos, agora, o quarto caso, no qual «grew more widespread» é traduzido para «alastrou». Recordando a Prosódia Semântica que *alastrar* introduz, (Gráficos 8-11) rapidamente determinamos que, uma vez mais, *widespread* conhece uma tradução para um item lexical que, na língua de destino, lhe replica o carácter negativo ou desfavorável. Atentando ao último caso, no qual «desgraça geral» se faz traduzir por «widespread calamity» (note-se que, aqui, é o texto em Português o original), mais uma vez se confirma a carga para-semântica de *widespread*, que é utilizado para reforçar a ideia de desastre ou «desgraça» já expressa, de um modo directo, na língua de origem.

Através da análise deste caso específico, concluímos que a Prosódia Semântica, para além de constituir um retrato íntimo e subliminar de um determinado perfil ou pano de fundo social, surge de forma homóloga numa comunicação otimizada não só entre indivíduo e pares, *o eu e o outro*, mas também entre identidades colectivas, as quais preenchem o seu ipseísmo e alteridade através da mediação entre as capacidades semântica e pragmática da língua que forma e é formada pela sua cultura.



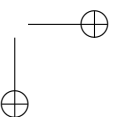
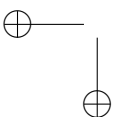


Capítulo 3

III. Casos Práticos

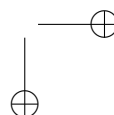
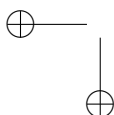
3.1 Introdução e considerações preliminares

A melhor forma de determinar a Prosódia Semântica – ou qualquer outro padrão linguístico – existente numa determinada língua consiste em observar e registar o seu uso quotidiano. Daí a necessidade, na prática da linguística de *corpus*, de ter acesso a textos produzidos oralmente ou, pelo menos, num registo mais próximo da realidade quotidiana. Por isso, temos até agora utilizado o *corpus CETEMPúblico*, que consiste em texto jornalístico. No entanto, a necessidade de identificar mais casos de Prosódia Semântica obriga-nos a tomar outras diligências. Embora encontremos, no *CETEMPúblico*, um *corpus* assaz vasto, tornou-se necessário obter não só um meio de comparação, mas também, e principalmente, um *corpus* que sinalize um registo linguístico mais polarizado e orientado para o discurso que define o país e, muito possivelmente, algumas características da portugalidade. Desse modo, urgiu construir um *corpus* abrangente e formado por transcrições de português falado. Poderíamos ter acedido a qualquer *corpus* já existente de português falado em registos mais comuns e populares mas, tendo em conta o elevado nível de iliteracia neste país, não se nos afigurou profícua uma pesquisa de lemas como *suscitar* ou *alastrar* num *corpus* dessa natureza, já para não referir a baixa contagem de palavras dos *corpora* que conseguimos localizar. Afinal, como sugerimos no capítulo anterior, são os itens lexicais mais alienígenas aqueles que melhor se prestam à criação de uma carga para-semântica, uma vez que,





numa sociedade pouco informada, o *outro* desconhecido se torna sempre mais interessante e sedutor do que o *eu*, existindo, por isso, um culto da alteridade sem que haja verdadeira imersão na ipseidade. Por esse motivo, e aliando essa razão à da utilização consistente, neste livro, de texto jornalístico, o qual acaba por descrever, veicular e absorver o discurso de quem decide sobre os destinos de um país, decidimos recorrer ao discurso político como meio de estudar, num ambiente moderadamente controlado, a Prosódia Semântica do Português, tomando como fonte para o novo *corpus* o *Diário da Assembleia da República – 1.ª Série*. Outro motivo para a escolha deste tipo de *corpus* foi o de, conjecturamos, existir uma certa interdependência entre os discursos político e jornalístico, encontrando-se os padrões linguísticos portugueses a meio caminho entre os dois. Aliás, ambos retratam e bebem das condições sociais, do *zeitgeist*; ambos são causa e consequência do português que, hoje em dia, se fala e daquilo que é quem o fala. Podemos neste sentido, por exemplo, referir o caso do contexto de sustentabilidade, previamente abordado na presente obra. Não raro, encontramos, nos jornais e nos noticiários televisivos, uma proliferação quase descontrolada desse conceito, já para não denunciar um uso abusivo que, por vezes, cai em contra-sensos. Por essa razão, o nosso primeiro passo foi o de observar as co-ocorrências habituais de *sustentável* (a forma adjectiva é mais proeminente na comunicação social) para que a hipótese de uma correlação entre texto político e jornalismo se apresentasse viável. De facto, ao efectuarmos uma busca no *corpus* recém-construído, ao qual chamaremos *DAR-I*, os resultados devolvidos foram os seguintes:



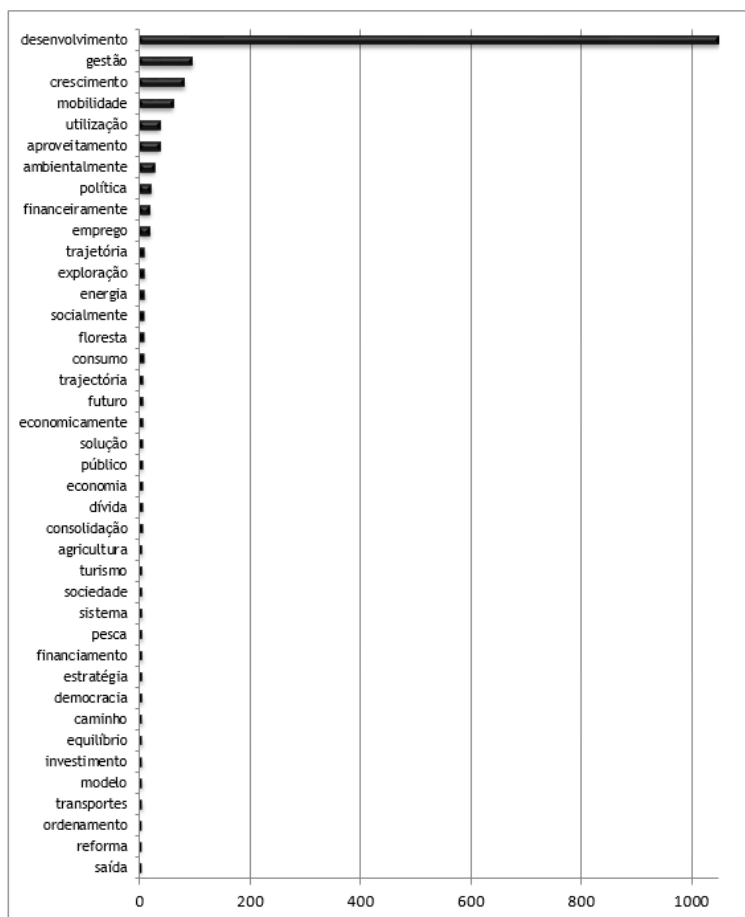


Gráfico 14 – Co-ocorrentes habituais de «sustentável» de acordo com o corpus DAR-I.

A procura de co-ocorrentes habituais foi feita um espaço à esquerda do item lexical crítico para que se encontrassem substantivos e advérbios (que, em termos gerais, salvo registos mais poéticos e literários, se encontram sintacticamente colocados antes de um adjectivo). Extraímos, desta busca, os primeiros 40 resultados, prática que decidimos manter nos estudos de caso

que se seguirão. Note-se a evidente proeminência de «desenvolvimento» em associação a «sustentável»; enquanto este item lexical co-ocorre 1050 vezes com o substantivo, o segundo co-ocorrente habitual surge apenas 95 vezes. Os resultados mais detalhados encontram-se na seguinte tabela:

Tabela 6 – Co-ocorrentes habituais de «sustentável»
de acordo com o *corpus DAR-I*

desenvolvimento	1050	floresta	8	sistema	5
gestão	95	socialmente	8	sociedade	5
crescimento	81	economicamente	7	turismo	5
mobilidade	61	futuro	7	agricultura	5
aproveitamento	37	trajectória	7	transportes	4
utilização	37	consolidação	6	modelo	4
ambientalmente	27	dívida	6	investimento	4
política	21	economia	6	equilíbrio	4
emprego	19	público	6	caminho	4
financeiramente	19	solução	6	saída	3
energia	9	democracia	5	reforma	3
exploração	9	estratégia	5	ordenamento	3
trajectória	9	financiamento	5		
consumo	8	pesca	5		

Digna de nota é também a associação, ainda que extremamente rara, de «democracia» e «equilíbrio» a «sustentável». Se recordarmos as nossas considerações anteriores sobre o extremo carácter de alteridade que alguns itens lexicais possuem, a qual conduz a uma utilização vazia e imponderada dos mesmos, encontramos, em «sustentável», um exemplo cabal: este item lexical, para além de denotar um uso extremamente condicionado e automatizado (a diferença entre as ocorrências de «desenvolvimento» e «gestão» é abissal¹), poderá levar a alguns pleonasmos somente porque não é o seu valor referencial que está em jogo, mas sim a sua aura de significado, ou seja, a sua carga

¹ Tendo em conta o facto de, neste tipo de buscas, não se encontrar uma distribuição gradual – as co-ocorrências, em termos de Prosódia Semântica, tendem a oscilar entre valores muito elevados e valores muito baixos – não se afigura útil o cálculo de desvio-padrão para as recolhas efectuadas.



para-semântica e a Prosódia Semântica que esta desencadeia na sequência discursiva. Esta suspeita torna-se ainda mais plausível quando a encaixamos no contexto do discurso parlamentar, altamente polarizado, tanto na defesa de práticas e ideais do partido que o falante representa como na condenação dos actos levados a cabo pela oposição. Contudo, utilizar «sustentável» para desencadear uma Prosódia Semântica positiva pode ter o resultado adverso de uma perda de credibilidade. O falante, ao enunciar uma “democracia sustentável”, admite a possibilidade de uma democracia, por mais insustentável que seja, continuar a ser digna da sua natureza. Por outro lado, falar em «equilíbrio sustentável» admite a possibilidade de um equilíbrio que, seja em que campo for, é insustentável e, por isso, indesejável e indefensável. Somos, por isso, levados a questionar se o desequilíbrio é algo desejável pelo falante em questão. Estas e muitas outras ilações podem ser retiradas da análise do discurso político do ponto de vista da Prosódia Semântica. No entanto, e como tínhamos já referido, determinar a presença quotidiana da carga para-semântica e, subsequentemente, da Prosódia Semântica, depende da análise de um *corpus* que, embora parcialmente moldado pelos moldes fraseológicos² político-partidários, se aproxima, por influência activa ou passiva, de um discurso mais comum. Fizemos, por isso, a pesquisa de «sustentável» no *CETEMPúblico*:

² Utilizamos, aqui, esta expressão no sentido mais lato de registo.



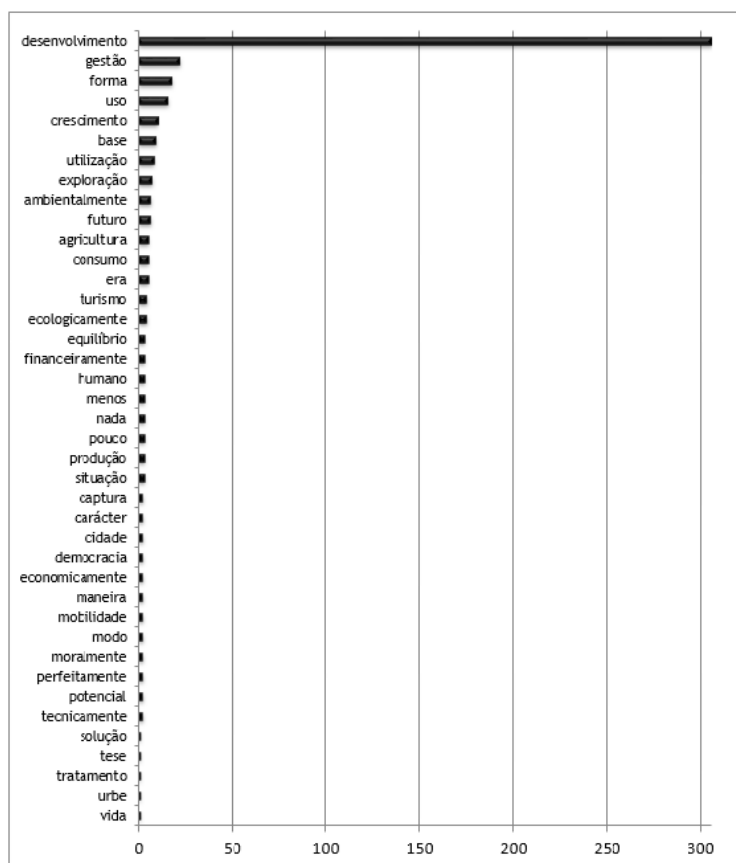


Gráfico 15 – Co-ocorrentes habituais de «sustentável» de acordo com o corpus CETEMPúblico.

Tabela 7 – Co-ocorrentes habituais de «sustentável»
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*

desenvolvimento	306	turismo	4	mobilidade	2
gestão	22	situação	3	maneira	2
forma	18	produção	3	economicamente	2
uso	16	pouco	3	democracia	2
crescimento	10	nada	3	cidade	2
base	9	menos	3	carácter	2
utilização	8	humano	3	captura	2
exploração	7	financeiramente	3	vida	1
futuro	6	equilíbrio	3	urbe	1
ambientalmente	6	tecnicamente	2	tratamento	1
era	5	potencial	2	tese	1
consumo	5	perfeitamente	2	solução	1
agricultura	5	moralmente	2		
ecologicamente	4	modo	2		

Fica, assim, mais reforçada a ideia de uma correlação entre o discurso político e o jornalístico, relação essa que, de futuro, será sublinhada principalmente pela comparação entre as frequências relativas percentuais de co-ocorrentes de carácter positivo, neutro/indefinido e negativo por item lexical e *corpus* (o que, no caso de «sustentável», não é necessário, uma vez que este estudo preliminar serviu apenas para formular uma hipótese). Note-se que, de forma a melhor apresentar esta relação, decidimos fazer, para cada item lexical em estudo, uma terceira procura, desta vez, na junção entre os *corpora DAR-I* e *CETEMPúblico*. Isto porque, para além de conseguirmos um ponto intermédio entre ambos os tipos de discurso, seria extremamente moroso procurar e somar todos os resultados duplicados entre o *DAR-I* e o *CETEMPúblico*. Ademais, a procura conjunta garante-nos uma prova mais cabal da influência que os discursos político e jornalístico têm sobre os falantes em geral: não só emergem padrões que, nas pesquisas individuais, se encontravam ocultos, como também, dada a diferença de tamanho entre os *corpora* (o *CETEMPúblico* é cerca de 3,4 vezes mais vasto do que o *DAR-I*) se replica, embora não em proporção exacta, o grau de influência que os discursos políticos e jornalísticos exercem. Note-se adicionalmente que esta

diferença, que é significativa (mas, afinal, útil) em valores absolutos, o não é quando tratamos valores relativos: o principal termo de comparação entre os *corpora* utilizados reside no apuramento de frequências relativas percentuais entre co-ocorrentes positivos, neutros/indefinidos ou negativos.

Embora, no caso do *CETEMPúblico*, não encontremos os pleonasmos denunciados pela pesquisa do *DAR-I*, a predominância esmagadora de «desenvolvimento» mantêm-se, conforme prevíamos. Torna-se, no entanto, curiosa a presença, ainda que diminuta, de co-ocorrentes aparentemente negativos, como é o caso de «pouco», «nada» e «menos» (três ocorrências cada).

3.1.1 Descrição do corpus *DAR-I* (*Diário da Assembleia da República, 1.ª Série*)

Este *corpus* foi coligido a partir de todos os registos da 1.ª Série do *Diário da Assembleia da República* (Assembleia da República, 2008) disponíveis *on-line*, isto é, todos os relatos, “[fiéis] e completo[s]” (Assembleia da República, 2008) das ocorrências em sessões plenárias decorrentes desde a VII Legislatura até à actual (XII). Comporta 18 sessões legislativas (a 1.ª sessão legislativa da VII Legislatura teve início a 27 de Outubro de 1995 e a 2.ª sessão legislativa da XII Legislatura terminou a 19 de Julho de 2013), o que se traduz num total de 1812 sessões plenárias. Todos os ficheiros, em formato PDF, foram transferidos e posteriormente convertidos para o formato TXT para serem processados pelo programa *AntConc3.2.4w*. Na conversão, excluiu-se a primeira página de cada registo, já que o seu conteúdo corresponde à identificação do documento, do Presidente da Assembleia da República e dos Secretários em funções, e ao sumário da sessão plenária transcrita e registada em Diário. Esta supressão deve-se, naturalmente, ao facto de os sumários constituírem, numa pesquisa de *corpus*, informação residual que poderá dar origem a resultados indesejados. Em resultado, construímos um *corpus* com um total de 56.698.256 palavras, incluindo siglas e alguns erros causados principalmente por translineação nos documentos originais.

3.1.2 Descrição do corpus de texto jornalístico (*CETEMPúblico*)

O *corpus CETEMPúblico*, na sua versão inicial, (1.0) consiste em aproximadamente 2600 edições do *PÚBLICO*, entre os anos de 1991 e 1998. A versão



1.7, que utilizamos neste livro, contém 1.567.625 extractos, “classificados por semestre e secção do jornal da qual provêm” (Linguatca, 2007). Tudo isto se traduz num total de 191.3 milhões de palavras. No entanto, para o que aqui se pretende, tratámos todo o *corpus* de um modo conjunto e indiscriminado, tendo procedido à sua descarga em formato .txt e procedendo, depois, ao seu tratamento no programa AntConc3.2.4w.

3.1.3 Metodologia

Os estudos de caso aqui presentes foram levados a cabo em várias fases, a saber:

1. Recolha de dados e determinação de itens lexicais passíveis de conter carga para-semântica:
 - 1.1. Obtenção da lista de todos os itens lexicais presentes no *corpus DAR-I*: utilizando o AntConc3.2.4w, gerámos uma *wordlist*;
 - 1.2. Leitura e análise da lista de itens lexicais: mediante uma leitura da lista de palavras, apontámos alguns casos que se nos afiguraram dignos de nota;
 - 1.3. Confirmação do cariz para-semântico dos itens lexicais seleccionados: feito o levantamento, procedemos à confirmação do cariz para-semântico de cada um dos itens lexicais seleccionados, recorrendo a dois processos: a obtenção de linhas KWIC (*Key Word In Context*), a qual nos permitiu ter rapidamente uma ideia das co-ocorrências dos itens lexicais em causa e, caso as linhas de concordância revelassem uma tendência positiva ou negativa, a pesquisa de todos os co-ocorrentes habituais dos itens lexicais críticos. Decidimos, nesta fase, cingir-nos unicamente ao estudo do item lexical e não do lema, ou seja, optámos, por exemplo no caso de um verbo, por explorar simplesmente a forma verbal mais corrente ou, em outros casos, a classe morfológica mais passível de devolver resultados significativos (no caso de *sustentabilidade*, decidimos optar pelo adjectivo «sustentável», o qual, embora ocorra com menos frequência, nos permite encontrar substantivos ou advérbios



que se lhe associem e que assim constituem resultados mais claros). Seguimos, assim, uma linha de acção mais bakhtiniana ao tratar não o cânone, mas a enunciação. Os horizontes de busca, ou seja, o número de palavras, em torno do item lexical crítico, que incluímos em cada busca, serão apresentados individualmente, já que foram diferentes em cada caso.

2. Tratamento de dados:

- 2.1. Obtenção de dados do *corpus CETEMPúblico*: repetimos, com o *CETEMPúblico*, a análise dos itens lexicais apurados com a pesquisa do *DAR-I* (pontos 1.2 e 1.3);
- 2.2. Obtenção de dados a partir de um *corpus* conjunto (*DAR-I + CETEMPúblico*): processando simultaneamente ambos os *corpora* no AntConc, procedemos à busca dos itens lexicais apurados nos pontos 1.2 e 1.3;
- 2.3. Conversão para folha de cálculo: os resultados obtidos foram convertidos para folhas de cálculo de forma a ser possibilitada a sua filtragem;
- 2.4. Filtragem de resultados: os resultados obtidos e registados em folhas de cálculo foram filtrados para que se obtivessem dados passíveis de interpretação numa procura de co-ocorrentes habituais (*collocations*). Para além de termos eliminado toda a informação residual (há um exemplo no Capítulo I, Subcapítulo 3.3 deste livro), isto é, artigos, preposições, conjunções e pronomes, entre outros, eliminámos igualmente itens lexicais de classes morfológicas indesejadas: por exemplo, no caso de o item lexical crítico consistir num verbo, mantivemos apenas substantivos que pudessem encaixar na estrutura Sujeito-Verbo-Objecto, ou seja, passíveis de se encontrarem em relação directa com o item lexical crítico;
- 2.5. Classificação de resultados: todos os resultados, divididos entre recolhas (*DAR-I*, *CETEMPúblico* ou *DAR-I + CETEMPúblico*³),

³ Dadas algumas limitações do programa utilizado, cuja natureza não conseguimos identi-



foram classificados como positivos, negativos e neutros ou indefinidos. Este processo, ainda que subjectivo⁴ e necessariamente adaptado a cada caso (o mesmo item lexical pode ter carizes diferentes consoante os itens lexicais críticos com que co-ocorre), foi conduzido com a máxima imparcialidade, pelo que muitos co-ocorrentes que poderíamos, por razões pessoais, ter classificado como positivos ou negativos, receberam antes a classificação de neutros ou indefinidos;

- 2.6. Elaboração de gráficos: os resultados, depois de filtrados e classificados, foram, por cada recolha, convertidos em gráficos de barras e um circular, que nos permitissem, respectivamente, visualizar rapidamente os co-ocorrentes habituais mais frequentes de cada item lexical (por frequência absoluta) e determinar o cariz de cada item lexical crítico (por frequência relativa percentual).

3.2 Casos de Prosódia Semântica

3.2.1 «Alastra»

3.2.1.1. Critérios de pesquisa

Os co-ocorrentes habituais de «alastra» foram procurados no espaço de duas palavras à esquerda e duas palavras à direita relativamente ao item lexical crítico. Isto porque o pretendido foi, neste caso, encontrar substantivos que possam constituir o sujeito associado ao verbo, o qual se pode encontrar antes e depois do mesmo. A opção de alargar a busca a dois espaços para cada lado

ficar, alguns resultados conjuntos poderão não ser iguais à soma dos resultados individuais. No entanto, esta flutuação de valores não é significativa, encontrando-se, nas vezes em que ocorre, na ordem dos 2% a 5% e, por esse motivo, não põe em causa a validade dos resultados.

⁴ Esta subjectividade é possivelmente a maldição de qualquer linguista que pretenda abordar os níveis funcionais semântico e pragmático de uma língua. Afinal, toda a produção e interpretação linguística, como várias vezes afirmámos neste estudo, se reveste de vivências, conhecimentos, percepções e intenções pessoais. Assim, no caso da classificação de resultados, o melhor que pudemos fazer foi manter uma visão mais clínica e distanciada dos resultados e fugir a tentações como as de considerar negativos, em associação a «situação», os co-ocorrentes «económica» ou «política», preferindo antes catalogá-los como neutros ou indefinidos.



deveu-se à possibilidade de haver artigos, conjunções ou até mesmo advérbios interpostos entre o verbo e os substantivos que pretendemos encontrar.

3.2.1.2. Pesquisa do *corpus DAR-I*

Aquando da extracção de quarenta co-ocorrentes habituais de «alastra», item lexical que ocorre 92 vezes no *corpus DAR-I*, os resultados obtidos foram os seguintes:

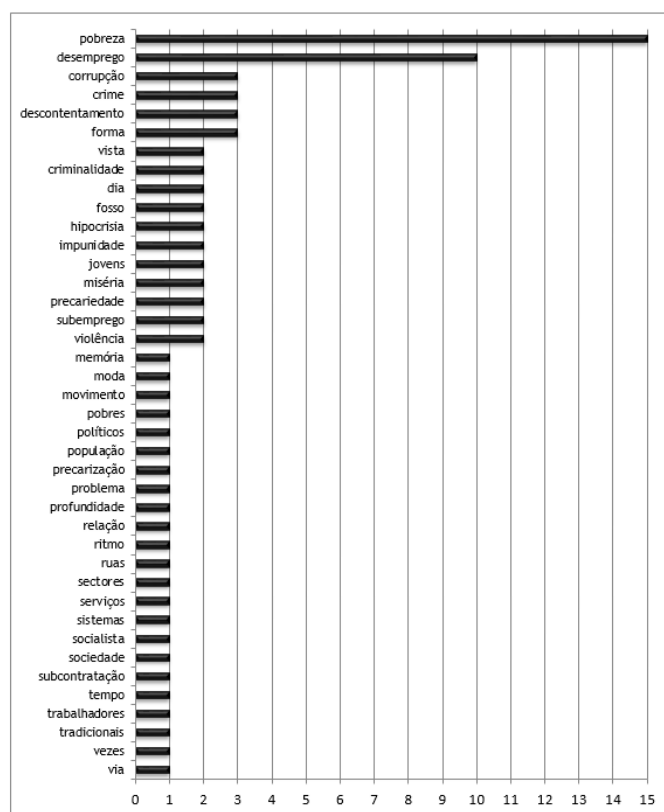


Gráfico 16 – Co-ocorrentes habituais de «alastra» de acordo com o *corpus DAR-I*



Ao observar este gráfico, rapidamente nos apercebemos do carácter negativo de «alastra». Para além de as presenças de «pobreza» e «desemprego» serem em número bastante superior aos restantes co-ocorrentes (15 e 10 ocorrências, respectivamente), estes são também, na sua maioria, de cariz negativo. Saliente-se, neste caso, «descontentamento», «crime» e «corrupção» (3 ocorrências), «violência», «subemprego», «precariedade», «miséria», «impunidade», «hipocrisia», «fosso» e «criminalidade» (2 ocorrências cada). De acordo com esta pesquisa, o que «alastra» é maioritariamente algo negativo. Com efeito, se efectuarmos uma contagem dos co-ocorrentes habituais que consideramos positivos, negativos ou neutros/indefinidos (ver Anexo I), encontramos a seguinte distribuição percentual:

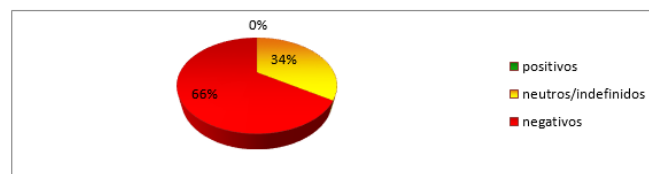


Gráfico 17 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «alastra» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus* DAR-I.

Para além de os co-ocorrentes de cariz negativo serem em número esmagador, representando cerca de dois terços dos co-ocorrentes registados na amostra, note-se a total ausência de co-ocorrentes de cariz positivo. Podemos, assim, concluir que, pelo menos em contexto político, este verbo é utilizado em contextos negativos.

3.2.1.3. Pesquisa do *corpus* CETEMPúblico

Embora a ocorrência de «alastra» seja, neste *corpus*, superior à do DAR-I (no CETEMPúblico, ocorre 412 vezes, o que é proporcional às diferenças de tamanho entre os *corpora*) os seus co-ocorrentes habituais conhecem uma frequência semelhante em termos absolutos e, por isso, são desproporcionais:



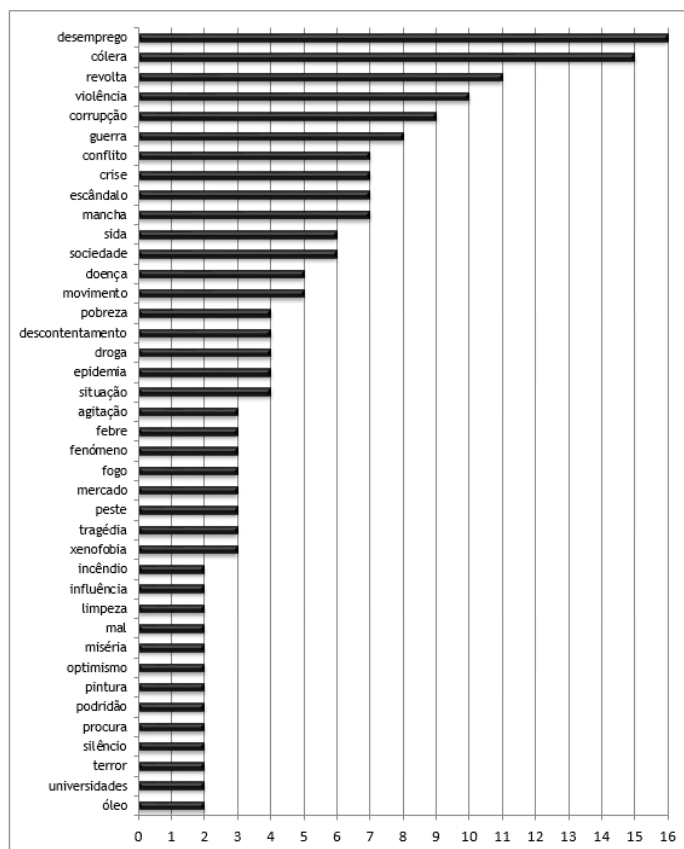


Gráfico 18 – Co-ocorrentes habituais de «alastra»,
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Os dados obtidos rapidamente nos mostram que também no texto jornalístico se associa «alastra» a contextos negativos, embora, neste caso, a distribuição entre co-ocorrentes seja mais natural, ou seja, mais gradual. Sublinhe-se, assim, a ocorrência de «desemprego» (16 ocorrências), «cólera» (15 ocorrências), «revolta» (11) e «violência» (10). Aqui, encontramos somente um item lexical que considerámos positivo («optimismo», 2 ocorrências) e que, sendo bastante peculiar, poderá figurar num contexto adverso e servir a função prag-



mática de ironia, encontrando-se esse optimismo de certo modo ameaçado. Procurando, no *CETEMPúblico*, os extractos em questão, encontramos o seguinte:

par=ext963237-eco-93b-1: Mas o optimismo que alastra deve-se mais a factores de ordem psicológica do que à situação concreta da economia real .

par=ext539144-soc-96b-2: O Público sabe que o optimismo se alastra à maioria dos centros de emprego do país e que o Ministério para a Qualificação e Emprego se prepara para divulgar uma provável «recuperação dos valores do emprego em Portugal, tal como se registava no início do primeiro Governo de Cavaco Silva», disse uma fonte do IEFP (Linguateca, 2007).

Relativamente ao primeiro extracto citado (“par=ext963237-eco-93b-1”), as nossas suspeitas confirmam-se, uma vez que é denunciada uma situação de falsa segurança e, por isso, de falso optimismo. No segundo caso, embora o extracto não nos permita tirar uma conclusão concreta da natureza de «optimismo» em associação a «alastra», parece haver uma pista de que o jornalista que redigiu o artigo em questão se encontra descrente das políticas praticadas pelo Ministério para a Qualificação e Emprego. Logo, nenhuma ocorrência de «optimismo» pode ser considerada abertamente positiva. No entanto, para efeitos de estatística, decidimos manter a possibilidade de «alastra» co-ocorrer com itens lexicais aparentemente positivos e, por conseguinte, servir para imprimir ironia ao contexto em que ocorre, seja ele formado por itens lexicais co-ocorrentes ou por unidades maiores⁵. Vejamos, assim, a distribuição das unidades por classificação:

⁵ Fica a advertência: muitos dos itens lexicais considerados neutros ou positivos ao longo dos estudos de caso apresentados nesta investigação poderão ocorrer em situações análogas, as quais só poderão ser verificadas mediante a consulta das linhas KWIC e caso os resultados se apresentem ambíguos.



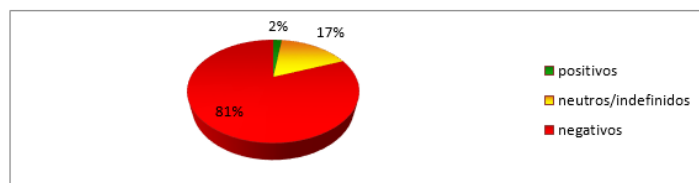


Gráfico 19 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «alastra» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

No caso do *CETEMPúblico*, a diferença entre co-ocorrentes de cariz neutro/indefinido e de cariz negativo é ainda mais acentuada: os co-ocorrentes habituais negativos ocupam mais de três quartos da amostra, ao passo que os restantes se encontram em grande minoria.

3.2.1.4. Pesquisa do *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

A correlação, relativamente a «alastra», entre os discursos político e jornalístico, é evidente. Enquanto se mantêm os co-ocorrentes habituais mais frequentes, isto é, «desemprego» e «pobreza», o padrão torna-se mais evidente e polido: desaparece, por exemplo, a anomalia de um co-ocorrente habitual positivo e emergem co-ocorrentes como «fome» e, estranhamente, «governo» e «telemóveis», entre outros. Vejamos:

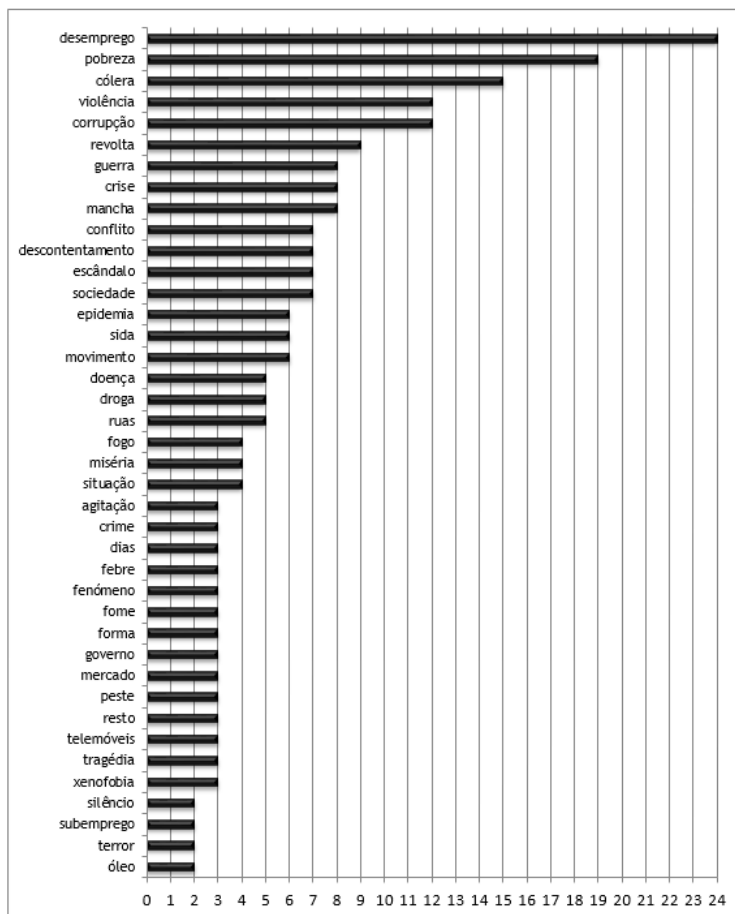


Gráfico 20 – Co-ocorrentes habituais de «alastra», de acordo com o *corpus* conjunto (DAR-I + CETEMPúblico).

Confirma-se, assim, a correlação entre ambos os tipos de discurso estudados. Vejamos, agora, a ocorrência por instância avaliativa:

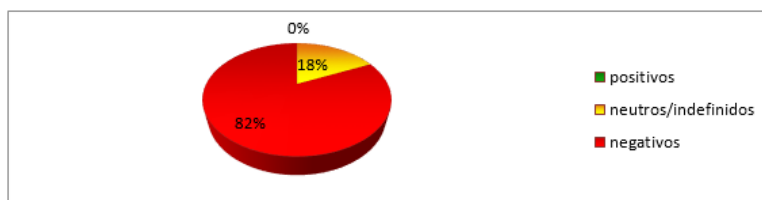


Gráfico 21 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «alastra» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o corpus conjunto (*DAR-I+CETEMPúblico*).

Mantém-se, como era expectável, a distribuição altamente polarizada entre itens co-ocorrentes negativos e neutros/indefinidos. Podemos, assim, concluir que, tanto em ambiente político-partidário e parlamentar como em ambiente jornalístico, «alastra» é, de facto, um item lexical funesto e próprio para formular críticas ou locuções irónicas, como vimos no caso da co-ocorrência positiva no *CETEMPúblico*.

3.2.2 «Atitudes»

3.2.2.1. Critérios de pesquisa

Uma vez que, nesta pesquisa, pretendemos encontrar adjectivos que modificassem «atitudes», os co-ocorrentes habituais foram procurados no espaço de uma palavra à esquerda e duas à direita do item lexical crítico. Optámos por fazer isto uma vez que, para além de ser possível encontrar adjectivos antes de um substantivo, os que se lhe seguem podem ser precedidos de um advérbio que os modifique (por exemplo, “atitudes assumidamente racistas”⁶). Também o complemento nominal surge após o substantivo e uma preposição (por exemplo, “atitudes de desprezo”⁷).

⁶ Esta locução foi formulada somente como exemplo, não tendo sido retirada dos *corpora* estudados.

⁷ *Idem*.

3.2.2.2. Pesquisa do *corpus DAR-I*

«Atitudes», item lexical que, no *DAR-I*, ocorre 1193 vezes, embora possua co-ocorrentes habituais de carácter mais neutro («políticas», «novas» e «diferentes» encabeçam a lista), co-ocorre habitualmente com um número significativo de itens lexicais negativos:

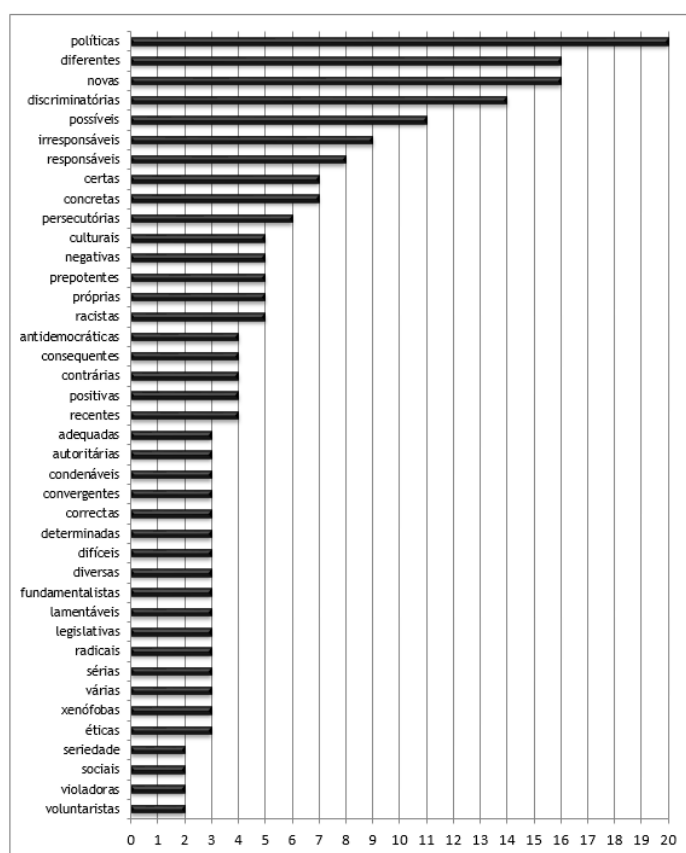


Gráfico 22 – Co-ocorrentes habituais de «atitudes», segundo o *corpus DAR-I*.

Destaque-se, neste sentido, «discriminatórias» (14 ocorrências), «irres-



ponsáveis» (9 ocorrências, uma a mais do que o seu antónimo, «responsáveis»), «persecutórias» (6), «racistas», «prepotentes» e «negativas» (5 ocorrências cada). Todavia, mantém-se o pendor para um registo neutro e chegamos até a ter ocorrências positivas : «responsáveis» (8) «positivas» (4), «éticas» (3), «correctas» (3), «voluntaristas» e «seriedade» (2 ocorrências cada). Vejamos, aliás, a distribuição entre co-ocorrentes positivos, neutros/indefinidos e negativos:

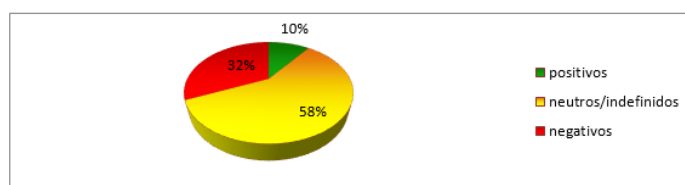


Gráfico 23 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «atitudes» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus DAR-I*.

Com efeito, «atitudes» é bastante mais neutro: as co-ocorrências neutras ou indefinidas ocupam mais de metade da distribuição, correspondendo quase um terço às negativas e a fatia mais pequena, correspondente a exactamente um décimo, aos co-ocorrentes de cariz aparentemente positivo. Podemos assim, pelo menos em contexto político, classificar a sua utilização como neutra com alguma tendência para contextualizações negativas (o que, convenhamos, acontece com frequência nesse meio).

3.2.2.3. Pesquisa do *corpus CETEMPúblico*

As ocorrências de «atitudes» (4338) são, no *CETEMPúblico*, proporcionais às do *DAR-I*, o que acontece também com os seus co-ocorrentes habituais. Com efeito, o primeiro a figurar na lista, «diferentes», ocorre 62 vezes (a moda do *DAR-I* tem 20 ocorrências):

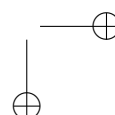
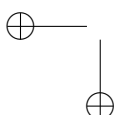


Tabela 8 – Co-ocorrentes habituais de «atitudes»,
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*

diferentes	62	drásticas	17	alegadas	11
novas	57	possíveis	15	públicas	10
políticas	46	culturais	15	práticas	10
certas	37	próprias	13	mesmas	10
radicais	34	firmes	13	estéticas	10
racistas	30	diversas	13	distintas	10
persecutórias	22	xenófobas	12	anteriores	10
assumidas	22	precipitadas	12	semelhantes	9
violentas	21	negativas	12	estranhas	9
provocatórias	21	dignas	12	críticas	9
discriminatórias	21	determinadas	12	arrogantes	9
correctas	18	positivas	11	responsáveis	8
agressivas	18	opostas	11		
sociais	17	individuais	11		

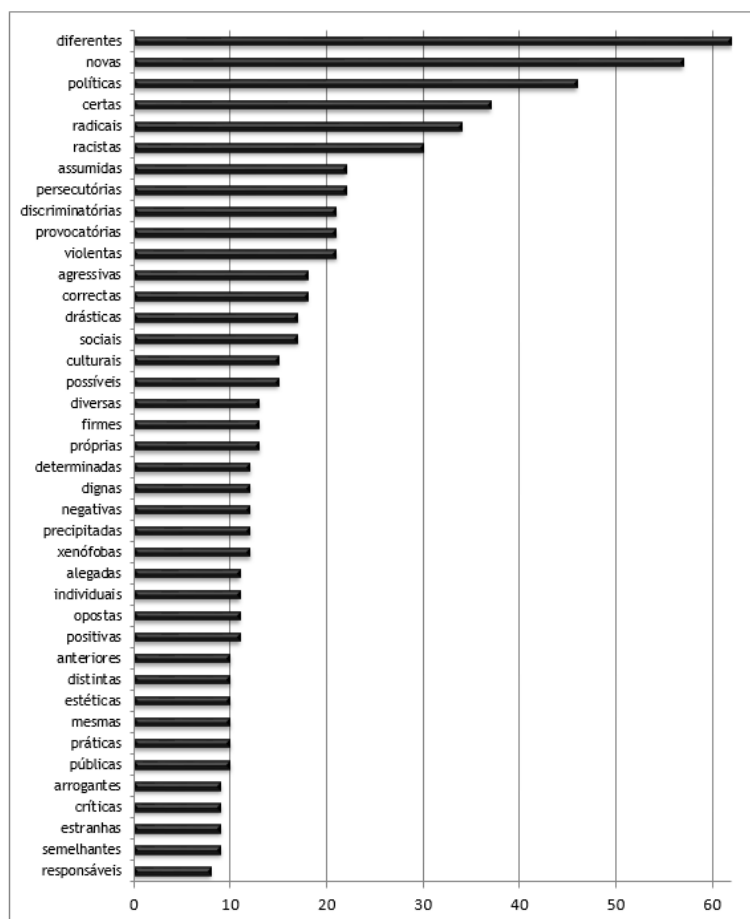


Gráfico 24 – Co-ocorrentes habituais de «atitudes»,
de acordo com o *CETEMPúblico*.

Observando os dados apresentados, rapidamente concluímos que os co-ocorrentes habituais de «atitudes» no *CETEMPúblico* são algo semelhantes aos que surgem no *DAR-I*. Agora, temos, entre os mais frequentes, «diferentes» (62 ocorrências), «novas» (57) e «políticas» (46). Atente-se ao facto, muito provavelmente devido ao tipo de discurso, de se inverter a ordem, re-



lativamente ao *DAR-I*, destes co-ocorrentes habituais mais frequentes. Os co-ocorrentes neutros ocorrem também em número superior, embora alguns possam ser classificados como indefinidos (como é o caso de «radicais» ou até mesmo, atendendo à realidade do país, «políticas»). Dos co-ocorrentes negativos, destaquemos «racistas» (30 ocorrências), «persecutórias» (22), discriminatórias (21) e agressivas (18). Ao que parece, o racismo e a discriminação parecem, pelo menos de uma forma moderada, ser algumas das atitudes descritas pelo registo jornalístico. Não obstante, confirma-se a maioria de co-ocorrentes de cariz potencialmente neutro, sendo a distribuição por instância avaliativa semelhante à que ocorre no *DAR-I*, verificando-se a mesma tendência para contextualizações negativas que observámos nesse *corpus*:

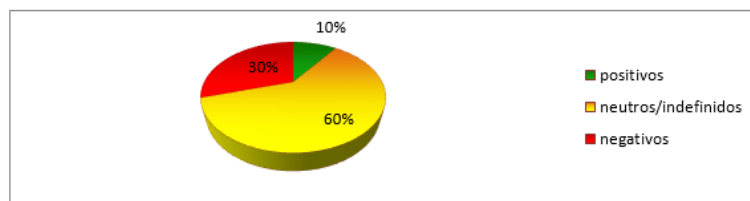


Gráfico 25 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «atitudes» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus CETEMPúblico*

3.2.2.4. Pesquisa do *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

Observando a junção de amostras, ou *corpora*, que resulta nos dados que apresentaremos de seguida, cremos ter obtido um bom indicador da utilização quotidiana de «atitudes». Enquanto a moda conjunta reside em «diferentes» (que é também a moda no *CETEMPúblico*) e se mantém a tendência neutral do item lexical crítico abordado, os co-ocorrentes negativos parecem centrar-se mais em torno da segregação («racistas» e «discriminatórias» ocorrem 34 vezes cada). Observemos os dados obtidos:

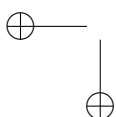


Tabela 9 – Co-ocorrentes habituais de «atitudes», de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I + CETEMPúblico*)

diferentes	78	culturais	20	prepotentes	13
novas	73	agressivas	20	individuais	13
políticas	66	sociais	19	dignas	13
certas	44	próprias	18	concretas	13
radicais	37	drásticas	18	práticas	12
racistas	35	anti	18	distintas	12
discriminatórias	35	negativas	17	semelhantes	11
recentes	31	responsáveis	16	opostas	11
persecutórias	28	xenófobas	15	contrárias	11
possíveis	26	positivas	15	anteriores	11
assumidas	24	determinadas	15	alegadas	11
violentas	22	precipitadas	14	públicas	10
provocatórias	22	irresponsáveis	14		
correctas	21	firmes	14		

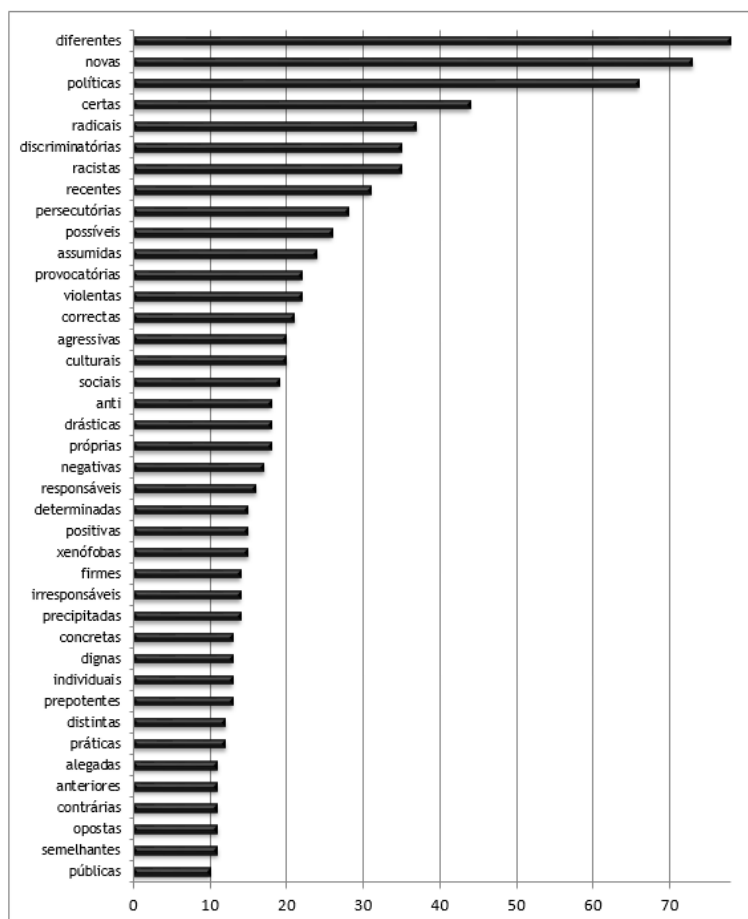


Gráfico 26 – Co-ocorrentes habituais de «atitudes», de acordo com o corpus conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*).

Esperávamos, devido ao que havíamos observado com as análises individuais do *DAR-I* e do *CETEMPúblico*, mantêm-se os padrões anteriormente

observados, exceptuando-se «recentes» (31 ocorrências) e «anti»⁸ (18 ocorrências). Vejamos, agora, a distribuição por carácter semântico/pragmático:

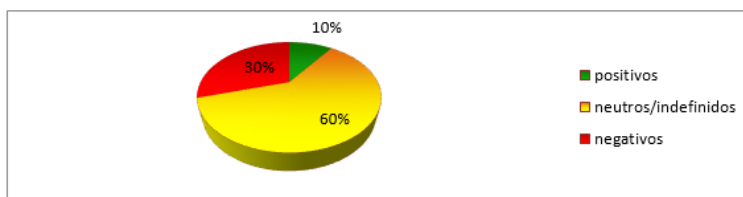


Gráfico 27 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «atitudes» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o corpus conjunto (*DAR-I+CETEMPúblico*).

Conforme era também expectável, a distribuição mantém-se igual às verificadas no *DAR-I* e no *CETEMPúblico*. Podemos, então, concluir que «atitudes» possui uma carga para-semântica neutra, com um ligeiro pendor para um carácter negativo.

3.2.3 «Aumento»

3.2.3.1. Critérios de pesquisa

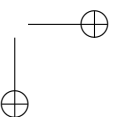
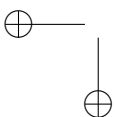
A classe morfológica que, neste caso, pretendemos obter foi o substantivo, nomeadamente sob a forma de complemento nominal. Para isso, executámos a busca de co-ocorrentes três espaços à direita do item lexical crítico. Isto deveu-se ao facto de «aumento», ao pedir um complemento nominal, é seguido por uma preposição, contraída ou não com um artigo. Só depois surgirá o substantivo que compõe o complemento nominal. Todavia, havendo a possibilidade de este se fazer preceder de um adjectivo, decidimos alargar o horizonte a três espaços.

⁸ Embora «anti» não constitua um item lexical propriamente dito, considera-se uma unidade mínima significativa que indica contrariedade e oposição, pelo que decidimos incluir esta unidade e classificá-la como sendo de carácter negativo.



3.2.3.2. Pesquisa do *corpus DAR-I*

Dentro do ambiente político, «aumento» parece não ser encarado com bonomia. Este item lexical, que ocorre 15.389 vezes no *DAR-I*, é, de entre os que abordámos na elaboração deste livro, um dos mais sujeitos a co-selecção, apresentando também um carácter assaz negativo. «Impostos», com 1460 ocorrências, ocupa o lugar superior da lista de co-ocorrentes habituais, seguindo-se-lhe, de entre os mais gritantes, «desemprego» (592 ocorrências), despesa (555) e IVA (519). Vejamos todos os resultados obtidos:



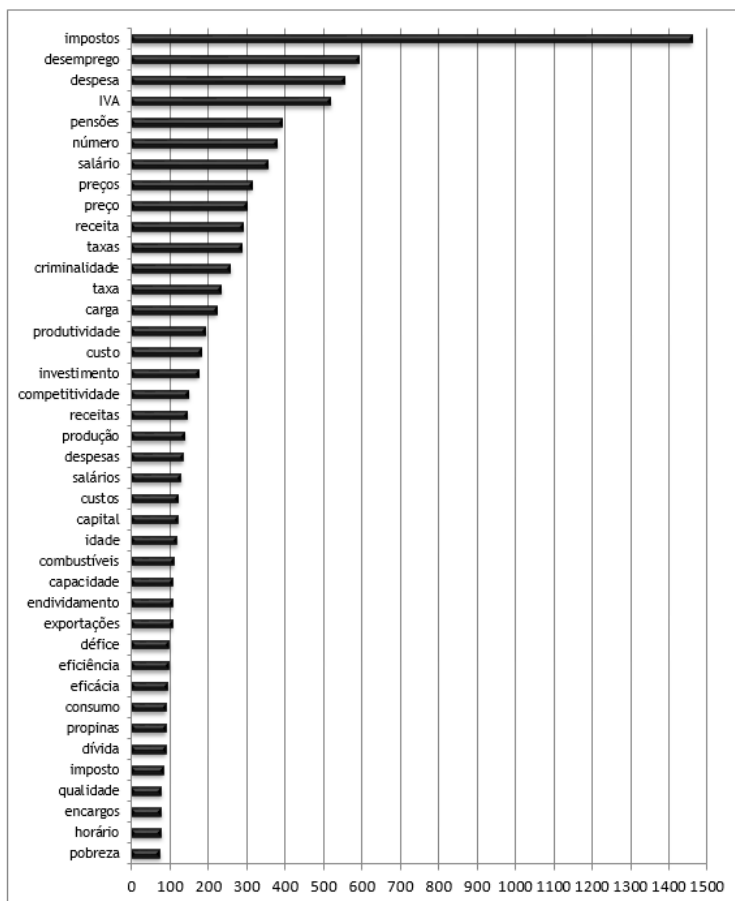


Gráfico 28 – Co-ocorrentes habituais de «aumento»,
de acordo com o corpus *DAR-I*.

Tabela 10 – Co-ocorrentes habituais de «aumento»,
de acordo com o *corpus DAR-I*

impostos	1460	produtividade	193	capacidade	106
desemprego	592	custo	181	défi ce	98
despesa	555	investimento	175	eficiê ncia	97
IVA	519	competitividade	148	eficácia	95
pensões	392	receitas	145	propinas	90
número	379	produção	138	consumo	90
salário	356	despesas	134	dívida	89
preços	314	salários	128	imposto	83
preço	299	custos	122	qualidade	78
receita	291	capital	121	horário	77
taxas	288	idade	118	encargos	77
criminalidade	257	combustíveis	109	pobreza	74
taxa	233	exportações	106		
carga	222	endividamento	106		

É algo surpreendente vermos a forma como «impostos» se destaca dos restantes co-ocorrentes. Tal facto denota que, pretenda-se evitar ou praticar o aumento de impostos, este é um assunto esmagadoramente tratado na Assembleia da República. Acresce que, para além dos co-ocorrentes já citados, «aumento» parece quase sempre representar algo negativo para o cidadão comum: «preços» e «preço» (314 e 299 ocorrências cada), «taxas» (288), «criminalidade» (257), «taxas» e «taxa» (288 e 233 ocorrências, respectivamente) «carga» (222) e «custo» (181), entre outros. Relativamente a «carga», decidimos considerar este co-ocorrente como negativo por associação a «fiscal», facto que uma nova procura corrobora: «aumento da carga» co-ocorre com «fiscal» (183 ocorrências), «horária» (5 ocorrências), «tributária» (4), «le(c)tiva» (6), «burocrática» (2), «parafiscal» e «laboral» (uma ocorrência cada). Há, todavia, a presença de alguns co-ocorrentes positivos, nomeadamente «pensões» (392 ocorrências), «salário» (256), «receita» (291), «produtividade» (193), «investimento» (175), «competitividade» (148), «receitas» (145) e «produção» (138), entre outros. Vejamos, agora, a distribuição de co-ocorrentes por classificação:

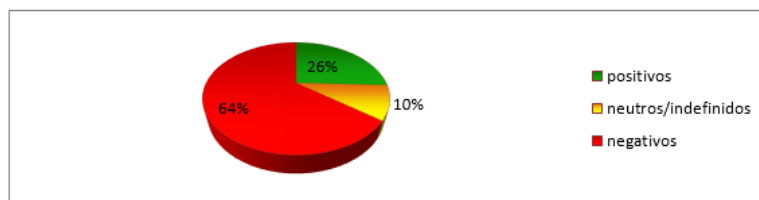


Gráfico 29 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «aumento» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus DAR-I*.

«Aumento», quando utilizado no contexto político, é um substantivo bastante nefasto, embora se verifique o esforço envidado em empregá-lo em contextos desejáveis e apazíveis, já que os co-ocorrentes positivos ocupam um quarto da distribuição, encontrando-se os neutros/indefinidos numa posição de minoria. Observando estes resultados, somos levados a reflectir na realidade político-económica e cultural de Portugal e a remeter o pensamento para a concepção de língua como espelho, por vezes convexo, da realidade social.

3.2.3.3. Pesquisa no *corpus CETEMPúblico*

«Aumento», com 25.269 ocorrências no *CETEMPúblico*, apresenta, neste caso, padrões completamente diferentes dos que verificámos no *DAR-I*: enquanto, no contexto político, este item lexical é utilizado em situações maioritariamente negativas, o meio jornalístico parece tratá-lo de um modo mais neutral. Neste caso, a moda é «capital», com 3.050 ocorrências, seguindo-se «número» (com 1.055 ocorrências, é igualmente neutro ou indefinido⁹). Só depois começam a surgir os co-ocorrentes indicadores de contextos menos desejáveis, como «desemprego» (579 ocorrências), «impostos» (455) e «taxas» (444), entre outros:

⁹ Tendo pesquisado «aumento de/do número», descobrimos que existem alguns co-ocorrentes negativos, como é o caso da moda, «desempregados», com 58 ocorrências. No entanto, não consideramos necessária uma exploração a fundo do caso de «número», porque consideramos bastante a inferência que poderemos retirar da junção de amostras (*DAR-I* + *CETEMPúblico*); ademais, seria necessária uma análise com vários encadeamentos: por exemplo, o segundo co-ocorrente mais habitual de «aumento do/de número» é «casos», o qual seria também digno de investigação.

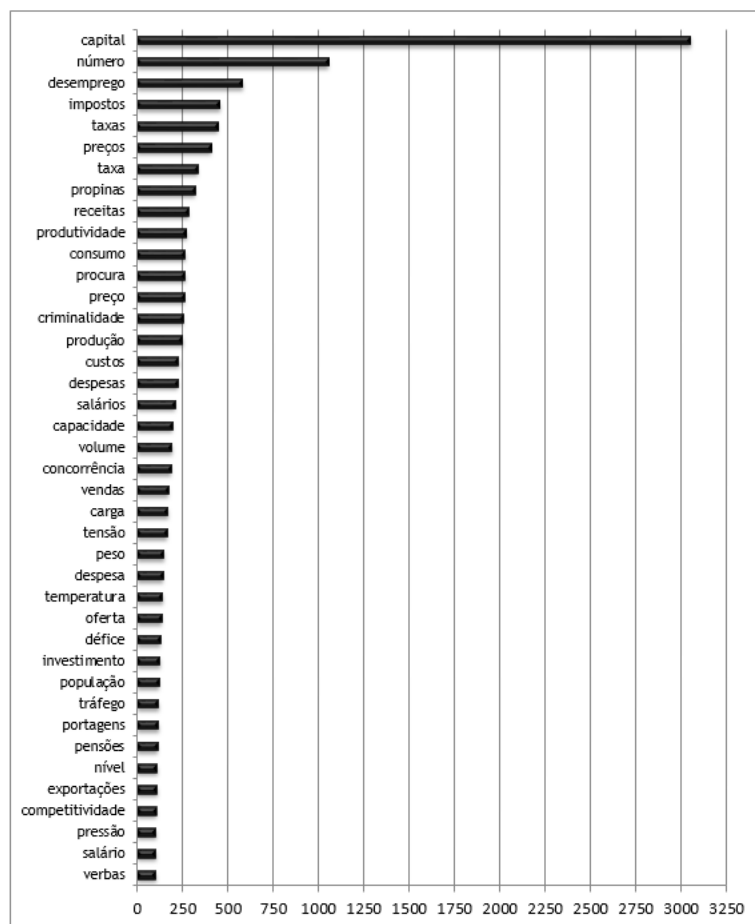


Gráfico 30 – Co-ocorrentes habituais de «aumento», de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Tabela 11 – Co-ocorrentes habituais de «aumento»,
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*

capital	3050	produção	247	défi ce	127
número	1055	custos	225	investimento	123
desemprego	579	despesas	222	população	121
impostos	455	salários	207	tráfego	116
taxas	444	capacidade	192	portagens	115
preços	408	volume	189	pensões	112
taxa	333	concorrência	187	nível	109
propinas	319	vendas	172	exportações	108
receitas	283	carga	167	competitividade	105
produtividade	272	tensão	164	salário	103
procura	262	peso	145	pressão	103
consumo	262	despesa	143	verbas	102
preço	261	temperatura	137		
criminalidade	254	oferta	136		

O gráfico, tendo em conta o valor atípico da moda, dá-nos rapidamente uma ideia da co-selecção operada, no caso de «aumento», no contexto jornalístico. Enquanto, no meio político, o co-ocorrente habitual mais frequente é «impostos», o discurso jornalístico imprime ao item lexical crítico uma carga para-semântica mais neutra. Mantém-se, todavia, um pendor para o campo financeiro, indicado por co-ocorrentes como «propinas» (319 ocorrências), «receitas» (283) ou «preço» (261), facto que parece retractar a comunidade de falantes, enquanto representada pelas amostras aqui utilizadas, como altamente economicista. Vejamos, agora, a distribuição dos co-ocorrentes de «aumento» por classificação:

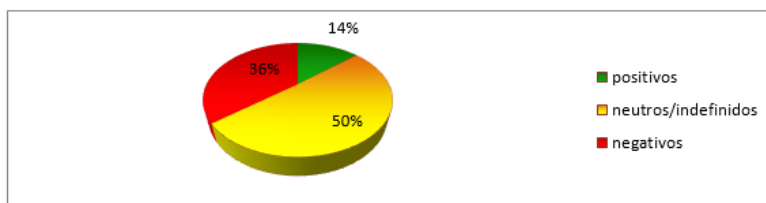


Gráfico 31 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «aumento» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Como a moda deixava prever, a polarização avaliativa do item lexical em questão esbate-se consideravelmente no meio jornalístico, com metade das ocorrências a caírem no foro do neutro ou indefinido. Só pouco mais de um terço da distribuição é ocupado por co-ocorrentes de cariz negativo, havendo também, obviamente, um número inferior de co-ocorrentes habituais de «aumento» que podemos considerar positivos.

3.2.3.4. Pesquisa no *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

A pesquisa no *corpus* conjunto parece manter as tendências verificadas no *CETEMPúblico*, ainda que com algumas alterações. A moda por conjunto continua, com efeito, a ser «capital» (mantendo-se o seu carácter atípico), seguindo-se-lhe, todavia, «impostos» (3.203 e 1.902 ocorrências, respectivamente). Assim, enquanto tínhamos, no *CETEMPúblico*, os dois primeiros co-ocorrentes neutros, temos agora a moda contrabalançada não só por «impostos», mas também por «desemprego». Temos também, como verificámos nas pesquisas individuais de cada *corpus*, uma sucessão de vários co-ocorrentes negativos:



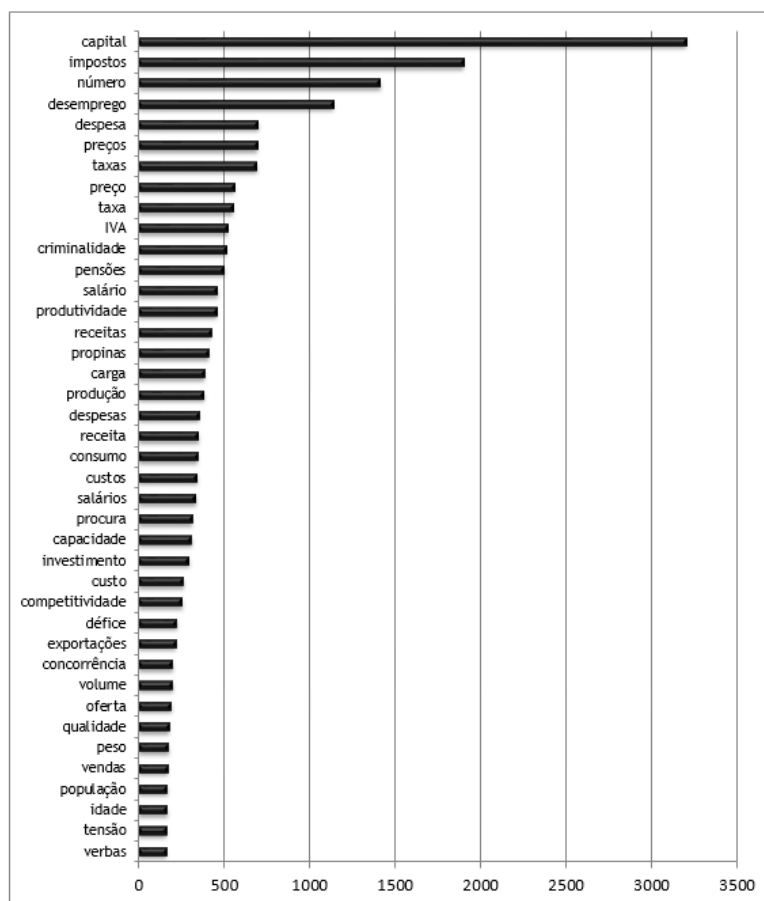


Gráfico 32 – Co-ocorrentes habituais de «aumento», de acordo com o corpus conjunto (DAR-I + CETEMPúblico).

Tabela 12 – Co-ocorrentes habituais de «aumento»,
de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

capital	3203	receitas	422	défi ce	222
impostos	1902	propinas	406	exportações	217
número	1410	carga	384	concorrência	199
desemprego	1138	produção	379	volume	197
despesa	697	despesas	350	oferta	188
preços	694	receita	346	qualidade	179
taxas	691	consumo	344	peso	175
preço	557	custos	341	vendas	171
taxa	550	salários	331	população	166
IVA	519	procura	311	idade	165
criminalidade	511	capacidade	307	verbas	162
pensões	497	investimento	293	tensão	162
salário	461	custo	260		
produtividade	455	competitividade	254		

Destaca-se a ocorrência de «despesa» (697 ocorrências), «preços»/«preço» (694/557), «taxas»/«taxa» (691/550), «IVA» (519) e «criminalidade» (511). Assim, embora se mantenha um carácter algo neutral para «aumento», esta presença compacta de co-ocorrentes de cariz negativo confere-lhe incontornáveis traços de negatividade:

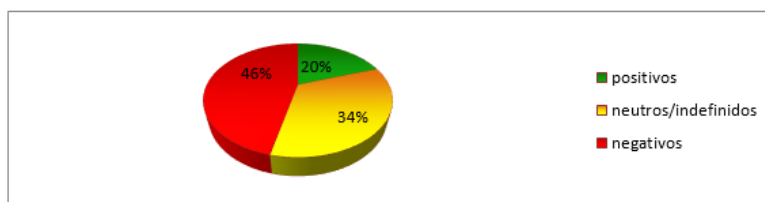


Gráfico 33 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «aumento» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*).

Efectivamente, embora a quantidade de co-ocorrentes neutros/indefinidos se encontrem muito próxima da dos negativos, são estes últimos que se encontram em maioria. Note-se também que muitos destes co-ocorrentes neutros ou indefinidos podem ter características negativas ou positivas não observáveis (pelo menos de um modo eficiente) através de uma recolha estatística de *collocates* ou da observação de linhas KWIC: vimos já isso no caso de «número», e o mesmo poderá ocorrer em muitos outros casos (como «consumo», «procura», «população» ou «vendas»). Podemos, assim, concluir que a Prosódia Semântica introduzida por «aumento» é principalmente negativa.

3.2.4 «Claramente»

3.2.4.1. Critérios de pesquisa

Ao investigar «claramente» e a Prosódia Semântica gerada por este item lexical, achámos conveniente a procura de adjectivos (ou verbos no participio passado, que indicam igualmente um estado), advérbios e até mesmo preposições como «contra», «acima» e «abaixo». No caso destas, entendemos que podem também ter a função de modificadores que representam uma instância avaliativa (conformidade vs. inconformidade), pelo que decidimos não as eliminar aquando do processo de filtragem de dados. O horizonte de busca foi simplesmente de uma palavra à direita do item lexical crítico, já que qualquer co-ocorrente das classes morfológicas acima descritas surgirá normalmente a seguir ao advérbio observado.

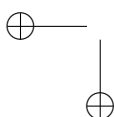


3.2.4.2. Pesquisa no *corpus DAR-I*

Quando aplicado em contexto de discurso político, «claramente» (9.531 ocorrências no *DAR-I*) parece oferecer uma imagem de negatividade que vai, afinal, ao encontro da natureza da grande parte dos assuntos tratados em ambiente parlamentar. Temos, em primeiro lugar, a ocorrência de «insuficiente», com 77 ocorrências (a forma plural, «insuficientes», surge com 40 ocorrências). Sendo este o co-ocorrente mais habitual de «claramente», confere-lhe automaticamente uma carga para-semântica de contrariedade, confirmada, aliás, pelo segundo co-ocorrente habitual, «contra» (73 ocorrências). Vejamos os resultados:

Tabela 13 – Co-ocorrentes de «claramente»,
de acordo com o *corpus DAR-I*

insuficiente	77	inferior	24	identificados	12
contra	73	definida	24	favoráveis	12
acima	48	expresso	23	excessiva	11
insuficientes	40	positivo	22	diferentes	11
assumido	37	perante	22	prejudicado	10
assumida	36	positiva	18	positivos	10
definidas	34	assumidas	16	injusta	10
superior	32	afirmado	15	prejudicados	9
demonstrado	31	favorável	14	ilegal	9
abaixo	31	diferente	14	identificadas	9
dito	30	excessivo	13	identificada	9
definidos	27	demonstrada	13	explicado	9
inconstitucional	26	assumidos	13		
expressa	25	superiores	12		



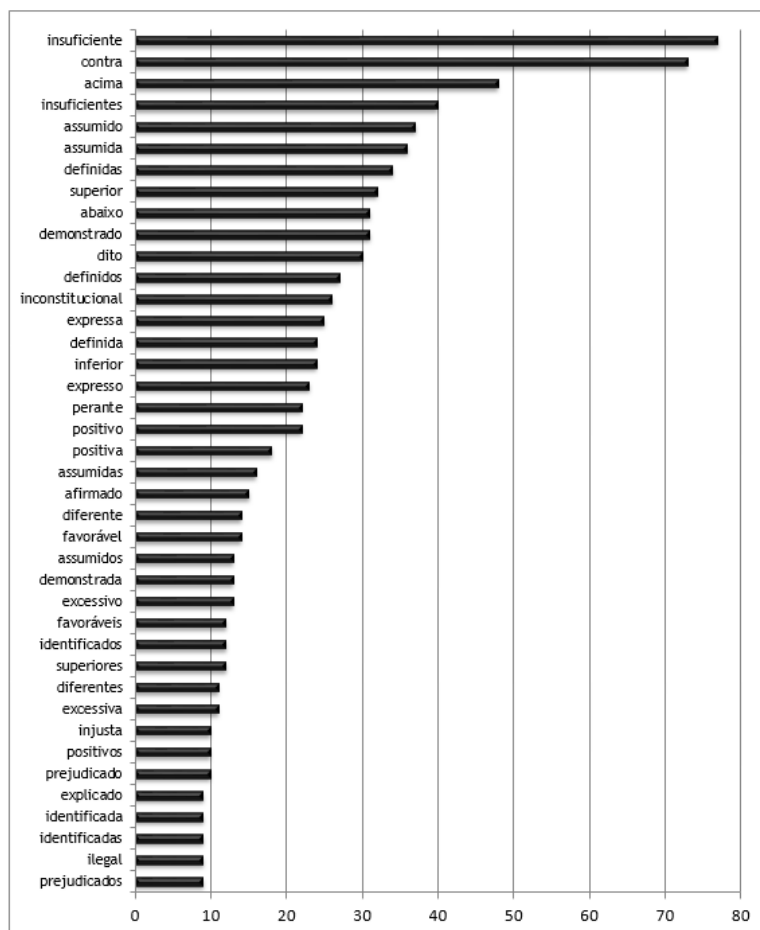


Gráfico 34 – Co-ocorrentes habituais de «claramente», de acordo com o *corpus DAR-I*.

Ao observar este gráfico, somos levados a ponderar na diferença entre os itens lexicais «insuficiente» e «contra» e os restantes co-ocorrentes. Embora exista um número considerável de co-ocorrentes de carácter neutro/indefinido, esta diferença parece conduzir «claramente», ainda que de um modo embrio-

nário, à criação de uma Prosódia Semântica negativa e que contextualiza contrariedade ou inconformidade. No entanto, não poderemos classificar «claramente», pelo menos dentro do uso no discurso político, como um item lexical com carga para-semântica negativa:

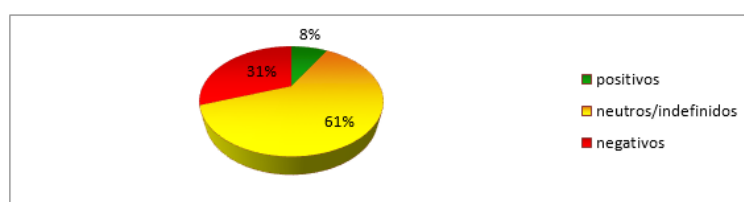


Gráfico 35 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «claramente» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus DAR-I*

Com efeito, embora quase um terço de co-ocorrentes de «claramente» seja de carácter negativo, a maioria esmagadora reside nos co-ocorrentes neutros/indefinidos, estando, como de costume em itens lexicais deste género, em minoria os de cariz positivo. Deveremos, assim, embora tendo em conta a associação de «claramente» a *insuficiente* e «contra», considerar este item lexical como neutral, pelo menos quando utilizado em discurso político.

3.2.4.3. Pesquisa no *corpus CETEMPúblico*

Com 8.268 ocorrências, «claramente» é bastante menos utilizado no meio jornalístico, o que se torna bastante relevante se tivermos em conta que o *CETEMPúblico* excede o *DAR-I* em mais do que o triplo. Todavia, o número de utilizações de cada co-ocorrente assemelha-se ao do *DAR-I*, o que significa que, no caso jornalístico, a co-selecção é mais vincada e concentrada. Por isso, é importante sublinhar que «contra», com 84 ocorrências, lidera a lista de co-ocorrentes habituais de «claramente», embora os co-ocorrentes seguintes invertam já esta tendência para um campo mais neutro e até mesmo positivo:

Tabela 14 – Co-ocorrentes habituais de «claramente»,
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

contra	84	negativa	22	batido	12
superior	82	insuficientes	22	assumido	12
favorável	66	favoráveis	22	política	11
insuficiente	59	definida	22	melhor	11
definidas	44	favoritos	20	diferenciados	11
positiva	43	expresso	20	destacado	11
inferior	39	identificado	18	anti	11
acima	31	visível	17	ultrapassado	10
abaixo	31	favorito	16	político	10
positivo	27	maioritário	15	ofensiva	10
desfavorável	26	positivos	14	negativo	10
derrotado	25	assumida	14	ilegal	10
definidos	25	identificados	13		
superiores	23	visto	12		

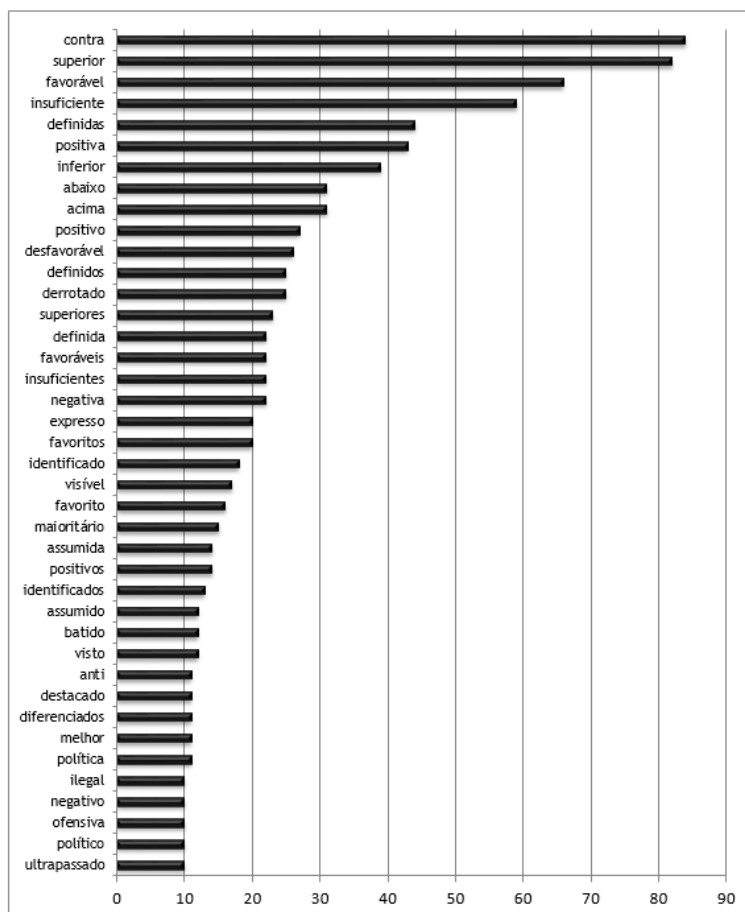


Gráfico 36 – Co-ocorrentes habituais de «claramente», de acordo com o corpus CETEMPúblico.

Registe-se, neste sentido, a presença de «favorável», com 66 ocorrências, «positiva»/«positivo» (43/27), «favoráveis» (22), e «favoritos» (20), sem mencionar «superior», que, com 84 ocorrências, e apesar da sua neutralidade, deixa adivinhar um pendor para discursos mais otimistas. Esta presença de co-ocorrentes positivos deixa, assim, entrever a possibilidade de nos en-

contrarmos perante um item lexical que distingue o discurso jornalístico do político por um optimismo que lhe é aparentemente superior:

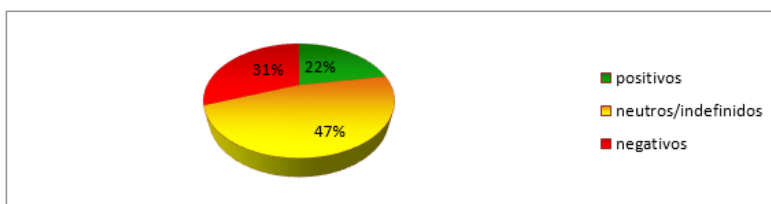


Gráfico 37 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «claramente» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Estamos perante uma diferença, assaz surpreendente, entre a natureza do discurso político e jornalístico. Enquanto o *DAR-I* nos sinalizava apenas 8% de co-ocorrentes positivos, o *CETEMPúblico* equilibra a balança entre positivo e negativo e oferece-nos uma visão bastante mais neutra do item lexical crítico. Reforça-se, assim, a ideia de uma neutralidade algo polarizada (desta vez, em partes quase iguais).

3.2.4.4. Pesquisa no *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

Os resultados por conjunto parecem continuar as inferências que, até aqui, tirámos sobre a natureza de «claramente». Com o meio político a conferir-lhe como principal co-ocorrente «insuficiente» e o jornalístico, «contra», é natural que sejam estes os principais co-ocorrentes no *corpus* conjunto:

Tabela 15 – Co-ocorrentes habituais de «claramente», segundo o *corpus* conjunto (*DAR-I + CETEMPúblico*).

contra	157	assumido	49	fora	25
insuficiente	136	dito	47	positivos	24
superior	114	definida	46	visível	23
definido	95	expresso	43	melhor	22
favorável	80	superiores	35	favoritos	20
acima	79	desfavorável	35	afirmado	20
definidas	78	demonstrado	35	ilegal	19
inferior	63	favoráveis	34	assumidos	19
insuficientes	62	expressa	33	prejudicados	18
abaixo	62	inconstitucional	32	maioritário	18
positiva	61	negativa	30	diferente	18
definidos	52	derrotado	30	ultrapassado	16
assumida	50	identificados	25		
positivo	49	identificado	25		

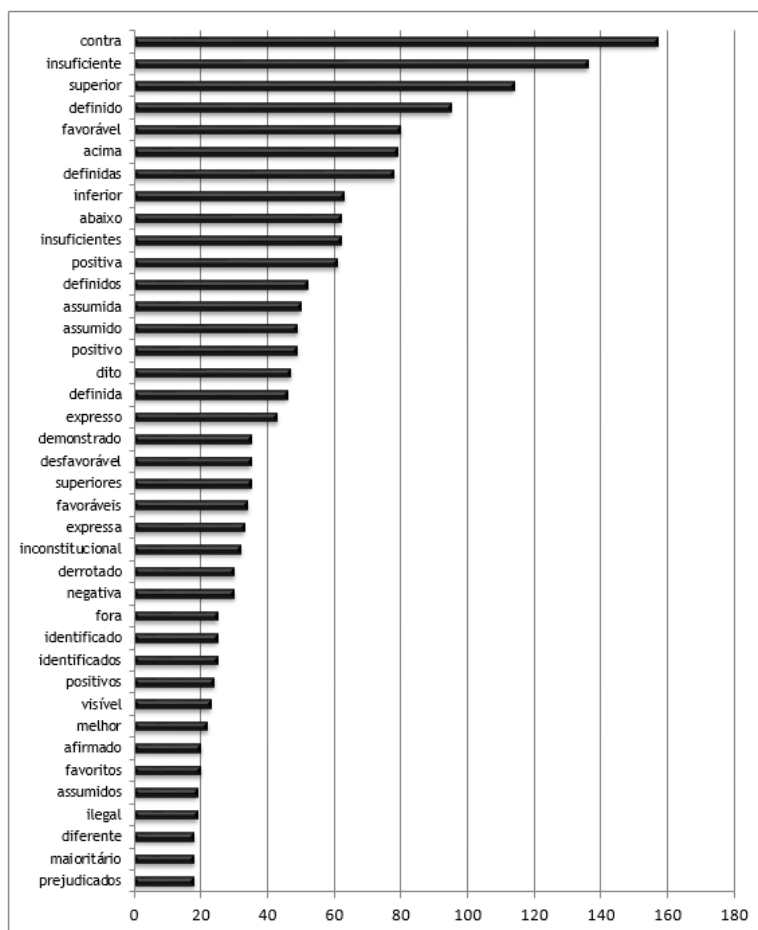
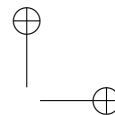


Gráfico 38 – Co-ocorrentes habituais de «claramente», de acordo com o corpus conjunto (DAR-I + CETEMPúblico).

É isso que, de facto, acontece. A liderar a lista, temos «contra», com 157 ocorrências, logo seguido de «insuficiente» (136). Seguem-se, depois, alguns co-ocorrentes neutros e positivos, como é o caso de «superior», «definido», «favorável» e «definidas». Esta distribuição sintetiza muito bem, na nossa



opinião, a junção, no espaço público, entre um discurso político ou politizado e um discurso mediático ou mediatizado. Continuamos a ter uma certa tendência para contextos negativos, conforme indicam os primeiros co-ocorrentes, pelo que é prudente dar mais relevância aos primeiros co-ocorrentes ao classificar a carga para-semântica de um item lexical, já que será esta, associada à co-selecção introduzida pela preferência de um número limitado de co-ocorrentes, que determinará a Prosódia Semântica de uma sequência discursiva. Recordemos, neste sentido, o exercício de associação livre que apresentámos ao longo do Capítulo I, o qual demonstra cabalmente a importância dos co-ocorrentes mais habituais de um dado item lexical:

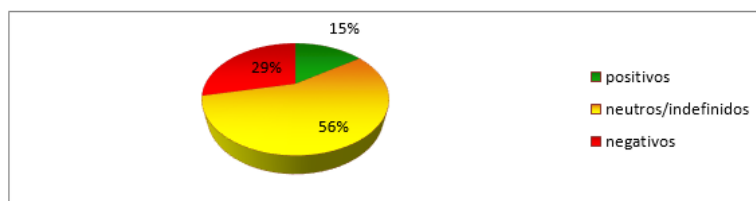
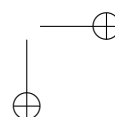
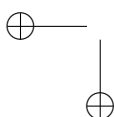


Gráfico 39 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «claramente» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o corpus conjunto (*DAR + CETEMPúblico*).

A amostra conjunta mantém a tendência para a neutralidade que as restantes evidenciavam. No entanto, os co-ocorrentes positivos conhecem um decréscimo face ao CETEMPúblico, encontrando-se os neutros/indefinidos num valor médio. Quanto aos negativos, de balde a predominância de «contra» e «insuficiente», estes co-ocorrentes sofrem também uma ligeira redução, representando pouco mais de um quarto de toda a distribuição. Mantemos, assim, a classificação de «claramente» como um item lexical de carga para-semântica neutra com tendência para negativa dados os principais co-ocorrentes habituais.





3.2.5 «Completo»

3.2.5.1. Critérios de pesquisa

A presente pesquisa é feita com objectivos muito particulares. Não só procuramos substantivos que se façam modificar por ele, mas também aqueles que se lhe sigam sintacticamente. Significa isto que procuramos, neste caso, «completo» + «substantivo», pelo que a procura foi feita um espaço a seguir ao item lexical crítico. Esta escolha deve-se ao facto de os substantivos mais abstractos e, por isso, com um potencial avaliativo, se situarem nessa posição. Substantivos situados antes de «completo» são, pelo menos no *DAR-I*, ligados ao campo semântico da cronologia: «ano», «tempo» e «horário» são alguns dos co-ocorrentes mais frequentes, o que é irrelevante para o nosso estudo.

3.2.5.2. Pesquisa no corpus *DAR-I*

O discurso político parece indicar-nos logo de imediato que «completo» (1.417 ocorrências no *DAR-I*), quando utilizado nas condições descritas no ponto anterior, é um item lexical deveras funesto e que ocorre vastamente em contextos negativos:



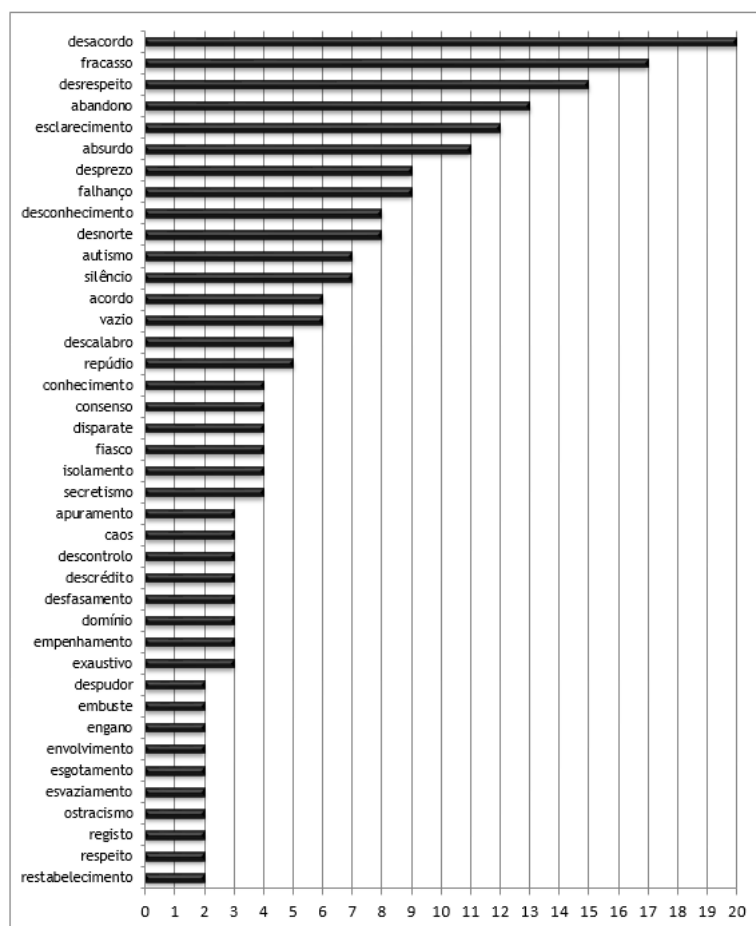


Gráfico 40 – Co-ocorrentes habituais de «completo»,
de acordo com o *corpus DAR-I*.

Podemos, neste sentido, atentar à predominância de «desacordo», com 20 ocorrências, seguido de «fracasso» (17 ocorrências), «desrespeito» (15) e «abandono». Interpõe-se um co-ocorrente neutro/indefinido, «esclarecimento» (12 ocorrências), mas logo continua a lista de co-ocorrentes negativos: «absurdo» (11), «falhanço» (9), «desprezo» (9), etc. Este caso específico não



deixa lugar a dúvidas: no âmbito do discurso político, «completo» apresenta uma carga para-semântica extremamente negativa, como poderemos observar no gráfico que se segue:

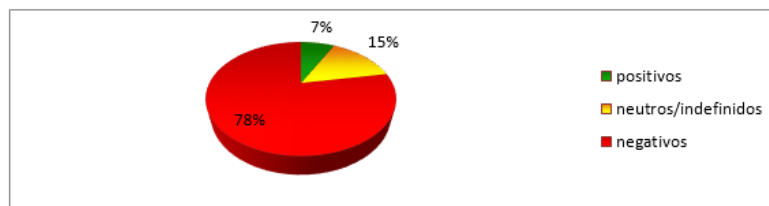


Gráfico 41 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «completo» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus DAR-I*.

A presença de co-ocorrentes de carácter negativo representa mais de três quartos da distribuição. Neste caso, os co-ocorrentes neutros/indefinidos são, relativamente aos casos que vimos até agora, de relevância infinitesimal, já sem referir os de cariz positivo.

3.2.5.3. Pesquisa no *corpus CETEMPúblico*

O *CETEMPúblico* conta com 6.401 ocorrências de «completo», item lexical que parece ser de utilização mais equilibrada. Com efeito, o primeiro co-ocorrente que lhe encontramos, para além de neutro, constitui uma moda de valor atípico:

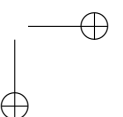
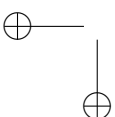


Tabela 16 – Co-ocorrentes habituais de «completo», de acordo com o *corpus CETEMPúblico*

esclarecimento	59	controlo	11	esquecimento	6
abandono	31	absurdo	11	apuramento	6
domínio	26	sistema	10	impasse	5
desprezo	22	programa	10	estudo	5
silêncio	21	mercado	9	desespero	5
desacordo	18	gravata	9	descrédito	5
desconhecimento	17	acordo	9	desconhecido	5
fracasso	15	manual	8	desastre	5
disparate	15	desnorte	8	desaparecimento	5
alheamento	15	desacerto	8	conhecimento	5
isolamento	13	desinteresse	7	colapso	5
estado	13	marasmo	6	caso	5
desrespeito	12	falta	6		
equipamento	11	falhanço	6		

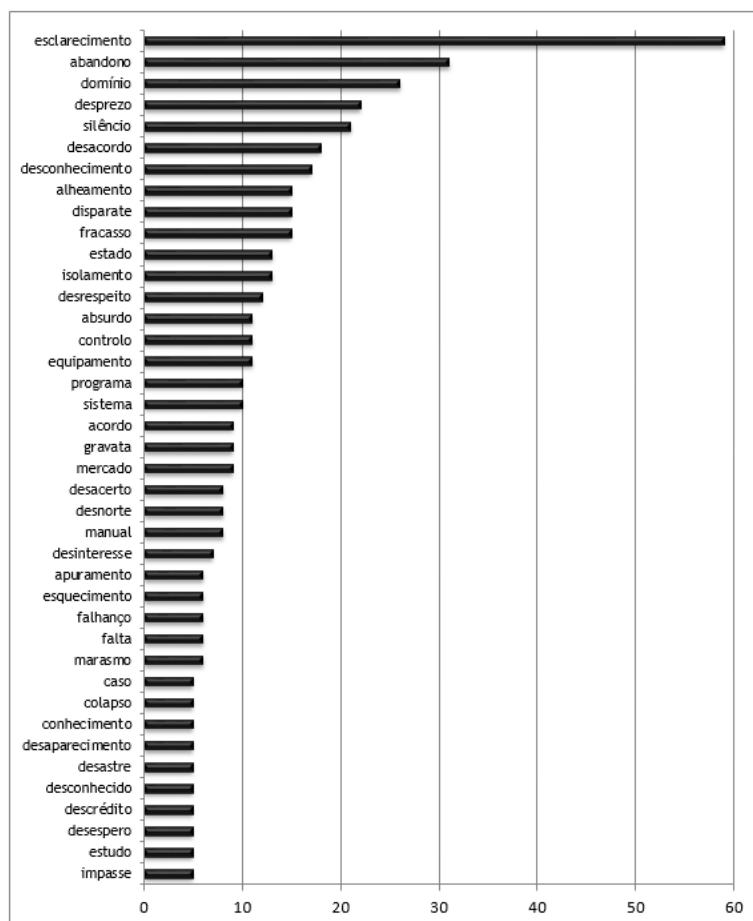


Gráfico 42 – Co-ocorrentes habituais de «completo», segundo o corpus CETEMPúblico.

As ocorrências de «esclarecimento», de facto, (59) quase duplicam relativamente às de «abandono». Segue-se-lhe o neutro «domínio», surgindo depois um bloco de co-ocorrentes de ordem negativa: «desprezo» (22 ocorrências), «silêncio» (21), «desacordo» (18), «desconhecimento» (17), «fracasso» (15), «disparate» (15), «alheamento» (15) e «isolamento» (13 ocorrências).



A neutralidade parece, assim, aumentar no contexto jornalístico aquando do uso de «completo»: para além de o principal co-ocorrente ser neutro, o próprio número de co-ocorrentes neutros parece ser assaz superior ao do *DAR-I*. Vejamos, agora, a distribuição de co-ocorrentes por classificação semântica/pragmática:

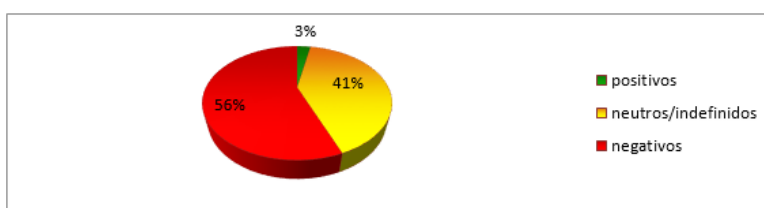


Gráfico 43 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «completo» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Embora «completo» continue a ser utilizado de uma forma bastante negativa, aumenta deveras a tendência para a neutralidade, como os 41% de co-ocorrentes neutros/indefinidos demonstram.

3.2.5.4. Pesquisa no *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

A consulta dos *corpora* reunidos apresenta-nos uma visão bastante equilibrada entre o uso de «completo» no *DAR-I* e no *CETEMPúblico*. Por um lado, «esclarecimento» continua, como acontecia no *corpus* jornalístico, a constituir a moda e a assumir um valor bastante atípico (71 ocorrências). Por outro, reforça-se a tendência para contextualizações negativas do item lexical crítico:



Tabela 17 – Co-ocorrentes habituais de «completo», de acordo com o corpus conjunto (DAR-I + CETEMPúblico)

esclarecimento	71	falhaço	15	desacerto	8
Abandono	44	acordo	15	autismo	8
Desacordo	38	estado	14	secretismo	7
Fracasso	32	controlo	13	descalabro	7
Desprezo	31	equipamento	11	caos	7
Domínio	29	vazio	10	restabelecimento	6
Silêncio	28	sistema	10	marasmo	6
Desrespeito	27	programa	10	fiasco	6
desconhecimento	25	mercado	9	esvaziamento	6
Absurdo	22	desinteresse	9	esquecimento	6
Disparate	19	conhecimento	9	desaparecimento	6
Isolamento	17	apuramento	9	contraste	6
Desnorte	16	repúdio	8		
Alheamento	16	descrédito	8		

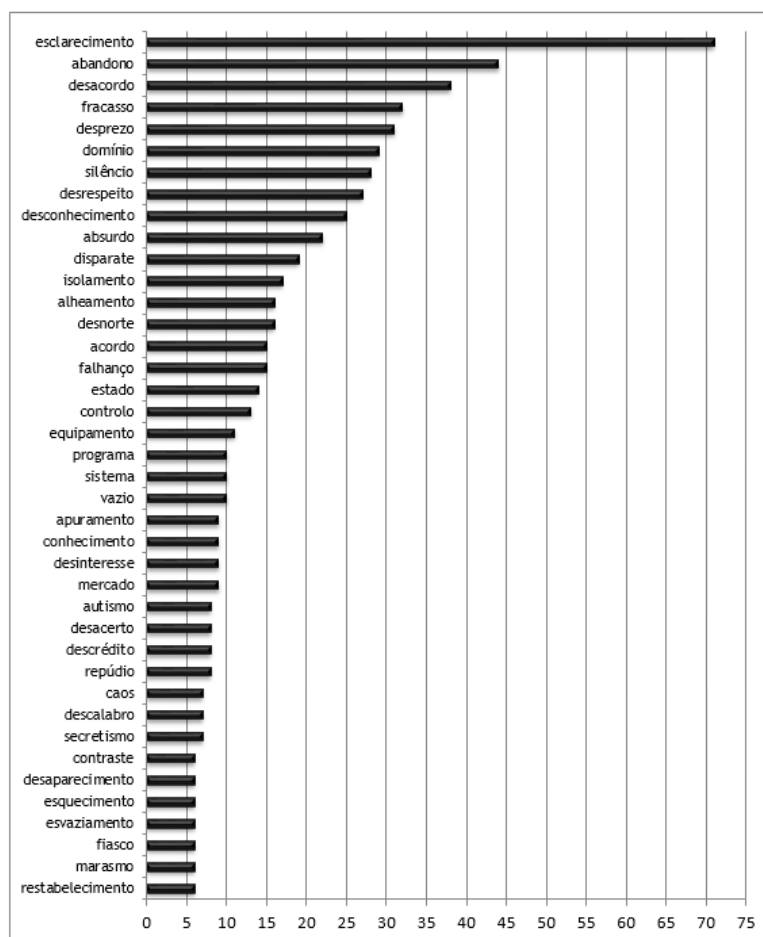


Gráfico 44 – Co-ocorrentes habituais de «completo», de acordo com o corpus conjunto (*DAR-I + CETEMPúblico*).

Atente-se, neste sentido, à sucessão quase ininterrupta de co-ocorrentes de carácter negativo: «abandono» (44 ocorrências), desacordo (38), fracasso (32), desprezo (31), silêncio (28), desconhecimento (25), absurdo (22) e disparate (19), entre outros. À primeira vista, os quarenta casos recolhidos são,

na sua maioria, de cariz negativo. No entanto, a predominância de «esclarecimento» leva-nos a atribuir-lhe uma importância ainda maior por ser este o primeiro co-ocorrente habitual. Vejamos a distribuição de co-ocorrentes positivos, neutros/indefinidos e positivos:

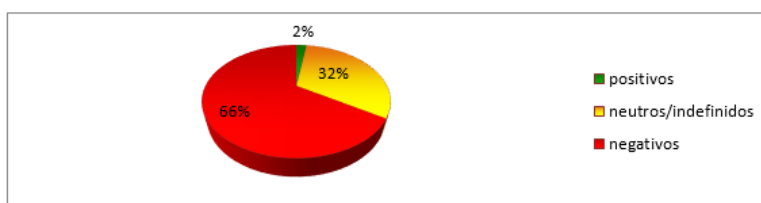


Gráfico 45 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «completo» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o corpus conjunto (DAR-I + CETEMPúblico).

Não obstante a associação repetida de «esclarecimento» a «completo», a percentagem de co-ocorrentes habituais de cariz negativo é bastante vasta e não deixa lugar a dúvidas: «completo», quando utilizado antes do substantivo que modifica é um item lexical passível de gerar Prosódia Semântica negativa em grande parte das suas enunciações. Porém, note-se, «completo», quando utilizado depois do substantivo, é absolutamente neutro e não desencadeia um fenómeno semântico-pragmático digno de nota.

3.2.6 «Comportamentos»

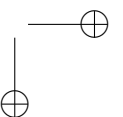
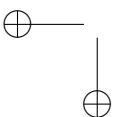
3.2.6.1. Critérios de pesquisa

Pretendemos, ao pesquisar «comportamentos», descortinar quais os adjectivos ou substantivos (complementos nominais) que mais se lhe associam. Por esse motivo, realizámos a procura num horizonte de duas palavras à direita do item lexical crítico para que os adjectivos que imediatamente se lhe seguissem e os substantivos que lhe servissem de complemento nominal (e que, sintacticamente, são precedidos de uma preposição simples ou contraída com um artigo) fossem abarcados pela busca em questão.



3.2.6.2. Pesquisa do *corpus* DAR-I

Este *corpus* oferece-nos, a uma primeira vista, a confirmação daquilo que a intuição nos poderá mostrar sobre «comportamentos» (1.455 ocorrências no *DAR-I*): que estes, geralmente, não são aceitáveis ou desejáveis, e que, normalmente, quando abordados em termos sociais, são de risco. E é exactamente isso que sucede: «risco» é, com 54 ocorrências, o primeiro co-ocorrente habitual de «comportamentos».



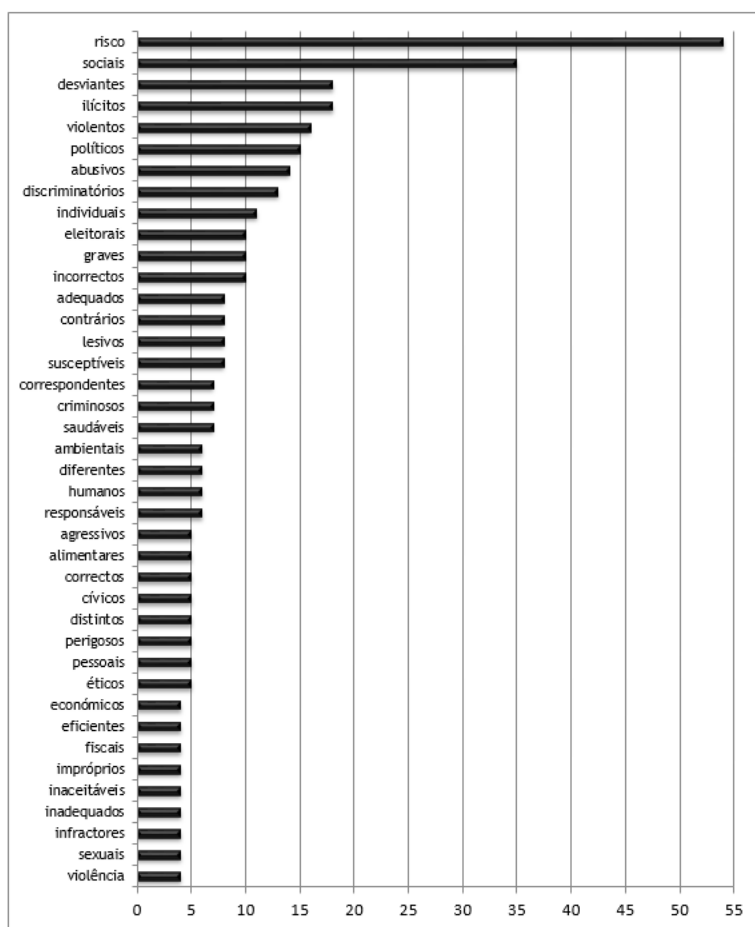


Gráfico 46 – Co-ocorrentes habituais de «comportamentos», de acordo com o *corpus DAR-I*.

Tabela 18 – Co-ocorrentes habituais de «comportamentos», de acordo com o *corpus DAR-I*

risco	54	contrários	8	correctos	5
sociais	35	adequados	8	alimentares	5
ilícitos	18	saudáveis	7	agressivos	5
desviantes	18	criminosos	7	violência	4
violentos	16	correspondentes	7	sexuais	4
políticos	15	responsáveis	6	infractores	4
abusivos	14	humanos	6	inadequados	4
discriminatórios	13	diferentes	6	inaceitáveis	4
individuais	11	ambientais	6	impróprios	4
incorrectos	10	éticos	5	fiscais	4
graves	10	personais	5	eficientes	4
eleitorais	10	perigosos	5	económicos	
susceptíveis	8	distintos	5		
lesivos	8	cívicos	5		

É digno de nota que, uma vez mais, o primeiro co-ocorrente apresenta valores bastante afastados dos restantes, constituindo novamente uma moda com valores atípicos. Como temos verificado nos restantes casos em que tal acontece, este facto pode tornar-se bastante revelador do uso mais comum do item lexical crítico. Todavia, os co-ocorrentes que se lhe seguem revelam-nos padrões interessantes, nomeadamente o neutro/indefinido «sociais»¹⁰, «ilícitos» e «desviantes» (18 ocorrências cada), «violentos» (16), «políticos» (com 15 ocorrências, este co-ocorrente tipifica não só a temática de parte dos comportamentos, mas também, pelas mesmas razões de «sociais», a forma como aqueles são avaliados), «abusivos» (14 ocorrências) e «discriminatórios» (13), entre outros. Vejamos, aliás, a distribuição dos co-ocorrentes habituais de «comportamentos» de acordo com a sua classificação semântico-pragmática:

¹⁰ Com 35 ocorrências, este co-ocorrente parece mostrar-nos que, pelo menos em termos de discurso político, os comportamentos de que se fala são amiúde atribuídos às massas e não a indivíduos e, tendo em conta o negativismo do primeiro co-ocorrente do item lexical crítico, vistos com uma atitude de reprovação.

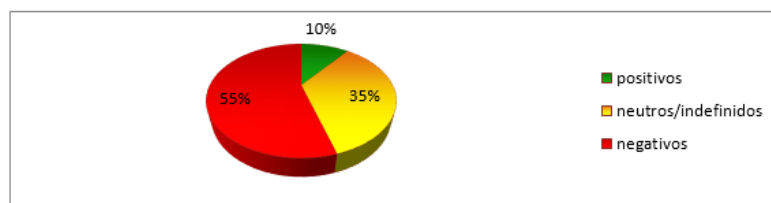


Gráfico 47 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «comportamentos» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus DAR-I*.

Para além da maioria de co-ocorrentes de carácter negativo, recorde-se que alguns dos co-ocorrentes habituais de carácter neutro/indefinido (como «sociais» e «políticos») se podem encontrar influenciados pelo cariz negativo de «comportamentos». Podemos, assim, considerar que «comportamentos» é, em contexto político, utilizado de uma forma maioritariamente negativa.

3.2.6.3. Pesquisa do *corpus CETEMPúblico*

O *CETEMPúblico*, que conta com 3.636 ocorrências de «comportamentos», mantém a moda verificada no *DAR-I*. Efectivamente, «risco», com 118 ocorrências, continua a figurar no topo da lista de co-ocorrentes de «comportamento». Encontramo-nos também perante um valor atípico, o qual excede em quase o dobro o número de ocorrências do segundo co-ocorrente habitual, «sociais». Vejamos todos os dados obtidos:

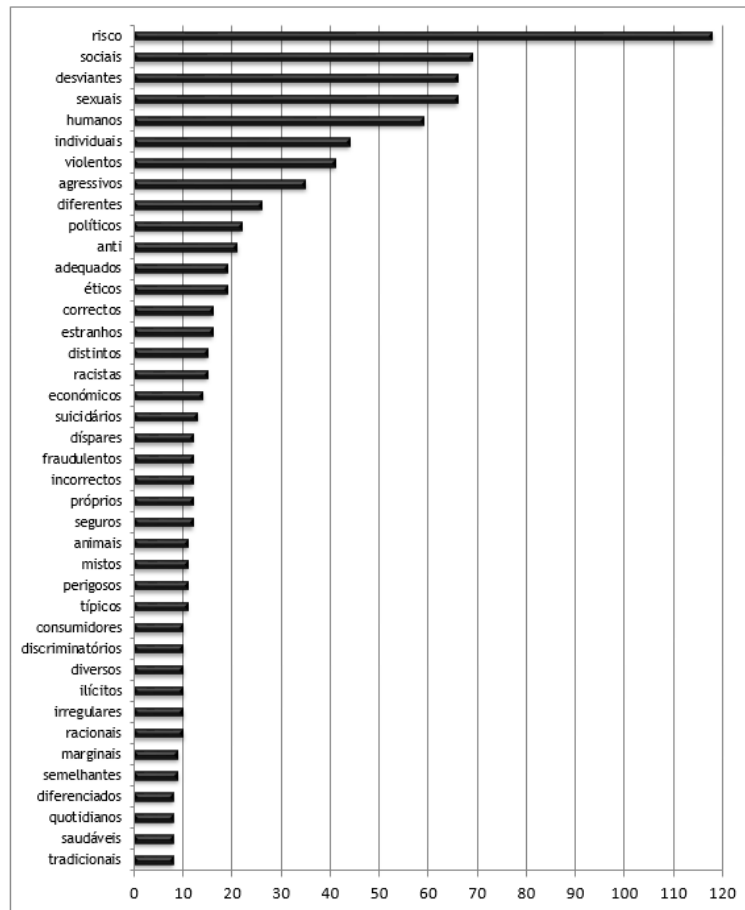


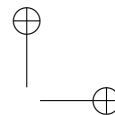
Gráfico 48 – Co-ocorrentes habituais de «comportamentos», de acordo com o corpus CETEMPúblico.

Tabela 19 – Co-ocorrentes habituais de «comportamentos», de acordo com o *corpus CETEMPúblico*

risco	118	correctos	16	racionais	10
sociais	69	racistas	15	irregulares	10
sexuais	66	distintos	15	ilícitos	10
desviantes	66	económicos	14	diversos	10
humanos	59	suicidários	13	discriminatórios	10
individuais	44	seguros	12	consumidores	10
violentos	41	próprios	12	semelhantes	9
agressivos	35	incorrectos	12	marginais	9
diferentes	26	fraudulentos	12	tradicionalis	8
políticos	22	dísparos	12	saudáveis	8
anti	21	típicos	11	quotidianos	8
éticos	19	perigosos	11	diferenciados	8
adequados	19	mistos	11		
estranhos	16	animais	11		

Logo após «sociais», segundo co-ocorrente habitual de «comportamentos» (69 ocorrências), figura o neutro «sexuais», com 66 ocorrências¹¹ e «desviantes» (66). Temos bastantes co-ocorrentes neutros/indefinidos, embora alguns sejam dignos de suspeição. Mencionamos, mais por uma questão de curiosidade, alguns exemplos: «humanos» (59), se pesquisado, co-ocorre principalmente com «perversos»; «políticos» (22) parece associar-se frequentemente a «discriminatórios». No entanto, mantendo a linha que temos vindo a praticar, continuaremos a considerar estes co-ocorrentes como neutros ou indefinidos, já que os seus co-ocorrentes não se repetem vezes suficientes para que se possa distinguir um padrão irrefutável. A presença de co-ocorrentes negativos continua a ser significativa, assim como o são as suas especificidades: «violentos» e «agressivos» (41 e 35 ocorrências, respectivamente) são, para além dos já citados, bastante reveladores da visão que a sociedade, representada neste caso pela imprensa, tem de si mesma. Existe, contudo, uma

¹¹ Mesmo esta neutralidade está ameaçada pela co-ocorrência de «comportamentos sexuais» com, por exemplo, «risco» e «promíscuos».



ligeira atenuação na negatividade que o *DAR-I* demonstrava haver em «comportamentos»:

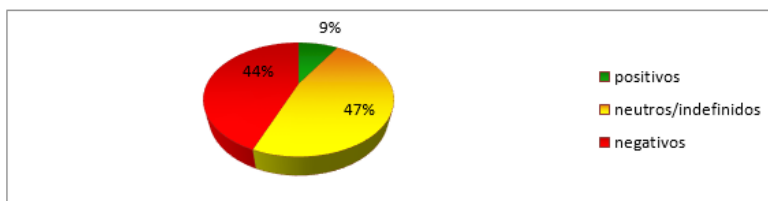
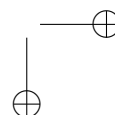


Gráfico 49 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «comportamentos» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

A forma como o discurso jornalístico descreve «comportamentos» através da sua utilização é surpreendente, uma vez que a neutralidade emparelha com a negatividade. Os comportamentos descritos raramente são positivos, pelo que podemos seguramente afirmar que, em ambiente jornalístico, «comportamentos» conhece principalmente enunciações em contextos neutros e negativos.

3.2.6.4. Pesquisa do *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

Uma vez mais, não hesitamos em afirmar que a pesquisa conjunta dos *corpora* nos apresenta uma visão equilibrada da utilização quotidiana do item lexical crítico. Enquanto se mantém a tendência para «risco» (172 ocorrências), os «comportamentos» continuam a tender para uma neutralidade dúbia:



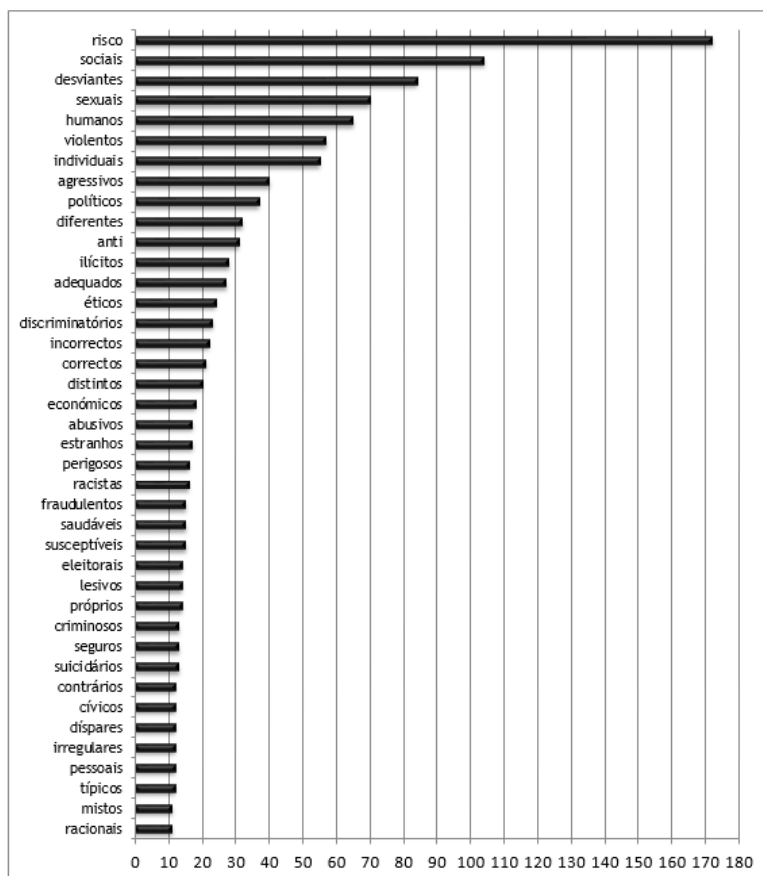


Gráfico 50 – Co-ocorrentes habituais de «comportamentos», de acordo com o corpus conjunto (DAR-I + CETEMPúblico).

Tabela 20 – Co-ocorrentes habituais de «comportamentos», de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I + CETEMPúblico*)

risco	172	discriminatórios	23	eleitorais	14
sociais	104	incorrectos	22	suicidários	13
desviantes	84	correctos	21	seguros	13
sexuais	70	distintos	20	criminosos	13
humanos	65	económicos	18	típicos	12
violentos	57	estranhos	17	personais	12
individuais	55	abusivos	17	irregulares	12
agressivos	40	racistas	16	dísparos	12
políticos	37	perigosos	16	cívicos	12
diferentes	32	susceptíveis	15	contrários	12
anti	31	saudáveis	15	racionais	11
ilícitos	28	fraudulentos	15	mistos	11
adequados	27	próprios	14		
éticos	24	lesivos	14		

Esta neutralidade tanto é ameaçada pelas suas possíveis contextualizações como pelo valor altamente atípico da moda, que continua a quase duplicar relativamente ao segundo co-ocorrente habitual de «comportamentos». E, embora os resultados sejam mistos, a co-ocorrência com «desviantes» (84), «violentos» (57) e «agressivos» (40) dá-nos uma visão positivista dos comportamentos humanos e sociais, uma perspectiva carnal e animalesca de uma sociedade que, ao que parece, não descreve comportamentos de altruísmo ou bondade humana passíveis de descrição objectiva: todos os co-ocorrentes positivos de «comportamentos» enunciam uma bondade subjectiva, isto é, dependente de uma moral mais social que individual: «adequados» (27), «éticos» (24), «correctos» (21), «saudáveis» (15), «próprios» (14), «seguros» (13), «cívicos» (12) e «racionais» (11) são comportamentos cuja aprovação depende normalmente de um consenso, de uma aparente normalidade em que a sociedade de falantes pretende operar.

Veja-se, agora, a distribuição semântica/pragmática dos co-ocorrentes de «comportamentos»:

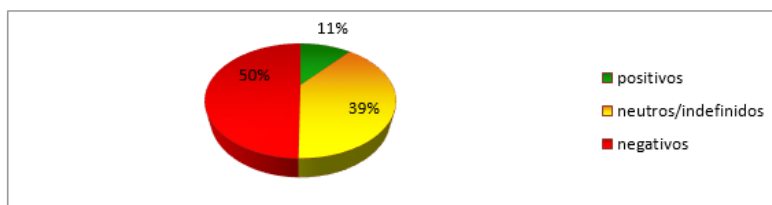


Gráfico 51 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «comportamentos» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*).

Conforme esperávamos, existe uma clara maioria de co-ocorrentes habituais de cariz negativo, os quais ocupam exactamente metade da distribuição. Reforçando esta tendência para contextualizações negativas, encontra-se a já citada moda, «risco», a qual descreve, tendo principalmente em conta o seu valor atípico relativamente aos restantes co-ocorrentes, as utilizações mais imediatas de «comportamentos».

3.2.7 «Enriquecimento»

3.2.7.1. Critérios de pesquisa

No caso de «enriquecimento», pretendemos co-ocorrentes habituais que lhe servissem de modificador, nomeadamente adjectivos e, possivelmente, advérbios. Por esse motivo, achámos necessário manter o horizonte de pesquisa em somente um espaço a seguir ao item lexical crítico.

3.2.7.2. Pesquisa do *corpus* *DAR-I*

Com 1.074 ocorrências no *DAR-I*, «enriquecimento» apresenta-se como um item lexical assaz interessante, se observado em contexto político. De acordo com o senso-comum, dir-se-ia que os seus sentidos conotativo e denotativo são de cariz positivo. Afinal, o enriquecimento, seja ele material ou espiritual, é algo desejável. No entanto, tendo em conta a realidade sociopolítica do nosso país, esta tendência corre o risco de se inverter drasticamente, como os dados que apresentamos demonstram:

Tabela 21 – Co-ocorrentes habituais de «enriquecimento»,
de acordo com o *corpus DAR-I*

ilícito	490	social	2	indevido	1
curricular	165	fácil	2	Ilícito	1
injustificado	68	anormal	2	escolar	1
estatístico	9	urbano	1	escandaloso	1
ilegítimo	7	superior	1	consubstanciada	1
cultural	6	real	1	científico	1
mútuo	6	previsto	1	associado	1
peçoal	6	político	1	ambiental	1
rápido	5	parlamentar	1	indevido	1
estranho	4	ostensivo	1	Ilícito	1
patrimonial	4	notável	1	escolar	1
estranho	4	mútuos	1	escandaloso	1
natural	3	lícito	1		
económico	3	inegável	1		

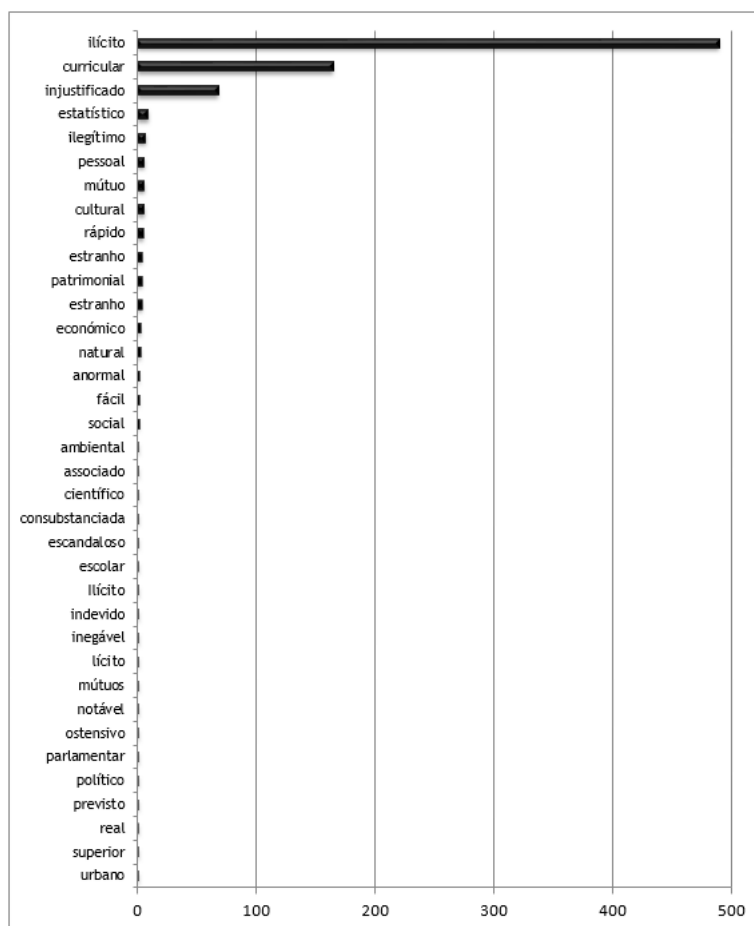


Gráfico 52 – Co-ocorrentes habituais de «enriquecimento», de acordo com o *corpus DAR-I*.

Os resultados desta pesquisa são passíveis de causar alguma perplexidade: tínhamos, até então, verificado co-ocorrentes habituais de itens lexicais que, face aos seus pares, assumiam valores atípicos. No entanto, «ilícito» distingue-se sem precedentes dos restantes co-ocorrentes habituais de «enriquecimento». Com 490 ocorrências, excede em quase três vezes o co-



ocorrente que se lhe segue, «curricular» (165), que decidimos considerar de carácter positivo. Destaque-se, depois «injustificado» (68 ocorrências). Depois destes três co-ocorrentes, os restantes assumem valores pouco significativos face ao ponderoso «ilícito». Vejamos, no entanto, a distribuição dos co-ocorrentes habituais de «enriquecimento» de acordo com a sua classificação:

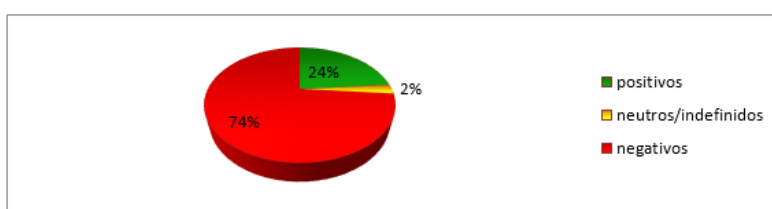


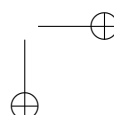
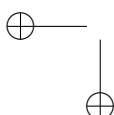
Gráfico 53 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «enriquecimento» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus DAR-I*.

Os resultados são inequívocos e carecem de mais explicações ou comentários. Observar um fenómeno deste tipo em discurso parlamentar oferece-nos um retrato sociopolítico de Portugal que é bastante inquietante: seja por acusação ou prevenção, a referência a «enriquecimento ilícito» deixa entrever o grau de corrupção em que o país se encontra e a forma como esta permeia a vida política do mesmo.

3.2.7.3. Pesquisa do *corpus CETEMPúblico*

As 824 ocorrências de «enriquecimento» num *corpus* que, recordemos, excede o *DAR-I* em 3,4 vezes (no qual, recorde-se também, «enriquecimento» figura 1.074 vezes), convidam, antes que passemos à observação dos resultados, a reflectir sobre o facto de se falar mais em enriquecimento no hemiciclo do que no jornal. As referências a «corrupção» são, conforme verificámos, proporcionais: no *DAR-I*, este item lexical surge 2.863 vezes; no *CETEMPúblico*, contam-se 9.332 ocorrências. Significa isto que esta disparidade não se deve à falta de recurso a um eufemismo para «corrupção». Assim, não nos parece que seja a imprensa a evitar as referências a enriquecimento, sendo mais

Lusosofia.net



provável que o meio político se encontre assolado pelo fantasma da corrupção, do tão referido enriquecimento ilícito.

Tabela 22 – Co-ocorrentes habituais de «enriquecimento», de acordo com o *corpus CETEMPúblico*

ilícito	58	artificial	3	fulgurante	2
pessoal	44	vertiginoso	2	espiritual	2
rápido	26	teórico	2	crescente	2
fácil	18	social	2	contínuo	2
súbito	17	proporcionado	2	científico	2
cultural	15	profissional	2	ulterior	1
ilegítimo	10	privado	2	técnico	1
mútuo	7	patrimonial	2	textural	1
próprio	5	matérico	2	surpreendentes	1
moral	5	injusto	2	recíproco	1
simbólico	3	injustificado	2	progressivo	1
poético	3	indevido	2	previsto	1
global	3	ilimitado	2		
excessivo	3	humano	2		

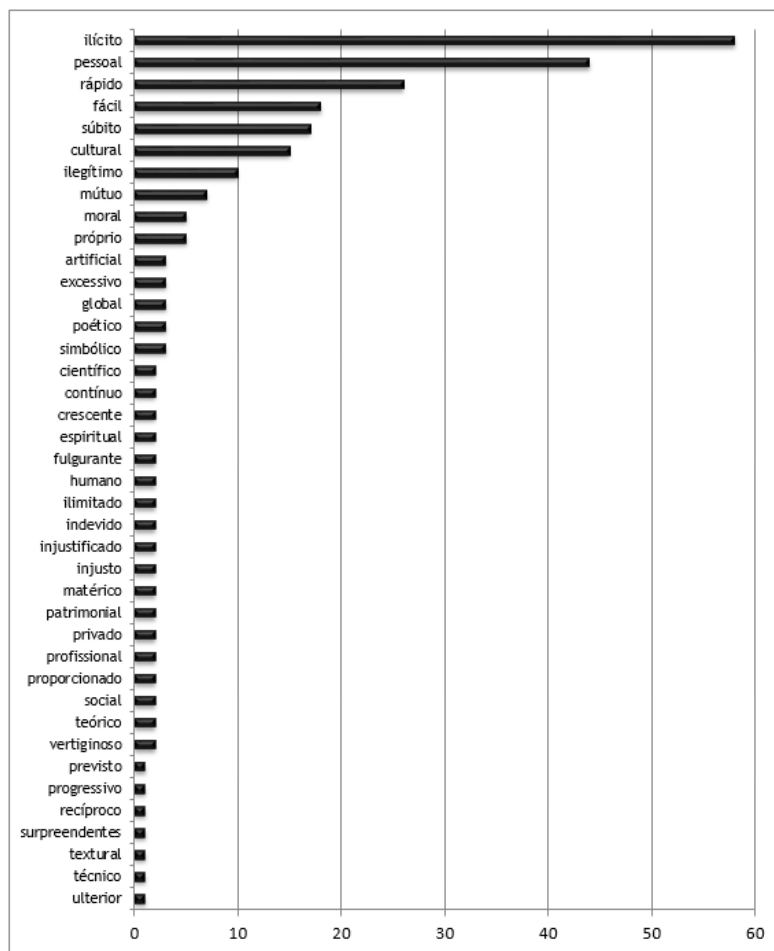


Gráfico 54 – Co-ocorrentes habituais de «enriquecimento», de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Com efeito, a observação dos dados levantados do *CETEMPúblico* denota essa clara diferença: embora «ilícito» continue a ser o principal co-ocorrente habitual de «enriquecimento», não se distancia dos restantes co-ocorrentes de um modo muito vincado; as suas 58 ocorrências seguem-se às 44 de «pes-

soal». Só depois verificamos uma ligeira descida em termos de distribuição, com «rápido» a surgir 26 vezes. No entanto, «ilícito» e «pessoal»¹² ocorrem em circunstâncias semelhantes ao sugerir, em muitos casos, alegadas irregularidades de teor legal:

449-opi-98a-2: Se acompanhou, recordar-se-á que o enriquecimento pessoal nasceu neste clima de discricionariedade administrativa e não parece ser incompatível com uma dimensão de enriquecimento pessoal, nomeadamente com a criação de um serviço telemático condenado a cinco anos de prisão por «corrupção com enriquecimento pessoal», foi preso logo no fim do julgamento . par=ext97al, de ter usado «o dinheiro do Estado para o seu enriquecimento pessoal» . par=ext164913-soc-95a-2: Jovens diplomados intimo primeiro, há desta vez suspeitas de corrupção para enriquecimento pessoal, e não apenas para financiamento oculto dos partidos irregularidades de gestão e os eventuais casos de enriquecimento pessoal ou de corrupção», lê-se no comunicado distribuído escarar os financiamentos ilegais dos partidos, o enriquecimento pessoal de políticos como Craxi, o sistema de clientelas, usa não parece indicar, por isso, uma intenção de enriquecimento pessoal à custa da sua actividade policial . par=ext32420to . par=ext341829-soc-96b-1: Contribuem para um «enriquecimento pessoal mútuo» e são «sinal de verdade evangélica para a ar=ext371801-pol-94b-2: Acusado de corrupção para enriquecimento pessoal, Alain Carignon, que se demitira do ministério de ornar este conflito num factor de maturidade e de enriquecimento pessoal» . par=ext534007-pol-98a-4: O EX-PRESIDENTE socialista Fórmula 1, Williams não está preocupado com o seu enriquecimento pessoal . par=ext576620-soc-95a-2: Enquanto o primeiro em privado dos partidos políticos servia para algum enriquecimento pessoal . par=ext607340-pol-94a-2: Natural de Mangualde, o ilegal do Partido Socialista, mas também para o enriquecimento pessoal dos seus dirigentes . par=ext705392-pol-95a-2: , dos políticos italianos e rejeita as acusações de enriquecimento pessoal ou de pressões desonestas sobre as empresas . par=ext844633-pol-91b-2: A mesma fonte confirmou a razão, que delapidaram o património da Caixa para enriquecimento pessoal . par=ext876439-nd-95a-2: A transparência, pura e sória uma amnistia parcial, separando os casos de enriquecimento pessoal dos das «tangente» destinadas aos cofres dos partidos Gérard Longuet, está inculcado por corrupção para enriquecimento pessoal . par=ext966317-soc-96a-2: A maioria porém, 53 po

Figura 13 – Amostra (primeiros 20 resultados) do resultado em KWIC de «enriquecimento pessoal», obtida a partir do *corpus CETEMPúblico*.

Pesquisas análogas a «rápido» (26) e «fácil» (18) devolveram-nos resultados semelhantes, pelo que decidimos contabilizá-los igualmente como sendo de cariz negativo. De entre os co-ocorrentes de frequência mais significativa, destaca-se apenas um de cariz positivo, «cultural», com 15 ocorrências. Todos os outros co-ocorrentes apresentam valores algo residuais e bastante dispersos: depois de «ilegítimo», com 10 ocorrências, encontramos co-ocorrentes com frequências pouco relevantes. Assim, o seguinte gráfico não constituirá

¹² Este co-ocorrente, a princípio, pareceu-nos ser neutral. No entanto, dados os resultados que o *DAR-I* nos tinha devolvido, decidimos proceder à sua investigação através da extracção de linhas KWIC.

certamente uma grande surpresa, dispensando-se também quaisquer comentários adicionais face ao mesmo:

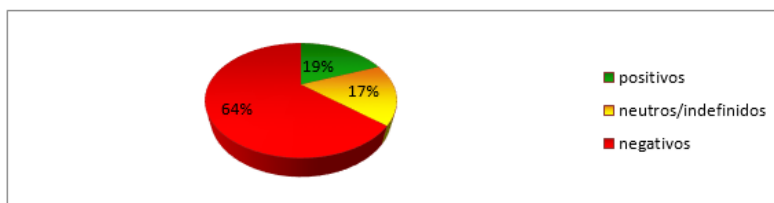


Gráfico 55 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «enriquecimento» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

3.2.7.4. Pesquisa do *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

A pesquisa conjunta dos *corpora* não nos dá resultados díspares dos obtidos com as consultas individuais. «Ilícito», com 547 ocorrências, continua a ser a moda e a assumir valores atípicos relativamente ao segundo co-ocorrente habitual de «enriquecimento», «curricular». Distinguem-se, como nas pesquisas isoladas, «injustificado» (70 ocorrências), «pessoal» (50), «rápido» (31), «cultural» (21), «fácil» (20), «súbito» (17), «ilegítimo» (17) e «mútuo» (13), sendo que, destes co-ocorrentes, apenas dois podem ser considerados positivos («cultural» e «mútuo»), considerando-se «súbito» como neutro/indefinido.

Tabela 23 – Co-ocorrentes habituais de «enriquecimento», de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I + CETEMPúblico*)

ilícito	547	social	4	proporcionado	2
curricular	165	estranho	4	profissional	2
injustificado	70	económico	4	privado	2
peçoal	50	simbólico	3	previsto	2
rápido	31	poético	3	político	2
cultural	21	natural	3	matérico	2
fácil	20	indevido	3	injusto	2
súbito	17	global	3	ilimitado	2
ilegítimo	17	excessivo	3	humano	2
mútuo	13	científico	3	fulgurante	2
estatístico	9	artificial	3	espiritual	2
patrimonial	6	anormal	3	escandaloso	2
próprio	5	vertiginoso	2		
moral	5	teórico	2		

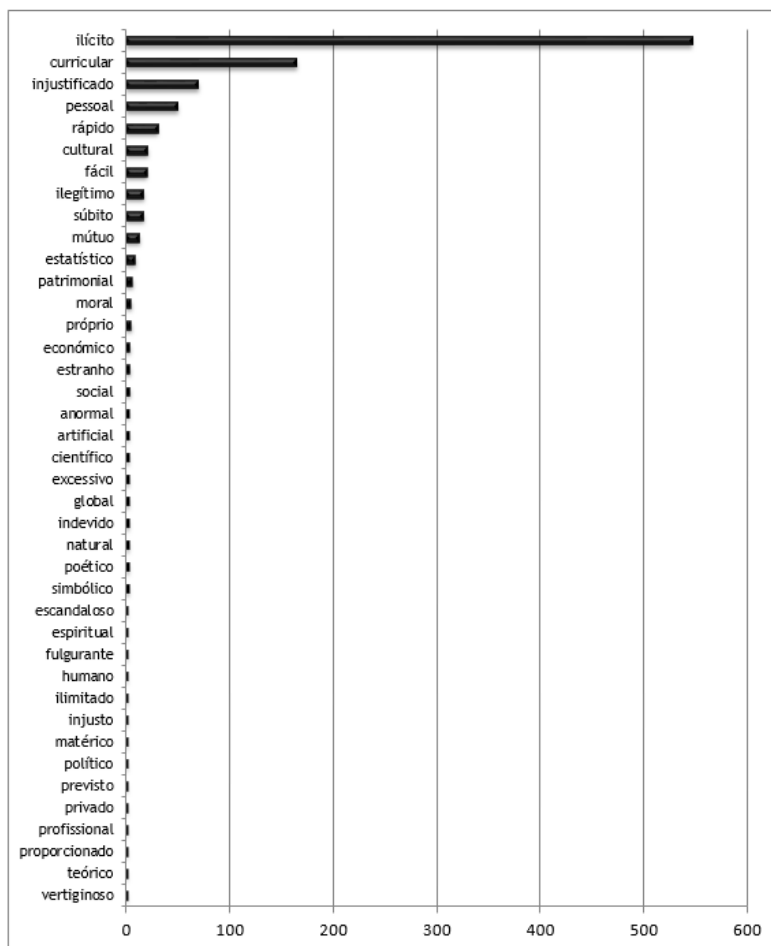


Gráfico 56 – Co-ocorrentes habituais de «enriquecimento», de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*).

Também a distribuição de co-ocorrentes habituais por classificação de acordo com o seu cariz semântico/pragmático se aproxima bastante da do *DAR-I*, dada a magnitude das co-ocorrências que nele figuram:

Lusosofia.net

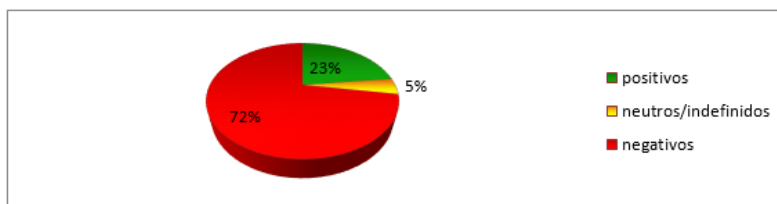


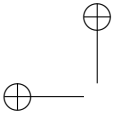
Gráfico 57 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «enriquecimento» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o corpus conjunto (DAR-I + CETEMPúblico).

Desta forma, podemos considerar que a Prosódia Semântica gerada por «enriquecimento» é bastante negativa, algo que denuncia que esta sociedade, capitalista e industrializada, tem a sua riqueza material grandemente mal distribuída. Para além de o «enriquecimento» ocupar mais o discurso da classe política do que o da imprensa, a sua contextualização é maioritariamente negativa, pelo que também o será a riqueza em si. Encontramo-nos, assim, perante uma das provas mais flagrantes de que a Prosódia Semântica retrata profundamente a sociedade que utiliza a língua em que ocorre.

3.2.8 «Episódio»

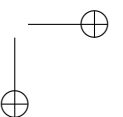
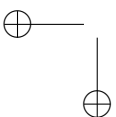
3.2.8.1. Critérios de pesquisa

Para «episódio», dirigimos a nossa pesquisa tanto a adjetivos como a substantivos que constituíssem complemento nominal do item lexical crítico. Logo, a busca foi feita num espaço de um espaço à esquerda e dois à direita do item lexical crítico, já que o adjetivo pode surgir antes ou depois do mesmo. O espaço adicional à direita foi reservado para a ocorrência de complementos nominais, separados, como referimos já em casos semelhantes, por preposições simples ou contraídas com artigos. Note-se que, de forma a extrair resultados mais significativos, eliminámos, aquando do processo de filtragem de dados, numerais ordinais e expressões temporais que se referissem a episódios, por exemplo, de séries televisivas, o que se encontrou frequentemente no CETEMPúblico.



3.2.8.2. Pesquisa no *corpus DAR-I*

«Episódio», com 569 ocorrências no *DAR-I*, oferece-nos, logo à primeira vista, uma imagem de negatividade ilustrada pelo seu co-ocorrente habitual principal, «lamentável», o qual ocorre 41 vezes. Continuando esta tendência, temos «triste», com 28 ocorrências. Note-se que a moda se distancia uma vez mais do segundo co-ocorrente, e que este, por sua vez, se distancia largamente do terceiro co-ocorrente habitual, «recente» (17 ocorrências):



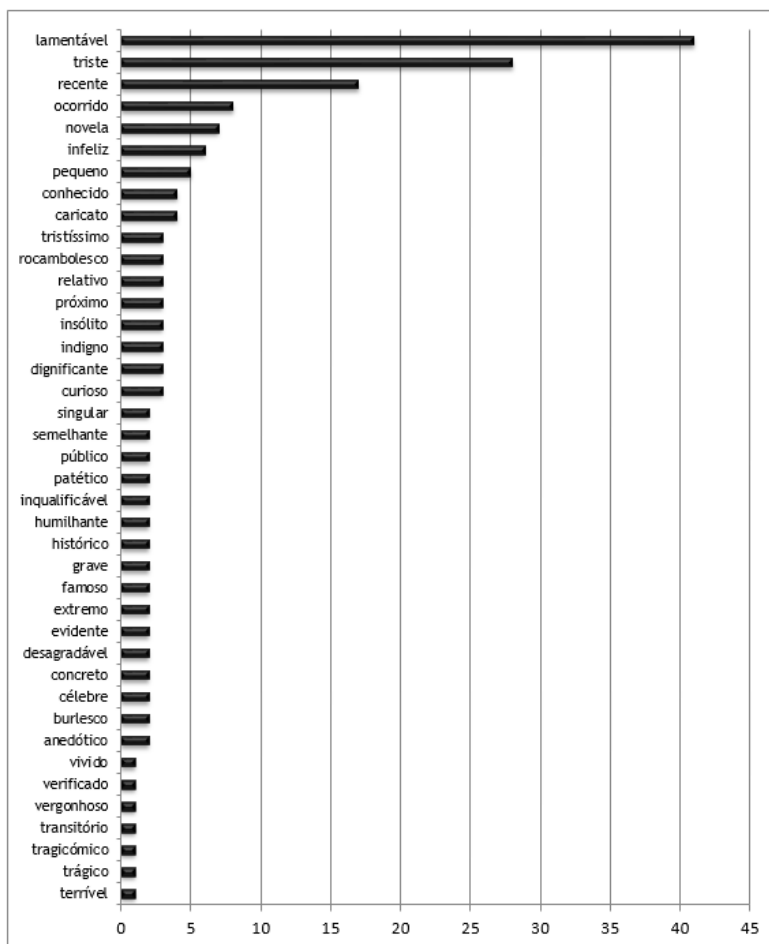


Gráfico 58 – Co-ocorrentes habituais de «episódio», de acordo com o *corpus DAR-I*.

Tabela 24 – Co-ocorrentes habituais de «episódio»,
de acordo com o *corpus DAR-I*

lamentável	41	relativo	3	inqualificável	2
triste	28	rocambolésco	3	patético	2
recente	17	tristíssimo	3	público	2
ocorrido	8	anedótico	2	semelhante	2
novela	7	burlesco	2	singular	2
infeliz	6	célebre	2	terrível	1
pequeno	5	concreto	2	trágico	1
caricato	4	desagradável	2	tragicómico	1
conhecido	4	evidente	2	transitório	1
curioso	3	extremo	2	vergonhoso	1
dignificante	3	famoso	2	verificado	1
indigno	3	grave	2	vivido	1
insólito	3	histórico	2		
próximo	3	humilhante	2		

É também digno de registo que o neutral «recente» difere também em cerca de 10 ocorrências do seguinte co-ocorrente habitual de «episódio», «ocorrido» (8 ocorrências), sendo que, a partir daqui, a distribuição se torna normal, embora entre valores menos significativos. Poderemos, assim, distinguir como principais os três primeiros co-ocorrentes habituais. No entanto, para além da elevada quantidade de ocorrências negativas que se distribuem pelos restantes, é de salientar a ocorrência do complemento nominal «novela» (7 ocorrências), o qual denota uma ironia que corrobora a negatividade que os dois primeiros co-ocorrentes já imprimiam a «episódio» enquanto em discurso político. Vejamos agora a distribuição dos co-ocorrentes habituais:

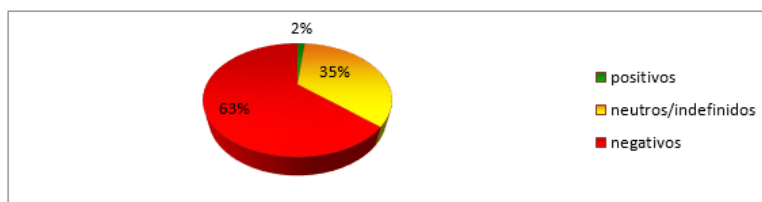


Gráfico 59 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «episódio» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus DAR-I*.

Como os primeiros co-ocorrentes indicavam já, quase dois terços da distribuição são ocupados por co-ocorrentes de cariz negativo. Note-se a quase completa ausência de co-ocorrentes positivos, a qual vinca, ainda mais, que «episódio» é, em contexto político, um item lexical utilizado para designar acontecimentos reprováveis.

3.2.8.3. Pesquisa no *corpus CETEMPúblico*

Os primeiros co-ocorrentes habituais que encontramos aquando da pesquisa neste *corpus* não confirmam a tendência para uma Prosódia Semântica negativa que o «episódio» enunciado no *DAR-I* mostrava. Aliás, a tendência para a neutralidade revela-se até na própria distribuição dos co-ocorrentes habituais de «episódio» no *CETEMPúblico*. O item lexical crítico, que ocorre 6.446 vezes neste *corpus*, tem como principais co-ocorrentes habituais «novo» (134 ocorrências), «recente» (121) e «guerra» (88). Embora estes apresentem valores muito superiores aos dos restantes co-ocorrentes, principalmente «novo» e «recente», não nos parece existir aqui uma Prosódia Semântica significativa. Para além do já referido «guerra», os co-ocorrentes habituais de cariz negativo são poucos e encontram-se já em posições pouco significativas:

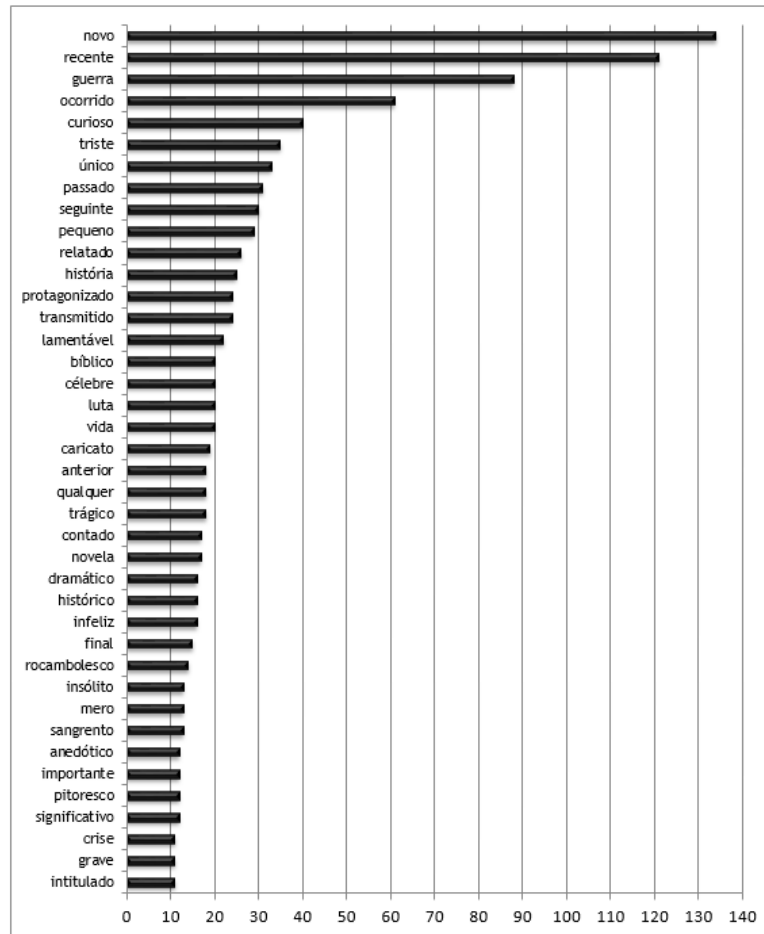


Gráfico 60 – Co-ocorrentes habituais de «episódio»,
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Tabela 25 – Co-ocorrentes habituais de «episódio»,
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*

novo	134	lamentável	22	final	15
recente	121	vida	20	rocambolésco	14
guerra	88	luta	20	sangrento	13
ocorrido	61	célebre	20	mero	13
curioso	40	bíblico	20	insólito	13
triste	35	caricato	19	significativo	12
único	33	trágico	18	pitoresco	12
passado	31	qualquer	18	importante	12
seguinte	30	anterior	18	anedótico	12
pequeno	29	novela	17	intitulado	11
relatado	26	contado	17	grave	11
história	25	infeliz	16	crise	11
transmitido	24	histórico	16		
protagonizado	24	dramático	16		

Temos, com efeito, «lamentável», com 22 ocorrências, «luta» (20), «caricato» (19) e «trágico» (18), entre outros. Note-se também a ausência completa de co-ocorrentes habituais de «episódio» com cariz positivo, como poderemos verificar observando o gráfico que se segue:

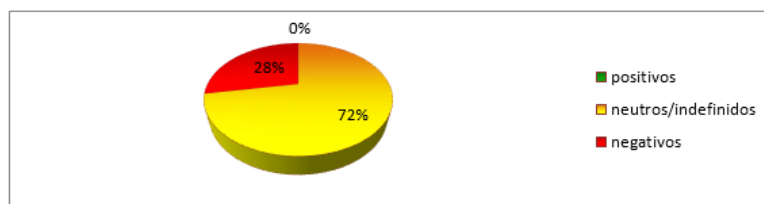


Gráfico 61 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais
de «episódio» por cariz semântico/pragmático,
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

3.2.8.4. Pesquisa no *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

A pesquisa conjunta esbate, como era expectável, a disparidade existente entre o *DAR-I* e o *CETEMPúblico*, descrevendo, a nosso ver, «episódio» como um item lexical com bastante neutralidade no seu uso quotidiano. Para além de se manterem os co-ocorrentes habituais mais frequentes do *CETEMPúblico*, «novo» e «recente» (134 e 129 ocorrências, respectivamente), mantém-se a neutralidade dos co-ocorrentes que figuraram nesse *corpus*:

Tabela 26 – Co-ocorrentes habituais de «episódio», de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

novo	134	caricato	23	final	15
recente	129	infeliz	22	conhecido	15
guerra	88	célebre	22	telenovela	14
ocorrido	69	luta	21	folhetim	14
triste	63	bíblico	21	anedótico	14
lamentável	63	vida	20	sangrento	13
curioso	43	trágico	19	saga	13
único	37	histórico	18	importante	13
pequeno	34	estreia	18	grave	13
passado	32	anterior	18	crise	13
relatado	26	rocambolésco	17	significativo	12
protagonizado	25	dramático	17	pitoresco	12
transmitido	24	contado	17		
novela	24	insólito	16		

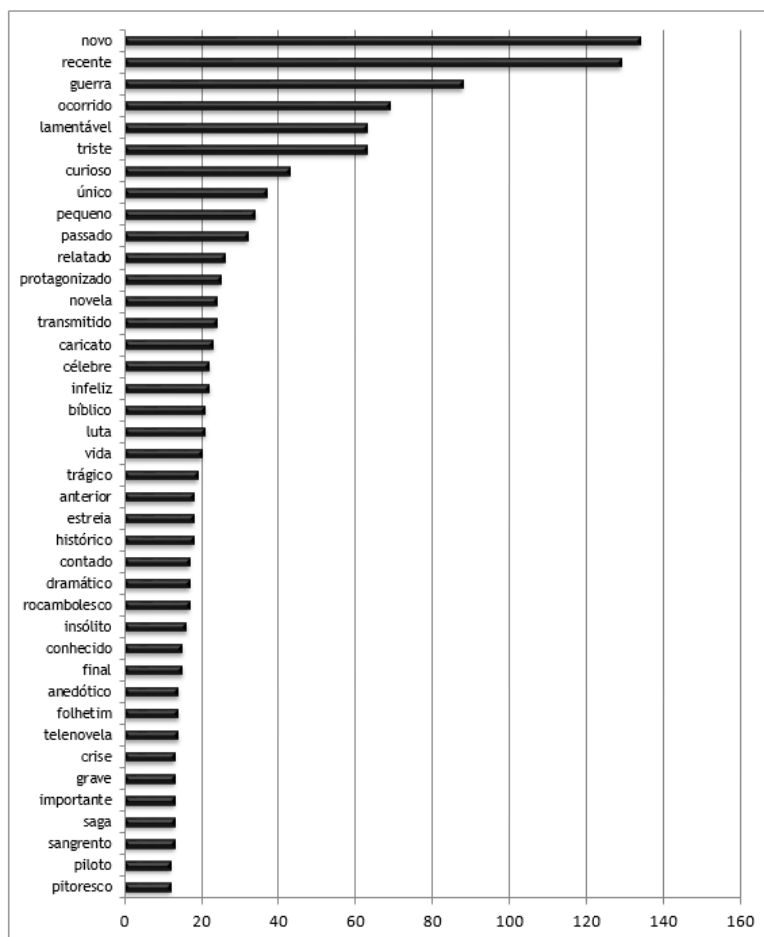


Gráfico 62 – Co-ocorrentes habituais de «episódio», de acordo com o corpus conjunto (DAR-I + CETEMPúblico).

Logo, é previsível que a distribuição de co-ocorrentes habituais seja semelhante à que se verifica no *CETEMPúblico*:

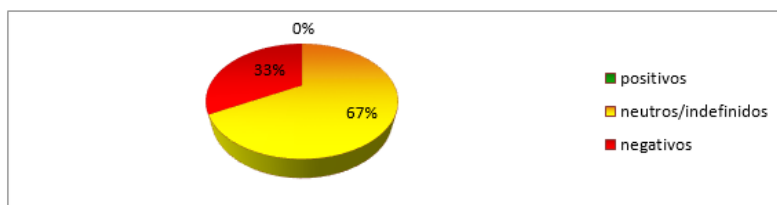


Gráfico 63 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «episódio» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*).

Com efeito, há apenas ligeiras flutuações entre co-ocorrentes habituais neutros e negativos. Estes, na observação conjunta, ocupam exactamente um terço da distribuição, ficando os restantes consignados a co-ocorrentes neutros/indefinidos.

3.2.9 «Manifestamente»

3.2.9.1. Critérios de pesquisa

No caso de «manifestamente», decidimos procurar os adjectivos modificados por este advérbio. Logo, o horizonte de pesquisa abarcou um espaço à direita do item lexical crítico.

3.2.9.2. Pesquisa no *corpus DAR-I*

Com 2.804 casos registados no *DAR-I*, «manifestamente» constitui um item lexical assaz negativo, facto logo denunciado pelo primeiro co-ocorrente habitual a surgir na pesquisa:

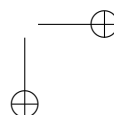
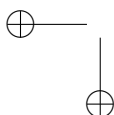


Tabela 27 – Co-ocorrentes habituais de «manifestamente»,
de acordo com o *corpus DAR-I*

insuficiente	147	incapaz	11	grave	7
insuficientes	59	desajustado	11	desadequado	7
inconstitucional	34	necessário	10	desactualizada	7
excessivo	24	inaceitável	10	negativo	6
ilegal	22	importante	10	excessivas	6
impossível	20	falta	10	evidente	6
inconstitucionais	17	infundados	8	difícil	6
excessiva	17	inferiores	8	desproporcionais	6
exagerado	16	inferior	8	desproporcionado	6
contra	16	desadequada	8	curto	6
diferentes	15	superiores	7	contrário	6
nosso	14	melhor	7	absurdo	6
superior	12	injusto	7		
diferente	12	infeliz	7		

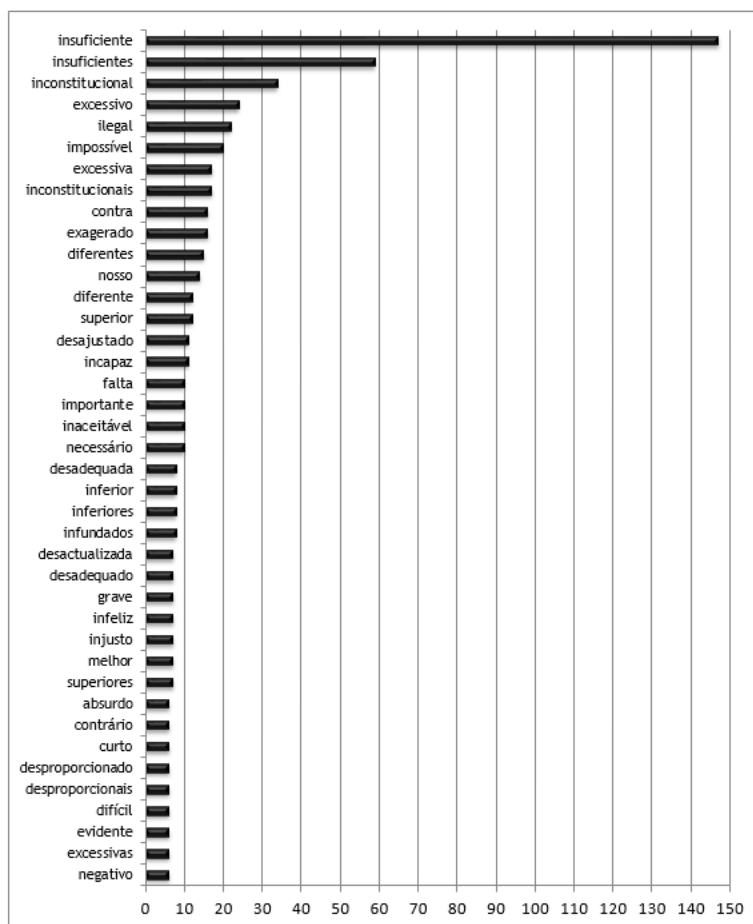


Gráfico 64 – Co-ocorrentes habituais de «manifestamente», de acordo com o *corpus DAR-I*.

«Insuficiente», com 147 ocorrências, (logo seguido da sua forma plural, com 59 ocorrências) constitui uma moda de proporções extremamente elevadas relativamente aos restantes co-ocorrentes: depois de «insuficientes» (que, como afirmámos, ocorre somente 59 vezes, ou seja, apresenta uma diferença de 88 ocorrências relativamente à forma singular do adjectivo), temos «in-



constitucional», com apenas 34 ocorrências. Podemos, assim, verificar uma sucessão de três co-ocorrentes de carácter negativo, o que se torna já bastante significativo numa avaliação precoce de «manifestamente». No entanto, conforme podemos observar, os co-ocorrentes de cariz negativo não se limitam aos já citados: «excessivo» (24), «ilegal» (22), «impossível» (20), «inconstitucionais» (com 17 ocorrências, complementa a sua forma singular, que, recorde-se, surge 34 vezes), «excessiva» (17 ocorrências que poderemos agrupar com as 24 de «excessivo»), «exagerado» e «contra»¹³ (16 ocorrências cada) indicam estados de inconformidade ou contrariedade, corroborados por «incapaz», «desajustado» (11 ocorrências cada) e «inaceitável» (10), entre outros. Logo, encontramos-nos perante um item lexical com uma carga para-semântica amplamente negativa, como podemos observar no seguinte gráfico:

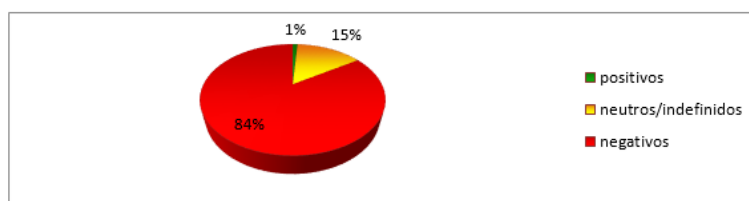


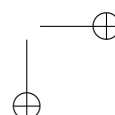
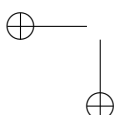
Gráfico 65 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «manifestamente» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus DAR-I*.

Neste caso, a percentagem de co-ocorrentes de cariz neutro/negativo é extremamente reduzida, já para não referir os de carácter positivo. Logo, podemos afirmar que, pelo menos de acordo com o *DAR-I*, «manifestamente» é um claro gerador de Prosódia Semântica negativa.

3.2.9.3. Pesquisa no *corpus CETEMPúblico*

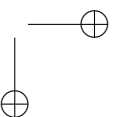
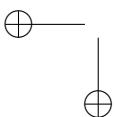
As 1.431 ocorrências de «manifestamente» no *CETEMPúblico*, para além de nos indicarem que este é um item lexical muito menos usado no *Público* do

¹³ Decidimos manter esta preposição, já que pode funcionar como um modificador ou, pelo menos, um indicador de estado que nos permite avaliar a natureza do contexto em que «manifestamente» surge, a qual, neste caso, será de contrariedade e, por isso, negativa.





que na Assembleia da República (recordemos, uma vez mais, que o *CETEM-Público* é 3,4 vezes maior do que o *DAR-I*), reforçam a sua co-selecção, já que o seu primeiro co-ocorrente habitual, «insuficiente», ocorre 157 vezes, logo seguido da forma plural do adjectivo, com 60 ocorrências. Assim, para além de termos uma co-ocorrência habitual mais concentrada, por assim dizer, a moda assume um valor extremamente atípico, já que representa mais do que o dobro do valor do segundo co-ocorrente habitual (se juntarmos o singular e o plural, esta diferença torna-se ainda mais vincada). Vejamos todos os resultados:



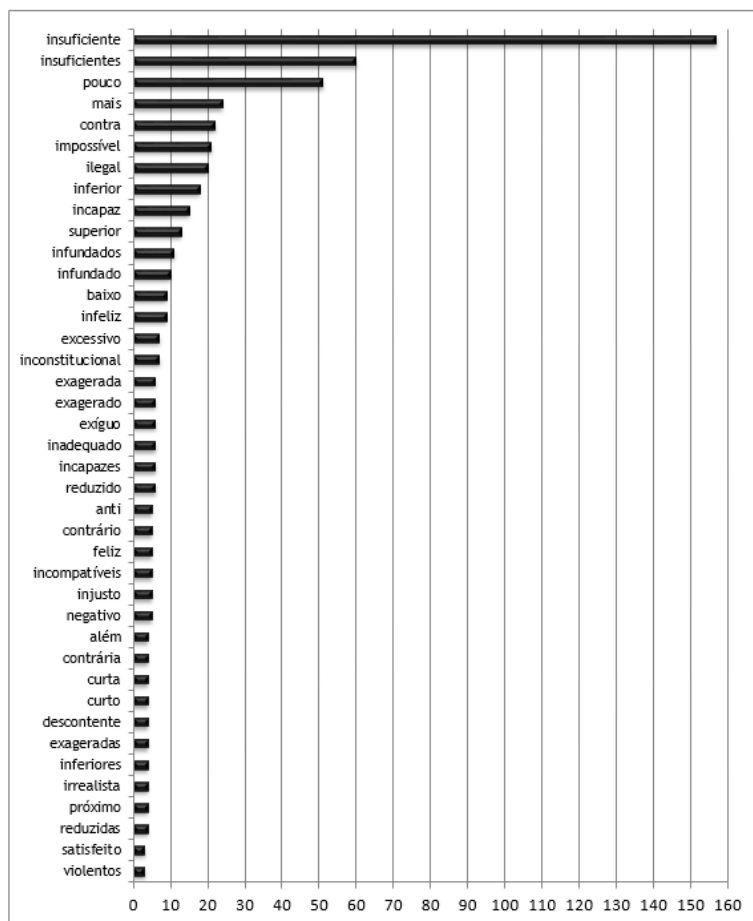


Gráfico 66 – Co-ocorrentes habituais de «manifestamente», de acordo com o corpus CETEMPúblico.

Tabela 28 – Co-ocorrentes habituais de «manifestamente»,
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*

insuficiente	157	inconstitucional	7	reduzidas	4
insuficientes	60	excessivo	7	próximo	4
pouco	51	reduzido	6	irrealista	4
mais	24	incapazes	6	inferiores	4
contra	22	inadequado	6	exageradas	4
impossível	21	exíguo	6	descontente	4
ilegal	20	exagerado	6	curto	4
inferior	18	exagerada	6	curta	4
incapaz	15	negativo	5	contrária	4
superior	13	injusto	5	além	4
infundados	11	incompatíveis	5	violentos	3
infundado	10	feliz	5	satisfeito	3
infeliz	9	contrário	5		
baixo	9	anti	5		

Verifica-se, uma vez mais, a ideia de inconformidade e contrariedade que «manifestamente» invoca: «pouco» (51 ocorrências), «contra» (22), «impossível» (21) e «ilegal» (20) são disso exemplo, embora não se mantenham os mesmos padrões que se verificavam no *DAR-I*. «Inconstitucional», por exemplo, surge apenas 7 vezes no *CETEMPúblico*, ao passo que, no *DAR-I*, contava com 34 ocorrências. Não obstante, temos em «manifestamente» um item lexical profundamente negativo aquando do seu uso em discurso jornalístico:

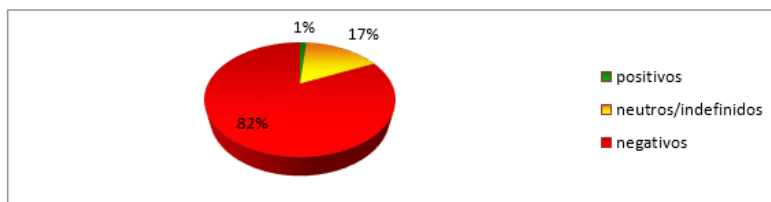


Gráfico 67 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «manifestamente» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus* CETEMPúblico.

3.2.9.4. Pesquisa no *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

Não existindo diferenças de maior entre os *corpora* observados, esta pesquisa conjunta não nos traz quaisquer surpresas ao demonstrar que «manifestamente» co-ocorre principalmente com itens lexicais de cariz negativo:

Tabela 29 – Co-ocorrentes habituais de «manifestamente», de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

insuficiente	304	infundados	19	incapazes	10
insuficientes	119	inconstitucionais	19	inaceitável	10
pouco	89	infeliz	16	importante	10
mais	46	diferentes	15	exagerada	10
ilegal	42	diferente	15	desadequado	10
inconstitucional	41	necessário	13	curto	10
impossível	41	injusto	12	baixo	10
contra	38	inferiores	12	superiores	9
excessivo	31	desajustado	12	melhor	9
inferior	26	negativo	11	grave	9
incapaz	26	inadequado	11	exíguo	9
superior	25	desadequada	11	exageradas	9
exagerado	22	contrário	11		
excessiva	20	infundado	10		

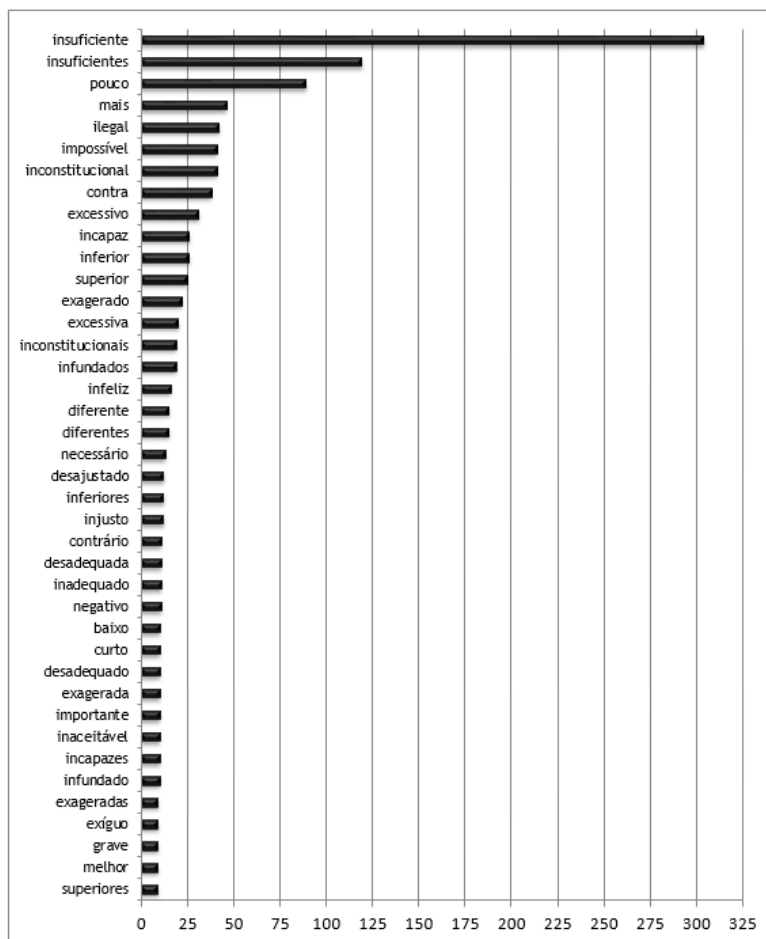


Gráfico 68 – Co-ocorrentes habituais de «manifestamente», de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I + CETEMPúblico*).

Podemos, assim, concluir que, em uso quotidiano, «manifestamente» ocorre habitualmente com itens lexicais de cariz negativo, principalmente *insuficiente* (304+119 ocorrências). A distribuição por carácter semântico-pragmático é, assim, a seguinte:

Lusosofia.net

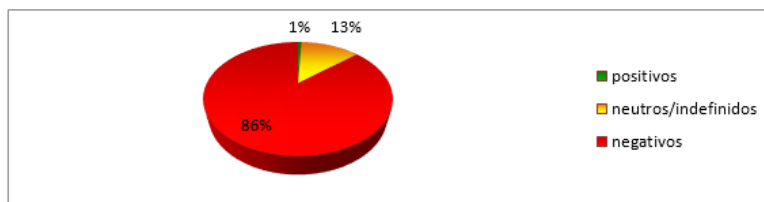


Gráfico 69 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «manifestamente» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o corpus conjunto (DAR-I + CETEMPúblico).

3.2.10 «Puro»

3.2.10.1. Critérios de pesquisa

Neste caso, e à semelhança do que fizemos em «completo», tivemos como objectivo procurar substantivos que se lhe seguissem sintacticamente. Deste modo, é-nos permitido encontrar substantivos mais valorativos do que aqueles que antecedem o adjectivo «puro». Fizemos, assim, a busca, abarcando somente um espaço à direita do item lexical crítico.

3.2.10.2. Pesquisa no corpus DAR-I

«Puro», com 516 ocorrências no DAR-I, surge-nos com uma co-ocorrência habitual bastante elucidativa. O seu co-ocorrente habitual principal é «engano», cujas ocorrências (40) ultrapassam significativamente as do que se lhe segue, «oportunismo» (26 ocorrências). Temos, uma vez mais, uma moda caracterizada por um valor excepcionalmente elevado e que denota uma aparente carga para-semântica negativa de «puro». Vejamos a totalidade dos resultados:

Tabela 30 – Co-ocorrentes habituais de «puro»,
de acordo com o *corpus DAR-I*

engano	40	vandalismo	4	arbítrio	3
oportunismo	26	eleitoralismo	3	triunfo	3
preconceito	17	espírito	3	resumo	2
exercício	12	expediente	3	racismo	2
sectarismo	9	interesse	3	prazer	2
ilusionismo	9	lapso	3	pessimismo	2
terrorismo	8	liberalismo	3	medo	2
acto	7	malabarismo	3	folclore	2
desperdício	6	manobrismo	3	farisaísmo	2
instrumento	6	plano	3	espectáculo	2
estilo	5	problema	3	esbanjamento	2
tacticismo	5	regresso	3	erro	2
facilitismo	4	aproveitamento	3		
populismo	4	disparate	3		

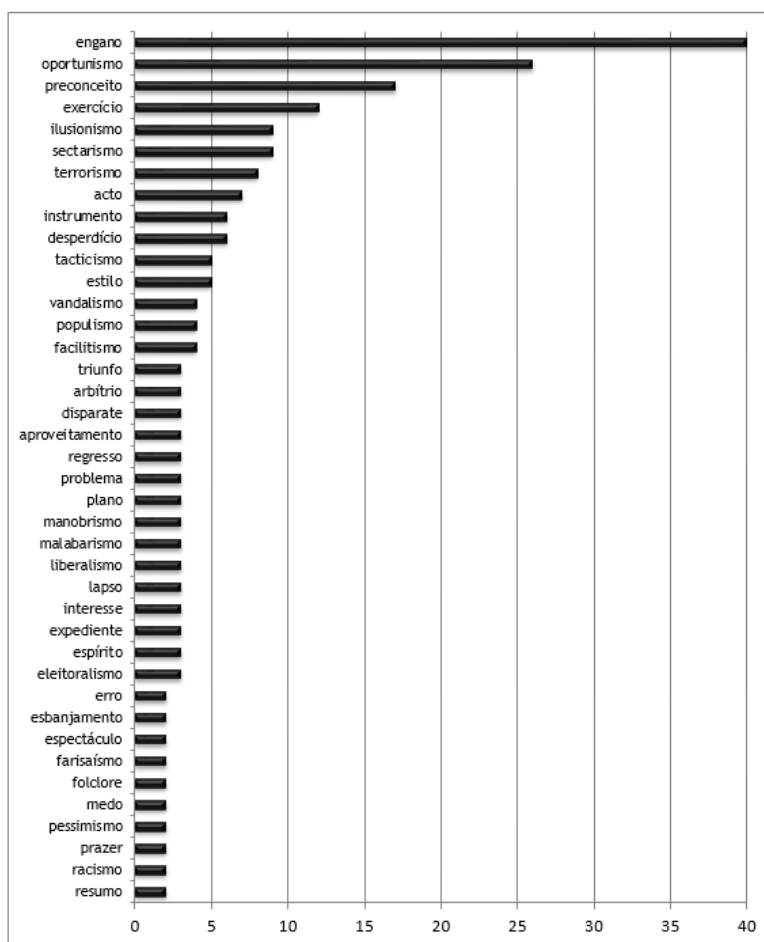
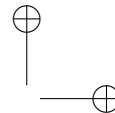


Gráfico 70 – Co-ocorrentes habituais de «puro»,
de acordo com o *corpus DAR-I*.

Com efeito, os resultados devolvidos contêm uma elevada quantidade de co-ocorrentes de carácter negativo, como é o caso de «preconceito» (17 ocorrências), «sectarismo» (9), «ilusionismo» (9), «terrorismo» (8), «desperdício» (6), «tacticismo» (5) e «facilitismo» (4), entre outros. Parece-nos, aliás, que



«puro» antecede vários “ismos” negativos em discurso parlamentar. No entanto, o co-ocorrente que se afigura mais significativo é, obviamente, «engano». Para além de ser a moda, parece denotar uma grande preocupação face à desinformação ou à inverdade, constituindo mais um potencial indicador da psicanálise política do estado português. Aliás, é este co-ocorrente que imprime a carga para-semântica negativa a «puro» quando utilizado em discurso parlamentar. Vejamos, neste contexto, a forma como os co-ocorrentes de «puro» se distribuem:

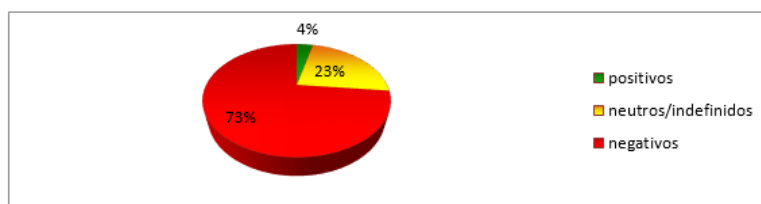


Gráfico 71 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «puro» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus DAR-I*.

Como os resultados indicavam já, este é um item lexical que, pelo menos em contexto político, se reveste de uma acentuada negatividade, o que significa que a Prosódia Semântica gerada em discurso político será também bastante negativa sempre que este adjectivo seja utilizado.

3.2.10.3. Pesquisa no *corpus CETEMPúblico*

«Puro», no *CETEMPúblico*, ocorre 3.070 vezes. Para além de ser um item lexical muito mais utilizado, ao que parece, em contexto jornalístico, parece ser de carácter mais positivo ou, pelo menos, mais neutro. Efectivamente, o seu primeiro co-ocorrente habitual, «prazer», confere-lhe aparentemente uma carga para-semântica mais positiva do que a que verificámos no *DAR-I*. Para além de ser um item lexical de denotação positiva, assume também (uma vez mais) um valor atípico. Para além disso, os co-ocorrentes que se lhe seguem não são, pelo menos à primeira vista, negativos:

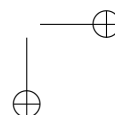


Tabela 31 – Co-ocorrentes habituais de «puro»,
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*

prazer	76	terror	16	desejo	7
estilo	49	espectáculo	14	pop	7
exercício	37	delírio	13	teatro	7
acaso	37	rock	12	trabalho	6
gozo	35	produto	12	sistema	6
entretenimento	31	espírito	12	sentimento	6
sangue	29	amor	11	objecto	6
oportunismo	22	desperdício	11	negócio	6
vandalismo	21	amadorismo	9	milagre	6
divertimento	19	horror	9	masoquismo	6
terrorismo	19	estado	9	marketing	6
engano	18	racismo	8	exibicionismo	6
jogo	17	lazer	7		
acto	16	efeito	7		

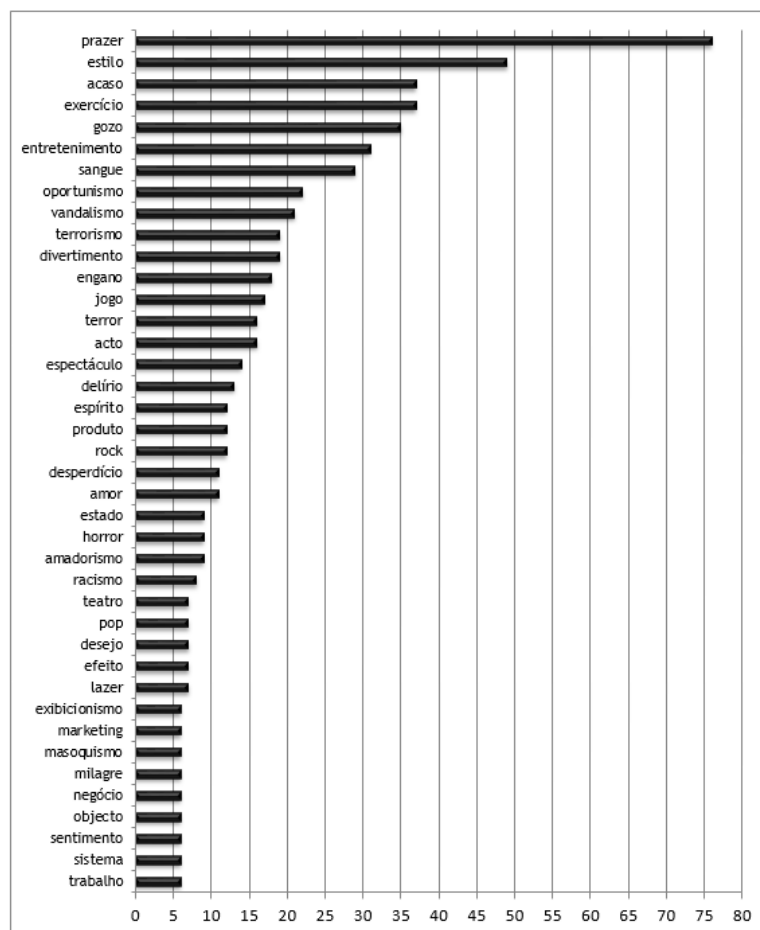


Gráfico 72 – Co-ocorrentes habituais de «puro», de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

De facto, a presença de «estilo» (49 ocorrências), «exercício» (37), «acaso» (37), «gozo» (35), «entretenimento» (31) e «sangue» (29) enuncia uma maior neutralidade de «puro» em ambiente jornalístico. Temos, por outro lado, a presença de alguns co-ocorrentes habituais de cariz negativo, como é

o caso de «oportunismo» (22 ocorrências) e «vandalismo» (21). Todavia, a neutralidade parece ser, neste caso, uma maioria, facto que podemos verificar através do seguinte gráfico:

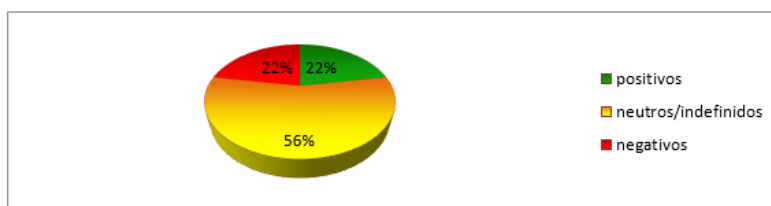


Gráfico 73 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «puro» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Temos, assim, para além de uma maioria de co-ocorrentes neutros/indefinidos, uma distribuição equitativa entre co-ocorrentes habituais positivos e negativos, o que demonstra a inquestionável neutralidade de «puro», de acordo com o *CETEMPúblico*.

3.2.10.4. Pesquisa no *corpus* conjunto (*DAR-I + CETEMPúblico*)

Como a grande influência que o texto jornalístico tem sobre as sociedades (reflectida pela magnitude que o *CETEMPúblico* apresenta nesta investigação) nos mostra, é natural que a pesquisa conjunta dos corpora nos apresente «puro» como um item lexical principalmente neutro, embora haja algumas nuances da negatividade que o discurso político lhe imprime. Temos, realmente, «prazer» como o co-ocorrente habitual predominante, com 78 ocorrências. No entanto, segue-se-lhe o mais negativo «engano», com 58 ocorrências. Significa isto que «puro», obedecendo de certo modo aos seus sentidos conotativo e denotativo, conhece principalmente uma contextualização positiva, pelo menos numa instância mais imediata. No entanto, a crescente mediatização do discurso político (durante uma crise financeira, é expectável que a sociedade se torne mais atenta a este meio) deixa-nos prever o aumento de co-ocorrências negativas para o adjectivo em epígrafe, ilustradas por «en-

gano». A balança, assim, embora centrada no foro da neutralidade, parece pender mais para o lado negativo, conforme demonstram os resultados que obtivemos aquando da pesquisa conjunta dos *corpora*:

Tabela 32 – Co-ocorrentes habituais de «puro», de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

prazer	76	terror	16	desejo	7
estilo	49	espectáculo	14	pop	7
exercício	37	delírio	13	teatro	7
acaso	37	rock	12	trabalho	6
gozo	35	produto	12	sistema	6
entretenimento	31	espírito	12	sentimento	6
sangue	29	amor	11	objecto	6
oportunismo	22	desperdício	11	negócio	6
vandalismo	21	amadorismo	9	milagre	6
divertimento	19	horror	9	masoquismo	6
terrorismo	19	estado	9	marketing	6
engano	18	racismo	8	exibicionismo	6
jogo	17	lazer	7		
acto	16	efeito	7		

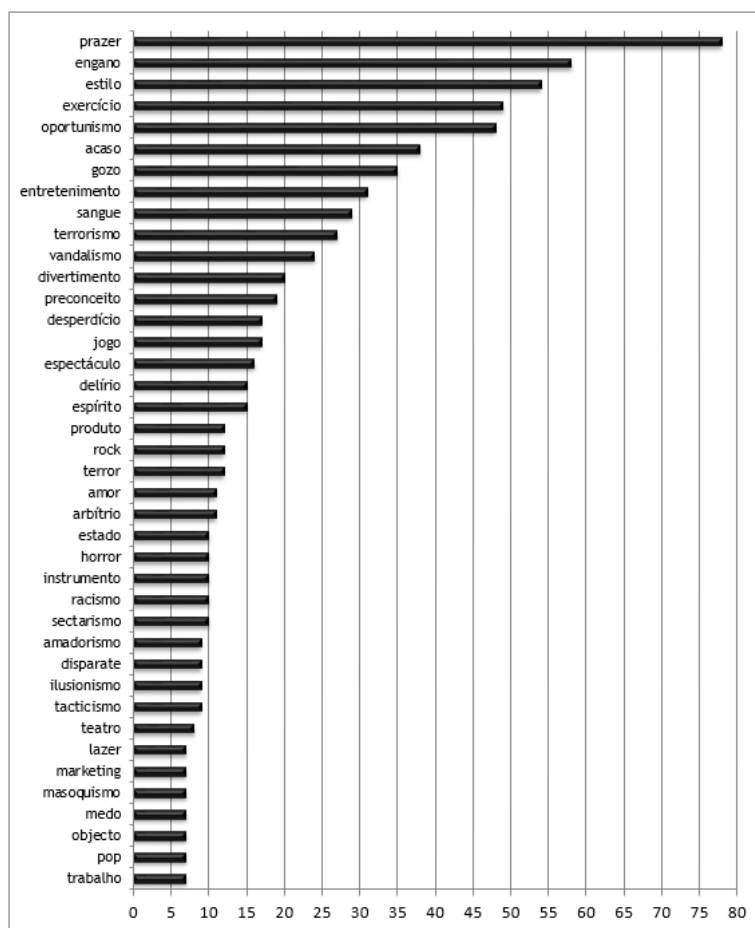


Gráfico 74 – Co-ocorrentes habituais de «puro», de acordo com o corpus conjunto (DAR-I + CETEMPúblico).

Deparamo-nos, de facto, com alguns co-ocorrentes de «puro» que, enquanto negativos, ocupam posições de destaque, como é o caso de «oportunismo» (48 ocorrências), «terrorismo» (27) e «vandalismo» (24). Porém, os co-ocorrentes habituais neutros/indefinidos continuam a ocupar a maioria, como o seguinte gráfico demonstra:

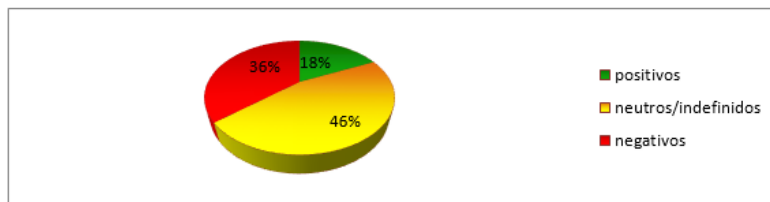


Gráfico 75 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «puro» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*).

Repare-se, contudo, que, a observação conjunta dos *corpora* mostra um acréscimo dos co-ocorrentes negativos face aos positivos, representando os primeiros mais de um terço da distribuição. Logo, podemos concluir que «puro» é um item lexical de carga para-semântica cuja neutralidade pende para o negativo.

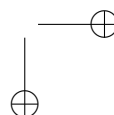
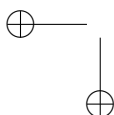
3.2.11 «Sistematicamente»

3.2.11.1. Critérios de pesquisa

Sendo «sistematicamente» um advérbio, o passo lógico, neste caso, foi o de procurar verbos e adjectivos por ele modificados. Por esse motivo, o horizonte de busca cinge-se apenas a um espaço à direita do item lexical crítico, onde esperávamos encontrar os co-ocorrentes que correspondessem às classes morfológicas desejadas.

3.2.11.2. Pesquisa no *corpus DAR-I*

«Sistematicamente», com 1.861 ocorrências no *DAR-I*, é um item lexical que, de acordo com o primeiro co-ocorrente habitual a surgir neste *corpus*, parece co-ocorrer com contextos de contrariedade e frustração de intenções. «Contra», que decidimos incluir nos resultados por constituir, de certo modo, um item lexical semanticamente relevante e de características valorativas, surge como o seu primeiro co-ocorrente habitual; com 35 ocorrências, destaca-se



abissalmente dos seus pares, mantendo o padrão que temos vindo a descortinar no que diz respeito às modas de valores atípicos:

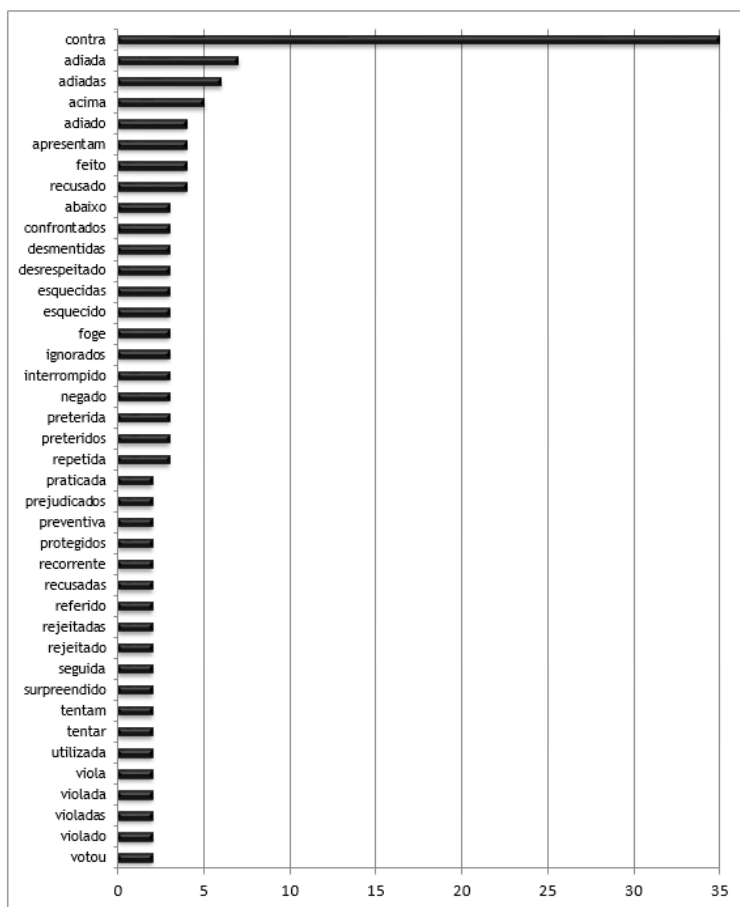


Gráfico 76 – Co-ocorrentes habituais de «sistematicamente», de acordo com o *corpus DAR-I*.

Tabela 33 – Co-ocorrentes habituais de «sistematicamente»,
de acordo com o *corpus DAR-I*

contra	35	foge	3	tentam	2
adiada	7	esquecido	3	surpreendido	2
adiadas	6	esquecidas	3	seguida	2
acima	5	desrespeitado	3	rejeitado	2
recusado	4	desmentidas	3	rejeitadas	2
feito	4	confrontados	3	referido	2
apresentam	4	abaixo	3	recusadas	2
adiado	4	votou	2	recorrente	2
repetida	3	violado	2	protegidos	2
preteridos	3	violadas	2	preventiva	2
preterida	3	violada	2	prejudicados	2
negado	3	viola	2	praticada	2
interrompido	3	utilizada	2		
ignorados	3	tentar	2		

Depois de «contra», «adiada» e «adiadas» contam somente com 7 e 6 ocorrências, respectivamente. Destaque-se também «recusado» (4 ocorrências), «adiado» (4), «preteridos» e «preterida» (3 ocorrências cada), entre outros. Logo, para além do que a moda nos indica, encontramos-nos sobretudo perante um item lexical que, de facto, figura normalmente em contextos não só negativos, mas também indicativos de contrariedade. Vejamos, neste sentido, qual a distribuição de co-ocorrentes por cariz semântico-pragmático:

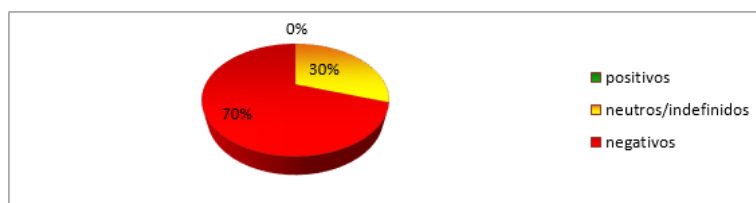


Gráfico 77 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «sistematicamente» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus DAR-I*.

Enquanto «sistematicamente» não co-ocorre com itens lexicais de cariz positivo, o mesmo não acontece com os negativos: quase toda a distribuição é por eles ocupada, reservando-se menos de um terço aos co-ocorrentes neutros/indefinidos. Assim, pelo menos em termos de discurso parlamentar, «sistematicamente» surge como um forte causador de Prosódia Semântica negativa.

3.2.11.3. Pesquisa no *corpus CETEMPúblico*

«Sistematicamente» surge no *CETEMPúblico* com 2.448 ocorrências, sendo o seu principal co-ocorrente, à semelhança do que verificámos no *DAR-I*, «contra» (19 ocorrências). Para além de se manter a moda, mantém-se também a tendência deste advérbio para co-ocorrer com itens lexicais de cariz negativo, como poderemos observar:

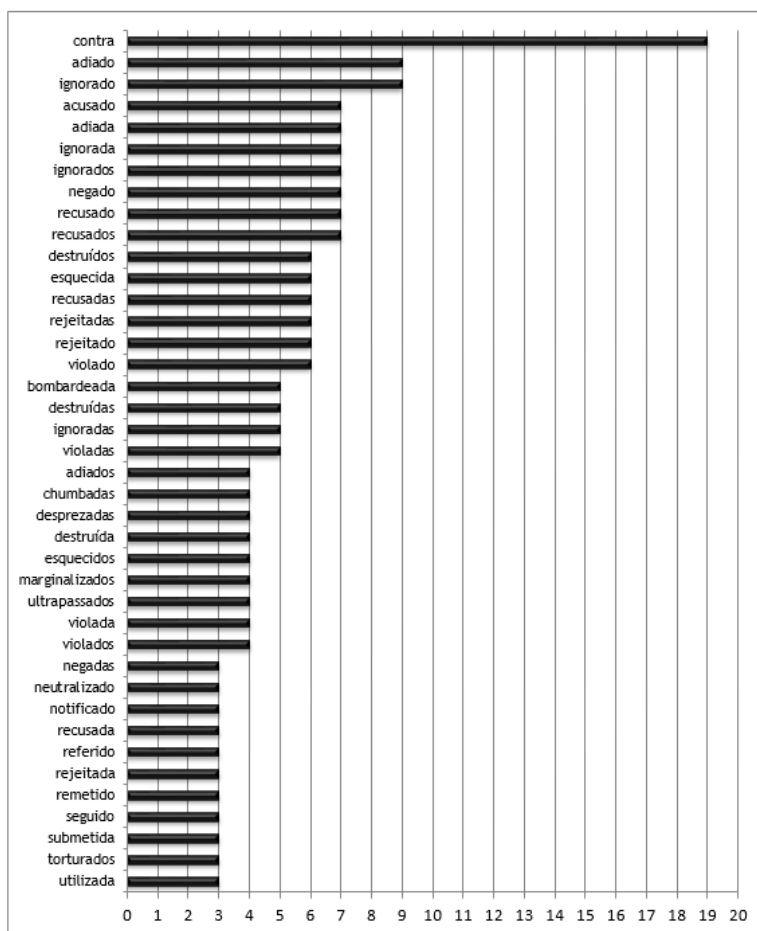


Gráfico 78 – Co-ocorrentes habituais de «sistematicamente», de acordo com o corpus CETEMPúblico.

Para além de a moda assumir um valor absolutamente extraordinário face aos outros co-ocorrentes, estes são, de facto, de cariz evidentemente negativo. Temos, por exemplo, «ignorado», «adiado» (9 ocorrências cada), «recusados», «recusado», «negado», «ignorados», «adiada» e «acusado» (7 ocorrên-

cias cada), os quais ilustram perfeitamente a tendência para contextos negativos que «sistematicamente» apresenta. Vejamos, agora, a distribuição de co-ocorrentes por cariz avaliativo:

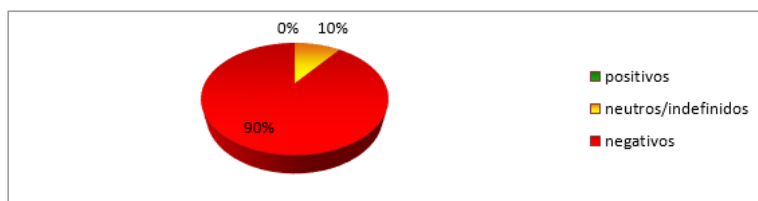


Gráfico 79 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «sistematicamente» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Relativamente ao que havíamos observado no *DAR-I*, a predominância de co-ocorrentes negativos aumenta consideravelmente. Não existem, para «sistematicamente», co-ocorrentes habituais de cariz positivo (como acontece também no *DAR-I*), estando os neutros/indefinidos confinados a unicamente um décimo da distribuição.

3.2.11.4. Pesquisa no *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

Tendo em conta o que as observações individuais do *DAR-I* e do *CETEMPúblico* mostram, esta pesquisa serve unicamente para reforçar a correlação entre ambos, apresentando-nos «sistematicamente» numa posição intermédia. Como esperávamos, «contra» continua a figurar como o mais importante co-ocorrente de «sistematicamente», surgindo 54 vezes e, com uma diferença de 40 ocorrências relativamente ao seguinte co-ocorrente habitual, destacando-se como o mais expectável numa sequência discursiva em que «sistematicamente» ocorra.

Tabela 34 – Co-ocorrentes habituais de «sistematicamente»,
de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

contra	54	violadas	7	referido	5
adiada	14	recusados	7	preteridos	5
adiado	13	ignoradas	7	preterida	5
recusado	11	esquecida	7	feito	5
ignorado	11	violada	6	esquecidos	5
negado	10	posta	6	esquecido	5
ignorados	10	destruídos	6	destruídas	5
violado	8	desmentidas	6	desrespeitados	5
rejeitado	8	acima	6	confrontados	5
rejeitadas	8	abaixo	6	chumbadas	5
recusadas	8	violados	5	bombardeada	5
ignorada	8	utilizada	5	apresentado	5
adiadas	8	ultrapassados	5		
acusado	8	repetida	5		

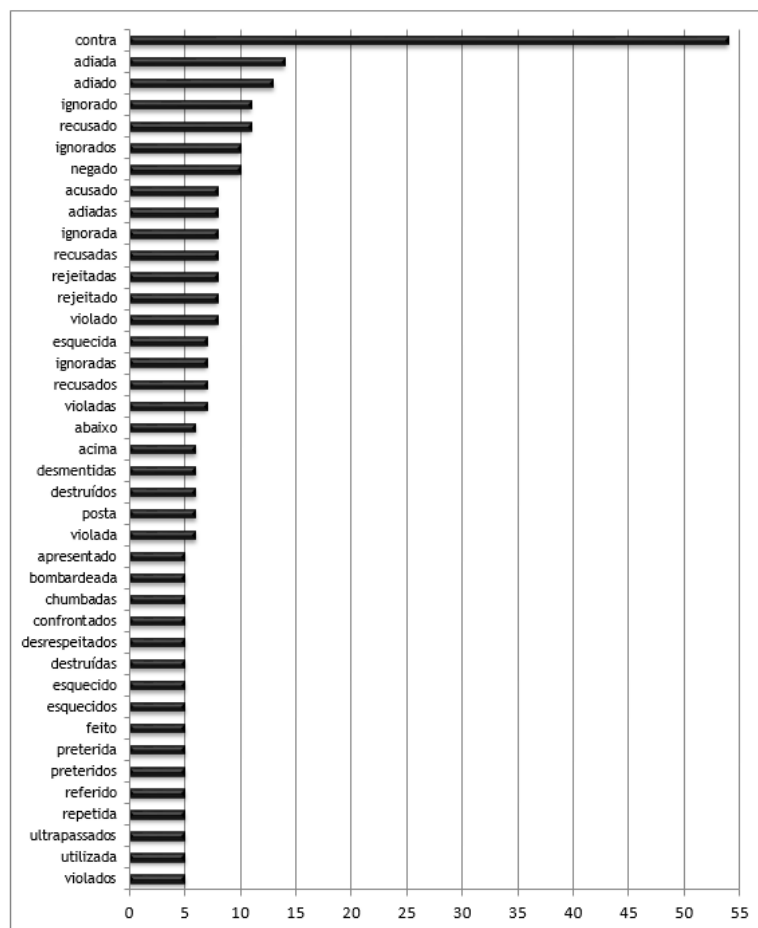


Gráfico 80 – Co-ocorrentes habituais de «sistematicamente», de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*).

Como podemos ver, segue-se a «contra», em posições de menor destaque, «adiada» e «adiado» (14 e 13 ocorrências, respectivamente), «recusado», «ignorado» (11 ocorrências cada), «negado» e «ignorados» (10 ocorrências cada). A distribuição dos co-ocorrentes habituais de «sistematicamente» por cariz semântico-pragmático é a seguinte:

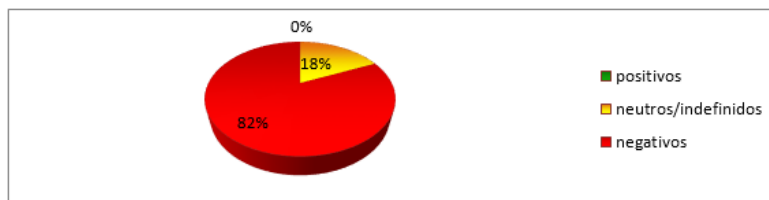


Gráfico 81 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «sistematicamente» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*).

Observando estes resultados, podemos então concluir que «sistematicamente» é um item lexical com uma carga para-semântica profundamente negativa.

3.2.12 «Situação»

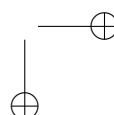
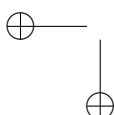
3.2.12.1. Critérios de pesquisa

Sendo «situação» um substantivo, tivemos como objectivo fazer o levantamento de adjetivos e complementos nominais que com ele co-ocorressem. Logo, a procura englobou dois espaços à direita do item lexical crítico para que o programa detectasse os adjetivos que se lhe seguissem imediatamente e substantivos que, por formarem complementos nominais, fossem antecidos de uma preposição.

3.2.12.2. Pesquisa no *corpus DAR-I*

Com 40.432 ocorrências no *DAR-I*, «situação» é, de entre os casos que aqui estudámos, o mais prolífero. É também um item lexical que, embora tenha co-ocorrências maioritariamente neutras, apresenta alguns casos dignos de nota, pelo que optámos por o incluir neste trabalho. O seu principal co-ocorrente, «a(c)tual»¹⁴ (1316 ocorrências), ainda que seja considerado neutro, tem um

¹⁴ Decidimos registar as duas grafias conjuntamente.





certo pendor para o negativismo, como uma extracção de linhas KWIC pode demonstrar:

proposta de sentido inverso, pretendendo manter a situação actual, em que os medicamentos são mais caros para os do
ento autónomo e mais rápido, para evitarmos que a situação actual se prolongue por mais este ano judicial. E falo n
funda reflexão. Uma das vertentes tem a ver com a situação actual da duração do trabalho em Portugal e com o impact
a do ambiente e da saúde. A caótica e inaceitável situação actual dos resíduos industriais, incluindo os perigosos,
ca para os resíduos industriais que ponha cobro à situação actual, como o País há muito necessita e reclama, uma po
Assim, peço ao PP para se preocupar com o que é a situação actual, em que os agricultores que se candidataram no an
-- Muito bem! O Orador: -- Fizemos uma análise da situação actual da Administração Pública, através de uma amostra,
a situação que temos hoje. Na população activa, a situação actual aponta para os seguintes números: não sabem ler n
acterizar com dois ou três exemplos o que levou à situação actual da EPAC? Vozes do PS: -- Muito bem! A Oradora: --
rdadeira explicação --, não pode ignorar-se que a situação actual da EPAC é insustentável. Isto nada tem a ver com
onsensual e credível para a caótica e inaceitável situação actual dos resíduos industriais, incluindo os perigosos,
as suas responsabilidades, ajudando a corrigir a situação actual em que uma única superpotência se confronta com u
rdão é a ponderação das linhas de futuro à luz da situação actual e do lugar que aí ocupam o interesse nacional e o
que é proposto, garante algum avanço em relação à situação actual. Vozes do PSD: -- E garante! O Orador: -- Nós diz
-- Nós dizemos que é preciso avançar em relação à situação actual, que é preciso corrigi-la, actuando, simultaneame
nunca mais 16 I SÉRIE -- NÚMERO 31 funciona na situação actual? Ai, sim, com a actual rede consular, teríamos um
alguma forma, está satisfeito e conformado com a situação actual do sistema de saúde relativamente à questão das l
ediavelmente, um assunto de todos. A superação da situação actual, a dimensão da frente de batalha constitui um des
os concelhos ao lado, naquela altura, e conhece a situação actual, mesmo com instrumentos de ordenamento do territó
que não se pretende casuisticamente resolver uma situação actual, mas definitivamente impedir que, em nenhuma circ
rota no sentido de que ela não pode ultrapassar a situação actual». O Sr. Octávio Teixeira (PCP): -- Mas votaram

Figura 14 – Amostra (20 resultados) do resultado em KWIC de «situação actual», obtida a partir do *corpus DAR-I*.

Embora a presença de um contexto negativo não seja absolutamente clara em muitos dos casos, outros demonstram-nos que a «situação a(c)tual» não é algo desejável, mas sim alvo de preocupação. Contudo, e mantendo o rigor pelo qual primamos esta investigação, decidimos manter «a(c)tual» como sendo um co-ocorrente neutro de «situação». Mas, antes que discorramos sobre mais aspectos deste levantamento, vejamos a totalidade dos resultados nele obtidos:

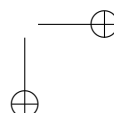
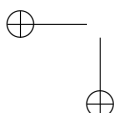


Tabela 35 – Co-ocorrentes habituais de «situação»,
de acordo com o *corpus DAR-I*

a(c)tual	1316	insustentável	181	injustiça	105
económica	1123	emergência	167	irregular	105
difícil	717	internacional	166	pior	103
financeira	580	criada	152	diferente	102
grave	563	pobreza	137	empate	99
desemprego	448	inaceitável	133	ilegal	94
social	425	trabalhadores	131	precária	92
dramática	292	preocupante	130	específica	91
crise	262	excepcional	126	anterior	88
concreta	250	presente	117	precariedade	84
política	226	carência	113	fiscal	83
existente	208	gravíssima	113	idêntica	80
orçamental	205	grande	109		
real	195	verdadeira	107		

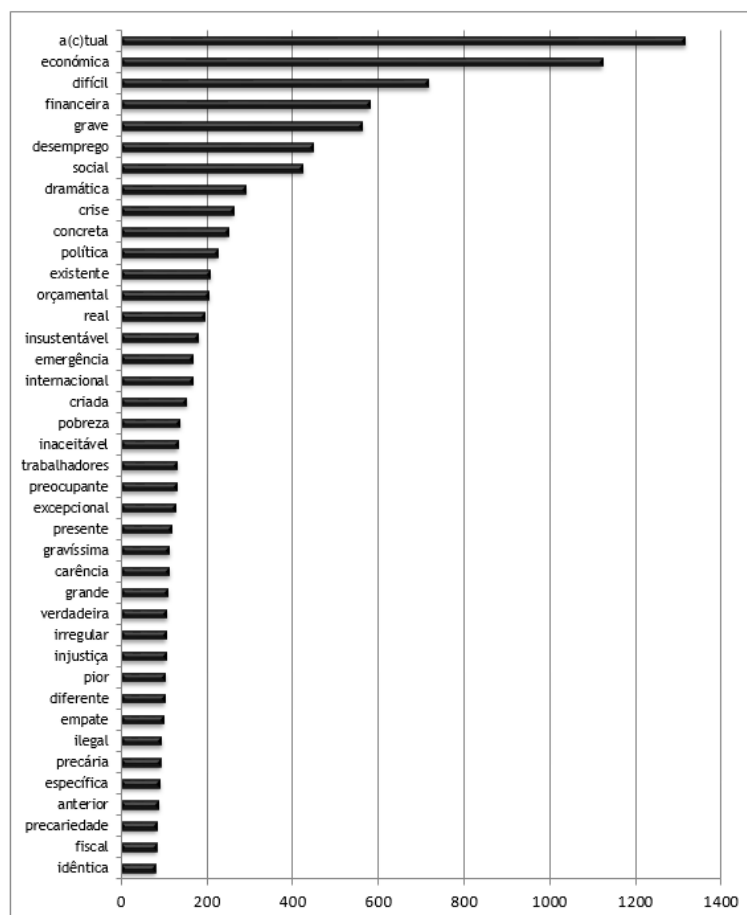


Gráfico 82 – Co-ocorrentes habituais de «situação»,
de acordo com o *corpus DAR-I*.

O co-ocorrente que se segue a «a(c)tual», «económica» (1123 ocorrências), é também interessante e digno de alguma suspeição, dada a realidade que o país tem atravessado ao longo das últimas décadas. Logo, é pertinente que façamos uma amostragem de linhas KWIC de «situação económica»:



s era o santo remédio para todas as crises?... A situação económica e financeira do País exige que a oportunidade de ou um significativo e progressivo agravamento da situação económica e financeira,... O Sr. Ministro dos Assuntos Par s meses, pode lançar um novo concurso do TGV e a situação económica já não se agravou, o endividamento já melhorou e ia Económica e Financeira agravaram seriamente a situação económica e social do País. Era responsabilidade central d síntese, a ação do Governo tem feito degradar a situação económica e social, tem agravado os riscos da execução bem o de novo programa de assistência e a gravíssima situação económica, social e financeira do país não tem resolução à pensamento do Bloco de Esquerda para lidar com a situação económica do País, como fazem os demais, que têm que enfre convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual. Sendo cer ormação sobre as contas públicas e sobre a nossa situação económica e financeira, competindo ao Parlamento o escrutí ento com a consciência de que às dificuldades da situação económica e financeira se soma a complexidade da presente missão Europeia. Dado que há uma deterioração da situação económica externa e interna, são necessários esforços adic nda é que, para nós, não é remédio para a actual situação económica -- é, pelo contrário, uma péssima notícia para a muitos estudantes, decorrentes da degradação da situação económica, o Partido Socialista apresentara também, na leg perda de rendimento, acrescido do facto da grave situação económica e financeira que o País atravessa, o Partido Soc esse endividamento, ou seja, sem conhecer a real situação económica e financeira do País. Os portugueses votaram, cu ivergimos profundamente do Governo na análise da situação económica nacional sobre o que nos trouxe à situação actua pergunta-se: quem é o responsável pela apreçada situação económica e financeira débil dos Estaleiros que justifica, cm o debate com o Sr. Primeiro-Ministro, sobre a situação económica, ao abrigo da alínea a) do n.º 2 do artigo 224.º articularmente presentes, mas também sabíamos da situação económica e injustiça inerente do sistema de SCUT, pagos p inistro -- e é mesmo previsível que se altere. A situação económica e de emergência social que atravessamos propicia onde também é imperativa a rapidez na resposta à situação económica e financeira da Casa do Douro. No âmbito da sani

Figura 15 – Amostra (20 resultados) do resultado em KWIC de «situação económica», obtida a partir do *corpus DAR-I*.

Neste caso, o negativismo é mais evidente, ainda que surjam casos que poderemos considerar neutros. Assim, iremos também considerar «económica» um co-ocorrente neutro de «situação». Atente-se, agora, à presença de «difícil» (717 ocorrências), «grave» (563) e «desemprego» (448). «Financeira» (580 ocorrências), embora não constitua um co-ocorrente totalmente negativo, é também algo suspeito, principalmente quando acompanhado dos co-ocorrentes que citámos. Todavia, considerá-lo-emos também neutro. Posto isto, a distribuição dos co-ocorrentes de «situação» é a seguinte:



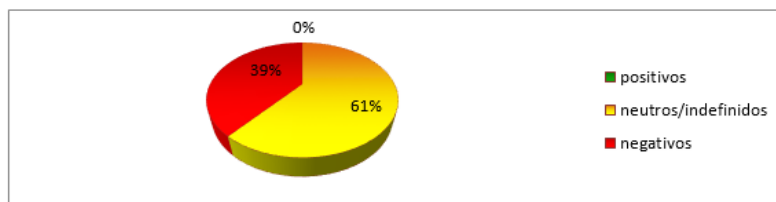


Gráfico 83 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «situação» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus DAR-I*.

Note-se que «situação» não possui, no *DAR-I*, um único co-ocorrente de cariz positivo. E, embora tenhamos uma maioria de co-ocorrentes neutros/indefinidos, essa neutralidade é algo questionável, pelo que poderemos afirmar que, em discurso parlamentar, «situação» é um item lexical de carga para-semântica neutra a negativa.

3.2.12.3. Pesquisa no *corpus CETEMPúblico*

Os resultados obtidos no *CETEMPúblico* são assaz semelhantes aos do *DAR-I*. Note-se, contudo, que a utilização de «situação» no *CETEMPúblico* é, relativamente ao outro *corpus*, bastante inferior, tendo em conta a diferença de tamanho entre os *corpora*. Com 10.218 ocorrências, «situação» representa apenas uma quarta parte das encontradas no *DAR-I*.

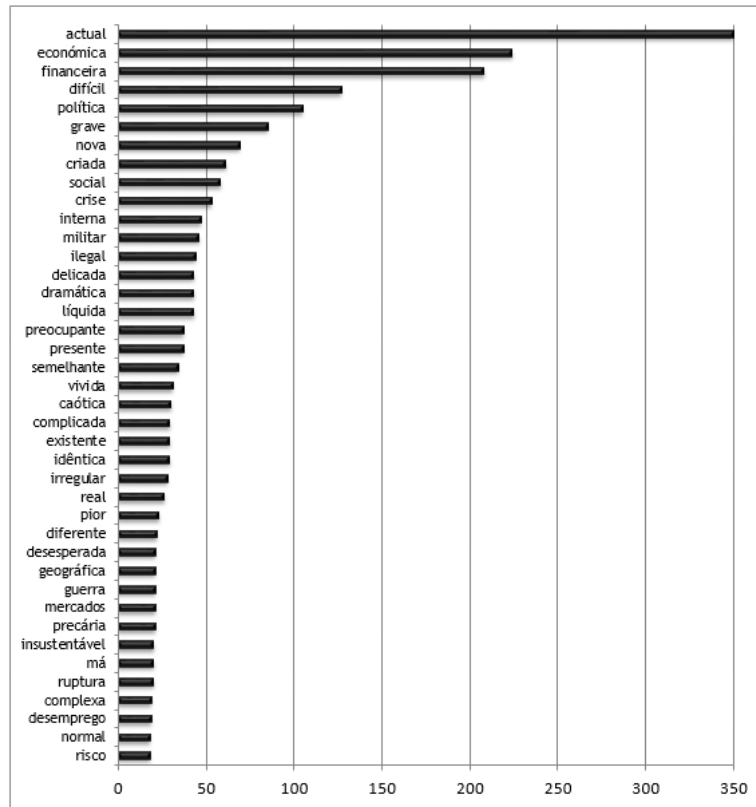


Gráfico 84 – Co-ocorrentes habituais de «situação», de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Tabela 36 – Co-ocorrentes habituais de «situação»,
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*

actual	350	dramática	43	precária	21
económica	224	delicada	43	mercados	21
financeira	208	presente	37	guerra	21
difícil	127	preocupante	37	geográfica	21
política	105	semelhante	34	desesperada	21
grave	85	vivida	31	ruptura	20
nova	69	caótica	30	má	20
criada	61	idêntica	29	insustentável	20
social	58	existente	29	desemprego	19
crise	53	complicada	29	complexa	19
interna	47	irregular	28	risco	18
militar	46	real	26	normal	18
ilegal	44	pior	23		
líquida	43	diferente	22		

Mantém-se, todavia, o padrão que havíamos verificado: «actual» constitui a moda, com 350 ocorrências, seguido de «económica» (224) e «financeira» (208). Uma vez mais, encontramos perante co-ocorrentes que, vistos conjuntamente com o item lexical crítico, possuem uma neutralidade com pendor para o lado negativo. Ademais, continuamos a verificar a co-ocorrência com «difícil» (127 ocorrências) e «grave» (85), embora «desemprego» ocupe agora um lugar de baixíssimo destaque, com apenas 19 ocorrências. Assim, parecemos que, em discurso jornalístico, «situação» assume contornos menos funestos, embora se mantenha a ressalva relativamente a «actual», «económica» e «financeira»:

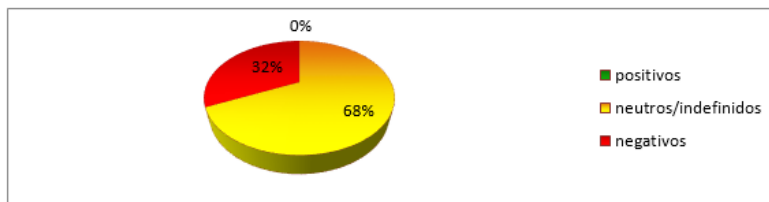


Gráfico 85 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «situação» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Continuamos a não ter co-ocorrentes positivos para «situação», o que se torna um facto relevante se tomarmos em consideração as já referidas neutralidades suspeitas. Porém, verifica-se um ligeiro acréscimo nos co-ocorrentes habituais assumidamente negativos.

3.2.12.4. Pesquisa no *corpus* conjunto (*DAR-I + CETEMPúblico*)

Esta pesquisa conjunta, embora não nos ofereça novidades relativamente ao cariz de «situação», constitui uma síntese da forma como este item lexical é tratado em termos quotidianos. Temos, por um lado, a presença óbvia de «a(c)tual» (1.544 ocorrências), «económica» (1.347) e «difícil» (844). Por outro, «grave» e «desemprego» tornam-se dignos de nota ao figurarem com 648 e 467 ocorrências, respectivamente:



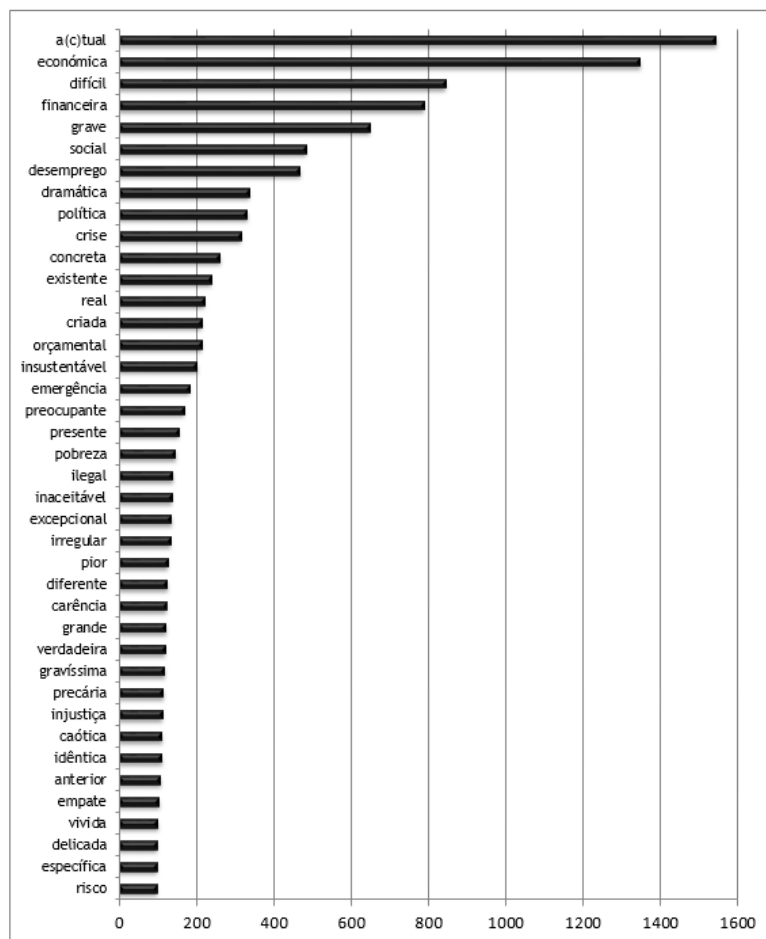


Gráfico 86 – Co-ocorrentes habituais de «situação», de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*).

Tabela 37 – Co-ocorrentes habituais de «situação», de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I + CETEMPúblico*)

a(c)tual	1544	criada	213	verdadeira	119
económica	1347	insustentável	201	gravíssima	117
difícil	844	emergência	182	precária	113
financeira	788	preocupante	167	injustiça	112
grave	648	presente	154	idêntica	109
social	483	pobreza	144	caótica	109
desemprego	467	ilegal	138	anterior	106
dramática	335	inaceitável	136	empate	103
política	331	excepcional	134	vivida	100
crise	315	irregular	133	risco	97
concreta	260	pior	126	específica	97
existente	237	diferente	124	delicada	97
real	221	carência	122		
orçamental	213	grande	121		

Temos, então, a seguinte distribuição de co-ocorrentes:

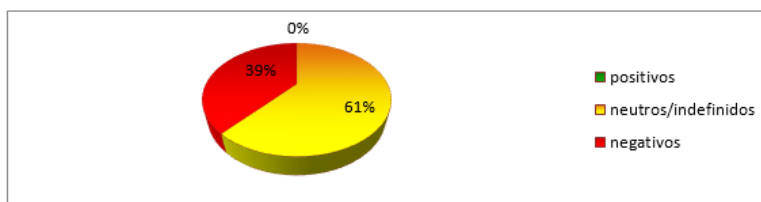


Gráfico 87 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «situação» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I + CETEMPúblico*).

Logo, podemos considerar que «situação» tem, de facto, uma carga para-semântica neutra a negativa, cuja negatividade poderá aumentar se considerarmos os primeiros co-ocorrentes como negativos ao contextualizá-los na realidade portuguesa.



3.2.13 «Subida»

3.2.13.1. Critérios de pesquisa

No caso de «subida», tivemos como objectivo encontrar adjetivos e substantivos (complementos nominais). Assim, a procura foi feita abarcando dois espaços a seguir ao item lexical crítico para que se detectassem os adjetivos que se lhe seguissem e os substantivos que, formando complemento nominal, surgissem dois espaços a seguir.

3.2.13.2. Pesquisa no *corpus DAR-I*

«Aumento» e «subida» (que conta com 1.196 ocorrências no *DAR-I*), sendo quase-sinónimos, apresentam padrões bastante semelhantes, havendo porém claras diferenças. Em discurso político, o seu primeiro co-ocorrente habitual é «preços» (83 ocorrências), o qual, uma vez mais, constitui uma moda de valor atípico, distanciando-se em quase vinte ocorrências do segundo co-ocorrente habitual de «subida», «taxas» (64 ocorrências). Vejamos todos os resultados:



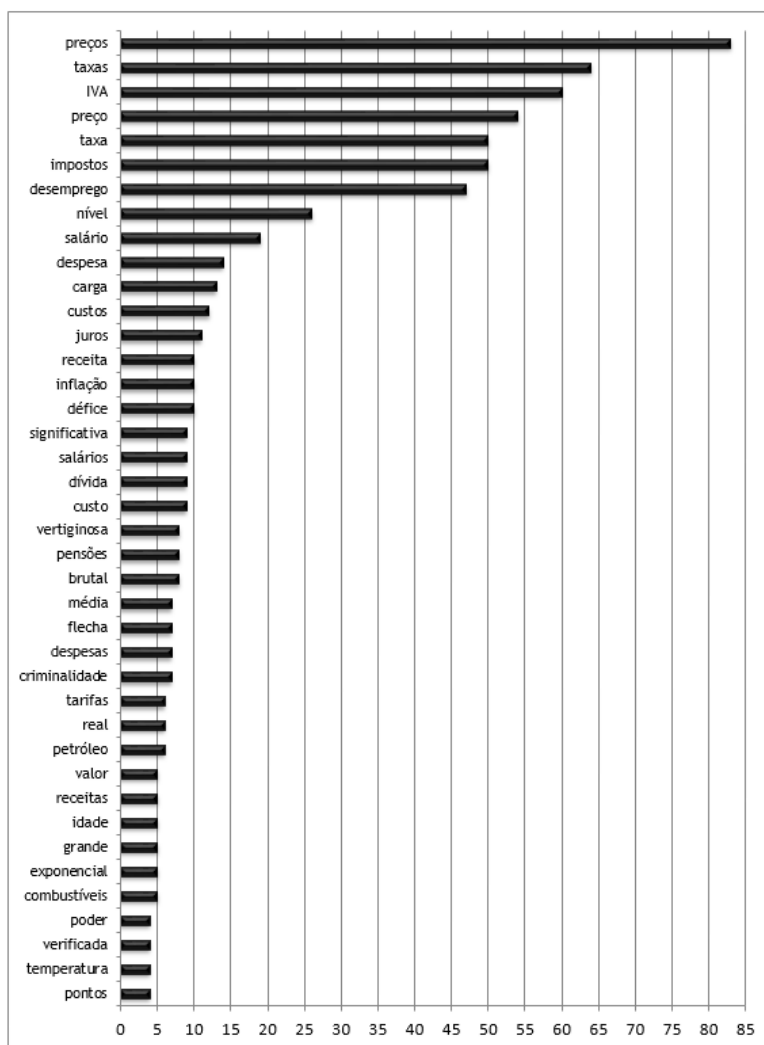


Gráfico 88 – Co-ocorrentes habituais de «subida», de acordo com o *corpus DAR-I*.

Tabela 38 – Co-ocorrentes habituais de «subida»,
de acordo com o *corpus DAR-I*

preços	83	inflação	10	real	6
taxas	64	receita	10	tarifas	6
IVA	60	custo	9	combustíveis	5
preço	54	dívida	9	exponencial	5
impostos	50	salários	9	grande	5
taxa	50	significativa	9	idade	5
desemprego	47	brutal	8	receitas	5
nível	26	pensões	8	valor	5
salário	19	vertiginosa	8	pontos	4
despesa	14	criminalidade	7	temperatura	4
carga	13	despesas	7	verificada	4
custos	12	flecha	7	poder	4
juros	11	média	7		
défice	10	petróleo	6		

São igualmente notáveis os casos de «IVA» (60 ocorrências), «preço» (54), «impostos», «taxa» e «desemprego». Parece-nos, assim, que «subida» tem, em termos de co-ocorrências, um pendor para um campo semântico pecuniário, conforme acontecia já em «aumento». No entanto, o seu carácter negativo é muito mais acentuado:

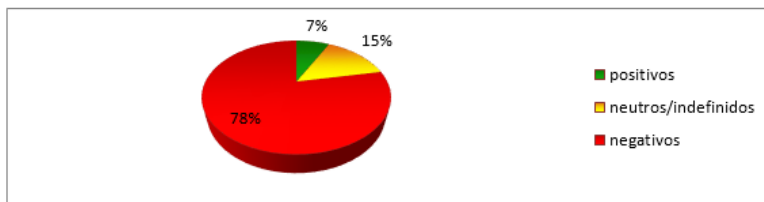


Gráfico 89 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «subida» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus DAR-I*.

Com efeito, os co-ocorrentes negativos de «subida» ocupam, nesta distribuição, um lugar proeminente, estando os neutros/indefinidos e os positivos confinados a percentagens bastante reduzidas.

3.2.13.3. Pesquisa no *corpus CETEMPúblico*

Com 9.120 ocorrências, «subida» é, ao que parece, bastante mais utilizado em discurso jornalístico. Existem também algumas diferenças face ao que acontece em discurso político: em primeiro lugar, o principal co-ocorrente habitual de «subida» é diferente do que figura no *DAR-I*. Adicionalmente, o seu valor é excepcionalmente atípico, distanciando-se mais de 500 ocorrências de «preços», o segundo co-ocorrente habitual de «subida». Vejamos:



Tabela 39 – Co-ocorrentes habituais de «subida»,
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*

taxas	873	generalizada	51	juros	30
preços	322	águas	47	volume	29
dólar	201	tom	47	rendimento	29
taxa	153	verificada	46	marco	29
nível	137	número	46	mercado	28
pontos	127	acentuada	46	ligeira	28
cotações	106	iene	45	média	27
inflação	93	salários	39	consumo	27
significativa	83	escalão	39	moeda	25
poder	82	temperatura	38	flecha	25
preço	81	vendas	35	cotação	25
índice	75	superior	34	produção	24
registada	61	relação	32		
desemprego	61	ordem	30		

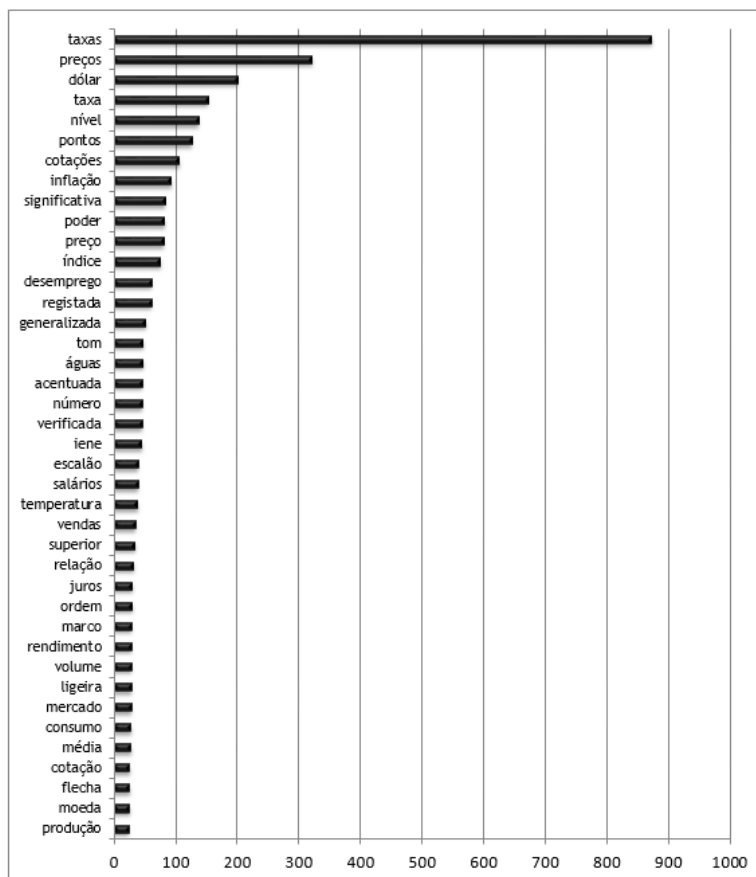


Gráfico 90 – Co-ocorrentes habituais de «subida», de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

De facto, «taxas», pelo seu número de ocorrências (873), assume-se como o mais provável co-ocorrente de «subida». São também dignos de nota «preços» (322 ocorrências) e «taxa» (com 153 ocorrências, complementa a sua forma plural); contudo, uma parte significativa dos co-ocorrentes habituais de «subida» no *CETEMPúblico* é de carácter neutro, como é o caso de «dólar»

(201), «nível» (137) e «pontos» (127). Logo, a distribuição de co-ocorrentes habituais é a seguinte:

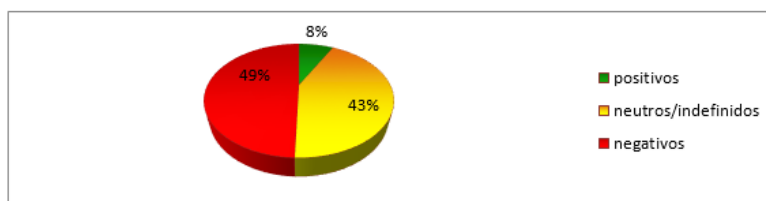


Gráfico 91 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «subida» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Embora os co-ocorrentes de cariz negativo continuem em maioria, esta é pouco acentuada, partilhando quase toda a distribuição com os co-ocorrentes neutros/indefinidos.

3.2.13.4. Pesquisa no *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

A pesquisa conjunta, para além de reforçar os padrões que pareciam emergir aquando das pesquisas individuais dos *corpora*, confirma o cariz negativo de «subida»:

Tabela 40 – Co-ocorrentes habituais de «subida»,
de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

taxas	937	registada	62	superior	36
preços	405	IVA	60	vendas	35
taxa	203	divisão	60	custos	35
dólar	202	generalizada	55	média	34
nível	163	águas	50	relação	33
preço	135	verificada	50	flecha	32
pontos	131	tom	49	rendimento	31
desemprego	108	número	49	ordem	30
cotações	106	acentuada	49	volume	29
inflação	103	salários	48	mercado	29
significativa	92	iene	45	marco	29
índice	76	temperatura	42	consumo	29
impostos	72	juros	41		
forma	63	escalão	40		

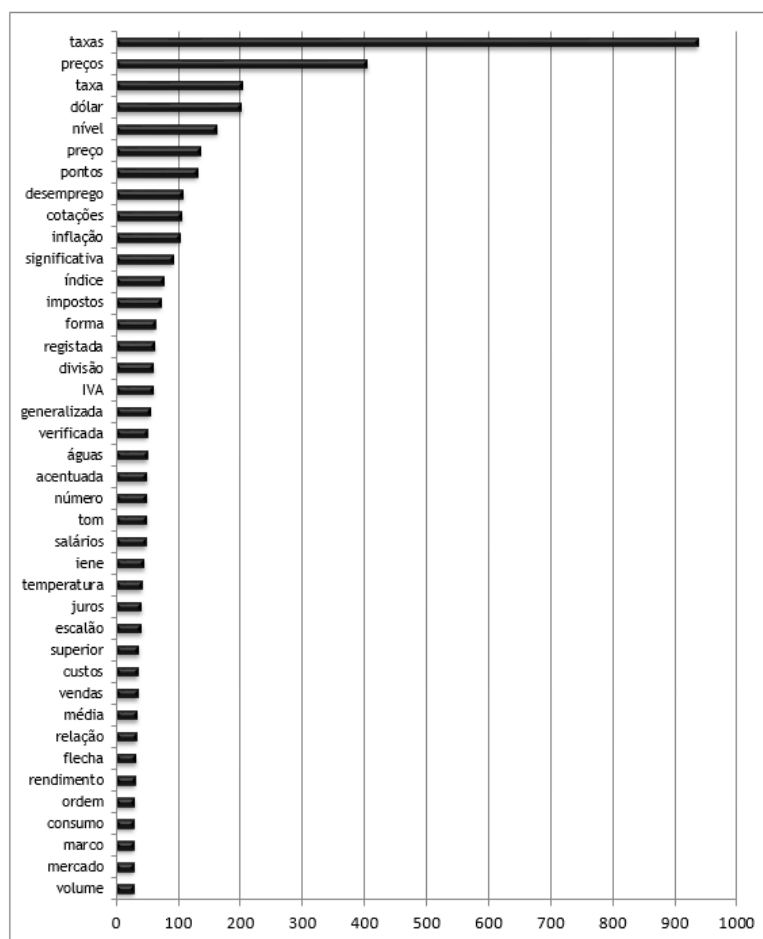
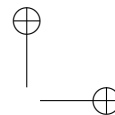


Gráfico 92 – Co-ocorrentes habituais de «subida», de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*).

O campo financeiro parece figurar no discurso público de Portugal quando se aplica «subida»: «taxas»/«taxa» e «preços» (937, 203 e 405 ocorrências, respectivamente) são os principais co-ocorrentes do item lexical crítico. Seguem-se-lhe, neste campo semântico, «dólar» (202) e «preço» (135). Nota-se



também, para além dos casos já citados, uma presença significativa de co-ocorrentes de cariz negativo, como é o caso de «desemprego» (108 ocorrências) e «inflação» (103). Não é de estranhar, assim, que a distribuição de co-ocorrentes de «subida» seja a seguinte:

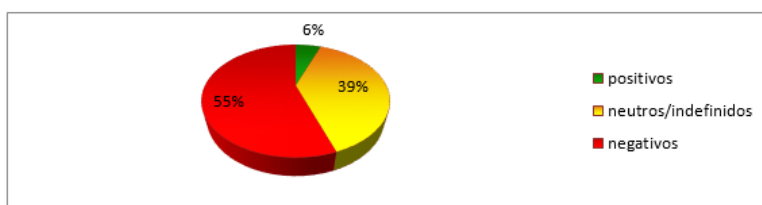


Gráfico 93 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «subida» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*).

Podemos, então, afirmar que «subida» é um item lexical cuja carga para-semântica é claramente negativa, já que os co-ocorrentes de carácter negativo se apresentam em maioria.

3.2.14 «Suscita»

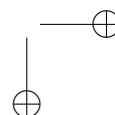
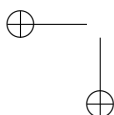
3.2.14.1. Critérios de pesquisa

Sendo «suscita» uma forma verbal, o passo mais lógico foi o de procurar substantivos que complementassem a acção. Logo, de forma a encontrar substantivos nas formas singular e plural, fizemos a busca em dois espaços a seguir ao item lexical crítico. Isto porque, embora os substantivos no plural surjam logo a seguir ao verbo, um substantivo no singular é precedido de um determinante.

3.2.14.2. Pesquisa no *corpus* *DAR-I*

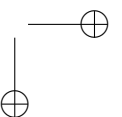
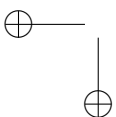
Uma vez que *suscitar* foi várias vezes abordado ao longo desta obra, achámos pertinente fazer uma pesquisa, no *DAR-I*, de «suscita» (é esta a forma que mais ocorre neste *corpus*) e, por isso, seguir todo o protocolo e proceder também à pesquisa deste item lexical no *CETEMPúblico* e no *corpus* conjunto.

Lusosofia.net





Com 1.017 ocorrências, «suscita» continua, no *DAR-I*, a assumir um comportamento semelhante ao que havíamos visto para o lema; o seu co-ocorrente habitual principal, com 96 ocorrências, é «dúvidas», logo seguido de «questões» e «questão» (36 e 29 ocorrências, respectivamente). Note-se que a moda continua a assumir um valor atípico face aos co-ocorrentes que se lhe seguem. Antes que continuemos a nossa análise, vejamos a totalidade dos resultados desta pesquisa:



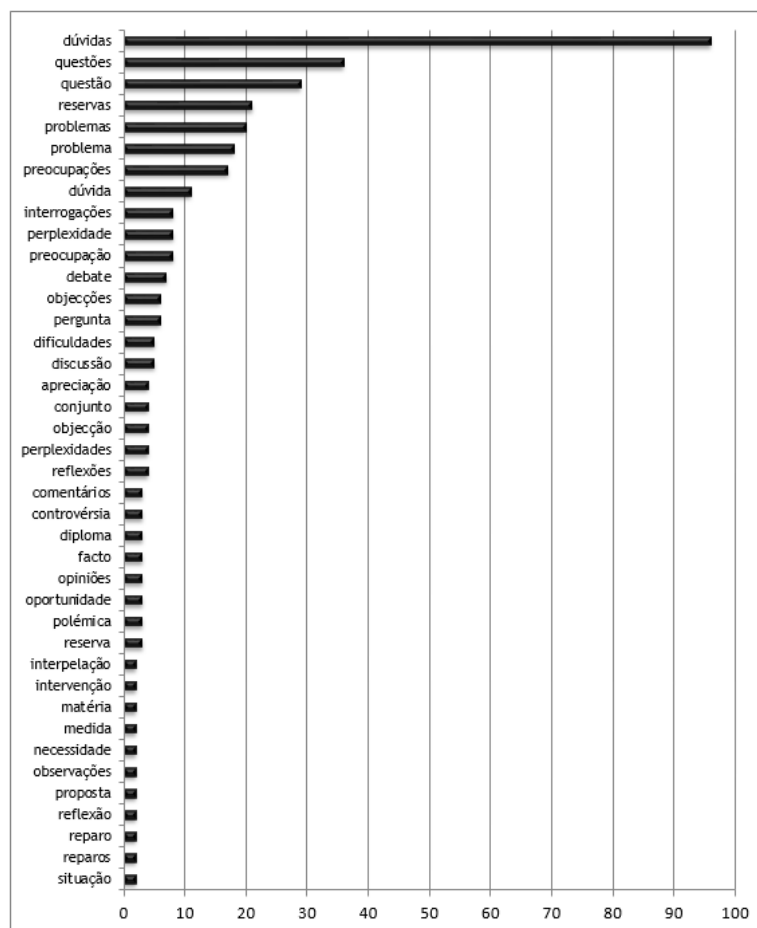


Gráfico 94 – Co-ocorrentes habituais de «suscita»,
de acordo com o *corpus DAR-I*.

Tabela 41 – Co-ocorrentes habituais de «suscita»,
de acordo com o *corpus DAR-I*

dúvidas	96	discussão	5	comentários	3
questões	36	dificuldades	5	situação	2
questão	29	reflexões	4	reparos	2
reservas	21	perplexidades	4	reparo	2
problemas	20	objecção	4	reflexão	2
problema	18	conjunto	4	proposta	2
preocupações	17	apreciação	4	observações	2
dúvida	11	reserva	3	necessidade	2
preocupação	8	polémica	3	medida	2
perplexidade	8	oportunidade	3	matéria	2
interrogações	8	opiniões	3	intervenção	2
debate	7	facto	3	interpelação	2
pergunta	6	diploma	3		
objecções	6	controvérsia	3		

Depois dos co-ocorrentes já citados, são passíveis de destaque «reservas» (21 ocorrências), «problemas»/«problema» (20 e 18 ocorrências), «preocupações»/«preocupação» (17 e 8 ocorrências, respectivamente) e «dúvida». Todos estes co-ocorrentes foram por nós considerados como sendo negativos, assim como, obviamente, o co-ocorrente habitual que constitui a moda desta amostra, «dúvidas». Logo, não é de surpreender que a distribuição de itens lexicais seja a seguinte:

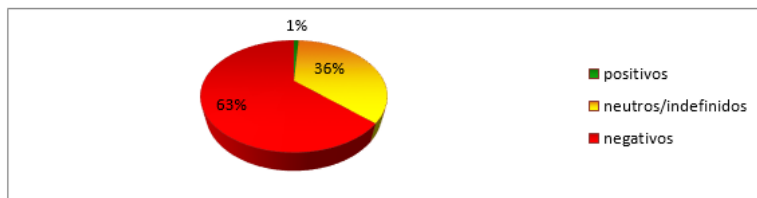


Gráfico 95 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «suscita» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus DAR-I*.

«Suscita», pelo menos segundo o que o *DAR-I* nos indica, tem uma carga para-semântica negativa: como tínhamos já visto no caso do lema, co-ocorre principalmente com itens lexicais dentro do campo semântico da dúvida e descrédito, os quais consideramos negativos.

3.2.14.3. Pesquisa no *corpus CETEMPúblico*

Os resultados obtidos neste *corpus* pouco diferem dos que o *DAR-I* nos facultou. Com 1.492 ocorrências no *CETEMPúblico*, este item lexical apresenta o mesmo co-ocorrente habitual principal que figurava no *DAR-I*, o qual se distancia largamente, em número de ocorrências, dos restantes:



Tabela 42 – Co-ocorrentes habituais de «suscita»,
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*

dúvidas	127	reparos	13	expectativa	6
reservas	37	controvérsia	13	atenção	6
críticas	28	comentários	12	admiração	6
polémica	27	questão	9	ódios	5
interesse	23	opiniões	9	reflexão	5
questões	21	paixões	8	perguntas	5
problemas	20	oposição	7	entusiasmos	5
interrogações	19	emoções	7	desconfiança	5
curiosidade	19	dúvida	7	adesão	5
preocupações	18	debate	7	unanimidade	4
preocupação	18	apreensões	7	paixão	4
entusiasmo	18	perplexidades	6	interpretações	4
reações	16	perplexidade	6		
receios	14	expectativas	6		

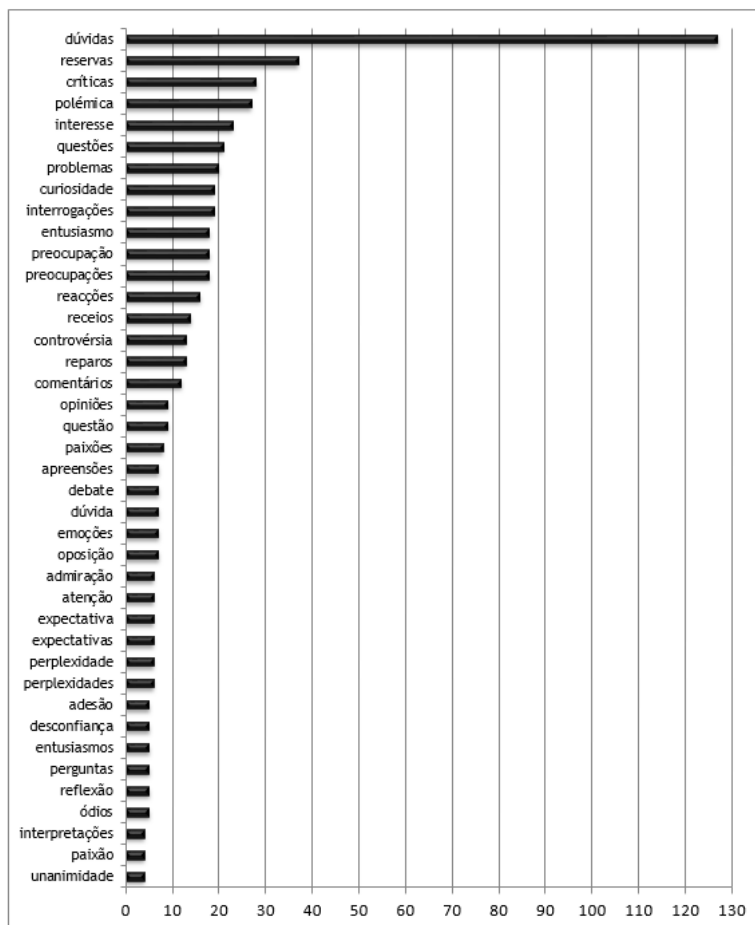


Gráfico 96 – Co-ocorrentes habituais de «suscita», de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Depois das 127 ocorrências de «dúvidas», surgem as apenas 37 de «reservas». Sublinhe-se a presença de «críticas» (28 ocorrências) e «polémica» (27), logo seguidos de «interesse», com 23 ocorrências, «questões» (21) e «problemas» (20). Parece existir, conforme aconteceu no caso do *DAR-I*, uma predominância de co-ocorrentes negativos, o que o gráfico seguinte confirma:

Lusosofia.net

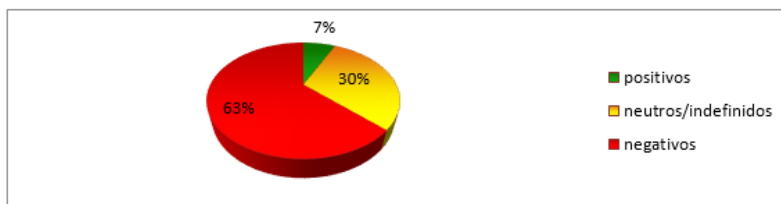


Gráfico 97 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «suscita» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Mantém-se assim, sem contar com ligeiras variações, a tendência para co-ocorrências negativas de «suscita» que a pesquisa no *DAR-I* tinha já apontado.

3.2.14.4. Pesquisa no *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

Os resultados devolvidos por esta pesquisa limitam-se a confirmar aquilo que os resultados quase invariáveis entre o *DAR-I* e o *CETEMPúblico* nos indicam: «suscita» é um item lexical maioritariamente negativo, cuja co-selecção tende principalmente para «dúvidas». Com efeito, é este, com 225 ocorrências, o co-ocorrente habitual mais frequente de «suscita», assumindo-se como o mais proeminente entre os seus pares ao distar 167 ocorrências de «reservas», o segundo co-ocorrente habitual de «suscita» que esta pesquisa nos indica:

Tabela 43 – Co-ocorrentes habituais de «suscita»,
de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

dúvidas	225	dúvida	18	reflexão	8
reservas	58	reações	17	oposição	8
questões	58	controvérsia	16	emoções	8
problemas	40	reparos	15	dificuldades	8
questão	38	comentários	15	atenção	8
preocupações	35	receios	14	expectativa	7
críticas	32	perplexidade	14	conjunto	7
polémica	31	debate	14	apreensões	7
interrogações	30	opiniões	12	admiração	7
preocupação	29	perplexidades	10	reserva	6
interesse	26	discussão	10	reflexões	6
problema	21	pergunta	9	expectativas	6
entusiasmo	20	paixões	9		
curiosidade	20	objecções	9		

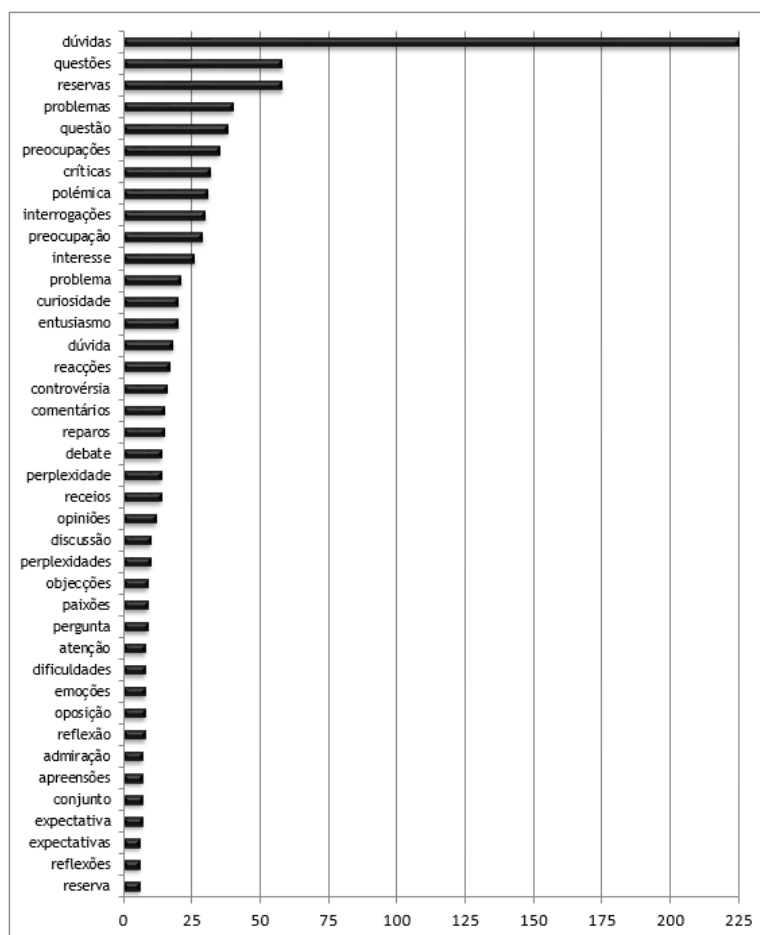


Gráfico 98 – Co-ocorrentes habituais de «suscita», de acordo com o corpus conjunto (DAR-I + CETEMPúblico).

Continuamos a ter em posições de destaque «problemas» (40 ocorrências), «críticas» (32) e «polémica» (31), surgindo também com mais relevância «preocupações» (35 ocorrências). Posto isto, vejamos então a distribuição, final e conclusiva, dos co-ocorrentes:

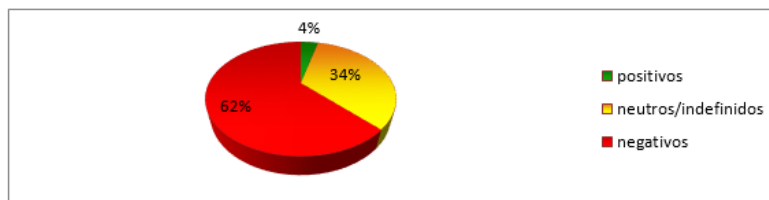


Gráfico 99 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «suscita» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*).

Conforme esperávamos, os resultados mantêm-se praticamente inalterados face aos que obtivemos nas restantes observações. Poderemos, assim, concluir que «suscita» é um item lexical que, tanto em termos políticos como jornalísticos, surge com uma carga para-semântica maioritariamente negativa.

3.2.15 «Transparência»

3.2.15.1. Critérios de pesquisa

Sendo «transparência» um substantivo, procurámos encontrar adjectivos, locuções adjectivais ou até mesmo advérbios de quantidade que lhe indicassem atributos. Tendo em conta que as locuções adjectivais de «transparência» surgem antes do item lexical crítico e que os adjectivos surgem imediatamente antes ou a seguir ao mesmo, esta procura abarcou dois espaços à esquerda e um à direita dele.

3.2.15.2. Pesquisa no *corpus* DAR-I

Com 6.675 ocorrências no *DAR-I*, «transparência» constitui certamente um item lexical vastamente utilizado no âmbito do discurso parlamentar. Pode isto significar que o meio político prima por este conceito tão evocado ou que há nele uma carência que frequentemente se oculta à força de referências repetidas. Ora, os resultados que veremos de seguida sugerem a confirmação da segunda hipótese, já que nos encontramos perante uma maioria de

co-ocorrentes de cariz positivo que, no entanto, é contraposta por uma peculiaridade. Vejamos os resultados que esta pesquisa nos devolve:

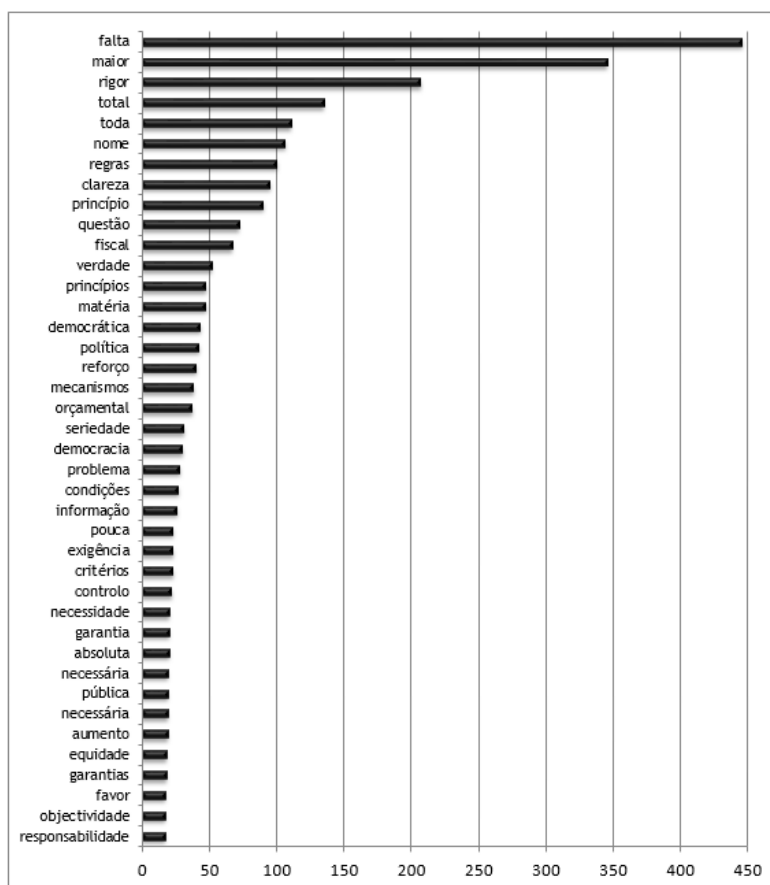


Gráfico 100 – Co-ocorrentes habituais de «transparência», de acordo com o *corpus DAR-I*.

Tabela 44 – Co-ocorrentes habituais de «transparência», de acordo com o *corpus DAR-I*

falta	446	democrática	43	absoluta	20
maior	346	política	42	garantia	20
rigor	207	reforço	40	necessidade	20
total	135	mecanismos	38	aumento	19
toda	111	orçamental	37	necessária	19
nome	106	seriedade	31	pública	19
regras	100	democracia	30	necessária	19
clareza	95	problema	28	garantias	18
princípio	90	condições	27	equidade	18
questão	72	informação	26	responsabilidade	17
fiscal	67	critérios	23	objectividade	17
verdade	52	exigência	23	favor	17
matéria	47	pouca	23		
princípios	47	controlo	22		

O primeiro co-ocorrente habitual de «transparência», para além de surgir, uma vez mais, com um valor atípico, destaca-se também pela suspeição que nos leva a criar face ao uso do item lexical crítico em ambiente político. «Falta», com 446 ocorrências, sugere que a transparência de que tanto se fala na Assembleia da República tem a sua existência ameaçada, algo que o segundo co-ocorrente habitual, embora por nós considerado positivo, parece corroborar ao insinuar que se procura uma solução para o problema mencionado. Falamos, evidentemente, de «maior», com 346 ocorrências. No entanto, parece cultivar-se um optimismo face ao conceito evocado pelo item lexical crítico, dada a presença de «rigor» (207 ocorrências), «total» (135) e «toda» (111). De acordo com o protocolo que temos vindo a seguir, «transparência» surge aparentemente como um item lexical com carga para-semântica positiva:

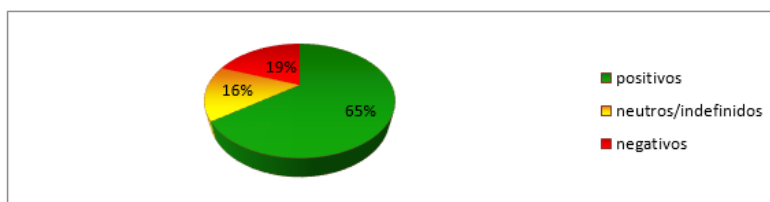


Gráfico 101 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «transparência» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus DAR-I*.

Todavia, a presença de «falta» parece colocar esta classificação em causa. Se não o faz, pelo menos oferece-nos um retrato, que consideramos ser bastante fiel, do conceito de transparência em âmbito político-partidário. «Transparência», que em termos ideológicos é um atributo desejável a qualquer entidade, continua a desencadear Prosódia Semântica positiva. Esta, contudo, é traída pela particularidade de «falta», o que significa que esta co-selecção poderá inverter a tendência apontada.

3.2.15.3. Pesquisa no *corpus CETEMPúblico*

«Transparência» conta, em termos proporcionais, com menos ocorrências no *CETEMPúblico* do que sucede no *DAR-I*. Com 4.763 ocorrências, no entanto, apresenta-nos uma co-selecção mais compactada, facto enunciado tanto pela presença de «falta», que difere das suas enunciações no *DAR-I* em apenas 6 ocorrências (surge 440 vezes), como pela sua enorme distância face ao co-ocorrente que se lhe segue, «maior», o qual conta com 268 ocorrências.

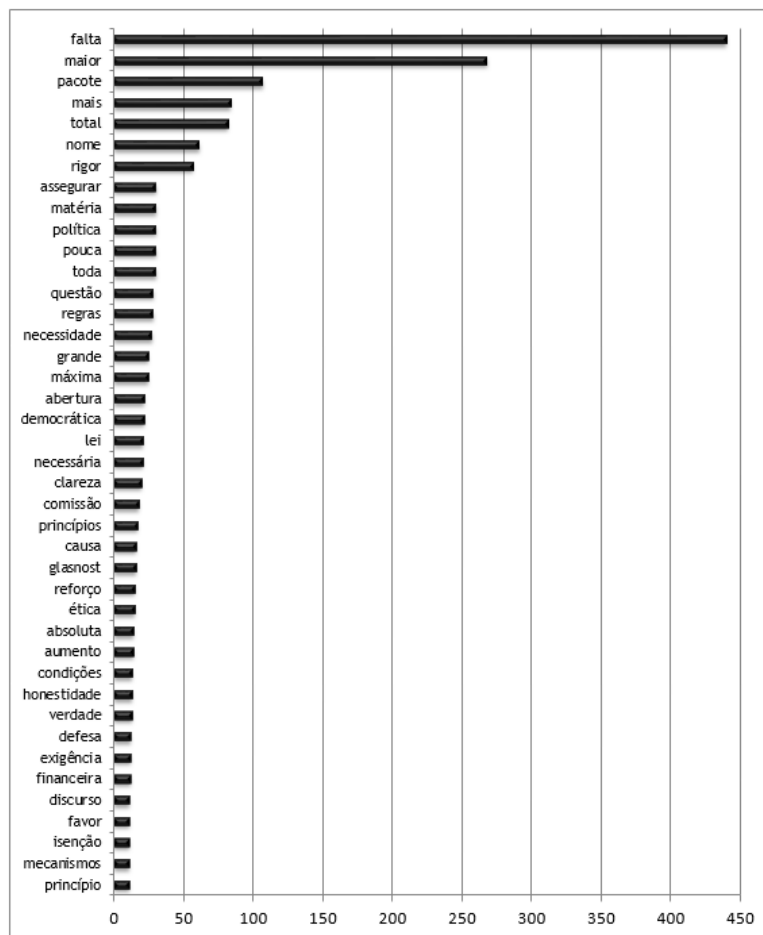


Gráfico 102 – Co-ocorrentes habituais de «transparência», de acordo com o corpus CETEMPúblico.

Tabela 45 – Co-ocorrentes habituais de «transparência»,
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*

falta	440	necessidade	27	aumento	14
maior	268	máxima	25	absoluta	14
pacote	107	grande	25	verdade	13
mais	84	democrática	22	honestidade	13
total	82	abertura	22	condições	13
nome	61	necessária	21	financeira	12
rigor	57	lei	21	exigência	12
toda	30	clareza	20	defesa	12
pouca	30	comissão	18	princípio	11
política	30	princípios	17	mecanismos	11
matéria	30	glasnost	16	isenção	11
assegurar	30	causa	16	favor	11
regras	28	ética	15		
questão	28	reforço	15		

Embora os dois primeiros co-ocorrentes repliquem a tendência verificada no DAR-I, há uma diferença: os co-ocorrentes de cariz positivo surgem aqui em maior frequência, acentuando-se a diferença entre «falta» e a carga para-semântica largamente positiva de «transparência»:

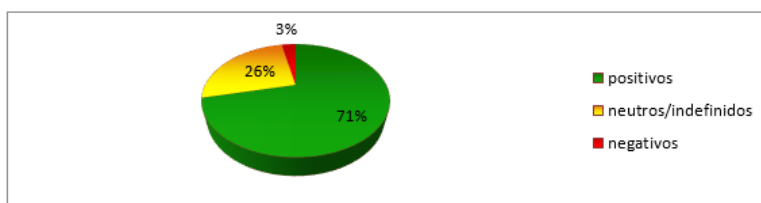


Gráfico 103 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais
de «transparência» por cariz semântico/pragmático,
de acordo com o *corpus CETEMPúblico*.

Efectivamente, o carácter positivo de «transparência» continua bastante



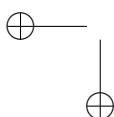
acentuado, estando os co-ocorrentes negativos relegados para uma posição que seria insignificante se não fosse o caso de «falta». Aparentemente, também a imprensa denuncia involuntariamente a crise de transparência que Portugal (pelo menos) atravessa ao mencionar com frequência um item lexical de cariz positivo contrapondo-o com um co-ocorrente que, de certo modo, o anula.

3.2.15.4. Pesquisa no *corpus* conjunto (*DAR-I + CETEMPúblico*)

As observações que precederam esta deram-nos já resultados conclusivos sobre o carácter de «transparência», distribuído entre a sua carga para-semântica positiva e a co-ocorrência predominante com «falta». Logo, a observação conjunta dos *corpora* servirá para reforçar os padrões verificados. «Falta», com 872 ocorrências, continua obviamente a constituir a moda, distanciando-se bastante de «maior», o segundo co-ocorrente. Este, no entanto, distancia-se também dos restantes co-ocorrentes, como poderemos verificar:

Tabela 46 – Co-ocorrentes habituais de «transparência», de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I + CETEMPúblico*)

falta	872	democrática	65	problema	36
maior	614	princípios	64	informação	35
rigor	264	reforço	55	exigência	35
total	217	pouca	53	absoluta	34
nome	167	mecanismos	49	aumento	33
regras	128	necessidade	47	lei	31
pacote	121	orçamental	44	critérios	31
clareza	115	seriedade	41	garantias	28
princípio	101	máxima	41	favor	28
questão	100	necessária	40	ausência	27
matéria	77	democracia	40	defesa	26
fiscal	74	condições	40	objectividade	25
política	72	grande	39		
verdade	65	abertura	37		



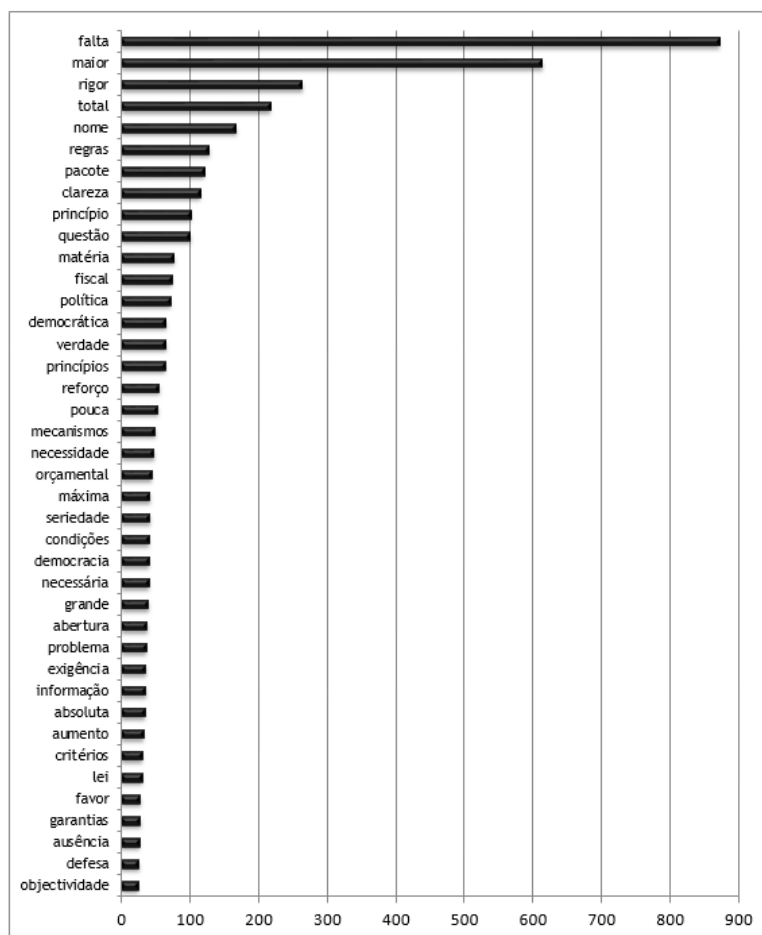


Gráfico 104 – Co-ocorrentes habituais de «transparência», de acordo com o corpus conjunto (DAR-I + CETEMPúblico).

Poderemos, assim, concluir que, devido aos importantes valores que assumem, «falta» e «maior» agem como forças opostas no que diz respeito à co-selecção imposta por «transparência», pendendo contudo a tendência para «falta». Contudo, a distribuição de co-ocorrentes é a seguinte:

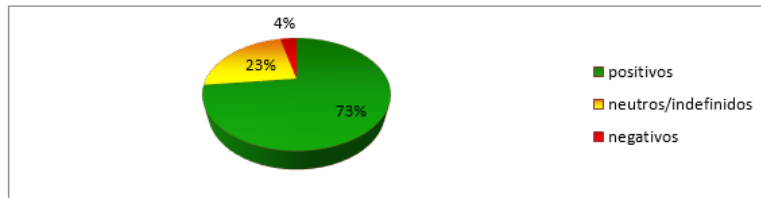
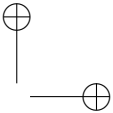
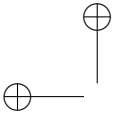
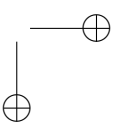
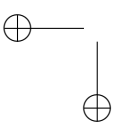


Gráfico 105 – Distribuição percentual de co-ocorrentes habituais de «transparência» por cariz semântico/pragmático, de acordo com o *corpus* conjunto (*DAR-I* + *CETEMPúblico*)

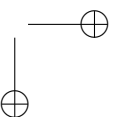
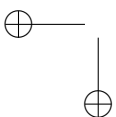






Conclusão

Antes da decisão de recorrer ao discurso político como meio de análise da Prosódia Semântica, fomos, muitas vezes, assaltados por uma dúvida: sendo a imprensa um meio amplamente negativista, constituirá uma amostra suficientemente representativa da sociedade portuguesa? O receio de lidar com um *corpus* algo parcial em termos de padrões linguísticos dissipou-se rapidamente quando começámos a analisar o *corpus DAR-I*. O texto que este nos apresentou, bem como os resultados que daí retirámos, rapidamente nos mostrou que o discurso político, para além de replicar em termos gerais as tendências verificadas no *CETEMPúblico*, as ultrapassa em negatividade. Para além disso, efectuando um raciocínio unidireccional, podemos considerar que o discurso político é, em certa medida, veiculado para o jornalístico, o qual desagua, por sua vez, na opinião pública (ou na falta dela). Ficou, assim, removido o primeiro obstáculo para a resposta ao problema que este livro coloca, ou seja, se a Prosódia Semântica constitui o espelho de uma sociedade. Os resultados obtidos removeram o segundo. Para além da consistência entre as tendências aferidas aquando da observação individual de cada *corpus*, a sua observação conjunta permitiu-nos obter uma síntese da Prosódia Semântica causada pelos itens lexicais estudados no espaço público. A intuição, que guiou grande parte da recolha inicial de dados, foi na maioria dos casos confirmada. Desvendámos, assim, reflexos da sociedade portuguesa (e, em alguns casos, internacional): o «desemprego» «alastra», verifica-se no meio político uma forte preocupação, ou desejo de que se verifique um «aumento» de «impostos» e uma «subida» de «preços» e «taxas»; o «enriquecimento» é, na maioria dos casos, «ilícito» e existe uma esmagadora «falta» de «transparência». Isto, para citar os casos que nos parecem mais significativos. Imaginemos agora o impacto que os padrões aqui verificados têm na sociedade



que os recebe. Como já dissemos, esta é altamente mediatizada e, ao mesmo tempo, sofre do mal da iliteracia. Logo, a escassez de pensamento crítico torna mais fácil a mecanização da co-selecção e, por isso, a fixação da Prosódia Semântica. Encontrando-nos numa sociedade de hábitos, de modas, não é de espantar que a língua as tenha também, reforçadas num ciclo vicioso que passa por uma comunidade de falantes que absorve, qual cão de Pavlov, a repetição de estímulos que passará depois a encaixar no seu quotidiano sem que disso se aperceba. Assim, a crescente mediatização que temos vindo a experienciar apresenta-se como um “presente envenenado”, já que nos permite o acesso a uma informação que, não obstante, é altamente filtrada e, de um modo subliminar (e talvez involuntário), tendenciosa. Por outro lado, a Prosódia Semântica pode ser uma verdadeira “arma” quando adicionada à “bateria” de técnicas de retórica que a classe política tem vindo a aperfeiçoar ao longo de quinze séculos. Esta técnica, como vimos, encontra-se já em utilização, embora de um modo grosseiro: recordemos o uso de *sustentabilidade* como identificador de um agravamento nos cortes salariais e o pleonasmo de «equilíbrio sustentável» que indica uma utilização inane do item lexical. A co-selecção e a Prosódia Semântica abrem caminho para uma demagogia impune ao atribuir mais importância à carga para-semântica do que ao nível funcional semântico de um item lexical. Assim, a língua portuguesa, e com ela a sociedade, vai caindo num marasmo conceptual ao vulgarizar o que de pior ocorre. O indivíduo que vive uma alteridade de aparências repetirá que algo é «manifestamente» «insuficiente» sem pensar realmente na insuficiência a que se refere ou na gravidade das suas afirmações. A referência a algo «sustentável» contribuirá na suavização de verdades desagradáveis e, em termos gerais, o uso de Prosódia Semântica e co-selecção permitirá que o conteúdo de sequências discursivas seja cada vez mais diminuto e insignificante. Há, contudo, um lado positivo da Prosódia Semântica: conhecê-la permite-nos descodificar faltas de sinceridade ou expressões voluntárias ou involuntárias de ironia. Recordemos a referência a um «optimismo» que se «alastra» e a descrença do autor do texto face ao mesmo. Ao invés de sermos vítimas da padronização exacerbada da língua, podemos usá-la para nosso proveito e utilizá-la para melhorar o raciocínio crítico e a formação de opiniões sobre a actualidade. Não podemos, todavia, evitar completamente a Prosódia Semântica. Utilizar uma língua, de um modo natural, passa pelo uso da co-selecção e da Prosódia Semântica, e fazer o contrário resulta apenas numa alienação face aos restan-

tes falantes. Somos, afinal, indivíduos mais propensos a cultivar a alteridade do que a ipseidade: conquistamos a segunda ao apreender e replicar a primeira e são muitos os indivíduos que repudiam a alteridade enquanto peça na engrenagem da diferença. Estamos já, todavia, na posse de informações poderosas quando aplicadas à análise social e que lançam mais algumas bases no estudo da Prosódia Semântica no caso do Português. Encontrar futuramente mais casos de Prosódia Semântica dar-nos-á também ferramentas no ensino do Português como segunda língua, ao permitir que o estudante conheça mais profundamente que itens lexicais ocorrem conjuntamente e com determinados tipos de contexto.

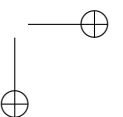
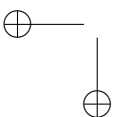
Há, porém, algumas limitações no nosso estudo, embora elas não sejam, como referimos nas ressalvas que fomos lançando ao longo da tese, significativas. Em primeiro lugar, trabalhamos com *corpora* de dimensões diferentes. Como foi enunciado, o *CETEMPúblico* é 3.4 vezes maior do que o *DAR-I*. No entanto, para além de acreditarmos que alguns dos padrões linguísticos vigentes na Assembleia da República são transmitidos pelos jornais, a percentagem de portugueses que lê jornais ou revistas é também superior à dos que vêem a AR TV¹⁵. Enquanto o primeiro grupo conta com 82.1% da população portuguesa (Grupo Marktest, 2013), a audiência da AR TV teve, durante o primeiro mês de emissão, a dimensão média de 600 espectadores (Sol, 2013) (Sol, 2013). Para além disso, seria impossível efectuar uma procura conjunta dos *corpora* reduzindo a amostra do *CETEMPúblico* a cerca de um terço do tamanho sem que os resultados ficassem em risco de ser bastante alterados, uma vez que a sua distribuição é desconhecida. Outra limitação, que também tivemos o cuidado de referir no corpo do trabalho, teve que ver com o programa que utilizámos para processar os *corpora*. Por motivos que desconhecemos, houve, em certos casos, ligeiras flutuações de valores: as ocorrências de alguns itens lexicais no *corpus* conjunto nem sempre correspondia à soma das mesmas nos *corpora* isolados. Contudo, e conforme se poderá verificar no anexo, esta flutuação de valores é pouco significativa, pelo que a fidedignidade dos resultados não se encontra, a nosso ver, ameaçada.

Aproveitamos também para lançar uma ideia para futuras investigações. Se o alargamento de noções sobre a Prosódia Semântica constitui uma arma

¹⁵ Embora este canal de televisão se tenha estreado em sinal aberto somente em Fevereiro de 2013, é o único indicador que encontramos acerca da quantidade de indivíduos que têm algum tipo de acesso às sessões da Assembleia da República.



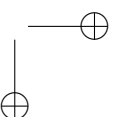
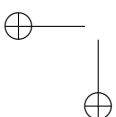
contra a manipulação, a demagogia e a ignorância, é pertinente que se continue esse estudo num âmbito estritamente político. Uma vez que as entradas do *Diário da Assembleia da República* estão organizadas cronologicamente, será possível realizar-se uma pesquisa vertical do mesmo. Nesse sentido, o *DAR-I* terá de ser reconstruído e anotado por referência cronológica e, se possível, de acordo com o orador. Embora este processo aparente ser extenuante, sendo necessário um largo intervalo de tempo para a sua realização, será possível não só verificar a evolução da carga para-semântica de certos itens lexicais, como também atribuir a criação, manutenção ou até extinção de padrões para-semânticos a determinado executivo ou até mesmo a oradores individuais. Se a investigação for levada a esse nível de pormenor, a sociedade civil portuguesa possuirá informações bastante específicas e reveladoras das intenções de cada membro do governo ou deputado.



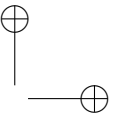
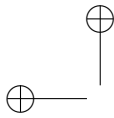


Bibliografia

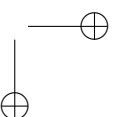
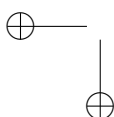
- American Psychiatric Association. (1996). *DSM-IV - Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bakhtin, M. (1981). *The Dialogic Imagination: Four Essays*. Austin: University of Texas Press.
- Bakhtin, M. (1986). *Speech Genres and Other Late Essays*. (V. W. McGee, Trad.) Austin: University of Texas Press.
- Bakhtin, M. (1992). *On Dialogism and Heteroglossia (the other(s)' word)*. Austin: Texas University Press.
- Beber Sardinha, T. (2004). *Lingüística de Corpus*. Barueli: Manole.
- Berber Sardinha, T. (2000). Prosódia semântica na tradução do português e inglês: um estudo baseado em *corpus*. *PROPOR 2000, V PROPOR - Encontro para o Processamento Computacional da Língua Portuguesa Falada e Escrita*, (pp. 93-104). São Paulo: Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação.
- Chomsky, N. (1976). *Syntactic Structures*. Paris: Mouton.
- Claramonte, M. C. (1997). El traductor como hermeneuta, in E. Morillas & J.P. Arias (Eds.), *El Papel del Traductor*. Salamanca: Ediciones Colegio de España, pp. 103-104.
- Costa, J.A. & Melo, A. (s/d) *Dicionário da Língua Portuguesa* (7.^a edição). Porto: Porto Editora.



- Crespo, A. (1988). *Estudos Sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: Teorema.
- Cunha, T.C. (1980). Análise estrutural dos contos populares portugueses: hipóteses e primeiros resultados. *Revista Critica de Ciências Sociais*, n.º 4/5: 95-116.
- Damáσιο, A. (1999). *O Sentimento de Si - O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1994). *What is Philosophy?* (H. Tomlinson & G. Burchell, Trans.) New York: Columbia University Press.
- Deleuze, G. & Parnet, C. (1987). *Dialogues*. (H. Tomlinson & B. Habberjam, Trans.) Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Eco, U. (2005). *Dizer Quase a Mesma Coisa - Sobre a Tradução*. Algés: Difel.
- Eggins, S. (2004). *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum.
- Firth, J.R. (1957). *Papers in Linguistics - 1934-1951*. Oxford: Oxford University Press.
- Firth, J.R. (1968). A synopsis of linguistic theory 1930-55, in J. Firth & F.L. Palmer (Ed.), *Selected Papers of J. R. Firth 1952-59*. Londres: Longmans' Linguistics Library.
- Frazier, L. (1987). Sentence processing: a tutorial review. *Attention and Performance: The Psychology of Reading*, XII: 559-586.
- Gil, J. (2005). *Portugal Hoje - O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Guilherme, P. (2009). *Pragmática, Prosódia Semântica e Tradução*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Hjelmslev, L. (1971). *Prolegomènes à une Théorie du Language*. Paris: Editions de Minuit.
- Hoey, M. (2003). *Lexical priming and the qualities of text*. Obtido em 15 de 09 de 2011, de www.monabaker.com.



- Hunston, S. (2002). *Corpora in Applied Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hunston, S. (2007). Semantic prosody revisited. *Words, Grammar, Text: Revisiting the Work of John Sinclair*, 12, 2: 249-268.
- Sanromán, Á.I. (2001). *A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasesmas, Pragmatemas*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos - Universidade do Minho.
- Jung, C. (2002). *Os Arquétipos e o Inconsciente Colectivo*. Petrópolis: Vozes.
- Lourenço, E. (2001). *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Gradiva.
- Louw, B. (Janeiro de 2008). Contextual prosodic theory: Bringing semantic prosodies to life. *Texto!*, XIII, 1.
- Louw, W.E. (1993). Irony in the text or insincerity in the writer? The diagnostic potential of semantic prosodies, in M. Baker; G. Francis & E. Tognini-Bonelli, *Text and Technology: in Honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 157-176.
- Madeira, A. (2008). Aquisição de L2, in P. Osório & R.M. Meyer (Eds.), *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira - Da(s) Teoria(s) à(s) Prática(s)*, (pp. 190-191). Lisboa: Lidel.
- McGraw-Hill Dictionary of Scientific & Technical Terms* (6.^a Edição). (2003). The McGraw-Hill Companies, Inc.
- Morley, J. & Partington, A. (2009). A few frequently asked questions about semantic – or evaluative – prosody. (J. B. Company, Ed.) *International Journal of Corpus Linguistics*, 14, 2: 139-158.
- Moutinho, V. (1987). *Contos Populares Portugueses*. Mem Martins: Europa-América.
- Murphy, G.L. & Shapiro, A.M. (1994). Forgetting of verbatim information in discourse. *Memory and Cognition*, 22, 1: 85-94.
- Partington, A. (1998). *Patterns and Meanings: Using Corpora for English Language Research and Teaching*. Philadelphia: John Benjamins.



- Pessoa, F. (12 de Agosto de 1928). O Provincialismo Português. *Notícias Ilustrado*.
- Pessoa, F. (1978). *Sobre Portugal - Introdução ao Problema Nacional*. Lisboa: Ática.
- Prodromou, L. (2008). *English as a Lingua Franca: A Corpus-based Analysis*. Londres: Continuum.
- Sardinha, T.B. (2004). *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole.
- Schmitt, N. (2000). Lexical chunks. *ELT Journal*, 54/4: 400-401.
- Sinclair, J. (1991). *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press.
- Sinclair, J. (1996). The search for units of meaning. *Textus*, IX: 75-106.
- Sinclair, J. (2000). Lexical Grammar. *Naujoji Metodologija*, 24: 191-203.
- Sinclair, J. (2004). *Trust the Text: Language, Corpus and Discourse*. London: Routledge.
- Steiner, G. (1998). *After Babel: Aspects of Language and Translations*. Oxford: Oxford University Press.
- Stubbs, M. (2002). *Words and Phrases - Corpus Studies of Lexical Semantics*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Teixeira, J. (2004). *Ipseidade e Alteridade – Uma Leitura da Obra de Paul Ricoeur* (Vol. I). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Wegerif, R.B. (2011). From dialectic to dialogic, in T. Koschmann (Ed.), *Theories of Learning and Studies of Instructional Practice*, (pp. 201-221). New York: Springer Science + Business Media.



Recursos Electrónicos

Dicionário de Termos Linguísticos (s/d): Web. www.ait.pt. Acedido em 07 de Abril de 2009.

Assembleia da República. (2008). *Diário da Assembleia da República – 1.ª Série*: Web. www.parlamento.pt. Acedido em 19 de Julho de 2013.

Cambridge University Press. (2003). *Cambridge Advanced Learner's Dictionary*. CD-ROM.

Centre for Translation Studies, University of Leeds (8 de Julho de 2011). *Intellitext*. Web. <http://smlc09.leeds.ac.uk>. Acedido em 11 de Junho de 2013.

Davies, M. (2004). *British National Corpus*. Web. <http://corpus.byu.edu>. Acedido em 10 de Maio de 2013.

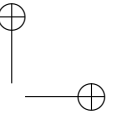
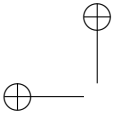
Gomes, M.; Ávila, P.; Sebastião, J. & Costa, A.F. (s.d.). Novas análises dos níveis de literacia em Portugal: comparações diacrónicas e internacionais. (Associação Portuguesa de Sociologia, Ed.) *Actas do IV Congresso Português de Sociologia – Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos*. Web. www.aps.pt. Acedido em 11 de Setembro de 2013.

Grupo Marktest (2 de Julho de 2013). “Imprensa com 7,4 milhões de leitores.” Web. www.marktest.com. Acedido em 10 de Outubro de 2013.

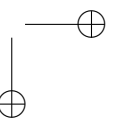
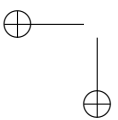
Harper, D. (2001-2013). *Online Etymology Dictionary*. Web. www.etymonline.com. Acedido em 10 de Outubro de 2013.



- HarperCollins (s/d). *Bank of English*. Web. www.collins.co.uk. Acedido em 16 de Maio de 2009.
- Linguatca (2007). *Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público*. Web. www.linguatca.pt. Acedido em 4 de Outubro de 2013.
- Linguatca (2011). *COMPARA 13.1.22*. Web. www.linguatca.pt. Acedido em 5 de Maio de 2013.
- Merriam-Webster, Inc. (2012). *Merriam-Webster Online Dictionary*. Web. www.merriam-webster.com. Acedido em 30 de Julho de 2012.
- Sardinha, M.G. (2007). Literacia e leitura: identidade e construção da cidadania. (Bad, Ed.) *Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*. Web. www.bad.pt. Acedido em 30 de Julho de 2013.
- Sardinha, T.B. (2000). Lingüística de *corpus*: histórico e problemática. *D.E.L.T.A*, 16/2.. Web. www.scielo.br. Acedido em 3 de Outubro de 2011).
- Sol. (22 de Fevereiro de 2013). Assunção Esteves desvaloriza audiências da AR TV. Web. <http://sol.sapo.pt>. Acedido em 7 de Outubro de 2013.
- Xiao, R. (Março de 2006). Collocation, semantic prosody, and near synonymy: a cross-linguistic perspective. *Oxford Journals*. Web. <http://applied.oxfordjournals.org>. Acedido em 14 de março de 2011.



Anexos



I – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «alastra»

DAR-I			CETEMPÚBLICO			CONJUNTO						
	-	0	+	-	0	+	-	0	+			
92	alastra			412	alastra			504	alastra			
15	pobreza	15		16	desemprego	16		24	desemprego	24		
10	desemprego	10		15	cólera	15		19	pobreza	19		
3	forma		3	11	revolta	11		15	cólera	15		
3	descontentamento	3		10	violência	10		12	corrupção	12		
3	crime	3		9	corrupção	9		12	violência	12		
3	corrupção	3		8	guerra	8		9	revolta	9		
2	violência	2		7	mancha	7		8	mancha	8		
2	subemprego	2		7	escândalo	7		8	crise	8		
2	precariedade	2		7	crise	7		8	guerra	8		
2	miséria	2		7	conflito	7		7	sociedade		7	
2	jovens		2	6	sociedade		6	7	escândalo		7	
2	impunidade	2		6	sida	6		7	descontentamento		7	
2	hipocrisia	2		5	movimento	5		7	conflito		7	
2	fosso	2		5	doença	5		6	movimento		6	
2	dia		2	4	situação		4	6	sida		6	
2	criminalidade	2		4	epidemia	4		6	epidemia		6	
2	visita		2	4	droga	4		5	ruas		5	
1	via	1		4	descontentamento	4		5	droga		5	
1	vezes	1		4	pobreza	4		5	doença		5	
1	tradicionais	1		3	xenofobia	3		4	situação		4	
1	trabalhadores	1		3	tragédia	3		4	miséria		4	
1	tempo	1		3	paste	3		4	fogo		4	
1	subcontratação	1		3	mercado		3	3	xenofobia		3	
1	sociedade	1		3	fogo	3		3	tragédia		3	
1	socialista	1		3	fenómeno		3	3	telemóveis		3	
1	sistemas	1		3	febre	3		3	resto		3	
1	serviços	1		3	agitação		3	3	paste		3	
1	sectores	1		2	óleo	2		3	mercado		3	
1	ruas	1		2	universidades		2	3	governo		3	
1	ritmo	1		2	terror	2		3	forma		3	
1	relação	1		2	silêncio	2		3	fome		3	
1	profundidade	1		2	procura	2		3	fenómeno		3	
1	problema	1		2	podridão	2		3	febre		3	
1	precarização	1		2	pintura		2	3	dias		3	
1	população	1		2	optimismo		2	3	crime		3	
1	políticos	1		2	miséria	2		3	agitação		3	
1	pobres	1		2	mal	2		2	óleo		2	
1	movimento	1		2	limpeza		2	2	terror		2	
1	moda	1		2	influência	2		2	subemprego		2	
1	memória	1		2	incêndio	2		2	silêncio		2	
	TOTAL	54	28	0		155	32	4		195	45	0

II – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «atitudes»

DAR-I	-	Ø	+	CETEMPÚBLICO	-	Ø	+	CONJUNTO	-	Ø	+	
1199				4338				5531				
	atitudes			atitudes				atitudes				
20	políticas	20		62	diferentes	62		78	diferentes	78		
16	novas	16		57	novas	57		73	novas	73		
16	diferentes	16		46	políticas	46		66	políticas	66		
14	discriminatórias	14		37	certas	37		44	certas	44		
11	possíveis	11		34	radicais	34		37	radicais	37		
9	irresponsáveis	9		30	racistas	30		35	racistas	35		
8	responsáveis	8		22	persecutórias	22		35	discriminatórias	35		
7	concretas	7		22	assumidas	22		31	recentes	31		
7	certas	7		21	violentas	21		28	persecutórias	28		
6	persecutórias	6		21	provocatórias	21		26	possíveis	26		
5	racistas	5		21	discriminatórias	21		24	assumidas	24		
5	próprias	5		18	correctas	18	18	22	violentas	22		
5	prepotentes	5		18	agressivas	18		22	provocatórias	22		
5	negativas	5		17	sociais	17		21	correctas	21		
5	culturais	5		17	drásticas	17		20	culturais	20		
4	recentes	4		15	possíveis	15		20	agressivas	20		
4	positivas	4		15	culturais	15		19	sociais	19		
4	contrárias	4		13	próprias	13		18	próprias	18		
4	consequentes	4		13	firmes	13	13	18	drásticas	18		
4	antidemocráticas	4		13	diversas	13		18	anti	18		
3	éticas	3		12	xenófobas	12		17	negativas	17		
3	xenófobas	3		12	precipitadas	12		16	responsáveis	16		
3	várias	3		12	negativas	12		15	xenófobas	15		
3	sérias	3		12	dignas	12	12	15	positivas	15		
3	radicais	3		12	determinadas	12		15	determinadas	15		
3	legislativas	3		11	positivas	11		14	precipitadas	14		
3	lamentáveis	3		11	opostas	11		14	irresponsáveis	14		
3	fundamentalistas	3		11	individuais	11		14	firmes	14		
3	diversas	3		11	alegadas	11		13	prepotentes	13		
3	difíceis	3		10	públicas	10		13	individuais	13		
3	determinadas	3		10	práticas	10	10	13	dignas	13		
3	correctas	3		10	mesmas	10		13	concretas	13		
3	convergentes	3		10	estéticas	10		12	práticas	12		
3	condensáveis	3		10	distintas	10		12	distintas	12		
3	autoritárias	3		10	anteriores	10		11	semelhantes	11		
3	adequadas	3		9	semelhantes	9		11	opostas	11		
2	voluntaristas	2		9	estranhas	9		11	contrárias	11		
2	violadoras	2		9	críticas	9		11	anteriores	11		
2	sociais	2		9	arrogantes	9		11	alegadas	11		
2	senedade	2		8	responsáveis	8		10	públicas	10		
		68	125	22		213	435	72		271	554	91

III – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «aumento»

	DAR-I	-	0	+		CETEMPÚBLICO	-	0	+		CONJUNTO	-
15389	aumento				25269	aumento				23298	aumento	
1460	impostos	1460			3050	capital	3050			3203	capital	
592	desemprego	592			1055	número	1055			1902	impostos	1902
555	despesa	555			579	desemprego	579			1410	número	
519	IVA	519			455	impostos	455			1138	desemprego	1138
392	pensões			392	444	taxas	444			697	despesa	697
379	número		379		408	preços	408			694	preços	694
356	salário			356	333	taxa	333			691	taxas	691
314	preços	314			319	propinas	319			557	preço	557
299	preço	299			283	receitas		283		550	taxa	550
291	receita			291	272	produtividade		272		519	IVA	519
288	taxas	288			262	procura	262			511	criminalidade	511
257	criminalidade			257	262	consumo	262			497	pensões	
233	taxa	233			261	preço	261			461	salário	
222	carga	222			254	criminalidade	254			455	produtividade	
193	produtividade			193	247	produção		247		422	receitas	
181	custo	181			225	custos	225			406	propinas	406
175	investimento			175	222	despesas	222			384	carga	384
148	competitividade			148	207	salários		207		379	produção	
145	receitas			145	192	capacidade	192			350	despesa	350
138	produção			138	189	volume	189			346	receita	
134	despesas	134			187	concorrência	187			344	consumo	
128	salários			128	172	vendas	172			341	custos	341
122	custos	122			167	carga	167			331	salários	
121	capital		121		164	tensão	164			311	procura	
118	idade		118		145	peso	145			307	capacidade	
109	combustíveis	109			143	despesa	143			293	investimento	
106	exportações			106	137	temperatura	137			260	custo	260
106	endividamento	106			136	oferta	136			254	competitividade	
106	capacidade		106		127	défice	127			222	défice	222
98	défice	98			123	investimento		123		217	exportações	
97	eficiência			97	121	população	121			199	concorrência	
95	eficácia			95	116	tráfego	116			197	volume	
90	propinas	90			115	portagens	115			188	oferta	
90	consumo			90	112	pensões		112		179	qualidade	
89	dívida	89			109	nível	109			175	peso	
83	imposto	83			108	exportações		108		171	vendas	
78	qualidade			78	105	competitividade		105		166	população	
77	horário			77	103	salário		103		163	idade	
77	encargos	77			103	pressão	103			162	verbas	
74	pobreza	74			102	verbas		102		162	tensão	162
		5902	891	2342			4319	6133	1662			9384

IV – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «claramente»

DAR-I			CETEMPÚBLICO			CONJUNTO						
	-	0	+	-	0	+	-	0	+			
9531	claramente			8268	claramente			17890	claramente			
77	insuficiente	77		84	contra	84		157	contra	157		
73	contra	73		82	superior	82		136	insuficiente	136		
48	acima	48		66	favorável	66		114	superior	114		
40	insuficientes	40		59	insuficiente	59		95	definido	95		
37	assumido		37	44	definidas	44		80	favorável		8	
36	assumida		36	43	positiva	43		79	acima		79	
34	definidas		34	39	inferior	39		78	definidas		78	
32	superior		32	31	acima	31		63	inferior		63	
31	demonstrado		31	31	abaixo	31		62	insuficientes	62		
31	abaixo		31	27	positivo	27		62	abaixo		62	
30	dito		30	26	desfavorável	26		61	positiva		6	
27	definidos		27	25	derrotado	25		52	definidos		52	
26	inconstitucional		26	25	definidos	25		50	assumida		50	
25	expres a		25	23	superiores	23		49	positivo		4	
24	inferior		24	22	negativa	22		49	assumido		49	
24	definida		24	22	insuficientes	22		47	dito		47	
23	expres o		23	22	favoráveis	22		46	definida		46	
22	positivo		22	22	definida	22		43	expres so		43	
22	perante		22	20	favoritos	20		35	superiores		35	
18	positiva		18	20	expres so	20		35	desfavorável	35		
16	assumidas		16	18	identificado	18		35	demonstrado		35	
15	afirmado		15	17	visível	17		34	favoráveis		3	
14	favorável		14	16	favorito	16		33	expres so		33	
14	diferente		14	15	maioritário	15		32	inconstitucional	32		
13	excessivo		13	14	positivos	14		30	negativa	30		
13	demonstrada		13	14	assumida	14		30	derrotado	30		
13	assumidos		13	13	identificados	13		25	identificados		25	
12	superiores		12	12	visto	12		25	identificado		25	
12	identificados		12	12	bastido	12		25	fora		25	
12	favoráveis		12	12	assumido	12		24	positivos		2	
11	excessiva		11	11	politica	11		23	visível		23	
11	diferentes		11	11	melhor	11		22	melhor		2	
10	prejudicado		10	11	diferenciados	11		20	favoritos		2	
10	positivos		10	11	destacado	11		20	afirmado		20	
10	íngusta		10	11	anti	11		19	ilegal	19		
9	prejudicados		9	10	ultrapassado	10		19	assumidos		19	
9	ilegal		9	10	politico	10		18	prejudicados	18		
9	identificadas		9	10	ofensiva	10		18	maioritário		18	
9	identificada		9	10	negativo	10		18	diferente		18	
9	emplicado		9	10	ilegal	10		16	ultrapassado	16		
		278	557	76		301	461	219		535	1054	29

V – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «completo»

DAR-I				CETEMPÚBLICO								
	-	0	+		-	0	+		-	0	+	
1417	completo			6401	completo			7818	completo			
20	desacordo	20		59	esclarecimento	59		71	esclarecimento	71		
17	fracasso	17		31	abandono	31		44	abandono	44		
15	desrespeito	15		26	domínio	26		38	desacordo	38		
13	abandono	13		22	desprezo	22		32	fracasso	32		
12	esclarecimento		12	21	silêncio	21		31	desprezo	31		
11	absurdo	11		18	desacordo	18		29	domínio	29		
9	falhanço	9		17	desconhecimento	17		28	silêncio	28		
9	desprezo	9		15	fracasso	15		27	desrespeito	27		
8	desnorte	8		15	disparate	15		25	desconhecimento	25		
8	desconhecimento	8		15	alheamento	15		22	absurdo	22		
7	silêncio	7		13	isolamento	13		19	disparate	19		
7	autismo	7		13	estado	13		17	isolamento	17		
6	vazio	6		12	desrespeito	12		16	desnorte	16		
6	acordo		6	11	equipamento	11		16	alheamento	16		
5	repúdio	5		11	controlo	11		15	falhanço	15		
5	desacalbro	5		11	absurdo	11		15	acordo	15		
4	secretismo		4	10	sistema	10		14	estado	14		
4	isolamento	4		10	programa	10		13	controlo	13		
4	fiasco	4		9	mercado	9		11	equipamento	11		
4	disparate	4		9	gravata	9		10	vazio	10		
4	consenso		4	9	acordo	9		10	sistema	10		
4	conhecimento	4		8	manual	8		10	programa	10		
3	exaustivo	3		8	desnorte	8		9	mercado	9		
3	empenhamento		3	8	desacerto	8		9	desinteresse	9		
3	domínio	3		7	desinteresse	7		9	conhecimento	9		
3	desafasamento	3		6	marasmo	6		9	apuramento	9		
3	descrédito	3		6	falta	6		8	repúdio	8		
3	descontrolo	3		6	falhanço	6		8	descrédito	8		
3	caos	3		6	esquecimento	6		8	desacerto	8		
3	apuramento		3	6	apuramento	6		8	autismo	8		
2	restabelecimento		2	5	impasse	5		7	secretismo	7		
2	respeito		2	5	estudo	5		7	desacalbro	7		
2	registro	2		5	desespero	5		7	caos	7		
2	ostracismo	2		5	descrédito	5		6	restabelecimento	6		
2	esvaziamento	2		5	desconhecido	5		6	marasmo	6		
2	esgotamento	2		5	desastre	5		6	fiasco	6		
2	envolvimento		2	5	desaparecimento	5		6	esvaziamento	6		
2	engano	2		5	conhecimento	5		6	esquecimento	6		
2	embuste	2		5	colapso	5		6	desaparecimento	6		
2	despudor	2		5	caso	5		6	contraste	6		
		176	33	17		262	192	14		425	204	15

VI – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «comportamentos»

DAR-I				CETEMPUBLICO				CONJUNTO				
	-	Ø	+		-	Ø	+		-	Ø	+	
1455	comportamentos			3636	comportamentos			5105	comportamentos			
54	risco	54		118	risco	118		172	risco	172		
35	sociais		35	69	sociais		69	104	sociais		104	
18	ilícitos	18		66	sexuais	66		84	desviantes	84		
18	desviantes	18		66	desviantes	66		70	sexuais		70	
16	violentos	16		59	humanos		59	65	humanos		65	
15	políticos		15	44	individuais		44	57	violentos		57	
14	abusivos	14		41	violentos	41		55	individuais		55	
13	discriminatórios	13		35	agressivos	35		40	agressivos	40		
11	individuais		11	26	diferentes		26	37	políticos		37	
10	incorrectos	10		22	políticos		22	32	diferentes		32	
10	graves	10		21	anti	21		31	anti		31	
10	eleitorais		10	19	éticos		19	28	ilícitos		28	
8	susceptíveis	8		19	adequados		19	27	adequados		27	
8	lesivos	8		16	estranhos	16		24	éticos		24	
8	contrários		8	16	correctos		16	23	discriminatórios	23		
8	adequados		8	15	racistas	15		22	incorrectos	22		
7	saudáveis		7	15	distintos		15	21	correctos		21	
7	criminosos	7		14	económicos		14	20	distintos		20	
7	correspondentes		7	13	suicidários	13		18	económicos		18	
6	responsáveis		6	12	seguros		12	17	estranhos	17		
6	humanos	6		12	próprios		12	17	abusivos	17		
6	diferentes	6		12	incorrectos	12		16	racistas	16		
6	ambientais	6		12	fraudulentos	12		16	perigosos	16		
5	éticos		5	12	disparos		12	15	susceptíveis	15		
5	pessoais	5		11	típicos		11	15	saudáveis		15	
5	perigosos	5		11	perigosos	11		15	fraudulentos	15		
5	distintos		5	11	mistos		11	14	próprios		14	
5	cívicos		5	11	animais		11	14	lesivos	14		
5	correctos		5	10	racionais		10	14	eleitorais		14	
5	alimentares	5		10	irregulares	10		13	suicidários	13		
5	agressivos	5		10	ilícitos	10		13	seguros		13	
4	violência	4		10	diversos		10	13	criminosos	13		
4	sexuais		4	10	discriminatórios	10		12	típicos		12	
4	infractores	4		10	consumidores		10	12	pessoais		12	
4	inadequados	4		9	semelhantes		9	12	irregulares	12		
4	inaceitáveis	4		9	marginais	9		12	disparos		12	
4	impróprios	4		8	tradicionais		8	12	cívicos		12	
4	fiscais		4	8	saudáveis		8	12	contrários	12		
4	eficientes		4	8	quotidianos		8	11	racionais		11	
4	económicos	4		8	diferenciados		8	11	mistos		11	
		206	131	40		465	363	80		605	474	137

VII – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «enriquecimento»

DAR-I				CETEMPUBLICO				CONJUNTO				
	-	Ø	+		-	Ø	+		-	Ø	+	
1074	enriquecimento			824	enriquecimento			1922	enriquecimento			
490	ilícito	490		58	ilícito	58		547	ilícito	547		
165	curricular		165	44	pessoal	44		165	curricular		165	
68	injustificado	68		26	rápido	26		70	injustificado	70		
9	estatístico		9	18	fácil	18		50	pessoal	50		
7	ilegítimo	7		17	súbito		17	31	rápido	31		
6	cultural		6	15	cultural		15	21	cultural		21	
6	mútuo		6	10	ilegítimo	10		20	fácil	20		
6	pessoal		6	7	mútuo		7	17	súbito		17	
5	rápido		5	5	próprio		5	17	ilegítimo	17		
4	estranho	4		5	moral		5	13	mútuo		13	
4	patrimonial		4	3	simbólico		3	9	estatístico		9	
4	estranho	4		3	poético		3	6	patrimonial		6	
3	natural		3	3	global		3	5	próprio		5	
3	económico		3	3	excessivo		3	5	moral		5	
2	social		2	3	artificial		3	4	social		4	
2	fácil		2	2	vertiginoso		2	4	estranho	4		
2	anormal	2		2	teórico		2	4	económico		4	
1	urbano		1	2	social		2	3	simbólico		3	
1	superior		1	2	proporcionado		2	3	poético		3	
1	real		1	2	profissional		2	3	natural		3	
1	previsto		1	2	privado		2	3	indevido	3		
1	político		1	2	patrimonial		2	3	global		3	
1	parlamentar		1	2	matérico		2	3	excessivo	3		
1	ostensivo	1		2	injusto		2	3	científico		3	
1	notável		1	2	injustificado		2	3	artificial	3		
1	mútuos		1	2	indevido		2	3	anormal	3		
1	lícito	1		2	ilimitado		2	2	vertiginoso		2	
1	inegável		1	2	humano		2	2	teórico		2	
1	indevido	1		2	fulgurante		2	2	proporcionado		2	
1	ilícito	1		2	espiritual		2	2	profissional		2	
1	escolar		1	2	crescente		2	2	privado		2	
1	escandaloso	1		2	contínuo		2	2	previsto		2	
1	consubstanciada		1	2	científico		2	2	político		2	
1	científico		1	1	ulterior		1	2	matérico		2	
1	associado		1	1	técnico		1	2	injusto	2		
1	ambiental		1	1	textural		1	2	ilimitado		2	
		580	28	197	1	surpreendentes	1	2	humano		2	
		72,049689	3,4782609	24,47205	1	recíproco	1	2	fulgurante		2	
					1	progressivo	1	2	espiritual		2	
					1	previsto	1	2	escandaloso	2		
										755	47	241

VIII – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «episódio»

	DAR-I	-	Ø	+		CETEMPUBLICO	-	Ø	+		CONJUNTO	-	Ø	+
569	episódio				6446	episódio				7017	episódio			
41	lamentável	41			134	novo	134			88	guerra	88		
28	triste	28			121	recente	121			69	ocorrido		69	
17	recente		17		88	guerra	88			63	triste	63		
8	ocorrido		8		61	ocorrido	61			63	lamentável	63		
7	novela	7			40	curioso	40			43	curioso		43	
6	infeliz	6			35	triste	35			37	único		37	
5	pequeno		5		33	único	33			34	pequeno		34	
4	caricato	4			31	passado	31			32	passado		32	
4	conhecido		4		30	seguinte	30			26	relatado		26	
3	curioso		3		29	pequeno	29			25	protagonizado		25	
3	dignificante			3	26	relatado	26			24	transmitido		24	
3	indigno	3			25	história	25			24	novela		24	
3	insólito	3			24	transmitido	24			23	caricato	23		
3	próximo		3		24	protagonizado	24			22	infeliz	22		
3	relativo		3		22	lamentável	22			22	célebre		22	
3	rocambolésco	3			20	vida	20			21	luta	21		
3	tristíssimo	3			20	luta	20			21	bíblico		21	
2	anedótico	2			20	célebre	20			20	vida		20	
2	burlesco	2			20	bíblico	20			19	trágico	19		
2	célebre		2		19	caricato	19			18	histórico		18	
2	concreto		2		18	trágico	18			18	estrela		18	
2	desagradável	2			18	qualquer	18			18	anterior		18	
2	evidente		2		18	anterior	18			17	rocambolésco	17		
2	extremo		2		17	novela	17			17	dramático	17		
2	famoso		2		17	contado	17			17	contado		17	
2	grave	2			16	infeliz	16			16	insólito	16		
2	histórico		2		16	histórico	16			15	final		15	
2	humilhante	2			16	dramático	16			15	conhecido		15	
2	inqualificável	2			15	final	15			14	telenovela		14	
2	patético	2			14	rocambolésco	14			14	folhetim		14	
2	público		2		13	sangrento	13			14	anedótico	14		
2	semelhante		2		13	mero	13			13	sangrento	13		
2	singular		2		13	insólito	13			13	saga		13	
1	terrível	1			12	significativo	12			13	importante		13	
1	trágico	1			12	pitoresco	12			13	grave	13		
1	tragicómico	1			12	importante	12			13	crise	13		
1	transitório		1		12	anedótico	12			12	significativo		12	
1	vergonhoso	1			11	intitulado	11			12	pitoresco		12	
1	verificado		1		11	grave	11			12	piloto		12	
1	vivido		1		11	crise	11			11	intitulado		11	
		116	64	3			308	799	0			402	579	0

IX – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «manifestamente»

DAR-I	-	⊖	+		CETEMPUBLICO	-	⊖	+		CONJUNTO	-	⊖	+	
2804	manifestamente				1431	manifestamente				4301	manifestamente			
147	insuficiente	147			157	insuficiente	157			304	insuficiente	304		
59	insuficientes	59			60	insuficientes	60			119	insuficientes	119		
34	inconstitucional	34			51	pouco	51			89	pouco	89		
24	excessivo	24			24	mais	24			46	mais		46	
22	ilegal	22			22	contra	22			42	ilegal	42		
20	impossível	20			21	impossível	21			41	inconstitucional	41		
17	inconstitucionais	17			20	ilegal	20			41	impossível	41		
17	excessiva	17			18	inferior	18			38	contra	38		
16	exagerado	16			15	incapaz	15			31	excessivo	31		
16	contra	16			13	superior	13			26	inferior	26		
15	diferentes		15		11	infundados	11			26	incapaz	26		
14	nosso		14		10	infundado	10			25	superior		25	
12	superior		12		9	infeliz	9			22	exagerado	22		
12	diferente		12		9	baixo	9			20	excessiva	20		
11	incapaz	11			7	inconstitucional	7			19	infundados	19		
11	desajustado	11			7	excessivo	7			19	inconstitucionais	19		
10	necessário		10		6	reduzido	6			16	infeliz	16		
10	inacreditável	10			6	incapazes	6			15	diferentes		15	
10	importante		10		6	inadequado	6			15	diferente		15	
10	falta	10			6	exíguo	6			13	necessário		13	
8	infundados	8			6	exagerado	6			12	injusto	12		
8	inferiores	8			6	exagerada	6			12	inferiores	12		
8	inferior	8			5	negativo	5			12	desajustado	12		
8	desadequada	8			5	injusto	5			11	negativo	11		
7	superiores		7		5	incompatíveis	5			11	inadequado	11		
7	melhor			7	5	feliz	5		5	11	desadequada	11		
7	injusto	7			5	contrário	5			11	contrário	11		
7	infeliz	7			5	anti	5			10	infundado	10		
7	grave	7			4	reduzidas	4			10	incapazes	10		
7	desadequado	7			4	próximo	4			10	inacreditável	10		
7	desactualizada	7			4	irrealista	4			10	importante		10	
6	negativo	6			4	inferiores	4			10	exagerada	10		
6	excessivas	6			4	exageradas	4			10	desadequado	10		
6	evidente		6		4	descontente	4			10	curto		10	
6	difícil	6			4	curto	4			10	baixo		10	
6	desproporcionais	6			4	curta	4			9	superiores		9	
6	desproporcionado	6			4	contrária	4			9	melhor		9	
6	curto		6		4	além	4			9	grave	9		
6	contrário	6			3	violentos	3			9	exíguo	9		
6	absurdo	6			3	satisfeito	3		3	9	exageradas	9		
		523	92	7			464	94	8			1010	153	9

X – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «puro»

DAR-I				CETEMPUBLICO				CONJUNTO				
	-	⊖	+		-	⊖	+		-	⊖	+	
516	puro			3070	puro							
40	engano	40		76	prazer		76	78	prazer		78	
26	oportunismo	26		49	estilo	49		58	engano	58		
17	preconceito	17		37	exercício	37		54	estilo		54	
12	exercício		12	37	acaso	37		49	exercício		49	
9	sectarismo	9		35	gozo	35		48	oportunismo	48		
9	ilusionismo	9		31	entretenimento	31		38	acaso		38	
8	terrorismo	8		29	sangue	29		35	gozo		35	
7	acto		7	22	oportunismo	22		31	entretenimento		31	
6	desperdício	6		21	vandalismo	21		29	sangue		29	
6	instrumento		6	19	divertimento		19	27	terrorismo		27	
5	estilo		5	19	terrorismo	19		24	vandalismo		24	
5	tacticismo	5		18	engano	18		20	divertimento		20	
4	facilitismo	4		17	jogo		17	19	preconceito		19	
4	populismo	4		16	acto	16		17	jogo		17	
4	vandalismo	4		16	terror	16		17	desperdício		17	
3	eleitoralismo	3		14	espectáculo		14	16	espectáculo		16	
3	espírito		3	13	delírio	13		15	espírito		15	
3	expediente	3		12	rock		12	15	delírio		15	
3	interesse		3	12	produto	12		12	terror		12	
3	lapso	3		12	espírito	12		12	rock		12	
3	liberalismo		3	11	amor		11	12	produto		12	
3	malabarismo	3		11	desperdício	11		11	arbitrio		11	
3	manobrisma		3	9	amadorismo	9		11	amor		11	
3	plano		3	9	horror	9		10	sectarismo		10	
3	problema	3		9	estado		9	10	racismo		10	
3	regresso		3	8	racismo	8		10	instrumento		10	
3	aproveitamento		3	7	lazer		7	10	horror		10	
3	disparate	3		7	efeito		7	10	estado		10	
3	arbitrio		3	7	desejo		7	9	tacticismo		9	
3	triumfo		3	7	pop		7	9	ilusionismo		9	
2	resumo		2	7	teatro		7	9	disparate		9	
2	racismo	2		6	trabalho	6		9	amadorismo		9	
2	prazer		2	6	sistema	6		8	teatro		8	
2	pessimismo	2		6	sentimento	6		7	trabalho		7	
2	medo		2	6	objecto	6		7	pop		7	
2	folclore		2	6	negócio	6		7	objecto		7	
2	farisaísmo	2		6	milagre		6	7	medo		7	
2	espectáculo		2	6	masoquismo	6		7	masoquismo		7	
2	esbanjamento	2		6	marketing		6	7	marketing		7	
2	erro		2	6	exibicionismo	6		7	lazer		7	
		159	50	8		145	361	145		285	363	143

XI – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «sistematicamente»

	DAR-I	-	Ø	+		CETEMPUBLICO	-	Ø	+		CONJUNTO	-	Ø	+
1861	sistematicamente				2448	sistematicamente				4334	sistematicamente			
35	contra	35			19	contra	19			54	contra	54		
7	adiada	7			9	ignorado	9			14	adiada	14		
6	adiadas	6			9	adiado	9			13	adiado	13		
5	acima	5			7	recusados	7			11	recusado	11		
4	recusado	4			7	recusado	7			11	ignorado	11		
4	feito	4			7	negado	7			10	negado	10		
4	apresentam	4			7	ignorados	7			10	ignorados	10		
4	adiado	4			7	ignorada	7			8	violado	8		
3	repetida	3			7	adiada	7			8	rejeitado	8		
3	preteridos	3			7	acusado	7			8	rejeitadas	8		
3	preterida	3			6	violado	6			8	recusadas	8		
3	negado	3			6	rejeitado	6			8	ignorada	8		
3	interrompido	3			6	rejeitadas	6			8	adiadas	8		
3	ignorados	3			6	recusadas	6			8	acusado	8		
3	foge	3			6	esquecida	6			7	violadas	7		
3	esquecido	3			6	destruídos	6			7	recusados	7		
3	esquecidas	3			5	violadas	5			7	ignoradas	7		
3	desrespeitado	3			5	ignoradas	5			7	esquecida	7		
3	desmentidas	3			5	destruídas	5			6	violada	6		
3	confrontados	3			5	bombardeada	5			6	posta		6	
3	abaixo	3			4	violados	4			6	destruídos	6		
2	votou	2			4	violada	4			6	desmentidas	6		
2	violado	2			4	ultrapassados	4	4		6	acima	6		
2	violadas	2			4	marginalizados	4			6	abaixo	6		
2	violada	2			4	esquecidos	4			5	violados	5		
2	viola	2			4	destruída	4			5	utilizada	5		
2	utilizada	2			4	desprezadas	4			5	ultrapassados	5		
2	tentar	2			4	chumbadas	4			5	repetida	5		
2	tentam	2			4	adiados	4			5	referido	5		
2	surpreendido	2			3	utilizada	3	3		5	preteridos	5		
2	seguida	2			3	torturados	3			5	preterida	5		
2	rejeitado	2			3	submetida	3	3		5	feito	5		
2	rejeitadas	2			3	seguido	3			5	esquecidos	5		
2	referido	2			3	remetido	3	3		5	esquecido	5		
2	recusadas	2			3	rejeitadas	3			5	destruídas	5		
2	recorrente	2			3	referido	3	3		5	desrespeitados	5		
2	protegidos	2			3	recusada	3			5	confrontados	5		
2	preventiva	2			3	notificado	3	3		5	chumbadas	5		
2	prejudicados	2			3	neutralizado	3			5	bombardeada	5		
2	praticada	2			3	negadas	3			5	apresentado	5		
		102	44	0			189	22	0			264	59	0

XII – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «situação»

	DAR-I	-	Ø	+	CETEMPUBLICO	-	Ø	+	CONJUNTO	-	Ø	+
40432	situação			10218	situação			50885	situação			
1316	a(c)tual	1316		350	actual		350	1544	a(c)tual		1544	
1123	económica		1123	224	económica		224	1347	económica			1347
717	difícil	717		208	financeira		208	844	difícil	844		
580	financeira		580	127	difícil	127		788	financeira		788	
563	grave	563		105	política		105	648	grave	648		
448	desemprego		448	85	grave	85		483	social		483	
425	social		425	69	nova		69	467	desemprego	467		
292	dramática	292		61	criada		61	335	dramática		335	
262	crise	262		58	social		58	331	política		331	
250	concreta		250	53	crise	53		315	crise		315	
226	política		226	47	interna		47	260	concreta		260	
208	existente		208	46	militar		46	237	existente		237	
205	orçamental		205	44	ilegal		44	221	real		221	
195	real		195	43	líquida		43	213	orçamental		213	
181	insustentável	181		43	dramática		43	213	criada		213	
167	emergência	167		43	delicada		43	201	insustentável		201	
166	internacional		166	37	presente		37	182	emergência		182	
152	criada		152	37	preocupante		37	167	preocupante	167		
137	pobreza	137		34	semelhante		34	154	presente		154	
133	inaceitável	133		31	vívida		31	144	pobreza	144		
131	trabalhadores		131	30	caótica		30	138	ilegal		138	
130	preocupante	130		29	idêntica		29	136	inaceitável		136	
126	excepcional		126	29	existente		29	134	excepcional		134	
117	presente		117	29	complicada		29	133	irregular		133	
113	carência	113		28	irregular		28	126	pior		126	
113	gravíssima		113	26	real		26	124	diferente		124	
109	grande	109		23	pior		23	122	carência		122	
107	verdadeira		107	22	diferente		22	121	grande		121	
105	injustiça	105		21	precária		21	119	verdadeira		119	
105	irregular		105	21	mercados		21	117	gravíssima		117	
103	pior	103		21	guerra		21	113	precária		113	
102	diferente		102	21	geográfica		21	112	injustiça		112	
99	empate		99	21	desesperada		21	109	idêntica		109	
94	ilegal	94		20	ruptura		20	109	caótica	109		
92	precária		92	20	mã		20	106	anterior		106	
91	específica	91		20	insustentável		20	103	empate		103	
88	anterior		88	19	desemprego		19	100	vívida		100	
84	precariedade	84		19	complexa		19	97	risco	97		
83	fiscal		83	18	risco		18	97	específica		97	
80	idêntica		80	18	normal		18	97	delicada		97	
		3839	5979	0		702	1498	0		4402	7005	0

XIII – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «subida»

DAR-I				CETEMPUBLICO				CONJUNTO				
	-	⊙	+		-	⊙	+		-	⊙	+	
1196	subida			9120	subida			10316	subida			
83	preços	83		873	taxas	873		937	taxas	937		
64	taxas	64		322	preços	322		405	preços	405		
60	IVA	60		201	dólar		201	203	taxa	203		
54	preço	54		153	taxa	153		202	dólar		202	
50	impostos	50		137	nível		137	163	nível		163	
50	taxa	50		127	pontos		127	135	preço	135		
47	desemprego	47		106	cotações		106	131	pontos		131	
26	nível		26	93	inflação	93		108	desemprego	108		
19	salário		19	83	significativa		83	106	cotações		106	
14	despesa	14		82	poder		82	103	inflação	103		
13	carga	13		81	preço	81		92	significativa		92	
12	custos	12		75	índice		75	76	índice		76	
11	juros	11		61	registada		61	72	impostos	72		
10	défice	10		61	desemprego	61		63	forma		63	
10	inflação	10		51	generalizada		51	62	registada		62	
10	receita		10	47	águas		47	60	IVA	60		
9	custo	9		47	tom	47		60	divisão		60	
9	dívida	9		46	verificada		46	55	generalizada		55	
9	salários		9	46	número	46		50	águas		50	
9	significativa		9	46	acentuada	46		50	verificada		50	
8	brutal	8		45	iene	45		49	tom	49		
8	pensões		8	39	salários		39	49	número		49	
8	vertiginosa		8	39	escalão	39		49	acentuada		49	
7	criminalidade	7		38	temperatura	38		48	salários		48	
7	despesas	7		35	vendas		35	45	iene		45	
7	flecha	7		34	superior	34		42	temperatura		42	
7	média	7		32	relação	32		41	juros	41		
6	petróleo	6		30	ordem	30		40	escalão		40	
6	real	6		30	juros	30		36	superior		36	
6	tarifas	6		29	volume	29		35	vendas		35	
5	combustíveis	5		29	rendimento	29		35	custos	35		
5	exponencial		5	29	marco	29		34	média		34	
5	grande		5	28	mercado	28		33	relação		33	
5	idade		5	28	ligeira	28		32	flecha		32	
5	receitas		5	27	média	27		31	rendimento		31	
5	valor	5		27	consumo	27		30	ordem		30	
4	pontos	4		25	moeda	25		29	volume		29	
4	temperatura	4		25	flecha	25		29	mercado		29	
4	verificada	4		25	cotação		25	29	marco		29	
4	poder	4		24	produção		24	29	consumo		29	
		535	99	51		1660	1438	258		2148	1510	220

XIV – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «suscita»

	DAR-I	-	Ø	+		CETEMPUBLICO	-	Ø	+		CONJUNTO	-	Ø	+
1017	suscita				1492	suscita				2555	suscita			
96	dúvidas	96			127	dúvidas	127			225	dúvidas	225		
36	questões		36		37	reservas	37			58	reservas	58		
29	questão		29		28	críticas	28			58	questões		58	
21	reservas	21			27	polémica	27			40	problemas	40		
20	problemas	20			23	interesse		23		38	questão		38	
18	problema	18			21	questões	21			35	preocupações		35	
17	preocupações	17			20	problemas	20			32	críticas		32	
11	dúvida	11			19	interrogações		19		31	polémica		31	
8	preocupação	8			19	curiosidade		19		30	interrogações		30	
8	perplexidade	8			18	preocupações		18		29	preocupação		29	
8	interrogações	8			18	preocupação		18		26	interesse		26	
7	debate	7			18	entusiasmo		18		21	problema		21	
6	pergunta	6			16	reações		16		20	entusiasmo			20
6	objecções	6			14	receios		14		20	curiosidade		20	
5	discussão		5		13	reparos		13		18	dúvida		18	
5	dificuldades	5			13	controvérsia		13		17	reações		17	
4	reflexões		4		12	comentários		12		16	controvérsia		16	
4	perplexidades	4			9	questão		9		15	reparos		15	
4	objecção	4			9	opiniões		9		15	comentários		15	
4	conjunto		4		8	paixões		8		14	receios		14	
4	apreciação			4	7	oposição		7		14	perplexidade		14	
3	reserva		3		7	emoções		7		14	debate		14	
3	polémica		3		7	dúvida		7		12	opiniões		12	
3	oportunidade		3		7	debate		7		10	perplexidades		10	
3	opiniões		3		7	aprensões		7		10	discussão		10	
3	facto		3		6	perplexidades		6		9	pergunta		9	
3	diploma		3		6	perplexidade		6		9	paixões			9
3	controvérsia		3		6	expectativas		6		9	objecções		9	
3	comentários		3		6	expectativa		6		8	reflexão		8	
2	situação		2		6	atenção		6		8	oposição		8	
2	reparos		2		6	admiração		6		8	emoções		8	
2	reparo		2		5	ódios		5		8	dificuldades		8	
2	reflexão		2		5	reflexão		5		8	atenção		8	
2	proposta		2		5	perguntas		5		7	expectativa		7	
2	observações		2		5	entusiasmos		5	5	7	conjunto		7	
2	necessidade		2		5	desconfiança		5		7	aprensões		7	
2	medida		2		5	adesão		5		7	admiração			7
2	matéria		2		4	unanimidade		4		6	reserva		6	
2	intervenção		2		4	paixão		4		6	reflexões		6	
2	interpeação		2		4	interpretações		4		6	expectativas		6	
		232	131	4			366	175	41			581	314	36

XV – Contagem de co-ocorrentes por classificação: «transparência»

	DAR-I	-	0	+		CETEMPUBLICO	-	0	+		CONJUNTO	-	0	+
6675	transparência				4763	transparência				11439	transparência			
446	falta	446			440	falta	440			872	falta	872		
346	maior			346	268	maior		268		614	maior			614
207	rigor			207	107	pacote		107		264	rigor			264
135	total			135	84	mais		84		217	total			217
111	toda			111	82	total		82		167	nome			167
106	nome			106	61	nome		61		128	regras			128
100	regras			100	57	rigor		57		121	pacote		121	
95	clareza			95	30	toda		30		115	clareza			115
90	princípio		90		30	pouca		30		101	princípio		101	
72	questão		72		30	política		30		100	questão		100	
67	fiscal			67	30	matéria		30		77	matéria		77	
52	verdade			52	30	assegurar		30		74	fiscal			74
47	matéria			47	28	regras		28		72	política			72
47	princípios			47	28	questão		28		65	verdade			65
43	democrática			43	27	necessidade		27		65	democrática			65
42	política			42	25	máxima		25		64	princípios		64	
40	reforço			40	25	grande		25		55	reforço			55
38	mecanismos			38	22	democrática		22		53	pouca	53		
37	orçamental			37	22	abertura		22		49	mecanismos			49
31	seriedade			31	21	necessária		21		47	necessidade			47
30	democracia			30	21	lei		21		44	orçamental			44
28	problema	28			20	clareza		20		41	seriedade			41
27	condições		27		18	comissão		18		41	máxima			41
26	informação			26	17	princípios		17		40	necessária		40	
23	critérios			23	16	glasnost		16		40	democracia			40
23	exigência		23		16	causa		16		40	condições			40
23	pouca	23			15	ética		15		39	grande			39
22	controlo		22		15	reforço		15		37	abertura			37
20	absoluta			20	14	aumento		14		36	problema	36		
20	garantia			20	14	absoluta		14		35	informação			35
20	necessidade		20		13	verdade		13		35	exigência		35	
19	aumento			19	13	honestidade		13		34	absoluta			34
19	necessária		19		13	condições		13		33	aumento			33
19	pública			19	12	financeira		12		31	lei			31
19	necessária		19		12	exigência		12		31	critérios		31	
18	garantias			18	12	defesa		12		28	garantias			28
18	equidade			18	11	princípio		11		28	favor		28	
17	responsabilidade			17	11	mecanismos		11		27	ausência		27	
17	objectividade			17	11	isenção	11			26	defesa			26
17	favor		17		11	favor		11		25	objectividade			25
		497	403	1677	11	discurso		11		25	garantia			25